Biografia de Frances Ann Conant

ALLEN PUTNAM

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

BIOGRAFIA DE FRANCES ANN CONANT

WILLIAM WHITE AND COMPANY 1873

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES
POR ALLEN PUTNAM

A biografia que acompanha é contada de forma tão simples e clara que se explica por si mesma ao leitor, não necessitando de comentários prévios.

Algumas palavras sobre a sua autoria e as circunstâncias da sua produção poderão, contudo, ser adequadamente apresentadas por alguém que a leu em manuscrito, mas que de forma alguma esteve ligado à sua elaboração. Fui informado, e acredito, que o espírito Theodore Parker delineou e ditou a sua substância essencial, podendo ser considerado o seu responsável.

O Sr. John W. Day, repórter no escritório do Banner of Light, assistiu em muitas ocasiões a comunicações através da Sra. Conant enquanto esta estava sob controlo de Parker, e registou em taquigrafia o que aquele espírito desejava expor como biografia da sua médium. Posteriormente, o Sr. Day redigiu o texto completo, guiando-se pela memória e impressão, auxiliado pelas declarações da Sra. Conant no seu estado normal, por factos e recordações fornecidas pelo Sr. Colby, editor-chefe do Banner, e pelo diário do médico da Sra. Conant. O estilo da composição é provavelmente o do amanuense,

enquanto a estrutura, os factos principais e as reflexões deverão ser atribuídos a Parker.

As propriedades peculiares, dons, comunicações, trabalhos, sofrimentos e fama da protagonista dão a esta obra o seu maior interesse. Trata-se de uma narrativa simples e direta, mesmo sendo aqui a vida de uma mulher viva descrita por um homem já falecido.

Profetas e videntes, ao longo dos séculos, têm geralmente passado por experiências singulares e difíceis. Esta "Médium do Mundo" não constitui exceção à regra geral.

Foi contestado que se designasse a Sra. Conant como "Médium do Mundo" na página de rosto. A resposta foi que, durante muitos anos, as portas da sua sala de círculo estiveram, três vezes por semana, abertas ao mundo — a todos os que quisessem entrar, seja quem fosse; e é neste sentido apenas — isto é, a sua acessibilidade ao mundo e o grau em que o mundo a procurou — que aqui lhe é atribuído esse título.

Ela foi o canal através do qual mais de dez mil espíritos diferentes enviaram mensagens aos seus entes queridos e amigos na Terra. Não se faz aqui, nem por insinuação, a alegação de que seja a maior ou melhor médium do mundo — apenas que esteve mais ao serviço do grande público do que qualquer outra.

Onde quer que exista mediunidade, os seus germes existem no seu portador desde a hora da conceção — são

inatos — e não dons especiais concedidos ao seu portador por alguma excelência moral manifestada em vida passada. Como o poeta, o músico ou o matemático, o médium nasce possuidor de todas as faculdades que mais tarde se manifestarão no seu organismo.

A biografia de um médium eminente não precisa de conter palavras que impliquem que o protagonista possui, em grau notável, qualidades ou propriedades intelectuais, morais ou religiosas. Tais características não são mais essenciais ao êxito na mediunidade do que na música, pintura, ou em qualquer ramo das artes ou profissão.

Assim, quaisquer qualidades, conquistas ou defeitos que a protagonista possa ter como mulher, o autor essencial destas páginas não procurou torná-los públicos. Ela é apresentada apenas como médium, por quem a luz e informação do mundo espiritual chegaram, mais ou menos diretamente, às mentes de milhões de pessoas na Terra, e cuja vida mediúnica muitos milhares ficarão felizes por conhecer.

PARTE I
INTRODUÇÃO – PRIMEIROS ANOS E MANIFESTAÇÕES

INTRODUÇÃO

Há duas questões que têm seguido, como fantasmas, as pegadas de cada geração ao longo dos anos: "Será este estado material tudo o que nos espera?" e "Se de facto sobrevivermos ao choque da morte, recordaremos aqueles que amámos na Terra, e poderemos dar-lhes a conhecer a nossa presença?"

A grande massa da humanidade — seja em que época ou país for — tem instintivamente rejeitado a ideia de aniquilação, embora, como ideia minoritária, tenha por vezes existido em mentes peculiares. A vida para além da morte, sob alguma forma, por mais rudimentar que seja nas suas condições, tem sido o incentivo de toda a ética moral e fórmulas religiosas a que o tempo deu origem.

Parece que, para quem interroga sinceramente a sua consciência interior sobre a verdade da imortalidade, nas horas de crepúsculo ou silêncio noturno, quando o labor do dia terminou — ou na presença de alguma dor gélida, quando os amados da Terra passaram para além do alcance mortal — não pode haver senão uma resposta, que dali provém: que o ego (o meu ser interior) é imperecível e indestrutível.

Desde os primórdios da razão, evidenciados nos atos das raças primitivas e visíveis na tela do tempo pela arqueologia, o homem convenceu-se, de algum modo — embora o processo por vezes seja inexplicável — de que é de natureza dupla; que, assim como a semente no mundo material contém o germe da vida e o princípio nutritivo que a sustentará até poder obter do solo envolvente o alimento diário, também o seu corpo é apenas o núcleo de possibilidades superiores, contendo em si um poder que há de viver após esgotar todo o alimento vital que a forma física pode oferecer, alimentando-se do solo e da atmosfera de um país contíguo e superior — embora invisível e místico — o nutriente que o expandirá até ao pleno desenvolvimento.

Esta esperança generalizada e intuitiva de imortalidade respondeu afirmativamente à primeira questão; mas a resposta certa à pergunta paralela, sobre a comunicação dos chamados mortos, embora também insinuada nas tradições e crenças de todos os povos, e parcialmente incorporada em certos sistemas religiosos, não recebeu o reconhecimento universal que merece — sendo em muitos casos posta arbitrariamente de parte por aqueles que, tendo a seu cargo a educação das novas gerações, incutem nelas uma abordagem do tema a partir de posições hostis ao uso do mais nobre dom de Deus — a razão humana!

No entanto, obedecendo à iluminação crescente do mundo, assistimos, no século XIX, à manifestação prodigiosa da verdade dessas conceções antes vagas ou

inexplicáveis do homem. Para os corações de milhões, na América, Inglaterra, França, Alemanha, Rússia e outros países civilizados, tornou-se patente, por provas conclusivas — mentais e físicas — que existe "uma existência consciente e continuada para além da mudança chamada morte"; e que aqueles nesse estado, pouco avançados pelo processo — subindo apenas na escala pelo desenvolvimento subsequente, a partir da posição a que a sua conduta na vida terrena logicamente os destinou — conseguem identificar-se junto daqueles que outrora estimaram. Este novo princípio de crença foi designado por "ESPIRITUALISMO", cujo significado, segundo o Hayward's Book of All Religions, pode ser sintetizado numa única proposição:

"Que espíritos humanos desencarnados por vezes se manifestam, ou dão a conhecer a sua presença e poder, a pessoas no corpo terrestre, e comunicam efetivamente com elas."

Esta é a grande verdade que a época presente trouxe para iluminar o outrora sombrio caminho para o túmulo com o esplendor de um mundo vindouro de progresso eterno, e para abafar o fúnebre canto que as sombrias ondas do Jordão da morte entoaram durante séculos, com a música vibrante da saudação angélica às "colinas perenes" da vida! Em todas as épocas, o direito encontrou os seus mártires voluntários.

Homens e mulheres, movidos por um impulso irresistível cuja origem é superior, ousaram, pela sua causa, enfrentar toda a dor física ou inquietação mental que os fanáticos do seu tempo lhes puderam infligir; e neste século XIX, muitos que reconhecem em si a voz da consagração consagram-se, como os seus protótipos antigos, ao trabalho abnegado na tribuna pública, na sessão mediúnica, nas colunas da imprensa espiritualista e em todos os meios da vida social, para o avanço do conhecimento desta nova revelação entre os homens, sem medo e sem recompensa adequada — esperando apenas pela colheita que os olhos dos seus filhos verão.

Felizes por sentirem que "Aquele que mandou a luz brilhar das trevas brilhou nos seus corações" — sabendo que "trazem este tesouro em vasos de barro", para que a glória seja atribuída à verdadeira fonte de inspiração — continuam, como o faz a protagonista deste relato, "sendo atribulados por todos os lados, mas não angustiados", "perplexos, mas não desesperados", a proclamar a um mundo perdido nas reluzentes vastidões do materialismo e desviado por guias educacionais errados:

"Deus não está mudo, para não falar mais;
Se vagueias no deserto e não encontras o Sinai,
pobre é a tua alma;
Lá está o Monte da Voz, não menos,
Que quem o busca o encontrará, mas quem se inclina
Apenas ao maná, e a fins terrenos,
Não o vê, nem ouve o seu saber trovejante!"

BIOGRAFIA

I

O seguinte relato foi elaborado para que o leitor possa conhecer um pouco das estranhas experiências, dos profundos sofrimentos, das duras provações e dos nobres frutos que marcaram o percurso de vida de um único indivíduo entre os muitos apóstolos da nova dispensação, e aprenda a valorizar o dom da comunhão com os espíritos na justa medida do seu preço.

Frances Ann Crowell nasceu em Portsmouth, New Hampshire, a 28 de Abril de 1831. Os seus pais, Peter e Hannah, viviam com alguns recursos, e à data do seu nascimento residiam na Parker Street, na parte ocidental da então vila.

Com cerca de seis anos, começou a frequentar uma escola privada perto de casa, dirigida pela Sra. Leach, uma senhora viúva; manteve-se nesta escola durante cerca de dezoito meses, passando depois para uma das escolas públicas da vila, situada na Cabot Street, sendo o Sr. Blaisdell o preceptor.

Passados alguns meses, o pai mudou-se para outro bairro — a parte sul da vila — e ela foi inscrita entre as alunas da Sra. Marshall, que preparava raparigas para entrarem no liceu. Devido a doença, não pôde frequentar as aulas regularmente, sendo obrigada a faltar quase metade do tempo. Ao atingir os onze anos, deixou esta escola e

nunca mais frequentou outra. Estas instituições em Portsmouth e o tempo limitado que nelas passou foram as suas únicas oportunidades de educação, no sentido em que normalmente se entende a palavra.

II

As suas faculdades mediúnicas manifestaram-se desde a infância, embora durante muito tempo não compreendesse o que significavam. Com cerca de sete anos, ficou acamada com uma febre, e uma noite ouviu a mãe, que velava à sua cabeceira, conversar com alguém aparentemente presente no quarto, quem ela, no seu estado de confusão, julgou ser uma vizinha. Por fim, conseguindo despertar parcialmente, olhou em volta do quarto, mas não viu ninguém além da mãe. Esta, não se apercebendo do movimento da filha e pensando que ainda dormia, continuou a conversa. Por fim, a curiosidade infantil prevaleceu sobre a fraqueza, e a pequena perguntou:

Com quem estás a falar, mãe?

Ora, minha filha — respondeu a mãe —, pensei que estavas a dormir — e procurou desviar a atenção da doente para outro assunto. Mas a inquietação da filha não se dissipou, e finalmente a mãe disse:

Bem, querida, estava a falar com os anjos.

Os anjos, mãe? Pensei que viviam no céu.

Sim, mas às vezes vêm falar connosco neste mundo.

A futura médium, nunca tendo sido confrontada com tal assunto, ficou profundamente impressionada e temeu que a mãe tivesse enlouquecido de repente.

Quem são os anjos, mãe? — perguntou.

Os anjos, minha filha, são aqueles que já viveram nesta Terra, mas que agora chamamos mortos. A tua irmãzinha é um anjo.

Então estavas a falar com eles?

Sim.

O que disseram?

A tua irmãzinha diz-me que vais recuperar.

III

A partir desse dia, como alguém de outrora, "guardava todas estas coisas e meditava-as no seu coração", perguntando-se se aquelas cenas e pessoas que por vezes via, e que os outros não viam, seriam realmente de origem angélica, como sugeria a filosofia da mãe. Ouvia pancadas misteriosas e via móveis a mexerem-se no quarto quando sabia que nenhuma mão humana ali estava para o fazer; e observava estes sinais — as primeiras gotas anunciadoras da grande tempestade por vir — com um interesse muito além da sua idade.

A mãe, cedendo às suas perguntas, falava-lhe frequentemente sobre o assunto, explicando-o conforme o seu próprio entendimento na altura (dez anos antes da data

normalmente aceite para o início do Espiritualismo Moderno) e profetizava que a filha um dia saberia mais sobre o tema.

Nessa época — e até ao fim da sua vida — a mãe era membro ativo da Igreja Baptista da Chestnut Street, e os seus amigos ficavam profundamente aflitos ao pensarem na "louca ilusão" que se apoderara da "irmã Crowell". Quando a filha tinha cerca de nove anos, a Sra. C. foi acometida por uma grave doença que ameaçava a sua vida. O seu estado agravou-se rapidamente e, numa certa meia-noite, a pequena Fannie foi acordada por um membro da família, que a mandou vestir-se depressa e ir chamar o médico que morava a cerca de três quilómetros, pois a mãe estava a morrer. Levantou-se apressadamente e, assustada, saiu para a noite com o chapéu debaixo do braço, um sapato calçado e o outro na mão — tencionava calçá-lo a caminho.

No meio da aflição, perdeu o sapato e também se perdeu no caminho, dando por si sozinha na zona deserta nos arredores da "South Road", como é chamada. Estava extremamente assustada e correu, esperando encontrar algum ponto conhecido. Subitamente caiu e, pensou ela, desmaiou — mas, segundo veio a saber depois, entrou num estado de transe. Quando recuperou a consciência — ou saiu do transe — viu um senhor alto a seu lado. Olhou para ele com esperança, pensando que conseguiria encontrar o caminho e chegar a tempo à casa do médico para ajudar a mãe, mas havia algo na sua aparência que lhe causava um temor indefinível.

Perdeste o caminho, pequena — disse ele, com gentileza.

Sim, senhor — respondeu.

Vem comigo — continuou ele — e eu mostro-te onde queres ir.

O medo voltou a apoderar-se dela: "É um estranho — como sabe ele para onde quero ir?", perguntava-se a menina, enquanto olhava fixamente para a figura luminosa diante de si. "Será ele um anjo?" Pensou que voltou a desmaiar de susto, mas na verdade ficou em transe, só recuperando os sentidos quando já estava à porta do médico com o seu guia, o qual — pois era realmente um espírito — lhe disse ser Epiménides, um antigo grego, e que tinha vindo em resposta à sua oração. Isto pareceu-lhe estranho, mas era verdade, pois mantinha no pensamento — embora sem dizer em voz alta — um pedido aos anjos, no meio do medo, para que a ajudassem e mantivessem a mãe viva até ela regressar a casa.

Os seus esforços foram bem-sucedidos; o médico e um amigo que a mãe desejava ver foram chamados, e a doente recuperou. Depois deste episódio, Fannie sentia frequentemente a influência do seu misterioso amigo — nem sempre o via, mas sabia que ele estava por perto.

IV

Algum tempo depois deste acontecimento, e já com cerca de dez anos, enquanto brincava ao entardecer, caiu subitamente, num ataque que os médicos classificaram como um acesso epilético, permanecendo inconsciente até às três da manhã seguinte. Ao recobrar a consciência, reparou primeiro em dois conhecidos médicos, o Dr. Cheever (um reputado médico de Portsmouth, famoso em toda a Nova Inglaterra) e o Dr. Dwight; um deles segurava uma colher, o outro tentava abrir-lhe a boca para administrar a receita preparada.

Ela entrou então em transe e, nesse estado, algum espírito evidentemente versado em matérias de farmacologia deu instruções, através dos seus lábios, aos dois médicos atónitos sobre o que deveriam fazer para melhorar o caso. Embora os médicos atribuíssem o fenómeno apenas a um estado anormal do cérebro, reconheceram que os conselhos eram surpreendentemente científicos e dignos de serem seguidos — o que de facto fizeram, revelando notável abertura de espírito, muito de acordo com a sua atitude geral.

A doença revelou-se grave, durando cerca de seis meses, durante os quais estes médicos a assistiram; depois entregaram o caso ao Dr. Goddard, também de Portsmouth. Ao longo de toda esta provação, assim que algum dos médicos entrava no quarto, a jovem paciente caía em transe e, se o médico ia administrar algo que os seus "guias"

(como viria a saber com o avanço do conhecimento da mediunidade) achavam que não devia receber, recusavam através do seu organismo, e prescreviam eles próprios.

Todos os médicos que intervieram consideraram o caso extraordinário; foi visitada pelos Drs. Lynton, Kelley e muitos outros de várias partes de New Hampshire e Massachusetts, todos desejosos de estudar por si próprios o funcionamento da estranha "doença". Estes investigadores concluíram finalmente que a menina sofria de um novo tipo de perturbação cerebral, até então desconhecida pela medicina.

V

Logo após a recuperação de Fannie, a mãe voltou a ser prostrada por doença — que se revelaria a última — e com este acontecimento começaram a ocorrer muitas manifestações singulares de espíritos, tanto de carácter mental como físico. Estas demonstrações de força invisível eram tão impressionantes que nem dinheiro nem amizade conseguiam convencer alguém a permanecer em casa com a doente. Mal começavam as perturbações, todos fugiam aterrorizados, deixando à filha toda a responsabilidade das tarefas domésticas e dos cuidados à mãe doente.

Quando tinha cerca de onze anos, este período de ansiedade e dedicação chegou ao fim, e a mãe, debilitando-se lentamente, acabou por falecer. Poucos dias antes de morrer, chamou a filha à beira da cama e disse-lhe:

Fannie, vou deixar-te.

A menina, com o rosto marcado pela tristeza, exclamou:

Oh, leva-me contigo!

Não, querida — respondeu a mãe —, Deus tem uma obra maravilhosa para ti nos anos vindouros, e tu deves ficar aqui para a cumprir.

Fannie já sentira anteriormente uma vaga impressão de que lhe estava reservado um destino invulgar, mas nada de concreto lhe tinha sido revelado, pelo que insistiu:

Oh, como poderei fazer seja o que for sem uma mãe?

Minha filha — respondeu a mãe —, os anjos serão o teu pai e a tua mãe. Quando vieres encontrar-me no céu, traz-me um registo limpo de que sempre lhes obedeceste. Saberás mais sobre isto a seu tempo.

Mais tarde, já adulta e presente na sua primeira sessão espírita consciente, a recordação da profecia materna, surgindo-lhe como um eco ao longo dos anos, foi a principal razão para aceitar as exigências do mundo espiritual, expressas pelo Dr. Fisher.

No momento da morte da mãe, ouviram-se pancadas misteriosas e viram-se luzes elétricas no quarto, e a jovem médium entrava frequentemente em transe; de facto, tanta da sua vitalidade fora consumida a suprir as necessidades da moribunda, que, quando os presentes a afastaram do corpo já frio da mãe, ela própria, segundo descreve, “estava mais morta que viva”.

Durante o falecimento da mãe, a menina teve uma estranha visão — invisível para os outros no quarto — semelhante àquela que viria a ser frequentemente descrita por clarividentes, mas que, na altura, ela não compreendeu. Andrew Jackson Davis, o extraordinário vidente, descreveu belamente o processo na sua obra recente, "THE TEMPLE", tal como o observou noutras ocasiões anos depois:

"'Morte' é a palavra usada para significar 'o fim da vida', dita por quem não vê que a aparente morte é, na verdade, o 'início da vida' e a abertura do volume sagrado da eternidade. Mas vejamos, através das aparências, o que está para lá do véu.

"A pessoa está a morrer, e será uma morte rápida. Observem algo sobre a temperatura. Os pés estão frios; as mãos, quentes e pálidas; um frio percorre toda a pele. Veem? O que é aquilo que se acumula na atmosfera mesmo acima da cabeça? É uma emanação etérea — uma auréola dourada e magnética — uma atmosfera pulsante, quase consciente de si.

"A temperatura corporal desce rapidamente. O frio estende-se dos dedos dos pés até aos joelhos e das pontas dos dedos às covas dos braços; ao mesmo tempo, a emanação sobe acima da cabeça. Os braços estão frios até aos ombros e as pernas até às ancas; e a emanação, embora não mais alta, está mais expandida, com um centro branco e compacto, semelhante ao núcleo brilhante de um

pequeno sol. Este ponto central é, na verdade, o cérebro do novo organismo espiritual que está a formar-se.

"O frio da morte alastra ao peito, e dos lados a temperatura diminui muito. Olhem agora! A emanação psíquica contém uma proporção de todos os princípios que compõem a alma — movimento, vida, sensação, éteres, essências, magnetismo vital, eletricidade vital, instintos — e, muito aumentada, flutua agora numa massa compacta e ocupa uma altitude maior perto do teto.

"Agora, os pulmões cessaram de respirar, o pulso parou, o coração físico está imóvel; enquanto as células cerebrais, o corpo caloso, a medula e o sistema nervoso, estão repletos de energias contrácteis e expansivas, que pulsam suavemente e parecem reger-se por uma espécie de autoconsciência automática. Vejam! A substância cinzenta (negativa) do cérebro pulsa interiormente — um pulsar lento, medido e profundamente intenso — não doloroso, mas massivo e harmonioso como o bater do mar.

"Olhem para cima! A emanação exaltada, obedecendo às suas leis imutáveis, alonga-se agora e coloca-se num ângulo reto com o corpo físico abaixo. Vede! Observai como o contorno de uma bela forma humana se delineia naquela emanação. Está ainda presa por um cordão branco de vida à medula e ao corpo caloso do cérebro.

"Observais que um fio vital muito fino ainda liga os vórtices e fibras centrais do cérebro moribundo às

extremidades inferiores do ser espiritual delineado na atmosfera.

"Apesar da existência deste fio de vida, que funciona como um fio telegráfico — transmitindo mensagens nos dois sentidos em simultâneo — notais que a imagem esfumada, envolta numa emanação dourada, continua a ascender quase impercetivelmente ao céu.

"Ali! O que vejo agora? Uma cabeça humana, simetricamente formada, ergue-se acima da massa — lentamente, com beleza, emergindo da nuvem dourada dos princípios essenciais. E agora surgem os traços de um rosto espiritual — um semblante sereno e belo, impossível de descrever. Olhem de novo! Surgem o pescoço e ombros graciosos; e à medida que olhamos, surgem, um após outro, como guiados por mão mágica, todas as partes de um novo corpo — uma imagem brilhante, de aspeto natural, mas espiritual — quase tão grande como o corpo físico deixado para trás, uma reconstituição perfeita da pessoa nos céus imediatos, pronta a acompanhar o grupo celeste de inteligências superiores até à Terra do Verão.

"O que foi aquilo? Num piscar de olhos, o fio vital elétrico foi rompido — as partículas e princípios que restavam foram subitamente atraídos para cima e absorvidos pelo corpo espiritual — e eis que a nova organização está livre das gravitações terrestres, instantânea e absolutamente independente dos pesos e cuidados que a prendiam à terra. (Só são livres na morte

aqueles que viveram retamente. Qualquer paixão avassaladora, o mínimo dever não cumprido, qualquer injustiça cometida, prende o espírito à terra, como um navio ancorado. Só os puros são livres.)

"Aqui está agora um corpo espiritual verdadeiro, substancial, imortal. Foi semeado em trevas e desonra; ergue-se em beleza e esplendor.

"Eis o contraste — a imensa diferença — entre o interior e o exterior. Olhai em redor do quarto. Estão ali muitos amigos, parentes idosos e crianças pequenas, no quarto da morte; lamentam-se, sem o consolo nem mesmo da fé cega; choram, apenas com os sussurros da esperança aos ouvidos da dúvida; reúnem-se junto do corpo prostrado e frio; fecham, em silêncio e tristeza, as pálpebras dos olhos imóveis; afastam-se da cena; e agora outras mãos começam as derradeiras preparações com que os vivos consagram os mortos.

"Mas abramos os olhos mais brilhantes — os olhos que todos teremos quando estivermos revestidos do traje imortal da morte.

"Vede! O recém-organizado corpo espiritual — rodeado de anjos guardiães — parte graciosamente rumo às margens celestes. A personalidade erguida segue um fio vibrante de atração magnética, que, enquanto durava a transição da morte, víamos atravessar o quarto e ligar-se ao cérebro terrestre do ressuscitado. Desce do sensorium das inteligências superiores — um fio dourado, luminoso,

enviado do alto para saudar e guiar com amor e sabedoria o recém-liberto.

O fio do amor, carregado de pensamentos, eleva o novo ser cada vez mais alto e distante...

"Sobre as terras aveludadas e os campos floridos do país celestial, o arco da promessa eterna é visível, enchendo de beleza indescritível o vasto oceano de céus carregados de mundos, que cobrem com infinita formosura as zonas imensuráveis do Além."

Assim, naquele quarto solitário em Portsmouth, anos antes de o mundo ter ouvido esta voz que ergue o véu, "a juventude, companheira perpétua da velhice", tentava consolar a viajante solitária, e a jovem criança, cujo nome viria a ser conhecido entre os amigos do pensamento livre em todo o mundo, velava com ansiedade pela mãe, prestes a desaparecer fisicamente. Conta-nos que viu a brilhante emanação erguer-se e pairar sobre o corpo: "Pensei que era um anjo, mas parecia a minha mãe. Quando se voltou para partir, parecia reconhecer-me e olhou-me com doçura; mas parecia ansiosa por ir, e fiquei muito assustada. O quarto estava cheio de espíritos — alguns rostos desconhecidos, outros de pessoas que conhecera em vida."

Apesar de por vezes ter visto a mãe — e outros que partiram — graças às suas perceções espirituais, só aos vinte e dois anos recebeu a primeira mensagem dela, através de outro médium.

VI

O pai de Fannie não seguia nenhuma religião, sendo contrário a todas as formas de culto, mas, aquando da morte da esposa, achou que devia ser chamado um clérigo para celebrar o funeral. Como já foi referido, Mrs. Crowell era membro efetivo da Igreja Baptista, embora, pouco antes de morrer, tivesse caído sob a sombra da condenação clerical devido às estranhas manifestações ocorridas em sua casa, que os vizinhos classificavam como "negócios com o diabo". Quando a filha perguntou quem seria o pastor a chamar para os últimos ritos, Peter respondeu: "Suponho que seja o ministro dela; sabes onde mora?"

"Sim," respondeu Fannie, pelo que foi encarregada de o ir chamar e pedir-lhe que comparecesse. Dirigiu-se à residência do pastor, mas, quando a criança trémula anunciou o seu pedido, este recusou terminantemente oficiar como pastor naquela ocasião, por causa dos ditos "negócios".

"De imediato," conta ela, "senti uma mudança total nos meus sentimentos; fui tomada por uma forte repulsa e por um desejo de dar um pontapé ao reverendo fanático; na verdade, não sei o que me impediu de o fazer. Saí da casa e sentei-me no degrau da porta, sem saber o que fazer. Enquanto ali estava, a mesma nobre presença que me acompanhara na noite em que me perdi anos antes,

procurando um médico para a minha mãe, apareceu-me e disse, com bondade:

'Pequena, vai ter com o Sr. Robinson, o pastor metodista; ele irá contigo.'

'Mas,' disse eu, 'não o conheço nem sei onde mora.'

'Eu mostro-te', respondeu o espírito."

Foi então, como antes, lançada em transe e, ao recuperar a consciência, encontrou-se à porta da casa do pastor. Chamou pelo senhor e, depois de explicar o motivo da visita e relatar como fora tratada pelo clérigo batista, o Sr. Robinson exclamou, indignado:

"Minha querida, tenho quase vergonha de viver nesta época! Claro que irei ao funeral da tua mãe."

De facto, compareceu e realizou o serviço de forma reconfortante e solidária.

VII

O pai arranjou uma governanta, e a corrente da vida levou a pequena solitária no seu seio rumo ao cumprimento da sua missão. Fannie via frequentemente espíritos, e por vezes ouvia-lhes as vozes tão nitidamente como as dos vivos. Ficava muitas vezes assustada, pois os que via eram desconhecidos. De tempos a tempos, era animada pela presença da mãe. Ninguém lhe podia desvendar mais sobre o mistério da lei da comunhão do que a mãe já lhe transmitira em conversas, pois o Espiritualismo ainda não surgira "com cura nas suas asas", e, com poucas exceções,

os espíritos que ela via pareciam tão ignorantes quanto ela sobre as formas adequadas de comunicação.

Ao atingir os quinze anos, o curso da sua vida aprofundou-se, e ela foi lançada no mar do trabalho ativo. Deixou o lar de infância junto ao sinuoso Piscataqua e foi para Lowell, no Massachusetts. Aqui empregou-se como costureira, profissão que exerceu até aos vinte anos, altura em que se casou com John H. Conant, neto do Prof. John Hubbard, do Dartmouth College.

Enquanto aqui residia, foi-lhe dito pelos invisíveis, de quem apenas tinha consciência da existência pelas suas perceções interiores, que a sua linha de ascendência era muito interessante: que o seu trisavô, conhecido pelos brancos como "Pé-Rápido", fora um chefe índio famoso na história inicial do Novo Mundo, o seu nome, Quinsigamond — ainda hoje dado a um belo lago no Massachusetts — sendo lembrança do seu lugar entre os homens; que casara com uma francesa do Canadá, sendo dessa união que nasceu a avó de Peter Crowell; que o nome índio dessa filha era Meona, e o inglês Betsey; que esta se casara por sua vez com alguém de apelido Crowell — ou, mais exatamente, Cromwell, pois descendia de um dos três Cromwell, Thomas, William e John, que saíram de Inglaterra no tempo de Carlos II.

Esses três irmãos, ao deixarem o país natal, nunca mais foram ouvidos, mas, segundo os espíritos garantiram à Sra. Conant, vieram para a América e puderam ser seguidos até

à sua fixação no Canadá, onde suprimiram o nome para não serem reconhecidos. Um dos descendentes, como referido, casou com a índia Meona (Betsey), sendo Peter, pai de Fannie, fruto desse matrimónio. Assim, por linha direta — graças à perceção e informação espiritual, mais do que terrena — a médium pôde traçar a sua ascendência de um lado até aos Cromwell ingleses e, do outro, a um chefe indígena americano.

Desta ascendência peculiar nada soube até pouco antes do casamento, quando a descobriu e, determinada a apurar a verdade, escreveu ao pai em Portsmouth; pelas respostas, investigações noutros locais e recordações de infância, conseguiu comprovar materialmente a sua ascendência indígena, acreditando assim plenamente nas indicações dos seus acompanhantes misteriosos quanto à outra vertente. Entre outras memórias, recordou que em pequena o pai fora visitar a mãe, que vivia no norte de Vermont, e que, ao regressar, lhe trouxera muitos objetos de artesanato indígena como presentes da avó.

Exibira-os com orgulho, dizendo: "Foi a minha avó que fez isto", até que a mãe, pouco agradada com a relação com os índios, lhos tirou e escondeu. Nunca mais soube do destino dessas pequenas ofertas, a que, em adulta, teria dado grande valor sentimental, mas o episódio tornou-se um elo forte na cadeia das suas convicções.

PARTE II
TORNA-SE MÉDIUM PÚBLICA

"Por esse mundo de beleza,
E por essa vida de amor,
E pelos santos anjos
Que escutam agora lá em cima,
Empenho a minha alma
Em fazer tudo o que puder
Para abençoar a minha irmã mulher
E ajudar o meu irmão homem."
— Lizzie Doten

I

Em 1851, deixou Lowell e, com o marido, foi viver para North End, em Boston.
Aqui, a sua saúde, nunca robusta, fraquejou, e voltou a ser prostrada pela doença. O Dr. Tobey, médico conhecido, foi chamado e, perante a gravidade do caso, prescreveu-lhe um preparado de morfina — estando, infelizmente, sob o efeito de álcool no momento. Mr. Conant adquiriu a receita na farmácia e foi ministrada à esposa, conforme as indicações.

A dose prescrita revelou-se um grande excesso; Fannie entrou num estado semi-inconsciente e começou a definhar tão rapidamente que alarmou todos os que moravam na casa. Mr. Conant foi imediatamente avisar o médico, que, ao saber dos efeitos do remédio, ficou perturbado e correu para o quarto da doente. Um olhar bastou-lhe para

perceber o erro e o perigo iminente, ficando logo sóbrio. Duvidou ter receitado tal quantidade e ficou perplexo quando, consultando o farmacêutico, viu a receita escrita de seu próprio punho — o farmacêutico, por sua vez, assegurou-lhe que só preparara o medicamento naquela quantidade por confiar na sua competência.

O Dr. Tobey declarou que não havia salvação para Mrs. Conant — ela iria morrer. Mas ela disse-lhe que não morreria. Durante a ausência do marido, pela segunda vez à procura do médico, Mrs. Conant foi misteriosamente despertada do torpor mortal — o seu corpo foi sacudido, aparentemente de forma involuntária, e uma série de choques, como de uma bateria elétrica, percorreu-lhe o corpo; depois começou a falar e receitou para si própria, como já fizera muitas vezes em Portsmouth na infância. O remédio, de natureza simples, foi-lhe dado e, sob o seu efeito, enquanto o médico apavorado aguardava o fim, começou a suar; vendo este sinal de recuperação — embora sem perceber a causa — declarou, aliviado, que ela sobreviveria.

Apesar de nem ela nem os presentes na casa atribuírem a cura, naquela altura, à intervenção de espíritos — por falta de informação sobre o assunto —, anos depois foi-lhe dito, através do médium William Rice, um completo estranho aos factos, que fora restaurada graças aos esforços do Dr. Kittredge, antigo médico da sua terra natal, já há alguns anos no mundo dos espíritos.

A natureza reagiu e ela recuperou rapidamente. Quando recobrou plena consciência, lembrou-se de ter estado num lugar belo, que pensou ser o céu. Aí encontrou a mãe que perdera em criança e, ao chorar e pedir para ficar com ela, a mãe disse-lhe suavemente mas com firmeza que teria de regressar à Terra — que ainda tinha uma missão a cumprir — e a sua barca, de novo agitada pelas tempestades, teve de voltar ao mar, deixando o porto de paz onde esperava descansar; mas as garantias recebidas abençoaram-na, pois soube que, em devido tempo, lançaria finalmente âncora nas areias douradas do rio do Paraíso.

II

Aos vinte e um anos, foi acometida por uma doença grave, diagnosticada pelos médicos como "consumpção do sangue" (tuberculose), e não havia esperança de cura para ela. Ficou durante muito tempo sob os cuidados de vários médicos destacados de Boston, mas não recebeu qualquer alívio, e a sua vida parecia prestes a terminar. Nesta condição, uma senhora, Mrs. Bryant, com quem estava hospedada, perguntou-lhe:

— Porque não experimenta um médium?

Isto acontecia numa fase inicial da comunhão pública com os espíritos, e Mrs. Conant nunca tinha considerado o Espiritualismo de forma concreta.

— Um médium? — exclamou Mrs. C. — O que é um médium?

— Uma pessoa — respondeu Mrs. Bryant — através da qual os espíritos, ou pessoas falecidas, podem vir falar com os seus amigos ainda em vida. Posso apresentar-lhe um excelente, que já realizou muitas curas maravilhosas.

— Bem — respondeu Mrs. C. —, parece não haver esperança com os médicos, por isso vou experimentar, embora não espere grande coisa.
Mrs. Bryant apresentou-a então a Miss Anna Richardson, de cerca de quinze ou dezasseis anos, que era uma médium muito promissora na época. Mrs. C. sentou-se, a médium entrou em transe e, pela primeira vez, de forma prática, descobriu o que significavam os seus próprios dons. O Dr. John Dix Fisher, um antigo médico de Boston, controlou Miss Richardson como conselheiro médico e, após analisar cuidadosamente o caso de Mrs. C., disse:

— O teu caso foi declarado sem esperança, mas eu não considero assim. Se obedeceres às minhas instruções e fizeres aquilo que te peço como pagamento, em três semanas estarás curada; mas cobrarei um preço que talvez consideres elevado.

Mrs. Conant respondeu que não tinha muito com que pagar, supondo que se referia a dinheiro.

— Eu direi as minhas condições — disse ele —, e depois decides se as podes cumprir ou não. Tens dos melhores dons mediúnicos que já vi, e o mundo deveria beneficiar plenamente deles.

— Eu?! — exclamou Mrs. C.

— Sem dúvida — respondeu o médico espiritual —; ainda serás uma médium extraordinária, se consentes.

Depois fez um resumo fiel da sua vida e experiências passadas, explicando em detalhe as visões, sons e acontecimentos estranhos que, desde criança, a tinham intrigado. Informou-a que tudo isso era percecionado devido à sua capacidade mediúnica. Enquanto Mrs. C. permanecia estupefacta com a revelação, o espírito continuou:

— És uma médium, e o pagamento que exijo pelo teu caso é que, no futuro, disponibilizes os teus dons ao mundo.

Ainda sem compreender totalmente a proposta, Mrs. Conant perguntou:

— O que quer dizer com isso de disponibilizar os meus dons ao mundo?

— Tornando-te médium pública — respondeu o Dr. Fisher —; quero-te como médium, e este é o preço que exijo pela tua cura.

Após alguma hesitação, em que o espanto e a ansiedade lutavam na sua mente, respondeu:
— Pois bem, Doutor, pagarei o preço.

O médico espiritual começou então o tratamento e, em três semanas, como previra, os remédios produziram tal

melhoria visível que todos os amigos declararam não a reconhecer como a mesma pessoa de antes do tratamento.

III

O Doutor preparou-se então para trabalhar com a sua nova médium e, como primeiro passo, ao escrever através da sua mão enquanto ela estava em transe, exigiu que mudasse de residência, sem dar razão específica no momento — embora o benefício se tornasse evidente mais tarde —, parecendo apenas querer testar a confiança dela.

Ela mostrou-se disposta a cumprir, mas, quando ele a mandou para um determinado local na Hanover Street, em Boston, que sabia ser uma pensão muito grande e popular, onde raramente havia quartos vagos, duvidou do sucesso da missão. No entanto, foi até à casa, falou com a senhoria, Mrs. M. E. Cates, que lhe confirmou, como suspeitava, que não havia quartos disponíveis. A senhoria quis saber quem a tinha recomendado e, após alguma hesitação sobre a sanidade da recém-chegada, Mrs. Conant explicou que fora enviada pelo "Dr. John Dix Fisher, um médico morto".

— Ah, foi o Dr. Fisher que a mandou cá? Então há razão para isso. Ele nunca faz nada sem um motivo; não a teria mandado se não visse que em breve teria vaga. Volte amanhã e veremos o que se pode fazer.

Acontece que a senhoria e muitos dos hóspedes eram firmes crentes na nova doutrina do retorno dos espíritos — George A. Redman, o famoso médium, estava na casa a dar

sessões públicas todas as noites —, e assim o Dr. Fisher tinha introduzido a sua médium num ambiente acolhedor, sem ela saber. Nessa noite, Mr. Redman avisou a senhoria de que em breve mudaria o escritório para outra zona e deixaria vaga no quarto.

Quando Mrs. Conant regressou no dia seguinte, foi informada da vaga e ficou logo com o quarto, beneficiando assim de um espaço já magnetizado pela presença de um poderoso médium e das numerosas sessões ali realizadas — vantagem que, embora impercetível para o cético, é imediatamente evidente para quem conhece as delicadas condições necessárias para o controlo mediúnico bem-sucedido.

IV

Dr. Fisher desejava agora que ela iniciasse as suas funções mediúnicas, conforme o combinado. Mrs. Conant resistiu algum tempo, mas acabou por ceder e começou a servi-lo como instrumento público para exames e prescrições médicas, tendo êxito notável em todos os casos e ficando logo sobrecarregada de trabalho.

Naquela casa ocorreram na sua presença as mais singulares manifestações, de carácter mental e físico. No início, foi necessário o auxílio magnético da irmã da senhoria, Martha Smith — que servia de bateria para fornecer a força vital exigida pelas manifestações espirituais —, mas com o tempo Mrs. C. desenvolveu tanto poder mediúnico que deixou de precisar dessa presença.

Um senhor que também ali vivia revelou-se igualmente dotado, com tal intensidade que se tornou desaconselhável sentarem-se ele e Mrs. Conant à mesa ao mesmo tempo: sempre que tal acontecia, a mesa era violentamente erguida ou balançada, como se se jantasse num navio em plena tempestade. Por isso, Mrs. Conant e o marido tinham por hábito espreitar para ver se o outro médium já estava à mesa; caso estivesse, aguardavam até ele sair, e vice-versa.

A primeira pessoa a testar a sua capacidade enquanto "médica" foi um médico de Bridgewater, Mass., que queria decidir por si próprio, de forma irrefutável, se o retorno dos espíritos era verdadeiro ou falso. Soubera que Mrs. Conant era controlada pelo Dr. Fisher, com quem tinha sido colega na universidade, e decidiu comprovar pessoalmente a veracidade. No final da sessão — durante a qual Mrs. Conant esteve sempre inconsciente, em transe — contou-lhe que colocara ao espírito uma série de perguntas semelhantes às que um colégio médico faz aos candidatos a médicos, e que todas haviam sido respondidas corretamente. Esta evidência, a par de várias informações que a médium não podia conhecer, deixou-o profundamente espantado.

— Está satisfeito? — perguntou Mrs. Conant.

— Tenho a certeza que estive a falar com John Dix Fisher, e com mais ninguém — respondeu ele.

V

O espantoso poder de penetração do médico espiritual sobre os problemas dos vivos manifestou-se de forma inesperada e preocupante. Uma jovem residente na mesma casa começou a adoecer com sintomas misteriosos e Mrs. Cates pediu à médium que a examinasse. Dr. Fisher, após diagnosticar cuidadosamente o caso, declarou que a paciente sofria dos primeiros sintomas de varíola. Os habitantes da casa ficaram alarmados e exigiram a presença de um médico convencional.

Chamaram o Dr. Ayer, que morava perto, e este opinou que a jovem tinha apenas um forte constipação — "não interessava o que o 'médico morto' dizia, era um disparate chamar-lhe varíola". Dr. Fisher, então, através de Mrs. Conant, mandou dizer ao seu crítico: "Diga ao Dr. Ayer que, em duas horas, a Natureza esclarecerá o caso."

Duas horas depois, tal como previsto, a paciente apresentou sintomas inequívocos da doença, e o Dr. Ayer viu-se obrigado a concordar com o invisível, dizendo, meio troçando: "Pois claro, o 'médico morto' consegue ver melhor dentro de uma pessoa do que eu."

Vários outros casos de varíola surgiram na casa e, como Mrs. Conant era diariamente procurada por investigadores e pessoas em busca de conselho médico, das 9h da manhã até tarde, tornou-se necessário remover os doentes para segurança dos visitantes. Quando chegou a altura de os transferir, Dr. Fisher deu instruções para o transporte e para

a descontaminação da casa, medidas que foram cumpridas à risca. Depois mandou Mrs. Conant trancar a porta e recusar saída à senhora que estava em consulta até que ele dissesse que tudo estava bem, alegando que, seguindo as instruções, não haveria problemas e que a doença seria contida naquela habitação.

A Miss Conant cumpriu o pedido, mas a senhora, curiosa, quis sair antes da ordem e a ansiedade da médium aumentou, até que o espírito escreveu pela sua mão que tudo estava bem, os doentes tinham sido removidos, a casa estava preparada e ninguém correria perigo de contrair a doença ao entrar. Os acontecimentos posteriores confirmaram as palavras do espírito, embora a doença fosse então muito comum na vizinhança.

O "médico morto" foi rapidamente solicitado, graças a este sucesso, para tratar vários doentes afetados por esta doença maligna. Sempre que fazia essas visitas, colocava a sua médium em transe profundo, deslocava-se espiritualmente à casa em questão, prescrevia o tratamento e regressava com ela — tudo enquanto Mrs. Conant permanecia inconsciente do que, acordada, consideraria uma tarefa perigosa.

Chegou a tratar cinco casos ao mesmo tempo, todos terminando favoravelmente. Num desses casos, porém, devido a circunstâncias inexplicáveis, perdeu o controlo sobre Mrs. Conant enquanto ela estava ao lado do doente com varíola; ao aperceber-se de onde estava e dominada por um medo mortal do contágio, correu para casa o mais

depressa que pôde. Mrs. Cates encontrou-a no corredor e exclamou:

— O que se passa?

Mas Mrs. Conant apenas conseguiu murmurar algo sobre "varíola" enquanto se refugiava no quarto.

A senhoria, também ela médium, foi atrás dela e, ao fim de algum tempo, conseguiu magnetizá-la até se acalmar. Dr. Fisher retomou então o controlo da sua médium e informou a senhoria de que não havia o menor perigo de Mrs. Conant contrair a doença, nem de a transmitir a outros — estava perfeitamente protegida pelos poderes dos seus guardiões invisíveis.

VI

Por esta altura, a sala de receção pública de Mrs. Conant tornou-se palco de manifestações físicas muito singulares, variando entre a violência e o humor subtil; alguns dos episódios mais notáveis são aqui relatados. A mesa usada nas sessões era de carvalho, com mais de um metro de comprimento e bastante pesada. Quando a companhia se sentava à volta, por vezes, através da intervenção dos espíritos, tornava-se tão leve que Mrs. Conant a conseguia levantar com uma só mão; outras vezes, a mesma mesa tornava-se tão pesada que quatro homens juntos não a conseguiam erguer do chão. Era frequente — e por vezes sem aviso prévio, mesmo sem sessão marcada — que a mesa se inclinasse num ângulo de 45 graus, enquanto

as canetas, papéis, tinteiro e outros objetos continuavam no lugar, sem cair ao chão.

Os participantes habituais foram finalmente informados de que, se tivessem paciência para esperar pela manifestação, veriam formas espirituais claramente definidas. Todos garantiram estar dispostos a esperar. Numa dessas noites, seis pessoas reuniram-se à volta da mesa e renovou-se a promessa; todos permaneceram em silêncio, exceto Mrs. Conant, que não conseguia, devido ao esgotamento magnético que a afetava.

O grupo esperou pacientemente das seis da tarde até à meia-noite, até que, como recompensa pela sua fé e perseverança, apareceu atrás de Mrs. Conant uma espécie de nuvem de vapor ou fumo luminoso, que se foi expandindo até formar uma coluna com cerca de metro e meio de altura. Lentamente, a nuvem abriu-se, revelando a figura de um ser humano, que lhes fez uma vénia e sorriu — os lábios moveram-se, mas não emitiram som.

A aparição permaneceu à vista de todos — inclusive Mrs. Conant, que se virou para a observar — tempo suficiente para ser reconhecida em todos os detalhes do rosto e das vestes, e depois voltou a ser envolta em neblina; a nuvem fechou-se à sua volta, desceu até ao chão e desapareceu. Tinha o aspeto de uma bela mulher, e um membro entusiasta do grupo exclamou:
— Apetece-me imitar os discípulos de Jesus no Monte da Transfiguração e dizer: Façamos duas tendas — uma para o espírito e outra para a médium!

A mesa então subiu acima das cabeças de todos os presentes.

O grupo levantou-se e cantou o velho hino "Vem, Espírito Santo, pomba celeste", e a mesa acompanhava a música, balançando-se. A maioria das manifestações em casa de Mrs. Conant tinha lugar em sala bem iluminada, mas desta vez as luzes estavam tão baixas que quase não se via nada — e os raios elétricos fornecidos pelos próprios espíritos completaram a iluminação, tornando visíveis todas as formas, rostos, braços e mãos.

Outra manifestação, de carácter aparentemente violento, era frequente: Mrs. Conant era convidada a sentar-se em cima de uma pequena mesa redonda (como os atuais suportes de flores), e as forças invisíveis balançavam furiosamente a frágil base como se quisessem atirá-la ao chão, mas nunca a deixavam cair. No final desta manifestação, era muitas vezes erguida pelos espíritos diretamente da mesa e depositada no chão, sem se magoar, atrás de um sofá colocado num canto da sala das sessões.

VII

Por vezes, espíritos mais traquinas — pois a experiência dos investigadores mostra que todos os tipos de personalidade existem no mundo invisível, tal como aqui — pregavam-lhe partidas, gerando risos ou, nalguns casos, perplexidade.

Na sala onde realizava sessões públicas e privadas, Mrs.

Conant mantinha um sino com um aviso escrito: “Toque!” para quem entrasse caso ela estivesse ausente. O apartamento ficava três andares acima do rés-do-chão e, por diversas vezes, ao descer as escadas, a médium ouvia o sino a tocar e, regressando apressada, não encontrava ninguém! Isto repetiu-se várias vezes, mesmo com testemunhas a vigiar para garantir que nenhum mortal estava no quarto.

Muitas vezes encontrava a porta do seu quarto trancada por dentro, e só podia entrar quando a fechadura era destrancada — sem que ninguém lá dentro fosse encontrado, o que era impossível sair sem ser visto, dado a altura do edifício e só haver uma saída. Por vezes, ao encontrar visitantes nas escadas, tinha de lhes dizer que estava trancada fora do quarto — “os espíritos” tinham tomado conta do espaço e ela tinha de esperar até eles abrirem a porta. As expressões de incredulidade eram frequentes, mas, mal a porta se destrancava, alguns visitantes saltavam para dentro à procura de quem tivesse passado o ferrolho — sempre em vão.

VIII

Certa vez, um grupo de sete senhores visitou-a para uma sessão. Sentaram-se, como de costume, à volta da mesa, em plena luz, e permaneceram em silêncio — sem manifestações — durante meia hora. Mrs. Conant, impaciente, perguntou ao Dr. Fisher a razão. Ele imediatamente tomou controlo da sua mão e escreveu:

“Se estes senhores forem investigadores honestos e deixarem de lado o disfarce, faremos o possível para lhes dar manifestações satisfatórias.”
Ela leu o bilhete e foi recebida com risos; em seguida, os visitantes começaram a remover os disfarces físicos — barbas postiças, óculos, etc. — e, quando concluída a transformação, Mrs. Conant já não reconheceu nenhum rosto entre os presentes.

Declararam-se então investigadores honestos, e o Dr. Fisher acrescentou:
— Agora permitam-me apresentar-vos à minha médium.

Eles protestaram que não queriam tal apresentação, e Mrs. Conant também disse que não desejava, mas o espírito continuou e nomeou-os corretamente, para espanto geral. Eram alguns dos “digníssimos” pais da cidade, que, querendo saber se algo de bom poderia vir do “Nazaré” do Espiritualismo, tinham escolhido o caminho secreto, mas acabaram expostos, pelo menos diante da médium.

Como resultado da sua obediência às condições dos espíritos — exemplo que os céticos deveriam seguir em vez de tentarem bloquear os fenómenos com exigências infundadas —, ocorreu uma sessão notável e foram-lhes dadas todas as manifestações pedidas. O episódio impressionou tanto os senhores que quiseram repetir a experiência noutro local, à sua escolha, convencidos de que a sala da médium teria algo de especial.

Mrs. Conant concordou e o grupo alugou uma casa vaga na

Joy Street, no West End de Boston, equipando temporariamente uma das salas. No dia combinado, uma carruagem levou Mrs. Conant e Martha Smith ao local, onde todos esperavam ansiosos "desmascarar a fraude", como diziam. A médium estava ansiosa e esperava que, se possível, os espíritos fizessem algo ainda mais surpreendente.

Antes desta sessão, ouvira falar de um espírito negro de grande força chamado "Big Dick", famoso pelas manifestações físicas intensas que proporcionava através de George A. Redman e outros; pediu a Dr. Fisher que recorresse a ele para esta ocasião. Apesar de alguma relutância, o médico espiritual acedeu, e "Big Dick" manifestou-se — pelo menos através dos seus feitos — produzindo exibições de força muito além do poder conjunto de todos os presentes.

Os senhores pediram que a mesa fosse erguida até ao teto, ao que o espírito acedeu, desde que Mrs. Conant se sentasse nela. Assim fez, e a mesa começou a subir gradualmente. Quatro dos presentes agarraram-na com toda a força, tentando impedi-la de subir, mas a mesa escapou-se-lhes das mãos e chegou ao teto, permitindo à médium escrever o seu nome no teto acima da cabeça.

Todos então tentaram puxar a mesa para baixo, sem êxito, até que Mrs. Conant, entre o perigo de ser esmagada contra o teto pelo esforço do espírito e o risco de cair, ficou alarmada, o que fez o espírito perder o controlo do corpo pesado — e a mesa caiu, partindo-se, mas Mrs. C. não

sofreu dano, pois foi suavemente pousada entre os destroços.

A sessão, realizada à luz do dia, deixou os investigadores perfeitamente satisfeitos, que, após brincadeiras com os espíritos sobre quem pagaria a mesa (Dr. Fisher garantiu-lhes que seriam eles — e assim foi), deram por encerrada a reunião.

No final da sessão, a médium viu-se obrigada a pagar o preço de ter contrariado a vontade do seu médico espiritual, pois "Big Dick" seguiu-a até casa, de forma bastante inesperada, e, quando ela e o marido se deitaram, começou a divertir-se com várias tropelias que, embora lhe dessem gozo, não agradaram nada às criadas que dormiam num quarto próximo e ainda não tinham adormecido. Estas correram, em camisa de dormir, até à senhoria, apavoradas, declarando que a casa estava a ser destruída pelo "diabo que estava a agir no quarto da Mrs. Conant".

A confusão continuou: mesas e cadeiras eram viradas, a cama foi violentamente abanada, ao que Mr. Conant e a esposa se levantaram — o marido (que não tinha qualquer sensibilidade mediúnica) declarando que era melhor "sair dali" e que queria perceber a origem do distúrbio. Mrs. Cates, que foi chamada, aconselhou Mrs. Conant a invocar o Dr. Fisher para obter uma explicação, pelo que se sentaram à mesa, que levantaram do chão para o efeito. O médico espiritual apareceu logo, recordando à médium que se tinha oposto firmemente ao contacto dela com "Big Dick" e dizendo que, como ela insistira, teria agora de lidar com as consequências.

Percebendo que teria de resolver o assunto sozinha, a médium, assim que a perturbação recomeçou (assim que Dr. Fisher cessou o controlo), dialogou com o espírito rebelde, dizendo-lhe, de forma que apelasse à sua razão, que ficaria feliz por se encontrar com ele em ocasiões próprias, mas que naquele momento estava a incomodar muito os moradores e preferia que partisse. Ele pareceu ouvir, como qualquer pessoa viva, e, terminada a sua repreensão, foi-se embora, sem causar mais problemas.

Para que todos vissem os resultados tangíveis da visita nocturna, Mrs. Conant deixou tudo no quarto tal como o espírito deixara (excepto a mesa), e de manhã o quarto revelava um cenário de desordem extraordinária. "Big Dick" apareceu-lhe em diferentes alturas mais tarde, sempre com grande violência, ao ponto de a assustar, e por isso ficou aliviada quando finalmente se despediu dela de vez.

PARTE III
MANIFESTAÇÕES MENTAIS E FÍSICAS NOTÁVEIS

"Muito bem, sentinela na torre solitária,
Será que o dia nasce? Soa a hora feliz?
Ansiamos por vê-la: — diz-nos, ainda uma vez,
Se a ampla luz já irrompe sobre o campo!"
"Surge, vem — as sombras névoas fogem;
Um fulgor rosado brilha no céu;
Os cumes das montanhas refletem-no calmos e límpidos;
O vale ainda está na sombra, mas o dia está perto."
— Charles Mackay

I

A fase da escrita mediúnica de Mrs. Conant tornou-se agora muito evidente. Frequentemente, transcrevia simultaneamente pensamentos ou desejos de dois espíritos — um usando a mão direita, o outro a esquerda. Às vezes, enquanto Dr. Fisher, seu médico espiritual, escrevia prescrições com uma mão, a outra respondia às perguntas de um visitante; mostrando que a mente da médium não tinha qualquer ligação com estas manifestações duplas de inteligência.

Outro fenómeno mediúnico logo se manifestou: o poder de discernir coisas ocultas e dar informações sobre objetos perdidos. Por exemplo, um hóspede da casa dirigiu-se um dia à senhoria e disse:

— Mrs. Cates, desapareceu dinheiro do meu quarto; já é a terceira vez. Quero saber se os espíritos podem dizer algo sobre isso.

Por conselho da senhoria, foi ao quarto de Mrs. Conant, no último andar, e pediu uma sessão. De imediato, pelo espírito que controlava a sua mão, foi-lhe dito que as quantias perdidas podiam ser recuperadas.

— Chame a senhoria — ordenou o espírito por escrito.

Mrs. Cates foi chamada; "Sigam a médium", foi a instrução. O grupo de três partiu em busca do dinheiro.

— Para onde vou? — perguntou Mrs. C.

— Dizemos-te já — responderam os guias, nos quais ela confiava plenamente.

Dirigiram-se ao quarto do hóspede, ela aproximou-se da cama num canto, rodou-a, levantou cerca de dois metros de alcatifa debaixo dela e mostrou, para espanto dos presentes, três maços de notas ali escondidos, dizendo ao senhor:

— Aqui está o seu dinheiro.

— Quem o pôs aqui? — perguntou ele.

Os espíritos responderam que lhe diriam, se ele prometesse dar bons conselhos ao ladrão e não agir com severidade, mas como Jesus agiria em igual situação. Ele prometeu, sendo então informado que o furto fora cometido pela criada da casa. Os espíritos aconselharam Mrs. Cates a não a despedir, para não a lançar no mundo sob suspeita, mas sim a levá-la ao seu quarto e falar-lhe de forma a dissuadi-la de tal caminho.

A senhoria assim fez, sendo recompensada pela confissão arrependida da rapariga, que admitiu ter roubado o dinheiro, escondendo-o onde achava que ninguém procuraria, tencionando recuperá-lo depois de passada a confusão; prometeu abandonar tal prática e, desde então, foi exemplar — beneficiando assim, tal como o senhor, dos dons mediúnicos de Mrs. Conant e do conselho dos

espíritos, sendo desviada do trilho sinuoso da duplicidade para o reto, ainda que difícil, caminho da honestidade.

Noutra ocasião, perdeu-se algo na casa e pediram a Mrs. Conant que o encontrasse. Os seus amigos invisíveis guiaram-na até ao quarto da pessoa que o levara, e imediatamente acusou-a do roubo; perante a recusa, dirigiu-se à cama, abriu-a e mostrou o objeto roubado escondido entre dois colchões, deixando o autor do furto visivelmente embaraçado, pois achava impossível que alguém lá o descobrisse. Mas, como diz o Apóstolo dos Gentios,

"Estamos rodeados de uma nuvem de testemunhas",

ainda que invisíveis aos olhos humanos, e chegou o tempo em que as vozes celestes comunicam aos médiuns terrenos, como outrora o Nazareno aos seus doze, "O que vos digo às escuras, proclamai-o à luz; e o que vos é sussurrado ao ouvido, anunciai-o dos telhados."

Uma tia de Mrs. Cates, Mrs. White, passou pela casa numa viagem desde o Maine, mas tinha tanto medo dos "espíritos" e receava tanto a familiaridade dos membros da casa com eles, que não ousava ver Mrs. Conant, passando apressada diante do seu quarto. A médium desejava persuadi-la a entrar, pois estava certa de que a senhora tinha ótima constituição para manifestações físicas, embora ela própria o ignorasse. Falou disso à senhoria, que disse:

— A tia Betsey é demasiado esperta para ti.

Mas, passados alguns dias, surgiu a oportunidade. A senhora subia as escadas, e, ao passar à porta, Mrs. Conant apareceu e insistiu para que entrasse. Não querendo ser indelicada, "tia Betsey" entrou, sempre de olhos inquietos, à espera de ver uma visão terrível ou algum espírito assustador; mas, vendo tudo calmo, ganhou confiança e sentou-se.

Mrs. Conant fechou a porta à chave e iniciou uma conversa sobre a vida da cidade comparada com a do campo, trazendo gradualmente o tema para o Espiritualismo. A convidada entrou no diálogo e, estando assim ambas recetivas à ação dos espíritos, "tia Betsey" — mulher forte e pesada — começou, para espanto das duas, a erguer-se até cerca de trinta centímetros do chão, onde ficou suspensa.

— Tia Betsey — exclamou Mrs. Conant —, o que está a fazer? Onde estão os seus pés?

— Ó filha, enfeitiçaste-me! — ofegou a senhora, assustada.

— Não — respondeu Mrs. C. —, foi obra dos espíritos.

A senhora, que pesava pelo menos noventa quilos, ficou suspensa assim cerca de um minuto, descendo depois suavemente ao chão.

— Tia Betsey — disse a médium —, se os espíritos conseguem isto, vamos ver o que mais podem fazer. Talvez escrevam para si.

Sentaram-se então à mesa, mãos pousadas, e Mrs. Conant deu-lhe lápis e papel. A mão da senhora foi imediatamente controlada e escreveu uma bela mensagem para Mrs. Conant, assinada: “De um dos teus guias espirituais, Prof. John Hubbard” (avô do seu marido). Tudo isto foi conseguido apesar do medo e da oposição de “tia Betsey” ao Espiritualismo.

III

A mãe de Mrs. Cates, residente habitual da casa, era uma entusiasta do novo evangelho da comunhão espiritual. Uma noite, durante uma visita a Mrs. Conant, um cesto de costura foi, por força invisível, arremessado ao chão, espalhando o conteúdo pela sala. Ganhando coragem pela familiaridade com as manifestações, a médium ordenou de imediato:

— Quem atirou esse cesto, que o apanhe e ponha de novo na mesa.
Imediatamente, os diversos objetos foram, um a um, recolhidos do chão e colocados no cesto, à vista das duas senhoras — a sala bem iluminada — e, concluída a tarefa, o cesto foi posto na mesa. Mrs. Conant perguntou então o nome do espírito, e, sendo-o escrito pela sua mão, a visitante exclamou:

— Ora, eu conhecia esse homem!

— Pois, calculo que sim — respondeu ele. — Ainda me deves meio dólar!

A senhora protestou que cuidara dele na última doença e lhe tinha feito muito, e que, se houvesse algum saldo, seria a seu favor, não dele. Ele então tornou-se mais violento, agitava mesas e cadeiras, assustando a visitante, e escreveu:

— Reza, velha — reza, mas Deus está a dormir, não te ouve!

O terror da senhora aumentou, e ela confessou a Mrs. Conant que estava mentalmente a rezar por proteção, quando recebeu aquela mensagem escrita. Desejando escapar da presença de tal espírito mal-intencionado, pensou em dirigir-se para a porta. Sobre a mesa estavam duas lâmpadas, e a vela que trouxera quando entrou também ali permanecia; a mesa continuava a balançar violentamente, mas ainda nada caíra ao chão.

Temendo que, na sua evidente fúria, o espírito pudesse provocar algum desastre, a idosa, sentada junto à mesa, agarrou as lâmpadas nas mãos; nesse instante, o seu perseguidor invisível materializou uma mão espiritual e, com a rapidez do pensamento, atirou-lhe a vela para o colo, escrevendo ao mesmo tempo, através da mediunidade de Mrs. Conant:

— Toma, velha, leva a vela também, se ainda não tens luz suficiente!

A mão foi claramente vista por ambas as presentes. Passado

algum tempo, a excitação do espírito acalmou-se e ele partiu.

Durante a estadia em casa de Mrs. Cates, Mrs. Conant sofreu frequentemente de problemas de saúde, mas era cuidadosamente vigiada pelos seus amigos invisíveis, e todos os seus pedidos eram satisfeitos. Por várias vezes, quando assim o desejava, um copo de limonada, colocado sobre uma mesa no quarto, era-lhe levado, suspenso no ar até aos seus lábios, e depois reposto no mesmo lugar. Nem sempre via quem lho trazia, mas percebia o copo a aproximar-se pelo ar. As janelas eram abertas ou fechadas pelos invisíveis ao seu pedido.

Com a ajuda deles, conseguia passar a mão pela chama do gás sem sentir dor ou se queimar; o mesmo sucedia com papel, que não apresentava sequer cheiro a queimado após o contacto com o fogo.

Em relação a estas primeiras manifestações, e também às que se relatam posteriormente, o leitor — cético ou não — deve lembrar-se de que não se baseiam em relatos de terceiros, mas são transcritas sob ditado da própria Mrs. Conant, e todas podem ser testemunhadas pelas mais credíveis pessoas vivas — muitas das quais, incluindo Mrs. Cates, ainda residem em Boston e arredores.

IV

Mrs. M. A. Pope, que anteriormente vivia em Watertown, Mass., mudando-se para Tileston Street, Boston,

desejava muito que Mr. e Mrs. Conant fossem viver para a sua casa, o que acabaram por fazer, instalando-se lá em Outubro de 1855. Durante algum tempo, nada de especial ocorreu para quebrar a normalidade da vida de Mrs. Conant, mas numa tarde de Dezembro desse mesmo ano, enquanto dava uma sessão a um senhor, Dr. Fisher tomou o controlo e disse que lamentava encerrar a sessão tão repentinamente, mas a sua médium era necessária para outro fim.

O cavalheiro saiu imediatamente, e Mrs. Conant ficou inquieta, sem saber o que se ia passar. Enquanto estava sentada no quarto, ouviu a campainha tocar com força e, embora não fosse habitual atender, um impulso irresistível levou-a à porta, onde encontrou um grupo de homens a transportar o Col. Pope nos braços. Manteve-se consciente o tempo suficiente para perceber que este sofrera um acidente, fraturando uma perna, após o que Dr. Fisher tomou o controlo do seu organismo durante duas horas.

Examinou habilmente o ferimento, considerando-o grave, mas achando que conseguiria recuperar o paciente se a família estivesse disposta a confiar-lhe o caso. O Coronel e os seus concordaram, e o médico espiritual prosseguiu o tratamento do membro partido, até que tudo ficou resolvido quanto a ligaduras e prevenção de inflamações.

O irmão do Sr. Pope, presente na altura, ridicularizou a ideia de um "médico espírito" poder ajudar e disse que ia chamar um médico convencional. Apesar de Mr. e Mrs. Pope afirmarem que ninguém deveria interferir agora que a

perna estava tratada, Dr. Fisher disse que podiam chamar um médico para todos verem a sua competência.

Assim, o médico da família apareceu, mas, ao ver o trabalho do "cirurgião espírito", declarou que estava perfeito e que nada mais havia a fazer. "Em apenas três semanas, de forma surpreendente, Mr. Pope já conseguia sair de casa e pouco depois recuperou-se por completo — não tendo desde então problemas com essa perna, que ficou em tudo igual ao que era antes do acidente."

O caso despertou grande interesse, tendo sido relatado no "Boston Daily Mail", e pessoas de todo o Estado vinham questionar sobre o sucedido. Pouco depois, quando Col. Pope seguia num autocarro em Washington Street, a conversa entre passageiros derivou para o Espiritualismo e a recente operação realizada por uma "médium". Um dos presentes disse, duvidoso: "Gostava de ver esse homem cuja perna foi tratada por uma médium espírita." Col. Pope respondeu de imediato: "Sou eu esse homem e posso atestar a total veracidade do relato."

Col. Pope ainda hoje está vivo — vive em Boston — e confirma de boa vontade a verdade do caso.

Após este episódio, muitos casos difíceis foram apresentados ao médico espírito, ocupando inteiramente o tempo da sua médium, e muitas curas extraordinárias ocorreram durante a residência de Mrs. Conant naquela casa. Sempre que Dr. Fisher previa, numa manhã, que lhe seria apresentado um caso grave, tomava controlo da sua médium e, por ela, instruía Mrs. Pope a ser extremamente

cuidadosa com a alimentação de Mrs. C., não lhe dando nada além de uma "papa" simples — uma imposição pouco agradável para a médium, mas que parecia indispensável para o êxito das operações espirituais através do seu organismo. Estas instruções eram rigorosamente cumpridas por Mrs. Pope, cuja confiança no Dr. F. era absoluta.

V

Os seus guias invisíveis deram agora a Mrs. Conant instruções para cessar qualquer trabalho manual, proibindo até que costurasse para si própria; mas, sendo de natureza ativa, ela achava impossível ficar sentada sem nada que ocupasse o pensamento. Entre os seus espíritos acompanhantes, havia um velho chefe índio, Wapanaw, que se opunha firmemente a tais esforços, alegando que, ao gastar forças físicas, ela dissipava a energia vital de que os espíritos necessitavam para as suas operações.

Numa ocasião, pouco depois do acidente atrás referido, enquanto cosia um vestido de seda preta que desejava terminar, este amigo índio manteve-se especialmente próximo e foi grande a sua irritação pelas dificuldades que ele lhe punha para a dissuadir de acabar a tarefa — pois queria que ela empregasse outra pessoa.

Na altura, Col. Pope e a esposa estavam no quarto. De repente, um novelo de seda que Mrs. Conant usava desapareceu e não foi possível encontrá-lo, por mais que ela procurasse. Acabou por desistir e preparou outro, dizendo: "Este vou segurá-lo bem!"

Mal disse isto, Mr. Pope, sentado num sofá do outro lado do quarto, gritou:

"Olhe por cima da sua cabeça!" Olhou, e ali estava, suspenso por poder invisível, o novelo perdido, que caiu a seus pés. O índio explicou que tinha retirado o fio e o mantivera suspenso no ar, tornando-o invisível por um processo só do seu conhecimento; mas, vendo-a decidida a continuar o trabalho, achou por bem devolvê-lo.

Este amigo aborígene demonstrou em muitas ocasiões o seu interesse pela saúde da médium, tentando tratar-lhe os males com os poderes subtis da química espiritual. Mrs. Conant era muito avessa a tomar medicamentos, mas, devido à sua fraqueza, via-se obrigada a vencer essa aversão. Certa noite, ao pensar no assunto, foi entrançada por Wapanaw, que exigiu que Mrs. Pope lhe trouxesse um copo de água.

Posto isto, referiu a repulsa da médium à medicação e disse que resolveria o problema; a mão da médium, em transe, foi então colocada sobre o copo. Passados instantes, declarou que a água estava suficientemente medicada. Ao recuperar do transe, Mrs. Conant queixou-se do remédio desagradável que teria de tomar, mas Mrs. Pope disse-lhe que bastava beber a água do copo. Ela assim fez, sem grande fé, mas os resultados foram idênticos ao medicamento prescrito.

VI

Samuel Upham, médium de transe então doente e já falecido, procurou-a uma noite, em Fevereiro de 1856, para um exame do Dr. Fisher ao seu caso. Mal se sentaram, o médium foi tomado pelo espírito de um chefe índio chamado "White Cloud". Mrs. Conant, de forma totalmente inesperada, foi imediatamente controlada por um espírito índio cujo amor por "White Cloud" não era dos mais ternos do "campo dos caçadores felizes", e travou-se uma feroz luta, cada espírito tentando destruir o outro; o combate, no entanto, foi curto, pois o médium de "White Cloud", enfraquecido pela doença, não era rival para o seu opositor vigoroso.

Quando Mr. e Mrs. Pope entraram, alertados pela confusão, encontraram os candeeiros partidos, a mesa virada, e Mrs. Conant, em transe, a agredir Upham com uma cadeira. Provavelmente teria havido tragédia — "White Cloud" continuava a controlar o seu médium, com teimosia de índio, e não cedia — não fosse a intervenção do casal Pope, que, após grandes dificuldades, conseguiu separar os combatentes. Tentaram depois convencer os chefes beligerantes de que estavam mortos — que, se matassem alguém agora, seria um médium que morreria, e não o seu inimigo espiritual.

O curioso combate cessou, deixando o visitante algo maltratado, enquanto Mrs. Conant nada sofreu. Este episódio — bastante invulgar, reconheça-se — foi apenas

um exemplo das características do contacto com espíritos pouco desenvolvidos naqueles primeiros tempos.

VII

No fim de uma das sessões em casa de Mrs. Pope, um senhor pagou a Mrs. Conant com moedas antigas espanholas, já fora de circulação na Nova Inglaterra. As moedas eram de data tão antiga que despertaram a curiosidade da médium, que as colocou na lareira para as guardar como recordação; mas, ao virar-se para pôr carvão no braseiro, desapareceram. Olhou incrédula para o lugar onde as deixara, mas era certo — tinham sumido.

Durante vários dias não soube do seu paradeiro, até que vieram a ser devolvidas nas seguintes circunstâncias invulgares.

Um dos filhos de Mrs. Oliver Stearns, residente na Cambridge Street, no West End de Boston, veio ter com ela e disse:

— A mãe quer saber se perdeu alguma coisa?

— Sim — respondeu Mrs. C. —, perdi umas moedas de prata, de forma misteriosa — e descreveu-as o melhor que pôde.

O rapaz tirou-as do bolso e contou como as encontrou. Um espírito que costumava manifestar-se através de um dos filhos dos Stearns, e que se dizia "Coronel Fiske", trouxera as moedas para casa dos Stearns, exibindo os seus poderes,

e ao deixá-las comentou que as tinha "roubado" de Mrs. Conant "quando ela se virou", transportando-as pelo ar através da cidade (a residência da Mrs. C. era no North End) para beneficiar o seu jovem médium. A mãe decidiu esperar uns dias, para ver se ele as levava de novo ou se Mrs. C. as iria reclamar; como nada sucedeu, devolveu-as à legítima dona pela mão do filho. O mesmo espírito disse depois a Mrs. Conant que tinha feito a experiência só para ver "como ela reagiria".

Numa noite, enquanto Mrs. Conant se preparava para sair com o marido e se dirigiu por um momento a uma divisão adjacente, ficou algo aborrecida, ao regressar, por notar que os vários objetos indispensáveis à toilette feminina (escovas, pentes, ganchos, etc.), que momentos antes estavam convenientemente arrumados sobre a cómoda, tinham desaparecido. Não conseguiu encontrá-los e teve de recorrer à ajuda de Mrs. Pope para resolver o imprevisto.

Acabou por sair, conforme planeado, e, ao regressar e preparar-se para se deitar, encontrou todos os artigos desaparecidos cuidadosamente embrulhados e escondidos no meio da cama. Tinham sido ali colocados tão silenciosamente que não se notava qualquer ruga ou sinal de distúrbio nas roupas da cama — algo que seria muito difícil de fazer para uma pessoa, dado o curto tempo de ausência da médium do quarto e sendo improvável que alguém tivesse conseguido entrar durante a sua saída, pois a porta ficara trancada e a chave estivera todo o tempo na sua posse.

VIII

O tempo, no seu decurso, traz-nos grandes e inesperadas mudanças, resultando na total reconfiguração dos planos de vida, ou desviando o rumo da existência para canais novos e inimagináveis. O grande mundo dos espíritos considerava seriamente a questão de fundar um órgão impresso para anunciar as suas ideias na Terra, que seria dirigido inteiramente por eles; e os indivíduos que iriam tornar-se pioneiros e, posteriormente, concretizar os desejos dos invisíveis, estavam a ser gradualmente, ainda que insensivelmente, atraídos uns para os outros, como átomos à superfície da água, para logo se agregarem de modo inesperado.

Luther Colby, que há anos trabalhava como impressor no Boston Post — um jornal matutino, então e ainda hoje um dos principais da cidade — concluíra que o trabalho noturno lhe prejudicava seriamente a saúde e preparava-se para se afastar, sem, porém, ter ainda planos definidos para o futuro. Tornou-se um investigador da nova filosofia e, em Novembro de 1855, conheceu Mrs. Conant num círculo em casa dos Stearns (já referidos), na Cambridge Street.

De imediato ficou interessado nela como médium notável para manifestações de poder espiritual e recomendou-a a William Berry, seu futuro sócio. Poucos dias depois, Mr. Berry procurou-a, pedindo-lhe que fosse a North Cambridge, Mass., examinar uma jovem doente. Mrs. Conant fez a viagem e os familiares, tão satisfeitos com os pareceres de Dr. Fisher, desejaram vivamente que ele tratasse o caso. Este acedeu, mas avisou que era impossível

a jovem recuperar totalmente; provavelmente viveria muito tempo, mas nunca voltaria a ter saúde plena. A senhora, confirmando a previsão, permanece até hoje uma inválida incurável.

IX

Mr. Berry costumava realizar sessões todas as quartas-feiras em sua casa, em North Cambridge, tendo como médium o cunhado, James Ross. Porém, por motivos profissionais, este teve de se ausentar para Cuba durante algum tempo, obrigando Mr. Berry a procurar alguém para o substituir. Instintivamente, escolheu Mrs. Conant, cuja mediunidade, sob controlo, suscitava grande interesse, e, algum tempo depois da primeira visita, apresentou-se nos aposentos da Mrs. Conant, acompanhado de Mr. Colby, para a convidar a ser a médium regular dos seus círculos de investigação; ao que ela acedeu.

Entre vinte e trinta pessoas costumavam assistir a essas sessões, convidados para ajudar Mr. Berry a desvendar até alguma conclusão o mistério que invadira a sociedade. Manifestações espirituais das mais notáveis, tanto físicas como mentais, ocorreram nestas reuniões semanais, das quais apenas se podem relatar alguns exemplos.

Numa dessas sessões, o grupo quis saber se os espíritos lhes poderiam dar manifestações no escuro — pois as reuniões eram normalmente à luz. Obteve resposta afirmativa. O luar brilhava intensamente na sala através de duas janelas compridas e, mesmo depois de apagado o gás, o aposento mantinha-se claro; alguns sugeriram pendurar

mantas para escurecer, mas os espíritos disseram que eles próprios tratariam da escuridão. Logo o quarto começou a escurecer, primeiro gradualmente, como se uma nuvem tapasse a lua, até se tornar numa obscuridade quase palpável.

Apareceram então grandes luzes elétricas na sala e ouviram-se sons semelhantes a disparos de armas de fogo, surpreendendo todos. Um espírito presente, que morrera na batalha de Monterrey, no México, anunciou então a intenção de representar esse conflito, surgindo o som de canhões distantes, cada vez mais próximos, mosquetaria e todo o clamor horrendo do massacre nacionalista pelo qual, numa era supostamente cristã, os homens continuam a matar os irmãos.

O fenómeno durou quinze a vinte minutos, e Mrs. Conant permaneceu todo o tempo consciente, descrevendo, como todos os presentes, que a impressão foi a de uma realidade terrível, e não mero entretenimento. Logo após terminar a "batalha", a Mrs. Conant entrou em transe e, ao recobrar os sentidos, estava sentada no topo da mesa — a cadeira onde se sentava e ela própria tinham sido ali colocadas por mãos invisíveis, antes de voltar a luz — e, numa rápida transição do sublime ao grotesco tão típica das manifestações físicas, fumava um cachimbo que a influência que a acabara de controlar exigira da companhia, que ria divertida.

Outro exemplo de poder surpreendente nestes círculos era a previsão de acontecimentos — tanto na vida dos presentes, como na história nacional. A guerra civil foi

anunciada com precisão, tanto na sua eclosão como na duração e no modo de terminar. Estas sessões realizaram-se em casa de Mr. Berry durante vários meses, por intermédio de Mrs. Conant, sendo depois transferidas para as sessões do Banner of Light no National House, em Boston.

PARTE IV
É CONTRATADA PELO "BANNER OF LIGHT" COMO MÉDIUM DE NEGÓCIOS E DE CÍRCULO

"Só vemos metade das causas dos nossos atos;
Procuramo-las todas no mundo exterior,
Inconscientes do mundo espiritual que,
Embora invisível, se faz sentir e semeia em nós
Os primórdios dos mais puros e universais propósitos."
— James Russell Lowell

I

E eis que se cumpre notavelmente uma das suas profecias, que à data parecia pouco exequível. Como já referido, Mr. Berry, após consultar Mrs. Conant sobre a jovem doente em North Cambridge, visitou-a de novo com Mr. Colby, para saber se o controlo médico permitiria que ela aceitasse o cargo de médium regular nas sessões de quarta-feira; naquela ocasião (inverno de 1855), Dr. Fisher disse a Mr. Berry que este em breve mudaria de ocupação; que começaria a publicar um jornal dedicado à comunhão espiritual — deu-lhe o nome de Banner of Light — indicou-lhe os sócios, quando lançaria o prospeto, etc.; e tudo isto se confirmou com o tempo.

Mr. Berry saiu da presença do Doutor profundamente impressionado com o que lhe fora transmitido. Algumas ideias vagas, que lhe haviam ocupado a mente, começaram aqui a tomar forma, evoluindo rapidamente até à decisão de realizar o projeto tão claramente traçado para si.

O primeiro número do Banner of Light data de 11 de Abril de 1857, publicado por uma firma denominada "Luther Colby & Co.", no n.º 17 da Washington Street, Boston.

À semelhança de todo o novo empreendimento no campo da literatura periódica — sobretudo quando trata de ideias avançadas — os editores do Banner of Light depararam-se com grandes dificuldades financeiras, chegando a sentir-se bastante desencorajados pela falta de meios para levar adiante o projeto; mas sempre que assim era, recorriam imediatamente à orientação dos espíritos através de Mrs. Conant, que nunca deixava de ser a mais prática e era seguida com rigor; desta forma, foram guiados em segurança pelos maiores perigos.

A história do Banner of Light, como exemplo audaz, honesto e desinteressado da verdade do retorno e comunhão dos espíritos, está diante do mundo e fala por si mesma: o propósito deste volume é traçar a linha de vida de Mrs. Conant, à medida que ela, pelas circunstâncias, se cruza com a história do jornal.

Enquanto Mr. Berry, como gerente, se mantinha dócil e obediente, como Paulo outrora à "visão celestial", tudo corria bem; mas surgiram questões de política editorial em que ele discordou dos conselheiros espirituais de Mrs.

Conant e a rutura alargou-se rapidamente, até quase desafiar abertamente os espíritos, declarando que passaria a publicar o jornal a seu modo.

Na tentativa de influenciar o seu espírito eminentemente materialista, o seu próprio grupo de espíritos guardiães enviou-lhe uma inteligência destemida e intransigente, que se identificou como William Jeffreys, também conhecido como Capitão (Pirata) Gibbs, para o convencer numa linguagem mais natural a ambos — pois Mr. Berry, como o marinheiro, tinha um temperamento audaz e irredutível. Mas nem os argumentos nem as ameaças do Capitão Gibbs conseguiram influenciar-lhe o espírito resoluto, e por fim declarou-lhe que, nessas circunstâncias, nada mais havia a fazer, mas que em menos de dois anos se encontrariam no "lado espiritual" da vida.

Com o tempo, rebentou a guerra civil, e Mr. Berry, após algumas movimentações, embarcou no seu fluxo sangrento, tornando-se Primeiro-Tenente nos Salem Sharpshooters e caindo heroicamente à frente da sua companhia na batalha de Antietam, Maryland, a 17 de Setembro de 1862.

II

Como esta poderosa inteligência invisível, o Capitão Gibbs, foi de grande auxílio e assistência a Mrs. Conant, alguns exemplos da sua previsão e habilidade não serão aqui deslocados, embora os casos referidos tenham ocorrido mais tarde na experiência da médium. À sua chegada, Gibbs manifestou-se com violência e foi

decididamente perigoso nas suas intenções, tendo, por uma ou duas vezes, aparentemente tentado a vida da médium.

Queria ter controlo absoluto sobre ela, e caía em raiva incontrolável quando tanto ela como os seus espíritos guardiães lho recusavam. Com o tempo, contudo, foi acalmando e propôs a Mrs. Conant que, se ela aceitasse fazer uma viagem a Nova Iorque em seu nome — para tratar de um assunto pelo qual se interessava profundamente — ele garantiria a sua segurança na ida e no regresso, e doravante seria seu constante protetor, concedendo qualquer pedido razoável que ela lhe fizesse. Consultou amigos, que aconselharam aceitar a proposta, e partiu para Nova Iorque acompanhada por Mr. Berry, em Fevereiro de 1860.

Ao instalar-se num hotel (Brandreth House), perguntou ao invisível companheiro de viagem o que deveria fazer a seguir:

— Traz o material de escrita e mostrar-te-ei o que quero — respondeu ele.
Preparou o papel e ele controlou-lhe a mão, ditando uma carta a um senhor totalmente desconhecido, cujo nome e endereço — algures na Broadway — ela esqueceu logo após enviar a missiva, na qual pedia que comparecesse a determinada hora num quarto do hotel. A carta foi entregue a esse senhor por um empregado, e, duas horas depois, o destinatário apareceu, intrigado, sem saber a quem esperava encontrar nem o sexo da pessoa que o convocara.

O número do quarto não ajudava, pois, ao consultar o registo, verificou que era ocupado por uma senhora, enquanto a letra da carta o levara a supor tratar-se de um homem. Decidiu, mesmo assim, apresentar-se à senhora e saber do que se tratava. Mrs. Conant ficou confusa, sem saber como responder, até que o Capitão Gibbs tomou controlo e explicou, em transe, a razão do contacto. O assunto, que para Gibbs era de máxima importância, permaneceu um mistério para a médium, embora o senhor mostrasse grande interesse e, ao retomar Mrs. Conant a consciência, disse estar plenamente satisfeito, tanto com a identidade do Capitão como com o que fora tratado. O espírito cumpriu inteiramente a sua promessa de amizade futura e Mrs. Conant nunca lamentou essa viagem inexplicada.

No dia do regresso a Boston, o céu estava limpo. Encontrando o Capitão a passear pelo salão do paquete, já ao cair da noite, perguntou-lhe se previa uma travessia tranquila; ao que ele respondeu que a noite prometia ser das mais agradáveis.

— Pois olhe, Capitão, antes da meia-noite teremos tempestade; antes das dez terá de fundear — replicou a médium.

— Estou há vinte e três anos nestas águas e raramente me enganei sobre o tempo; se me enganar agora, será extraordinário — disse o Capitão.

E assim se separaram — ela, prevendo tempestade, e o velho marinheiro esperando bom tempo. Pouco depois,

Mrs. Conant começou a sentir-se mal, recolheu ao camarote e caiu num sono agitado, do qual foi acordada por passos apressados no convés, apitos, sinetas, gritos, correntes e outros sinais de tumulto náutico. Levantou-se à pressa, mantendo-se de pé agarrada à porta — pois o barco balançava muito — e perguntou à empregada o que se passava.

— Oh! — respondeu a criada — é uma forte tempestade de neve e vento, e não é seguro continuar por causa dos outros barcos; por isso vamos fundear.

— Que horas são? — perguntou Mrs. Conant.

— Dez menos dez — respondeu a criada.

A médium, agora bem desperta, lembrou-se da profecia que fizera ao Capitão e viu que se cumprira. O medo dominou-a e, sentando-se como pôde, com papel e lápis, perguntou ao Capitão Gibbs o que sucederia. Ele escreveu imediatamente:

— Não te preocupes, trato de tudo e levo-te a casa em segurança.
Ao nascer do dia, havia três paquetes fundeados por perto, mas a neve tinha sido tão densa que nenhum dos pilotos conseguira ver os outros barcos; a fuga a uma colisão fora quase miraculosa. O Capitão procurou a sua passageira notavelmente "meteorologista" e quis saber como ela previra a tempestade.

— É segredo — respondeu ela, a brincar.

— Pagaria algo por esse segredo — retorquiu o homem do mar.

— Pois então, sou médium! O Capitão Gibbs, um velho marinheiro já morto, avisou-me do perigo ao embarcar e prometeu proteger-me.

— Na verdade — disse o Capitão — seria uma excelente passageira para uma longa viagem; melhor que um barómetro. Esta foi a pior tempestade que já vi nestas águas. A companhia devia dar-lhe viagens grátis. Eu dou-lhe livre-trânsito sempre que quiser visitar Nova Iorque.

Noutro episódio, em Maio de 1860, embarcando em New London rumo a Nova Iorque com Mr. Berry, Mrs. Conant reparou em vários baldes vazios na cabine e perguntou a razão de estarem ali. Mr. Berry explicou que serviriam para combater incêndios, caso ocorresse algum.

— Porque não estão cheios, então?

— Os oficiais não devem recear incêndio, e por isso não os enchem.

— Pois deviam enchê-los esta noite.

Mr. Berry ficou tão impressionado com o pressentimento de perigo, que avisou o Capitão. Este, longe de se ofender, mandou tomar as precauções necessárias, não só na cabine mas em todo o navio. Por volta da meia-noite, eclodiu um incêndio junto à casa das máquinas, que, não fossem os

preparativos, poderia ter sido fatal. Assim que o fogo foi detetado, rapidamente foi extinto.

O Capitão, antes de chegar a Nova Iorque, procurou Mr. Berry para saber como fora previsto o incêndio, e, ao ser informado que o alerta partira de uma senhora médium, expressou o desejo de conhecê-la e de aprender mais sobre Espiritualismo, caso os "invisíveis" conseguissem "fazer coisas assim". Mais uma vez, tudo resultou da intervenção do guardião Capitão Gibbs, que, prevendo o perigo, inspirara Mrs. Conant a proferir o aviso que permitiu evitar a tragédia.

III

Quem conhece a delicadeza das leis magnéticas, sabe o efeito subtil que pessoas de certo temperamento exercem sobre outras de natureza recetiva ou negativa. Pouco depois de conhecer Gibbs, Mrs. Conant começou a sofrer a influência de uma senhora, cuja presença parecia esgotar-lhe as forças vitais, trazendo aquela terrível sensação de "morte em vida" tão comum aos médiuns, para seu prejuízo. Onde quer que Mrs. Conant estivesse — em círculos, festas ou outros locais — essa "vampira magnética" aparecia também, até parecer que a própria morte física sucederia.

Nessa emergência, Mrs. C. apelou ao seu amigo invisível:

— Capitão Gibbs, ajuda-me! — pediu ela.

— Sim, deixa isso comigo — respondeu ele.

— Mas... o que vais fazer? — perguntou, recordando-se da sua anterior violência.

— Matá-la, se necessário — retorquiu Gibbs. Pouco depois, escreveu:

— Não voltarás a ser incomodada.

Como previsto, a senhora deixou de aparecer nos mesmos locais que Mrs. Conant e nunca mais a incomodou.

A relação de amizade entre Gibbs (ou Jeffreys) e Mrs. Conant manteve-se sem mácula até hoje. Ele auxiliou-a de múltiplas formas — nomeadamente, quando ela precisou de apoio financeiro, influenciando pessoas a pagar dívidas ou a adiantar o necessário; e também lhe transmitiu força em tempos de doença e prostração.

Na primavera de 1856, ela e o marido mudaram-se de casa de Mrs. Pope para a residência de Mr. Berry, em North Cambridge. Dr. Fisher recomendara a mudança, mas Mrs. Conant hesitou, dizendo não saber para onde ir; que Mr. Berry lhe oferecera estadia, mas ainda não se sentia pronta a sair da casa onde estava. Exigiu então ao seu conselheiro espiritual uma prova conclusiva de que era mesmo ele, e não outro, quem a aconselhava. Em resposta, ele instruiu-a a visitar Mrs. Hayden, médium em Hayward Place, Boston, e ouvir o que ela teria a dizer. Mrs. Conant assim fez e, ao entrar, ouviram-se fortes pancadas à sua volta. Mrs. Hayden observou:

— Trouxe consigo um espírito poderoso.

Sentaram-se à mesa e os ruídos continuaram. Mrs. Hayden, sem saber o propósito da visita, pegou num lápis e de imediato escreveu "John Dix Fisher", após o que o espírito — de facto, o Doutor — reproduziu a mesma mensagem que já antes escrevera pela mão de Mrs. Conant em sua casa.
A médium, convencida, disse calmamente:

— Muito bem — vou mudar-me.

A ida para os subúrbios tornou necessário arranjar um local central em Boston onde pudesse atender, durante o dia, à crescente procura dos seus serviços de médium, mas tal espaço não surgiu logo. Procurou durante algum tempo e já se sentia desanimada, embora Dr. Fisher lhe tivesse dito que teria um escritório na Washington Street.

Finalmente, quase sem esperança, procurou uma senhora que arrendava quartos num edifício da antiga propriedade Andrews, na Washington Street, esquina com a Central Court (um edifício já desaparecido, demolido pelo progresso urbano); a senhora disse-lhe que não havia salas vagas adequadas, mas que o senhorio, Mr. Drury, possuía um pequeno escritório mesmo ali ao lado, no primeiro andar, de que raramente fazia uso, e talvez pudesse cedê-lo.

No dia seguinte, Mrs. Conant procurou Mr. Drury, que disse não haver espaço adequado no prédio, mas, relembrada

por ela do dito escritório, admitiu que duvidava que ela gostasse do local.

Conduzida ao aposento, Mrs. Conant declarou que o aceitaria, caso ele acedesse a ceder-lho. Após um dia de reflexão, o senhorio deu o seu consentimento, a sala foi renovada e mobilada, e ela ali começou as suas sessões, mantendo-se como inquilina por mais de um ano — tendo ocorrido naquele espaço muitas das mais notáveis manifestações do poder dos espíritos na sua presença.

O senhorio avisou-a de que, com a chegada do tempo quente, o pequeno escritório se tornaria desconfortável:

— Não vejo como se vai arranjar aqui — foi o seu animador comentário.

— Hei de pedir aos espíritos que mantenham o espaço fresco — respondeu Mrs. Conant.

Assim fez, solicitando auxílio ao Dr. Fisher nesse sentido, e ele prometeu-lhe que não teria problemas com o calor. A promessa foi escrupulosamente cumprida, e o próprio senhorio reconheceu isso plenamente quando, entrando no escritório num dia abafado e escaldante de julho, exclamou surpreendido:

— Que frescura que está aqui — é o lugar mais confortável por onde passei hoje. Como se explica?

— Sente-se à mesa e vamos ver — respondeu Mrs. Conant.

Perguntou então ao Dr. Fisher se ele teria interferido no clima do escritório, ao que o espírito respondeu afirmativamente, acrescentando uma mensagem longa, explicando o modo como, através da introdução de certas forças elétricas e da expulsão de forças magnéticas, a temperatura se mantinha agradavelmente baixa, independentemente do calor exterior. Acrescentou ainda que os espíritos podiam, à vontade, aumentar ou diminuir a temperatura da sala.

Entre os seus clientes nesse escritório estava o Sr. Charles Bruce, de Cambridgeport, que, em sessões privadas, costumava trazer fruta de vários tipos para os invisíveis. Quando lhes oferecia um fruto e perguntava se o queriam, o pedido era imediatamente satisfeito, estando ambas as mãos de Mrs. Conant sobre a mesa e totalmente visíveis para o visitante — tudo à luz do dia. Por vezes, se lhes era entregue uma faca debaixo da mesa, os espíritos descascavam a fruta — sendo perfeitamente audível o som da operação, e as cascas caíam no tapete. Outras vezes, os restos de uma maçã, de que fora consumida a polpa (ouvindo-se sons de mastigar, sem haver ali mais ninguém além deles), eram lançados ao chão, ostentando marcas de dentes invisíveis. Isto sucedia repetidamente na presença de Mrs. Conant e do Sr. Bruce, durante as suas sessões.

Um caso notável do que se chama "o duplo" deu-se numa dessas sessões privadas. Um senhor, cliente habitual, visitou-a e, mal se sentaram à mesa, um nome foi escrito pela mão de Mrs. C. O visitante recuou, surpreso, exclamando:

— Não pode ser! Deve haver engano!

Mas o espírito apenas tornou a escrever o nome.

— Quando é que morreste? — perguntou o senhor.

— Ontem, em Middlebury, Vermont. Era funcionário do banco de Middlebury.

O visitante, espantado mas desconfiado, continuou a interrogar o espírito com questões de ordem pessoal, convicto de que a médium não poderia saber tais factos. Todas as perguntas foram respondidas corretamente. Sem explicação para o sucedido, informou Mrs. C. que deixara Middlebury nessa manhã, altura em que a pessoa que agora se declarava falecida estava de perfeita saúde. Como a médium não lhe pôde esclarecer, foi ao telégrafo perguntar ao amigo do Vermont, que lhe respondeu prontamente estar vivo e de saúde. Ao regressar ao escritório, declarou estar ainda mais confuso do que antes, pois as perguntas e respostas correspondiam a assuntos de que nenhum terceiro poderia ter conhecimento.

No inverno de 1855-56, devido ao quase equilíbrio existente entre os dois grandes partidos políticos na Câmara dos Representantes dos EUA, durante quase oito semanas não foi possível eleger um presidente para a assembleia. Todos os dias se reunia a câmara, votava-se, mas apenas se podia comunicar ao país: "sem resultado". A tensão atingiu tal ponto que grupos de políticos interessados começaram a procurar Mrs. Conant, na casa de

Mr. Pope, para consultarem "os espíritos" acerca das hipóteses dos seus candidatos preferidos.

Por fim, apareceu num jornal um desafio: ofereciam quinhentos dólares a qualquer médium que conseguisse prever quem seria eleito presidente da Câmara. Mrs. Conant aceitou o desafio, e, segundo as regras, três senhores apresentaram-se no escritório para uma sessão. Entrando em transe, o espírito que a controlava (identificando-se como Henry Clay) garantiu-lhes que Nathaniel P. Banks, deputado do Massachusetts, seria o eleito. Ora todos os presentes eram opositores políticos de Banks, e negaram com veemência tal possibilidade. Mas o espírito recusou rever a sua posição, apesar das visitas diárias dos senhores, que persistiam em saber se o invisível não mudaria de opinião.

A resposta era sempre: "Banks será o próximo presidente." Finalmente, no dia em que a notícia da eleição chegou a Boston, os três voltaram, aguardando duas horas em busca de um sinal dos espíritos, sem resultado. A médium começou a ficar ansiosa e pediu-lhes que esperassem mais um pouco. Por fim, o espírito controlou, declarando com certeza que Banks fora eleito presidente da Câmara. Os senhores, mais uma vez, protestaram, e um deles voluntariou-se para ir ao jornal "Transcript" ver se havia novidades.

Voltou dizendo que não havia qualquer notícia — o que, mais tarde se confirmou, era mentira, pois a informação já circulava. O espírito manteve-se inabalável. Após mais uma hora de espera, nada mais acontecendo, os

três despediram-se. Mrs. Conant preparou-se para ir para casa, e, ao sair para a rua, a primeira coisa que ouviu foi o pregão de um ardina:

— Jornal, Traveller, Transcript! N. P. Banks eleito presidente!

Nunca mais se ouviu falar dos senhores políticos, nem dos quinhentos dólares.

IV

No inverno de 1856, deixou a residência de Mr. Berry em North Cambridge, e foi, com o marido, viver no National House, Haymarket Square, Boston, então dirigido por Mical Tubbs. Foi ali que se sucederam manifestações que maravilharam céticos e crentes, e que as curas realizadas por Dr. Fisher atingiram notável fama. Entre os pacientes estava o próprio Sr. Tubbs, o senhorio. As substâncias prescritas sob orientação do Dr. Fisher eram tão potentes que ele avisou Mrs. Tubbs de que uma única gota a mais poderia "mandar o marido para o outro lado da vida em menos de meia hora". Os amigos céticos ficaram alarmados e disseram a Mrs. Tubbs:

— Não vai dar esse remédio ao seu marido, pois não?

— Claro que sim — respondeu ela — seguirei à risca as instruções do Dr. Fisher.

Mrs. Conant estava presente quando foi administrada a primeira dose; o paciente, pouco depois, queixou-se de não ver e de que o sentido de audição se perdia; permaneceu

assim alguns minutos até perder a consciência. Seguiu-se grande ansiedade, mas o resultado mostrou que era exatamente esse o estado desejado por Dr. F., pois, quando recuperou os sentidos, o doente iniciou uma recuperação bem-sucedida.

Depois foi Mrs. Tubbs que adoeceu, com febre reumática tão severa que, no auge da doença, quase não havia esperança. Dr. Fisher assistiu-a durante todo o sofrimento, e, apesar de vários médicos, "em corpo", que a visitaram declararem que "se o médico morto a trouxesse de volta à vida, era preciso ser muito esperto", ele acabou por ser o instrumento da Força Superior, restituindo-lhe a saúde e utilidade.

Outro caso marcante das capacidades curativas de Dr. Fisher, demonstradas através de Mrs. Conant (e que se deu algum tempo depois), foi o de um membro da Assembleia Legislativa de Massachusetts (então em sessão), levado por Mr. Tubbs para tratamento. O paciente tinha tendências paralíticas — a cabeça tremia e movia-se de um lado para o outro. Dr. Fisher receitou-lhe, depois de minucioso diagnóstico, e foi especialmente rigoroso nas instruções sobre os remédios.

Ordenou à médium que copiasse a receita para o farmacêutico a partir da própria letra do espírito — pouco clara —, para evitar equívocos; e pediu-lhe que lesse as prescrições em voz alta na presença do doente e do próprio espírito médico — o qual confirmou, por escrito, que os ingredientes e proporções estavam corretamente anotados. Uma parte era de uso externo, a outra, interno.

O tratamento progredia favoravelmente até ao terceiro dia, quando, por engano, o senhor levou consigo para a Assembleia o frasco destinado a uso externo (explicado pelo Dr. Fisher como contendo veneno ativo), e só se apercebeu quando já tinha ingerido quantidade suficiente para o lançar em espasmos violentos. Parecia moribundo, mas conseguiu ainda dizer de onde viera o remédio. Amigos, cheios de indignação e temor, correram à procura de Mrs. Conant. Encontrando-a, Dr. Fisher tomou-lhe rapidamente o controlo, escreveu uma receita para neutralizar o veneno, e exclamou:

— Não fiquem aí a falar! Vão mandar preparar isto e deem-no ao doente o mais depressa possível; ele sobreviverá se lá chegarem a tempo.

À chegada com o remédio referido, encontraram o doente, ao que parecia, morto; os médicos que tinham sido chamados durante a sua ausência consideravam-no para além do alcance da medicina. No entanto, ao ser administrado o antídoto prescrito pelo Dr. F., o paciente começou a mostrar sinais de vida e foi transportado para o seu alojamento. Quando recuperou forças suficientes para o esforço, foi ter com a Sra. Conant ao hotel para lhe expressar o seu pesar por, devido ao seu próprio erro, lhe ter causado tanta ansiedade e incómodo.

Com ele vieram dois médicos que tinham presenciado o seu caso e que desejavam conhecer a pessoa que fizera a prescrição — declarando que tal preparação não deveria ser usada, que "quem a prescreveu carecia de conhecimentos

sobre a matéria médica", etc., etc. O médico espiritual, ao tomar o controlo, provou-lhes rapidamente que, no que toca a remédios curativos, estava no seu elemento, sendo o seu conhecimento, neste respeito, superior ao deles. Assim, o caso, que inicialmente ameaçava consequências graves, acabou por consolidar ainda mais a reputação do Dr. F. e do seu médium.

O Banner of Light, tornado conhecido perante o mundo material e mental graças ao esforço dos seus enérgicos editores e conduzido pela agência do espiritual através do organismo da Sra. Conant, inaugurou, durante o verão de 1857, na Sala 22 da National House, uma série de círculos preliminares àqueles que, anos depois, viriam a tornar-se uma característica tão marcante desse jornal.

Inicialmente, devido ao desconhecimento das leis da comunhão espiritual (em comum com a maioria dos crentes espiritualistas daquela época), o Sr. Berry concebeu a ideia de que as sessões deviam ser realizadas estritamente em privado, estando apenas ele e a Sra. C. à mesa, com, por vezes, um amigo comum (Willard Wheeler) introduzido a título experimental; mas, por sugestão do Sr. Colby, um certo número de visitantes — para servirem de "bateria", fornecendo suprimentos magnéticos ao médium — passou a ser regularmente admitido.

Estes pequenos círculos de três ou quatro pessoas prepararam o caminho, com o tempo, para o aumento do número de participantes, o qual se manteve até que a sala se tornou demasiado pequena, levando o Sr. B. a ser orientado pelos espíritos a preparar outra sala para melhor

acomodar as audiências. Assim, na primavera de 1858, equipou uma sala no então escritório do Banner of Light, situado no n.º 31 da Brattle Street, em Boston.

O Sr. Berry foi, durante muito tempo, o seu próprio repórter, anotando tudo quanto vinha dos invisíveis para referência ou publicação, conforme o caso. Antes da criação da Sala de Círculo no n.º 31 da Brattle Street, a Sra. Conant encontrava-se tão exaurida de força vital, devido às suas ministração, que a única forma de os invisíveis comunicarem através dela era mergulhando-a num sono profundo e escrevendo então mecanicamente através da sua mão — sendo o Sr. Berry a mover o papel conforme necessário.

Para dar, em poucas palavras, àqueles que desconhecem as condições necessárias para o controlo espiritual bem-sucedido, uma ideia do que se denomina "bateria" em círculos realizados para tal comunhão, é preciso, desde logo, assumir como postulado a declaração do Apóstolo Paulo de que "há um corpo natural e há um corpo espiritual", e que ambos coexistem em cada ser humano.

A experiência demonstra que um ou outro prevalece fortemente em certas classes de pessoas, enquanto noutros a transição de um para o outro é tão gradual que, como foi dito sobre a cor no pescoço da pomba, não se consegue discernir onde termina. Relativamente a estas classes, não é agora necessário abordar as gradações intermédias, mas sim mostrar ao investigador os extremos — aqueles em que

uma ordem de qualidades predomina largamente sobre a outra.

A experiência revela que o homem (ou mulher) em quem a natureza física predomina dedica-se mais a assuntos ligados ao plano dos sentidos e procura prazer em coisas efémeras, temporais e transitórias, em vez das sólidas e duradouras. A saúde destas pessoas, quando não corrompida por excessos, é geralmente robusta e o corpo forte, embora não particularmente delicado na sua textura, estando as qualidades mais finas do seu interior aparentemente aprisionadas e incapazes de despertar o indivíduo do semi-transe de materialidade em que se encontra. Esta classe pode ser considerada positiva ou anti-mediúnica.

Aqueles em quem os poderes do corpo espiritual predominam, por qualquer razão, sobre a carne e os sentidos, foram, em todas as épocas, dotados de visões, impressões, dom profético, etc. Podem ser chamados negativos ou mediúnicos. São geralmente nervosos ou excitáveis, não fisicamente fortes, tendendo antes para a delicadeza de constituição e, na maioria dos casos, para a fraqueza da carne. Estas pessoas, como a placa sensível do fotógrafo, que regista impressões mesmo quando exposta involuntariamente à luz, estão constantemente a ser influenciadas por aqueles que, embora tenham perdido o corpo físico pela morte, continuam a viver como entidades imortais em virtude do "corpo espiritual" já referido por Paulo.

As formas de influência ou manifestação através de um corpo físico por um espírito estranho a ele são variadas, incluindo todos os graus de possessão, desde o transe inconsciente, em que o sujeito nada sabe do que é dito, até à leve inspiração reconhecida que flui sobre a coroa como a brisa noturna sobre a harpa eoliana, extraindo dela a música do génio, que alguém descreveu como a "grande alegria da alma na descoberta de uma nova verdade".

Ora, o poder pelo qual estes sensitivos são controlados por espíritos estranhos ao seu corpo não é trazido por esses espíritos de outra esfera, mas é de natureza material e deve ser extraído do corpo natural e espiritual do sensitivo ou médium. Trata-se daquela misteriosa força vital que o corpo ganha ao dormir e consome enquanto desperto — o combustível que produz o vapor propulsor do grande motor da vida.

Assim, se a extração de força ao médium for demasiado intensa, como no caso da máquina quando o combustível é consumido muito rapidamente, é necessário obtê-la de outra fonte; daí que outras pessoas — mas não necessariamente médiuns — sejam chamadas a estar ao alcance da inteligência controladora, para que esta possa, por assim dizer, alargar o seu alcance e extrair essa força delas, ajudando-a a operar através da maquinaria física e mental à qual está temporariamente ligada. A este conjunto de pessoas, seja reunido em círculo ou distribuído por uma sala como audiência, chama-se "bateria", da qual se obtém vida magnética para sustentar as forças decadentes do médium sob influência.

A primeira sessão pública gratuita realizada no escritório do Banner of Light, no n.º 31 da Brattle Street, Boston, conforme anunciado anteriormente, foi bem concorrida e as audiências continuaram a crescer desde a abertura da sala. Inicialmente, as manifestações de inteligência espiritual e a gestão dos círculos não eram tão ordeiras ou sistematicamente organizadas como viriam a ser depois. Foi necessário treino para que o Sr. Berry e os seus coadjutores invisíveis percebessem as condições adequadas a observar em ambas as extremidades dos fios telegráficos.

O Sr. Berry, da sua parte, permitia frequentemente que pessoas entrassem ou saíssem da sala enquanto decorria a sessão, submetendo assim o médium a choques severos e quase a incapacitando de continuar. Um exemplo do efeito deste método, tanto sobre a Sra. Conant como sobre os sensitivos escolhidos e ligados entre si pelo mundo espiritual para levar a cabo os seus desígnios relativos ao Banner of Light, é o seguinte:

Numa dessas primeiras sessões, estando a sala cheia, uma senhora, ao passar pelo médium, pousou a mão sobre o ombro da Sra. C. para se equilibrar, e imediatamente o espírito controlador perdeu o domínio e o equilíbrio magnético foi tão perturbado que não se conseguiram mais manifestações naquela tarde, apesar de o médium e o público terem permanecido algum tempo em estado passivo, na esperança de restabelecer a harmonia necessária.

Nessa mesma tarde, Luther Colby — que, na qualidade de editor-chefe, trabalhava no seu escritório um piso acima da sala do círculo — apercebeu-se de uma perturbação magnética tão intensa à sua volta que, incapaz de continuar o trabalho e certo de que algo desagradável ocorrera no piso inferior, desceu apressadamente ao escritório, onde encontrou o seu sócio, o Sr. Berry, que acabava de sair da sala. "O que fizeste esta tarde?", perguntou-lhe. "Nada", respondeu o Sr. Berry, "devido a um distúrbio acidental", cujos pormenores contou de seguida.

O lado espiritual do telégrafo também não era então melhor gerido. Não parecia haver espírito supervisor encarregado de controlar o acesso à máquina mediúnica, pelo que, frequentemente, inteligências desordeiras sobrepunham-se às pacíficas, apoderando-se da Sra. Conant e manifestando a sua natureza através de vários atos de violência.

As mensagens transmitidas pela Sra. Conant durante os primeiros seis meses de ministração nestes círculos — e registadas pelo Sr. Berry enquanto ela as comunicava — foram rigorosamente testadas pela firma, contactando os familiares referidos, examinando registos municipais, visitando, sempre que possível, os amigos ou conhecidos dos comunicantes, etc., e nenhuma era publicada no jornal sem ser comprovada por evidência terrena. As que não podiam ser imediatamente analisadas e confirmadas eram arquivadas para futura referência.

Finalmente, ao adoecer a médium, o stock de mensagens consideradas fidedignas esgotou-se antes da

sua recuperação e o Sr. Berry foi consultá-la sobre o que fazer. Disse-lhe que, como as anteriores tinham sido confirmadas, lhe ocorrera que talvez devesse publicar as restantes (ainda não comprovadas). Ela aconselhou-o a seguir o seu instinto, declarando que o seu objetivo era, tal como o da maioria dos investigadores, chegar à verdade, e que, se mensagens falsas tinham sido ou estavam a ser transmitidas através dela, gostaria de ver o facto provado além de qualquer dúvida.

Estas comunicações arquivadas foram então publicadas nas páginas do Banner of Light. Sendo, em grande parte, de pessoas residentes no estrangeiro ou em regiões distantes dos Estados Unidos, a verificação não era tão fácil como no caso das primeiras já publicadas, mas, com o tempo, muitas revelaram-se perfeitamente corretas. A confiança tanto da médium como dos seus associados reforçou-se com esta demonstração de fiabilidade e, a partir daí, as mensagens passaram a ser impressas sem exame prévio.

Para se ter uma noção do forte argumento de credibilidade apresentado pelo departamento de mensagens do Banner, basta consultar os arquivos do jornal desde os seus primeiros números até ao presente. O leitor cético ficará surpreendido com o volume de testemunhos fornecidos por cartas recebidas de completos desconhecidos, de todo o país, reconhecendo a veracidade das comunicações. Estas confirmações vivas das "cartas dos mortos", se publicadas, constituiriam por si só um volumoso livro.

No início destes círculos públicos, realizavam-se todos os dias da semana, exceto ao domingo, e decorriam, geralmente, das 15h às 18h; mas o tempo de duração de cada sessão foi-se encurtando gradualmente, e finalmente o número de dias foi limitado — como sucede atualmente — a três: segunda, terça e quinta-feira à tarde, começando às 15h e durando, em média, cerca de uma hora. Os vários departamentos, espiritual e terrestre, tornaram-se tão sistematizados que, atualmente, é transmitida em três horas semanais tanta informação como era obtida nas seis sessões de três horas cada do estilo antigo. Uma das principais razões para a longa duração das primeiras sessões era a perda de tempo.

O médium era quase sempre autorizado a sair completamente do estado de transe sempre que cada influência a deixava, o que exigia um intervalo de cerca de dez minutos ou mais para que o próximo espírito que quisesse comunicar pudesse assumir o controlo; mas, segundo o arranjo atual, ela mal tem consciência do que se passa, desde o momento em que se senta à mesa do círculo até à hora em que se retira. Nos dias em que se realizam os círculos, por volta das 9h da manhã, os espíritos que conduzem os círculos começam geralmente a influenciá-la ligeiramente; por isso, não se permite nesses períodos receber visitas, preferindo passar o tempo antes da sessão em recolhimento silencioso.

Uma característica notável da sua experiência, no que respeita à transmissão destas mensagens, é a consciência que por vezes sente de possuir uma dupla identidade. Consegue ver o seu corpo físico numa parte da sala,

enquanto o seu espírito está noutra completamente diferente, levando-a a pensar de repente: "Ora, estamos aqui dois!" Mas, em regra, o seu espírito afasta-se da sala e visita outros cenários e países.

Um cavalheiro inglês, presente numa sessão em Huddersfield, relata que ela ali se manifestou, sem margem para dúvidas, através de um médium que não a conhecia; e, ao receber desse senhor um relato das perguntas feitas e das respostas obtidas, constatou que as respostas que lhe eram atribuídas coincidiam exatamente com as que teria dado se tivesse sido interrogada sobre esses pontos em estado normal.

Noutra ocasião, um senhor vindo de Roxbury (hoje parte de Boston sob o nome de Highland District, mas então uma corporação separada) afirmou que costumava realizar círculos semanais em sua casa, e que, no que teve lugar na noite anterior, ela (Sra. C.) surpreendeu todos os presentes. Ao perguntar-lhe como isso seria possível, estando ela em casa nesse momento, ele respondeu: "Na noite passada veio ao nosso círculo em espírito, e todos acharam, pela precisão da sua personificação e pelo rigor das respostas às nossas perguntas, que tinha falecido; por isso vim cá para ver." Ambos estes estranhos acontecimentos tiveram lugar em 1859.

A grande impopularidade do Espiritualismo nos seus primórdios — que, felizmente, está gradualmente a dissipar-se com o aumento do conhecimento entre os homens — causou muitos problemas por parte dos

familiares dos que comunicavam através da Sra. Conant, relativamente à publicação das suas mensagens ao mundo.

Os que se sentiam especialmente incomodados dirigiam-se muitas vezes, irritados, ao Sr. Berry, mas não encontravam consolo, pois ele assegurava-lhes que, qualquer mensagem que chegasse através do médium, desde que razoável, seria certamente publicada. Entre os mais indignados estava um senhor de Cambridgeport, cujo filho, tendo falecido, comunicou pouco depois através da Sra. Conant no círculo — as suas palavras, naturalmente, apareceram em devido tempo no Banner of Light. O pai foi de imediato ao escritório, exigindo ao Sr. Berry: "O que significa publicar essa 'mensagem' do meu filho?"

"É mentira?", perguntou calmamente Berry.

"Não — mas não quero que o nome do meu filho continue a ser associado a esse disparate. Proíbo-o de publicar mais nada do género. Se o fizer, processá-lo-ei em tribunal", respondeu o pai.

"Muito bem; pode ter a certeza de que publicarei toda a comunicação que o seu filho espírito queira transmitir."

O filho, que naturalmente era atraído por simpatia ao local onde o seu caso serviria de teste, apareceu novamente pela médium na semana seguinte, as suas palavras aos familiares foram publicadas e o pai indignado procurou de imediato os serviços de um advogado para instaurar um processo contra o Banner of Light, alegando difamação sua ou do falecido.

Mas o advogado, depois de examinar a explicação colocada no cabeçalho da secção de mensagens do Banner, declarou que tal impedia a possibilidade de processar os editores — pois a mensagem espiritual ali impressa era completamente diferente de um artigo comum de jornal e, na verdade, do ponto de vista jurídico, não era difamatória. Assim, o processo foi abandonado e, embora o filho tenha feito vários apelos aos amigos através do médium e do jornal, nada mais foi feito em termos de oposição.

Muitas mensagens foram recebidas em que Harvard College era direta ou indiretamente referido, e o corpo docente dessa instituição, julgando que o carácter da sua universidade estava em risco, apressou-se a "colocar-se a salvo perante o público" nas páginas do Boston Courier — Cornelius C. Felton, professor de Grego, sendo o seu principal porta-voz. Os artigos publicados nesse jornal sobre o Departamento de Mensagens e a Sra. Conant tinham como efeito trazer o desprezado facto da comunicação espiritual ainda mais para o domínio público — introduzindo o conhecimento da sua existência onde de outro modo não teria chegado, e despertando a curiosidade individual para a investigação deste moderno "pecado imperdoável".

Felton e os seus colegas fizeram os maiores esforços para silenciar as manifestações dos espíritos pela Sra. Conant, mas em vão. Por várias vezes, professores de Harvard e outros compareceram aos círculos (disfarçados perante a audiência, mas conhecidos do Sr. Berry), com o objetivo de perturbar, pela sua influência magnética

contrária, a mulher delicadamente organizada à sua frente, de modo a impedir o controlo dos espíritos, ou discutir questões complexas de lógica ou ciência com as várias inteligências que utilizavam os poderes dela como canais de comunicação terrena.

Foram muitas as lutas intelectuais travadas com os invisíveis, que venceram sempre os debates. A Sra. Conant foi, em diferentes períodos da vida, tanto na sala do círculo como em público, confrontada mentalmente com alguns dos mais eruditos estudiosos e pensadores deste continente, e nunca foi vencida no argumento. Muitas pessoas, testemunhas da veracidade desta afirmação, estão hoje vivas e podem, se assim o quiserem, confirmá-lo.

No início de 1857, Luther Colby, que também era hóspede da National House, teve o azar de deslocar o braço ao nível do cotovelo numa queda à saída para a rua. Regressou ao hotel e procurou rapidamente o Dr. Kittredge (já referido como um médico reputado de Portsmouth que há anos habitava o mundo espiritual) — para que, através da Sra. Conant, corrigisse a deslocação. O Dr. Kittredge, ao entrar em transe com o médium, constatou que, devido à falta de força física nas mãos da Sra. C., teria de abandonar a operação, embora quase a tivesse concluído.

O Sr. Colby, vendo que o médico espiritual não conseguia concluir o processo quase finalizado, disse:

"Quando subia as escadas, logo após o acidente, ouvi um senhor no escritório ser chamado de 'doutor'. Talvez ele possa tratar do assunto."

"Muito bem", respondeu o Dr. Kittredge, "vou avaliar a sua capacidade como cirurgião e dar-lhe conta do resultado das minhas investigações."

Pouco depois voltou, e escreveu pela mão do médium: "Conheço o senhor — foi meu aluno em Portsmouth, New Hampshire, há muitos anos. Chame-o." O médico foi chamado e, informado do que se pretendia, pôs-se de imediato ao trabalho e rapidamente devolveu o membro à sua condição natural.

No fim da operação, uma mensagem escrita, assinada por R. [Rufus] Kittredge, foi-lhe entregue pela médium, na qual era tratado por "Amigo Pike". Isto surpreendeu-o, pois era desconhecido de todos ali e tinha a certeza de que não era conhecido por nome. Após lhe dar, em resposta a perguntas, várias provas da sua identidade, o Dr. Kittredge informou o seu colega que, se este comparecesse a uma sessão privada, o convenceria plenamente da realidade do retorno espiritual. O Dr. Pike acedeu e, em breve, ficou completamente satisfeito quanto à veracidade do novo evangelho do Espiritualismo.

Querendo proporcionar à esposa a oportunidade de investigar o mistério da comunicação espiritual, o doutor apresentou-a pouco depois à Sra. Conant. A Sra. Pike ficou muito assustada inicialmente, mas, cedendo ao pedido do marido, assistiu à sessão, durante a qual a sua mãe (da Sra. P.) assumiu o controlo, e a presença foi de tal forma natural e inegável para a filha que, no final, lançou os braços ao pescoço do médium, as lágrimas nos olhos, dizendo: "Nunca mais terei medo."

Durante a estadia na National House, muitos acontecimentos estranhos deram cor à sua experiência, dos quais dois são aqui registados: Uma noite de setembro de 1857, ficou em transe, entre as 22h e as 23h, pelo espírito de um rapaz índio. O marido e o Sr. Berry eram as únicas pessoas presentes e, como o tempo passava sem sinais de regresso, ambos sugeriram que o espírito se retirasse para que o médium pudesse ir descansar; mas ele respondeu que o espírito da Sra. C. estava ausente e que teria de manter o controlo até ela regressar. Quando, passados longos minutos (segundo a perceção dos que assistiam à crescente tardia da hora), ela voltou, foi questionada sobre onde estivera, mas não conseguiu dar qualquer relato coerente das suas viagens.

Na manhã seguinte, Henry Wright, amigo da médium que definhava lentamente devido à tuberculose, visitou-a e disse-lhe que lhe tinha causado um grande susto na noite anterior; por volta das 23h, ela apareceu-lhe no quarto; estava perfeitamente acordado e, a princípio, pensou tratar-se da esposa (que tinha passado a noite fora) a ir administrar-lhe o remédio; mas um segundo olhar mostrou-lhe que era a Sra. Conant. Ela aproximou-se e inclinou a cabeça. Ele exclamou, apreensivo: "Pelo amor de Deus, Fannie Conant, o que significa isto?"

Viu os lábios da figura moverem-se, mas não saiu qualquer som. Então perguntou: "Faleceste?"

A aparição abanou a cabeça. Reparou, nesse movimento, que o cabelo dela estava arranjado de forma diferente de qualquer uma das que já lhe vira. Convencido de que ela estava morta, ou de que era vítima de uma

alucinação causada pela sua fraqueza, levantou-se cambaleando do leito para a ver mais de perto, mas ela afastou-se rapidamente e pareceu atravessar a parede.

De manhã, ao ir verificar se o seu receio de morte era real, descreveu minuciosamente à Sra. Conant o vestido que usara na noite anterior e o modo como o cabelo estava preso — este último ponto foi especialmente convincente, pois estava arranjado de uma maneira nunca antes nem depois repetida, pois uma senhora da casa, dada a tais experiências, tinha supervisionado o penteado, curiosa para ver como ficaria.

Esse arranjo peculiar de cabelo, visto e descrito por Wright, foi para ele a prova de que a amiga estava morta, mas para ela foi a confirmação da veracidade da sua aparição. A visão espiritual dele terá sido provavelmente aberta e estimulada pela debilidade do corpo, que não tardaria a sucumbir à doença, passando ele do "mundo dos mortos para o mundo dos vivos".

No Verão de 1858, teve lugar uma demonstração de poder espiritual bastante inesperada, que teve grande influência na sua mente ao desviá-la dos desejos pelo plano físico para o mental das manifestações espirituais, tornando-se este último o padrão da sua experiência daí em diante.

Ela há muito desejava — mas quase perdera a esperança — que, para sua satisfação pessoal, os espíritos lhe concedessem algumas manifestações como as que ocorriam a George A. Redman (por exemplo, ser retirado da cama ou levantado do chão quando estava praticamente

sozinho), mas nada do género parecia provável de acontecer, apesar de lhe ter sido prometido várias vezes pelos invisíveis que assim seria. Contudo, numa certa noite, foi subitamente despertada de um sono profundo por uma força que tentava, manifestamente, retirá-la da cama.

O quarto não estava escuro — ela conseguia ver todos os objetos familiares, mas nada de invulgar se tornava visível a que pudesse atribuir a perturbação. A sua primeira impressão foi que o marido lhe pregara uma partida, a propósito do seu pedido para que os espíritos manifestassem poder dessa forma; mas ele continuava profundamente adormecido. O esforço repetiu-se, ela não conseguia perceber quem o fazia, e os seus gritos agudos acordaram imediatamente o marido, que quis saber o motivo do susto. O porteiro da casa, igualmente alarmado, correu até à porta e, por fim, também o senhorio e a esposa foram acordados. A Sra. Tubbs, entrando na sala de estar (usada normalmente para as sessões), abriu a porta do quarto da Sra. Conant, pálida de medo, e perguntou o motivo do alarme.

"Estão aqui ladrões! Alguém tentou tirar-me da cama", respondeu a Sra. C., enquanto o marido afirmava não saber qual era o problema. Uma inspeção rápida ao quarto, e depois à casa, tranquilizou todos de que não se tratava de assaltantes, pois não se encontraram quaisquer indícios de intrusos. A Sra. Conant, ansiosa por provar a todos no Hotel que o seu susto não era fruto de imaginação, permitiu que a Sra. Tubbs, ali mesmo, inspecionasse o seu corpo — e esta última encontrou impressas de forma nítida as marcas de

cinco unhas, mostrando o grau de força que tinha sido exercido para a retirar da cama.

Seguindo o seu conselho, a Sra. Conant levantou-se, vestiu-se e sentaram-se ambas à mesa para questionar os seus guias sobre o sucedido. O Dr. Fisher, controlando, escreveu que o episódio era apenas um resultado natural do pedido tantas vezes feito pela Sra. C., e que, dado que ela se assustara ao ver esse desejo cumprido, seria melhor não voltar a fazê-lo, conselho que a médium ficou muito feliz em seguir.

Enquanto estava em casa do Sr. Berry, em North Cambridge, como médium, os amigos espirituais ordenaram-lhe que se abstivesse de comer à noite, especialmente frutas, frutos secos, passas, etc.; e em várias ocasiões, quando, após a sessão, eram servidos petiscos à companhia, e ela (esquecendo-se da recomendação) tentava comer, o alimento que segurava na mão era-lhe arrancado, por vezes atravessando a sala, sem que ninguém visse quem o fizera. Este fenómeno repetiu-se enquanto residia na National House.

Os seus guias proibiram-na expressamente de comer um certo alimento e, uma vez, enquanto jantava, decidiu obedecer ao apetite e pegou nalgum da travessa. Imediatamente aquilo que erguera na mão foi-lhe retirado e, atravessando a mesa, foi parar ao colete de um cavalheiro que se sentava em frente; este, não vendo ninguém além da senhora à sua frente — e supondo que fora ela a atirar — ficou profundamente surpreendido pelo que considerou um ato de rudeza. A Sra. Conant saiu precipitadamente da sala

e procurou o senhorio, pedindo-lhe que apresentasse desculpas ao cavalheiro — que lhe era desconhecido — e tal explicação foi aceite.

No outono de 1858, tendo o Sr. Tubbs deixado a gestão da National House e mudando-se com a família para a Califórnia, o Dr. Pike instalou-se numa casa na Springfield Street — o Sr. e a Sra. Conant passaram a viver com ele. Nessa altura, a Sra. Pike já estava marcada pela tuberculose e foi piorando até maio de 1859. Durante toda a doença, a Sra. Conant foi-lhe como uma irmã, e muitas provas reconfortantes da presença dos espíritos foram concedidas à sua amiga moribunda; uma delas, especialmente animadora, foi dada poucos dias antes da morte: a Sra. Pike tinha um medo natural da morte — toda a sua natureza parecia recuar perante o precipício para o qual a doença a empurrava.

Apesar das garantias dos Drs. Fisher e Kittredge de que ficaria na vida terrena enquanto realmente o desejasse, temia, em cada crise, ter-se deitado pela última vez. Dez dias antes da partida, o Dr. Kittredge apareceu e descreveu-lhe o lar para onde iria, e o relato criou-lhe tal desejo de lá estar, que todo o medo da morte desapareceu. Disse-lhe ainda que, quando estivesse prestes a abandonar o corpo, os amigos espirituais iriam "colocar um cordeirinho branco, com uma fita azul ao pescoço, aos pés da sua cama". Quando chegou o momento final (cerca das seis da manhã do dia 21 de maio), embora fosse relativamente inesperado, como acontece muitas vezes em doenças prolongadas, o rosto dela iluminou-se de repente e exclamou para a Sra. Conant:

"Oh, Fannie! ali está o cordeiro! o querido cordeiro branco! Canta, por favor. Estou a morrer agora — eu sei!" Depois virou-se para o marido, que estava junto à cama, e disse: "Meu querido, quero que me prometas, fielmente, que serás amigo da Fannie (como eu fui) e seu médico, e cuidarás dela em todas as circunstâncias da vida." Ele prometeu, e o seu espírito partiu, ficando apenas para os olhos mortais um rosto pálido, iluminado pelas glórias que vinham da outra margem da morte.

A médium e o marido — uma a lamentar a perda física de uma amiga querida, o outro a sentir a dor que só se conhece verdadeiramente quando se vive — foram consolados por uma mensagem enviada pela recém-falecida ao meio-dia desse mesmo dia, onde afirmava ter chegado ao belo lar que lhe fora descrito antes da sua partida, e que tudo era como fora previsto.

Tive um cordeiro, do rebanho do Pai,
Mais querido para mim do que o ouro jamais;
A sua lã era mais branca que a neve a cair,
E pura como os rios que se veem a fluir;
O seu olhar era claro como o orvalho a brilhar,
Onde o amor espreitava por janelas de azul sem par;
E eu era feliz como o coração pode ser,
Quando esses olhos de estrela vinham a mim resplandecer.
Mas velados de tristeza ficaram meus sonhos então,
Quando o Pai chamou o seu cordeiro para outra mansão.
Tentei retê-la; mas a Morte disse: "Não!
O Pastor chama, e o cordeiro segue o seu rumo, então!"

Mas mesmo levando-a, é gesto de amor;
Vai juntar-se ao rebanho nos campos do Senhor!
Por isso não chores quem partiu deste chão:
Assim falou o espírito, trazendo consolação.
E a Esperança, com voz de anjo, fez-se ouvir também:
Não chores, pois o teu cordeiro encontrarás para além!

— William Denton

Depois de residirem em casa do Dr. Pike, de outubro de 1858 a junho de 1859 — altura em que ele deixou de manter casa própria —, a médium e o marido mudaram-se para a Cummings House (onde ocorreu a sua viagem a Nova Iorque por causa do Capitão Gibbs, já referida) e, em seguida, para casa da Sra. Oliver Stearns, na 32 Bradford Street, Boston. Enquanto aí morava, a Sra. Conant, regressando de uma sessão e prestes a entrar na Acton Street, viu alguém a vir da Bradford Street e disse para si própria, quase em pensamento: "Ora, se a Abbie [Sra. Pike] estivesse viva, diria que era ela, sem dúvida."

A senhora aproximou-se e a Sra. C. reparou que estava vestida com seda preta, um xaile axadrezado castanho e branco e um chapéu enfeitado com flores cor-de-rosa — exatamente como tinha visto a amiga Abbie vestir para um passeio nos velhos tempos. Ao passar por ela, perguntou-lhe se certa pessoa (dando o nome) morava na Bradford Street, ao que a Sra. Conant respondeu que não sabia. Reconheceu então a cara e a voz da amiga, mas ficou atordoada com o sucedido. Não desviou o olhar nem por um instante da estranha, e, para se certificar de que era um ser humano, pegou numa parte do xaile e esfregou-o entre

os dedos para se assegurar da sua textura material. Teve uma forte vontade — embora, por qualquer motivo, não o fizesse — de perguntar: "Abbie, és mesmo tu?"

Não largou o xaile até chegar à porta de casa; ao subir os degraus, soltou o tecido por um momento; uma das raparigas da casa abriu a porta nesse instante — tornando desnecessário tocar à campainha — mas, ao procurar a companheira, embora tivessem passado apenas três segundos, ela já desaparecera! Nem sinal dela foi encontrado, apesar de a Sra. C. ter corrido de novo para a rua e enviado uma das crianças da Sra. Stearns às casas vizinhas; todas as respostas recebidas dos vizinhos eram invariavelmente de que não tinham visto tal pessoa.

Algum tempo depois, numa sessão, o espírito da Sra. Pike apareceu e disse à Sra. Conant: "Pois, Fannie, tu querias mesmo saber se o meu vestido era de seda e o xaile de lã." Depois explicou-lhe que aparecera daquela forma em cumprimento de uma promessa feita em vida, de que se apresentaria após a morte de modo tão claro que não deixasse dúvidas. A Sra. Conant nunca mais a viu assim, mas foi por ela controlada em diferentes ocasiões, tendo sido transmitidas uma série de cartas descritivas do mundo espiritual, que podem ser encontradas nos arquivos do Banner of Light de 1859.

Muitas manifestações singulares de natureza semelhante às já descritas — com predominância das do plano mental sobre as físicas — ocorreram enquanto viveu na Bradford Street, onde permaneceu até abril de 1861, altura em que ela e o marido passaram a viver em casa da

Sra. A. F. Dewitt, em Ashland Place, Boston. Quando a família se mudou para Exeter Place, acompanharam-na. Esta última casa foi o cenário de uma doença muito grave da Sra. Conant. Foi acometida de uma doença maligna (febre gástrica) que, atingindo o peito, pareceu alastrar por todo o corpo, ameaçando pôr fim à sua vida terrena. Olhando para trás, ainda lhe parece um milagre ter recuperado. Durante todas essas horas difíceis, foi tratada e sustentada pelo seu médico espiritual e pelo Dr. Pike, seu amigo infalível.

O "Capitão Gibbs" também esteve disponível para ajudar sempre que podia.

De Exeter Place, o Sr. e a Sra. Conant mudaram-se para casa do Sr. Gillett — irmão da Sra. Dewitt — em Cambridgeport. Muitas excelentes manifestações de carácter mental tiveram lugar durante a sua estadia ali. Entre os espíritos que frequentemente controlavam o médium nesse local estava Willie Lincoln, o pequeno filho espírito do então Presidente dos Estados Unidos. Por seu intermédio, através da organização mediúnica da Sra. C., foi predito a reeleição do seu pai à Presidência, e a sua subsequente morte trágica às mãos de um assassino, foram corretamente preditas.

VIII

Como o objectivo do presente volume é apresentar de forma tão breve e concisa quanto possível as experiências de vida da Sra. Conant, os acontecimentos, manifestações e resultados decorrentes dos actos praticados são aqui apresentados em grupos, cada um deles completo, tanto quanto possível, em detalhe, mas não obrigatoriamente por

ordem cronológica. É agora necessário fazer referência a outro campo de trabalho na seara espiritual onde a protagonista desta biografia prestou um serviço grande e duradouro:

De 1856 a 1857, paralelamente às suas funções na realização de sessões públicas e privadas — que lhe ocupavam frequentemente o tempo das 9h da manhã às 18h, e das 19h à meia-noite — a Sra. Conant fazia conferências em transe inconsciente, todos os domingos. As suas palestras eram principalmente proferidas em Boston e em localidades próximas — Charlestown, Malden, Medford, Salem, etc. — a que podia chegar facilmente ao sábado à tarde e de onde podia regressar à segunda-feira sem prejuízo para as restantes ocupações.

Continuou a fazer estas apresentações públicas até à inauguração do Banner of Light, após o que deu apenas mais algumas conferências — uma vez em Foxboro, Mass., e a última em Allston Hall, Boston. Por vezes, era permitido ao público escolher o tema que ela deveria abordar, após se sentar na tribuna; noutras ocasiões, o assunto era selecionado pelos seus guias espirituais.

A sua primeira aparição em público como oradora da filosofia espiritualista ocorreu no Meionaon, Tremont Temple, Boston, em julho de 1856, e as circunstâncias desse evento serviram para esclarecer os presentes quanto à peculiaridade das leis que regem o controlo espiritual. Deveria falar à noite, mas, ao longo do dia, sentiu-se tão exaurida por doença passageira que repetidamente

declarou recear que nenhum espírito conseguisse manter o controlo do seu corpo à hora marcada para a palestra.

O Sr. Berry, contudo, que a tinha anunciado, estava extremamente interessado em que ela tentasse. Ao iniciar o discurso, o espírito — como ela previa — perdeu o controlo do seu organismo, e a palestra, como produção literária, resultou num fracasso. O Dr. Fisher, seu guardião, assumiu então o controlo e, para mostrar à audiência que, devido a certas condições, alguns espíritos podem controlar o instrumento quando outros não conseguem, manteve a sua influência durante mais de uma hora e meia, realizando exames médicos a todos os que se apresentaram para esse fim. Os presentes, que inicialmente recearam um fracasso do evento, consideraram-no, como manifestação espiritual, um grande sucesso.

O seu segundo esforço teve lugar em Salem, Mass., na chamada Sewall Place Church, no inverno seguinte. Nessa ocasião, não entrou em transe até se levantar para falar — o que a inquietou, temendo que as influências a tivessem abandonado, ou que o fizessem como antes — mas foi imediatamente controlada, parecendo-lhe que uma nuvem de luz a envolvia; tão rapidamente perdeu a perceção do que se passava diante de si, que, ao acordar, ficou convencida de que deveria ter desmaiado. Acreditava tão firmemente nisso, que perguntou ao presidente da reunião se assim tinha sido, e foi-lhe garantido que a audiência tinha ouvido, com frequentes aplausos, uma excelente palestra de mais de uma hora. Voltou depois a falar várias vezes nesse local, com bons resultados, sem mais dificuldades de controlo.

Vale a pena relatar aqui um episódio que ilustra para o leitor desconhecedor do fenómeno chamado "falar em transe" a perfeita originalidade das palestras, que existem apenas na mente do espírito que controla, bem como a total passividade intelectual do médium. Quando um dos guardas da Prisão Estadual do Massachusetts, em Charlestown, foi assassinado por um recluso, os guias espirituais da Sra. Conant anunciaram que, dada a agitação pública sobre o assunto, iriam falar através dela, no domingo seguinte à noite, no Horticultural Hall, Boston, sobre "Disciplina Prisional".

Na noite marcada, a sala encheu-se de uma audiência onde o ceticismo e a curiosidade eram notórios, e havia grande interesse em saber o que "os espíritos" poderiam dizer sobre a gestão dos criminosos condenados. Mas o orador não apareceu, mesmo já tendo passado meia hora do tempo previsto. A médium, que então estava hospedada na National House, esquecera-se completamente do compromisso.

Quando o Sr. Tubbs e a esposa chegaram ao salão, a organização perguntou ansiosamente: "Onde está a Sra. Conant?", e, depois de um momento, tiveram de admitir que não sabiam — tinham-na visto pouco antes de saírem de casa, na sala de estar, mas sem sinais de que se preparasse para sair. Concluindo que ela se esquecera do compromisso, o comité enviou apressadamente uma carruagem para a ir buscar. À chegada, o público, embora impaciente, ficou plenamente satisfeito por ter esperado, pois a palestra que se seguiu foi considerada notável pelo

seu alcance e rigor na exposição do tema. Vários jornais da cidade publicaram críticas muito elogiosas.

Outro campo de êxito para si, enquanto expositora do Espiritualismo, foi a sua cidade natal, Portsmouth, onde contrariou o ditado de que "nenhum profeta é bem recebido na sua terra". Visitou essa cidade calma no outono de 1856, sem avisar qualquer parente de que iria lá discursar. O pai (que em 1842 voltara a casar — a segunda esposa chamava-se Dorcas Grant) chegou um dia a casa dizendo à esposa, bastante agitado, que tinham sido afixados cartazes "na baixa" anunciando que a Sra. J. H. Conant iria falar sobre Espiritualismo e que suspeitava tratar-se da sua filha Fannie.

À chegada dela à cidade, ele assistiu às palestras e o interesse criado entre o público foi tal que logo se viu rodeado de curiosos, desejosos de conhecer os factos sobre a infância da filha e desde quando possuía esse dom. Sobre este ponto, teve de admitir que nada sabia. Mais tarde, em diferentes épocas, dirigiu-se ao público de Portsmouth, na Lord's Chapel e na Academy Building. No final de uma dessas palestras, foi surpreendida por vários amigos da igreja da sua falecida mãe, que a felicitaram pelo êxito na causa que defendia e pelas provas de apreço público que a seguiam.

IX

Deixando Cambridgeport, regressou à Cummings House, em Boston, depois foi viver para Medford e mudou-se depois para Watertown. Aí, a sua residência foi baptizada de Kanagawah Lodge pelos seus amigos índios — o termo Kanagawah significa "professora" — como reconhecimento, da parte deles, do seu trabalho pela iluminação da raça. Voltou então à residência da Sra. Pope em Boston, para um segundo período em 1867.

pós cerca de dois anos nesse local, mudou-se para o n.º 69 da Dover Street, onde vivia a Sra. Dewitt, com quem estivera anteriormente em Ashland e Exeter Places. Durante todo este tempo, o seu trabalho mediúnico foi constante, mas nada de extraordinário, além do habitual, ocorreu conforme descrito nas páginas anteriores. Pouco depois de chegar à Dover Street foi acometida por uma febre violenta, que a prostrou quase de imediato e se prolongou durante muito tempo, sem qualquer melhoria visível.

Nos primeiros tempos da doença esteve sob os cuidados do Dr. Pike, como anteriormente, mas o marido ansiava muito por experimentar o sistema homeopático; um grupo de espíritos que se manifestavam através dela também manifestou o desejo de que tal prática fosse tentada, pelo menos por algum tempo; e, finalmente, cedendo ao pedido de ambos, achando que não poderia recuperar da doença, deu o seu consentimento para que o antigo amigo e conselheiro médico fosse dispensado e a experiência fosse iniciada.

Os espíritos que defendiam a mudança pediram apenas três dias de experiência, mas, depois de os homeopatas terem tratado do caso desde 1 de fevereiro de 1869 até 2 de março do mesmo ano, a doente continuava cada vez mais debilitada, sem conseguir sequer erguer a cabeça sem auxílio, até que o grupo de espíritos que sempre a tinha assistido — e que fora afastado por magnetismos pouco compatíveis, ou cedera o campo para que os recém-chegados experimentassem à sua vontade — voltou e, influenciando-a, exigiu que o Dr. Pike fosse chamado novamente e que os homeopatas fossem dispensados.

O doutor, pensando apenas na recomendação da esposa moribunda, esqueceu a afronta de que fora alvo e retomou o caso, embora tenha dito ser difícil ser chamado à última hora.

Quando entrou no quarto, a doente olhou para o velho médico e perguntou:
"Doutor, acha que me consegue curar?"

"Sim — consigo!" respondeu ele.

Teve, no entanto, de admitir que a fraqueza extrema em que ela se encontrava exigiria bastante tempo de recuperação; na verdade, duvidava que ela alguma vez viesse a recuperar totalmente dos efeitos da febre — o que, de facto, se confirmou. No entanto, foi ficando mais forte gradualmente, e um dia, após quase dois meses de prostração, anunciou-lhe que tencionava levá-la à Sala de Círculo.

"Como?!", exclamou, "não posso confiar em mim para lá ir tão cedo."

"Então que outro confie em si", respondeu o médico com confiança, "vai-lhe fazer bem sair um pouco."

Arriscou-se e descobriu que tinha força suficiente para visitar a sala do círculo, subir dois lances de escadas sem ajuda de ninguém, exercer as funções mediúnicas e voltar para casa sem grande dificuldade. As palavras do médico confirmaram-se, e a partir daí foi recuperando, ainda que lentamente, até alcançar um grau de saúde compatível com o cumprimento regular dos seus compromissos.

Durante a convalescença desta doença, o marido, cuja ansiedade o havia perturbado profundamente, começou a revelar sinais de insanidade e acabou por sucumbir de tal forma à doença mental que foi necessário — após consulta dos Drs. Walker, Fisher e McKay, do Asilo de South Boston — interná-lo no hospital psiquiátrico de Taunton, Mass. Permanece ainda lá, não mostrando sinais de recuperação.

PARTE VI
OUTROS INCIDENTES
ENSINAMENTOS DO MUNDO ESPIRITUAL

Nosso é o amplo templo onde a prece é livre
Como o vento da pradaria, o mar que se avive;
Podes erguer o teu altar onde desejares,
Pois o teto do templo ainda aí te ampara.
Uma cúpula só cobre a costa estrelada,
Podes entrar pela porta do Papa ou da alvorada,
Ou seguir com o Budista pelo seu portão de bronze;
Pois o sacerdote é Homem, seja bispo ou bonzo.
— Oliver Wendell Holmes

I

Enquanto a Sra. Conant residia pela segunda vez em casa da Sra. Pope, uma senhora (que se veio a saber mais tarde ser parente de Andrew Johnson, então Presidente dos Estados Unidos) dirigiu-se ao escritório do Banner of Light e quis saber se de alguma forma poderia obter uma sessão privada com ela.

Ao ser encaminhada para o Sr. William White, o presidente, este informou-a de que a médium raramente dava esse tipo de sessões, mas que poderia conversar com ela após o círculo que estava prestes a decorrer e, talvez, ela acedesse ao seu pedido. Terminada a sessão, a estranha manifestou o seu desejo à Sra. C., que, embora protestando não dar nem poder dar sessões privadas a ninguém, acabou por ceder aos apelos da senhora, depois desta lhe assegurar

que viera de muito longe para a consultar acerca de um assunto importante.

A médium perguntou à visitante por que razão estava tão convencida de que seria feita uma exceção à regra geral no seu caso, ao ponto de se aventurar numa longa viagem perante tanta incerteza, tendo sido informada de que, numa sessão em Washington, D.C., alguns dos próprios espíritos-guardiões da Sra. C. lhe tinham dito que assim seria. Satisfeita de que, se assim era, algo de mais do que comum estaria em causa, a Sra. Conant combinou que a senhora viesse aos seus aposentos no dia seguinte, às três da tarde (por não haver círculo nesse dia). À hora marcada, a visitante apareceu, mas foi informada pelas entidades que a controlavam de que não seria possível realizar o que ela pretendia em menos de dez dias.

«Esperarei», respondeu ela.

A médium quis saber onde residia; ao que respondeu que estava hospedada no Revere House e que voltaria para uma sessão no final do prazo estipulado.

No décimo dia (que era sexta-feira, e não havia círculo público), a Sra. Conant ficou em casa à espera da sua desconhecida visitante, mas esta não compareceu, o que a médium achou estranho, tendo em conta o quão ansiosa a senhora parecia pela realização do encontro. No dia seguinte (também livre para ela), a Sra. Conant saiu e, enquanto fazia algumas compras na parte comercial da cidade, apercebeu-se da presença de «Spring-Flower»—uma jovem índia, uma das suas guias—que lhe disse:

«Vai para casa; a tua visitante está lá hoje.»

A médium, algo melindrada pela falta de comparência da senhora no dia anterior, respondeu:

«Não tenho qualquer obrigação de ir para casa.»

«Eu sei», respondeu o espírito, «mas tens de ir para casa.»

Meio contrafeita, a Sra. C. entrou num carro elétrico e, ao chegar aos seus aposentos, encontrou a senhora à espera, que lá tinha ido e, com à-vontade e confiança, tirara o casaco e o chapéu. Ao abrir a porta, a visitante disse:
«Sei que venho com um dia de atraso, mas os teus amigos espirituais disseram-me que te veria.»

A médium perguntou então—tal como noutra ocasião—«por quem?»; mas a visitante recusou-se a revelar o canal de comunicação. Em resposta à pergunta se tinha ficado em Boston durante os dez dias exigidos pelos invisíveis, respondeu que não; que sofria de uma tendência para pneumonia, agravada pelo clima do Leste, e o médico mandara-a voltar para o Sul; regressara então a Washington, e atrasara-se um dia na viagem de volta a Boston.

As duas sentaram-se à mesa, mas, após quase uma hora num estado passivo, nada de relevante ocorreu e a Sra. C. quis terminar a sessão; a senhora, no entanto, pediu-lhe insistentemente que continuasse. Tirando uma carta do bolso e entregando-a à médium, perguntou:
«Que impressão tem sobre isto?»

«Só consigo pensar em Andy Johnson», respondeu a Sra. Conant, rindo.
«Bem, é boa pessoa para se pensar», replicou a visitante; «fique quieta e tenho a certeza de que obteremos algo.»

Seguiu-se algum tempo de espera, até que a mão da médium foi controlada, sendo escrito um texto de várias páginas, que a senhora pareceu compreender plenamente, embora a Sra. C. não conseguisse decifrar por si mesma. A médium foi então posta em transe, onde permaneceu mais de uma hora, finda a qual a senhora declarou estar completamente satisfeita com o que recebera, dizendo que os espíritos lhe pediram que aguardasse mais alguns dias, pois tinham mais conselhos a dar. Antes de sair, perguntou:

«Devo enviar este manuscrito a quem está à espera dele?» e a resposta escrita foi: «Não—telegrafe apenas que o obteve e que está à espera de mais.»

No final do prazo estabelecido pelos espíritos, a senhora voltou e, ao terminar a sessão, afirmou que um dia daria conhecimento à médium da importância dos negócios realizados através dela; mas essa promessa nunca foi cumprida. No entanto, os amigos espirituais da Sra. Conant informaram-na de que a visitante era parente do Presidente Johnson e que viera a Boston tentar descobrir, se possível, qual seria o desfecho do movimento então em curso para o seu impeachment pelo Senado.

Quanto à veracidade desta última parte da história, a Sra. C. sentiu-se confirmada, visto ter de traduzir certas

passagens das mensagens escritas pelos espíritos para que a senhora as compreendesse, reconhecendo mais tarde algumas dessas informações em documentos oficiais do Presidente Johnson divulgados na altura e posteriormente. Entre outras coisas que os espíritos asseguraram ao presidente (e que mais lhe importava naquele momento) estava o facto de que não seria nem poderia ser deposto. As citações reconhecidas foram feitas a partir das razões invocadas pelas inteligências invisíveis para fundamentar a sua opinião.

Uma irmã do General McCook, de Ohio, que estava hospedada em Washington, ficou um dia surpreendida com a visita de um amigo senador, que lhe disse em tom de brincadeira:

«Tenho uma carta para ti do 'departamento de cartas mortas'.» Ao mesmo tempo mostrou-lhe um exemplar do Banner of Light, onde, na secção de mensagens, havia uma palavra do irmão dela; mas, ao contrário do que o senador esperava, ela leu-o seriamente como uma saudação do «outro lado da vida» e, conhecendo o Presidente Johnson, pediu-lhe conselho sobre o que devia fazer quanto ao assunto.

Ele recomendou-lhe que fosse pessoalmente a Boston e disse que recorrer à médium seria o modo mais rápido e fiável de se certificar da autenticidade da mensagem. Assim, fez a viagem e permaneceu vários dias na cidade, durante os quais a Sra. Conant lhe deu várias sessões privadas que a deixaram muito satisfeita.

Dois incidentes, fora da ordem cronológica mas pertinentes para mostrar a completa passividade da Sra. Conant à influência das inteligências invisíveis, apresentam-se aqui: os editores, notando a rapidez e destreza com que a mão dela era usada pelos espíritos para transcrever mecanicamente os seus pensamentos, sugeriram que os invisíveis tentassem preparar um artigo longo, ou uma história, se assim quisessem, para publicar no Banner of Light.

Obedecendo às diretrizes dos seus guias, a médium marcou uma hora por dia para os espíritos escreverem—permanecendo sempre em estado normal—e estes cumpriram pontualmente o seu papel. Não lhe era permitido, no fim dessa hora ou nos intervalos, ler os manuscritos escritos; a razão dada era que, se o fizesse, o seu próprio espírito se interessaria pelo relato e, consequentemente, não seria tão facilmente controlada pelos autores espirituais.

Tão completa era a sua ignorância da história à medida que o enredo se desenrolava, que se recusou inicialmente a ler as provas enviadas da tipografia pelo Sr. Colby, dizendo que, não tendo tido nada a ver com a redação, não podia responsabilizar-se pela exatidão dos detalhes; mas, sendo-lhe dado a entender pelos autores espirituais que, ao ler a prova, poderiam impressionar a sua mente caso existisse algum erro, acedeu.

A página de título—que só foi escrita quando o relato estava concluído—anunciava o nome: «O Eremita do Powow»; e os incidentes narrados mostravam-se inspirados

em acontecimentos verificados nas proximidades da terra natal do Sr. Colby, Amesbury, Massachusetts.

Um músico alemão, cujo domínio da língua inglesa era muito limitado, ao chegar a este país foi recebido por um velho conhecido do seu país de origem e, após algum tempo de conversa, foi introduzido o tema do Espiritualismo, sendo o amigo um crente firme na filosofia espiritual. O recém-chegado mostrou-se algo cético. Acabou por perguntar se os espíritos conseguiriam escrever em alemão através de uma médium que, individualmente, não soubesse uma palavra desse idioma.

A resposta, sem hesitação, foi: «Sim.»

«Impossível!», exclamou o imigrante.

«Vamos a uma médium e comprovemos», respondeu o residente.

Foram a uma médium e, quando um espírito tomou o controlo, foram informados de que o teste pretendido não poderia ser feito através desse instrumento, mas que, se procurassem a Sra. Conant—sendo-lhes dada a morada pela inteligência invisível—teriam sucesso. Ficaram intrigados, pois não conheciam a senhora, mas, obedecendo às instruções, apressaram-se a encontrar a sua residência. Ao chegar e tocar à campainha, foram recebidos por uma criada, a quem explicaram, num inglês hesitante, o motivo da visita—ou seja, pretendiam uma sessão privada com a Sra. Conant. Ao receber o recado, a Sra. C. mandou

dizer que, naquele momento, não costumava dar sessões privadas e teria de recusar o pedido.

As suas indicações foram cumpridas e os visitantes levantaram-se para sair, mas, antes de fecharem a porta exterior, ela sentiu-se fortemente impelida a descer rapidamente as escadas e chamá-los de volta—uma impressão demasiado poderosa para ser contrariada. Ao explicar-lhes que, por influência de alguma inteligência, sentira interiormente que devia conceder-lhes a sessão desejada, eles regressaram.

O alemão, que não falava inglês, trazia consigo uma flauta, e o amigo (mais familiarizado com o anglo-saxónico) pediu-lhe que tocasse uma melodia suave, compreendendo a importância da harmonia numa sessão e querendo também tranquilizar a vontade poderosa e cética do companheiro, interessando-o na música—tornando-o assim mais passivo para favorecer os acontecimentos que pretendiam observar.

A Sra. Conant sentou-se à mesa com lápis e papel, pronta para o que quer que a influência espiritual quisesse ditar. Enquanto o músico ainda tocava, a mão da médium foi controlada e ela começou a escrever mecanicamente, com grande rapidez, em alemão, uma mensagem dirigida ao cético presente. A mensagem dizia ser do seu pai e estava redigida no seu estilo; na verdade, era tão fiel aos detalhes e correta no idioma, que o incrédulo ficou profundamente comovido e confessou ao seu amigo espírita, radiante, que estava completamente perplexo. Chamando assim fortemente a atenção para o fenómeno,

continuou as suas investigações e, pouco tempo depois, ficou absolutamente convencido da veracidade do regresso e comunicação dos espíritos.

Eis duas questões para análise dos cientistas: como foi possível produzir «O Eremita do Powow» e esta carta numa língua totalmente desconhecida da médium, exceto na hipótese, defendida pela Sra. Conant, de que inteligências desencarnadas, outrora mortais mas agora livres das «correntes físicas», conhecedoras dos factos da história e da língua alemã, controlaram a mão da Sra. Conant—ela permanecendo num estado passivo—e escreveram ambos os textos mecanicamente, sem qualquer ajuda da sua mente consciente?

Em Maio de 1871, a Sra. Conant mudou-se do nº 69 da Dover Street, com a família Dewitt, para a nova residência, nº 76 da Waltham Street, em Boston, onde reside atualmente. Durante a sua estadia neste local, nada de interesse, além do que já foi aqui relatado, aconteceu.

II

Apenas decorreu pouco tempo desde que esse compêndio eficaz, preciso e eloquente dos ensinamentos do mundo invisível, através da secção de Perguntas e Respostas do Banner of Light, tal como semanalmente apresentado pela Sra. Conant nos Círculos Públicos Gratuitos: Flashes of Light from the Spirit Land, foi dado a conhecer ao mundo. Não há necessidade de uma palavra de aprovação aqui sobre esse volume notável—ele vale por si só no campo da literatura espírita, uma verdadeira

pirâmide sobre a qual a riqueza de linguagem, a originalidade de pensamento e a profundidade de penetração deixaram a sua marca.

As lições que contém recomendam-se ao leitor deste volume, pois os Flashes podem ser vistos como um feixe de trigo selecionado lançado na eira da opinião pública, não receando o malho do investigador da verdade, por muito que os distraídos ou voluntariamente cegos possam perder de vista o grão dourado que cada pancada faz saltar. A informação transmitida por inteligências angélicas, através do organismo da Sra. Conant e de outros médiuns em todo o mundo, contribuiu para alargar o horizonte do conservador moral e abrir perspetivas mais amplas aos audazes exploradores do liberalismo religioso.

Já agora, plenos do sopro divino concedido até ao presente, os batedores dispersos do grande exército do progresso humano, avançando pelo desconhecido, atravessaram o «rio silencioso» e ficaram triunfantes (ainda que por breves instantes) onde as colinas da vida imortal cintilam com a glória de um sol que «nunca mais se há de pôr»!

Como se de um marco na estrada do progresso humano se tratasse, apresenta-se a seguinte eloquente síntese dos ensinamentos gerais da Filosofia Espiritual (como enunciados pela protagonista deste relato e pelos seus irmãos e irmãs no campo), nas palavras de outro:

«Olhando além daquilo a que chamamos morte física, o que nos espera?

Penetrando o véu ténue que separa o espiritual do material, o que vemos com a visão purificada pela fé e pelo amor? Uma ascensão sem fim de esfera em esfera—um crescimento perpétuo em conhecimento e afeição—uma constante aquisição de novas faculdades—uma expansão ilimitada do horizonte da observação e perceção—um convívio glorioso e inspirador com profetas e videntes, sábios e filósofos, poetas e artistas de toda a antiguidade—a possibilidade de contemplar todo o campo da história mundana, desde o primeiro momento da existência do nosso planeta até à hora em que nos foi permitido dele partir.

E ao longo das eras vindouras— que serão para nós como aquelas que já se foram" —um perpétuo AGORA, observaremos com o maior interesse e a mais terna solicitude o progresso da nossa raça na Terra. Ser-nos-á permitido, de facto, instruir, confortar, aconselhar e guiar; e ser-nos-á dado compreender—ainda que de forma limitada—a verdade eterna de que Deus é amor.»

No campo da revelação espiritual, porém, o estudante depara-se por vezes com afirmações que por momentos abalam todas as suas noções preconcebidas sobre as ciências; geografia, química, história natural, etc., parecem ser levadas ao banco dos réus; mas estes pontos devem ser submetidos à razão, para aceitação ou rejeição, e, sendo as perceções educadas a espinha dorsal da razão, a ação de uma nova verdade entre os vários membros da sociedade será proporcional à profundidade de entendimento e capacidade de recetividade de cada um. A existência dessa

verdade não é, no entanto, ameaçada pela dúvida; pode sempre esperar pelo momento oportuno para ser reconhecida.

As experiências da Sra. Conant, por exemplo, levaram-na a aceitar e defender como verdadeiras as ideias—antigas como o próprio pensamento humano, embora rejeitadas por muitos líderes da ciência e da teologia—de que os animais, enquanto vivem neste plano rudimentar, têm, por via de uma visão aberta, a capacidade de penetrar na «atmosfera interna da Terra natural» e ver objetos invisíveis ao olhar comum dos humanos; que são frequentemente «impressionados ou inspirados por um influxo desse mundo espiritual que nos é tão próximo» e que, quando termina a sua breve existência terrena, lhes espera outro estado mais feliz de ser.

Entre outras demonstrações recebidas por ela da verdade desta primeira hipótese, nenhuma lhe pareceu tão convincente como o comportamento do seu cão favorito, «Carlo», que teve como animal de estimação durante muitos anos. Em várias ocasiões, espíritos ansiosos por se manifestar no círculo, mas sem o conseguirem, seguiam-na até ao seu quarto e ficavam à sua volta, tornando-lhe percetível a sua presença e provocando um nervosismo mórbido que a obrigava a andar sem cessar, sem perspetiva de alívio. Nessas alturas, o cão acompanhava-a nos seus vaivéns pelo quarto, rosnando e mostrando os dentes, com o pelo eriçado de raiva.

Se ela o mandava deitar-se e ficar quieto, ele obedecia, mas, ao pressentir os espíritos a aproximar-se de novo,

levantava-se, rosnando, e ia para junto dela, tentando afugentar os intrusos—apontando sempre o local onde eles estavam, tão claramente como o fazia a própria médium. E, quando estes deixavam o quarto, o cão expressava a sua satisfação saltitando alegremente.

Uma gata, também muito sua companhia, mostrava igualmente discernir os espíritos que frequentavam os aposentos.

A Sra. Conant, como referido anteriormente, tinha por hábito—e por necessidade—passar as horas que antecediam as sessões, nos dias de círculo, sentada calmamente no seu quarto, sem receber visitas e evitando qualquer perturbação. Era costume da gata, nestas ocasiões, enrolar-se no tapete a seus pés e adormecer, raramente mudando de posição até a senhora se levantar para sair. Num desses dias, estando a gata assim posta, a Sra. Conant entretinha-se com um livro, até que de repente se deu conta de ter ultrapassado o tempo disponível para chegar ao escritório.

Ao levantar os olhos, viu junto de si o espírito do Padre Fitz James (um dos seus guias espirituais), que lhe disse: «Estás dez minutos atrasada!»

Antes que a Sra. C. tivesse tempo de se mover, o que pudesse ser considerado como motivo para acordar a gata, o animal abriu os olhos, fitou diretamente a influência invisível, e saltando de repente, com o dorso arqueado e todos os sinais felinos de raiva ou medo, pôs-se a «bufar» para ele com toda a veemência dos gatos. Terminado este acesso, como que a avisar a sua dona, a gata foi refugiar-se

ao canto mais afastado do quarto, debaixo dos móveis. A médium viu distintamente o espírito sorrir perante os movimentos excitados do animal, após o que desapareceu.

III

Como elementos de prova da veracidade da segunda hipótese, apresentam-se os seguintes incidentes.

Numa ocasião, estando a Sra. Conant nos arredores de Medford, acompanhada de um grupo de amigos, viajando num veículo desconfortavelmente lotado, foi proposto atalhar caminho pelo bosque, poupando assim quatro milhas. Todos aprovaram a ideia, exceto a Sra.

Conant, que não a conseguia ver com bons olhos, embora não soubesse explicar porquê. Contudo, mal a cabeça do cavalo foi orientada na direção desejada, o animal começou a empinar-se e a agitar-se de modo totalmente contrário à sua fama de dócil animal de família. O grupo, que há pouco tinha contrariado as objeções da Sra. Conant ao caminho pelo bosque, passou agora a perguntar-lhe ansiosamente: «O que se passa?» enquanto o cavalo começava a recuar de forma pouco agradável.

A médium disse não saber o que isto pressagiava, mas via o seu guia índio, Wapanaw, parado mesmo à frente do cavalo, recusando-se a deixá-lo avançar e claramente a impressioná-lo com a vontade de recuar. Estava certa de que o cavalo via o espírito e sentia a sua influência, tal como ela.

Mas, como o grupo era cético quanto a isso, pediu que o animal fosse virado no sentido contrário, pela estrada habitual; assim se perceberia se era um espírito humano desencarnado a avisar, ou simples teimosia do animal. Ao virar a carruagem, o cavalo seguiu calmamente como de costume e a viagem terminou sem mais incidentes.

Enquanto vivia na Hanson Street, em Boston, a Sra. Conant sofria de congestão cardíaca inicial e, estando um dia no centro da cidade, percebeu que estava iminente uma crise.

Dirigiu-se com dificuldade, desfalecida e exausta, ao consultório do Dr. Pike (que felizmente ficava perto), conseguindo lá chegar antes de cair num sofá.

O espírito do Sr. Berry (seu antigo amigo e protetor) tomou então controlo do seu organismo e informou o médico de que havia extrema dúvida de que ela sobrevivesse ao ataque, mas que pensava conseguir manter o controlo até que pudesse ser levada para casa. O doutor transportou-a de imediato, em viatura privada, até à sua residência, tendo de a carregar, quase inconsciente, escadas acima até ao quarto.

Ao chegar, deitou o seu precioso fardo num divã. Nesse momento, o cão "Carlo", movido por uma forte excitação, subitamente gania e saltou do chão, acertando-lhe em cheio no peito; depois, começou a lamber-lhe o rosto e a respirar com vigor nas suas narinas. Pouco depois, ela voltou a si e informou o médico—que inicialmente pensara afastar o cão, mas que, por reflexão ou influência espiritual,

decidira deixá-lo continuar—de que sentira estar morta, o espírito completamente liberto do corpo, e que o golpe súbito dado pelo cão a fizera regressar (provavelmente fazendo o coração voltar a bater) e que o magnetismo vital transmitido pela sua respiração e lambidelas no rosto a trouxera de novo à consciência, salvando-a para o trabalho que ainda lhe estava reservado—como a todos—no grande plano da sabedoria eterna.

IV

Este cão "Carlo" deixou a forma material no dia de Natal de 1870 e foi sepultado, com a sua cama, no jazigo da Sra. Conant, no Cemitério de Forest Hill, situado fora do distrito de Highland, em Boston. No dia seguinte ao enterro, o espírito de Charles H. Crowell (irmão da Sra. Conant e também ele notável médium) apareceu-lhe, dizendo que o seu animal de estimação estava com ele na vida espiritual.

Durante dezoito anos, "Carlo" acompanhou pacientemente o sinuoso percurso da experiência canina—tornando-se coxo e surdo (tal como acontece com a maioria da humanidade) com o avanço da idade, e, por fim, estabeleceu uma amizade invulgar com um cão jovem chamado "Gip", pertencente à Sra. Dewitt, em cuja casa a Sra. C. residia então. Quando "Carlo" saía para a rua, "Gip" seguia-o para zelar pela segurança do seu companheiro decrépito, com tanto cuidado como uma criança a conduzir um pai idoso pelas ruas movimentadas da cidade. Muitas vezes, se "Carlo" se aventurava a sair sozinho de casa, "Gip", ao ser informado, ia buscá-lo e trazia-o de volta, puxando-o pelo colar, com fidelidade exemplar.

Convicta, pelos ensinamentos e impressões dos espíritos que a acompanham, a Sra. Conant espera, com confiança, reencontrar o seu animal de estimação no mundo para onde segue, tão seguramente quanto o possuiu neste plano de materialidade efémera. Considera que há apenas um passo entre nós e a criação animal, e que esse passo não lhes retira a imortalidade.

"Não encontraremos, nesse Além velado,
Todos os laços fiéis e sagrados
Que tão de perto nos uniram aqui?
A casa é tão cara, que sem hesitar,
Duvidamos se um dia a havemos de encontrar
Sem as humildes vidas que a faziam existir."

A ideia de uma vida futura para a criação animal, desafiando o orgulho do homem de se considerar único nesse direito, foi mais vezes mantida em suspenso do que abertamente rejeitada pelas classes instruídas e pensadoras de todos os tempos. Enquanto os mais ignorantes se satisfizeram, aparentemente, com as certezas transmitidas por quem queria moldar a opinião pública, de que os humanos possuem algo essencialmente diferente do que anima as criaturas ditas brutas, a grande massa de especuladores e metafísicos colocou esta questão, a par de muitos outros temas do oculto, por detrás de um biombo no recanto sombrio da mente, escrevendo sobre o esconderijo a palavra «o incognoscível». Assim, mais tem sido ignorada do que debatida no campo aberto do pensamento e da crítica.

Há alguns anos, foi publicada uma narrativa que pretendia dar a conhecer aos crentes cristãos as privações suportadas pelos discípulos do Mestre, retratando a vida e os sacrifícios de um pastor metodista numa região agreste da Nova Inglaterra, onde pouco proveito material obtinha do seu labor.

Adoecido e com muitos encargos próprios de quem tem família numerosa, este trabalhador da vinha das almas viu-se obrigado a vender o seu cavalo, instrumento essencial para percorrer as longas milhas que o separavam das casas dos paroquianos. No dia em que o estimado "Whitey" devia ser levado para uma localidade distante pelo comprador, o pai ouviu por acaso as duas filhas, ainda pequenas, conversarem pela última vez com o animal de estimação. Com lágrimas nos olhos, acariciavam-lhe o pelo e davam-lhe comida. Por fim, a mais velha, com os lábios a tremer, disse:

«Pobre Whitey, temos de nos despedir de ti.»

«Mas», atalhou a irmãzinha, cheia de esperança, «voltamos a vê-lo no céu.»

«Não», respondeu a mais velha, cuja visão, mais toldada pela educação terrena, não percebia o instinto da natureza nas palavras da irmã:
«O Whitey não tem alma! Ele vai morrer e nunca mais o veremos!»—e ambas se entregaram ao pranto, para o qual só o tempo teria cura.

Esta opinião, tão simples e sucintamente exposta pela filha mais velha do pastor, poderá ser vista como a posição

assumida por aqueles que, na idade adulta, não consideraram devidamente todas as facetas do tema; mas a maioria dos que já refletiram, mesmo que não aceitem inteiramente as suas consequências lógicas, concordam com Ruskin, quando ele diz:

«Há em cada olhar animal uma imagem velada de humanidade,
Um brilho estranho, através do qual a sua vida espreita
O nosso grande mistério de domínio sobre eles,
E reclama a fraternidade da criatura, senão da alma.»

Diz-se ainda:

«A razão serve quando pressionada,
Mas o instinto sincero vem por si só.»

E, numa análise rigorosa dos impulsos da mente humana, pode dizer-se que, enquanto a razão parece fortalecer-se com o crescimento e endurecer com a experiência, há também um outro leque de sentimentos, mais próximo da nossa natureza interior, que bem pode ser chamado de instinto ou intuição humana, e que define com clareza a certeza de certas coisas sem recorrer à razão ou reconhecer-lhe autoridade no assunto. Amar puramente é a mais alta aproximação à atmosfera do mundo angélico a que nos é dado aceder enquanto habitamos estas moradas mortais; e sentir, pelo menos, o anseio—senão a certeza—da continuação da existência dos objetos do nosso afeto, sejam eles humanos, animais ou outros, é o curso instintivo ou intuitivo do coração enlutado, por mais que se tente

abafar ou negar essa tendência, e quaisquer que sejam os obstáculos de educação teológica ou posição social.

Porque razão deverá a revelação da existência dos animais na terra melhor, feita pelos espíritos nos nossos dias, causar desconforto a qualquer mente reflexiva? Alguém que muito meditou sobre o assunto, a partir do comum sentimento de simpatia para com os nossos servidores mudos, resumiu assim a questão: uma vida futura é devida aos animais, pelos seus sofrimentos não compensados, pelo sentido de identidade, apesar da constante renovação dos seus corpos, pela perceção, memória, vontade e afeto—muitos exemplos dos quais são registados—, pelo sentido de justiça e outras qualidades que, em certo grau, partilham com o homem.

Não serve como objeção insuperável a declaração de que «nos animais estas qualidades se manifestam num grau inferior», pois «são muitas vezes mais desenvolvidas do que as que encontramos em bebés, idiotas, loucos, em alguns adultos humanos, e até em certas tribos inteiras.»

Muito melhor é concordar com as afirmações dos que, passando para além do véu, regressam para nos assegurar, mesmo que não pelas palavras deste autor, que «Nada de belo e puro pode perecer no universo de Deus... No mundo arquetípico, encontraremos certamente flores mais belas, aves mais brilhantes e animais mais encantadores do que aqui jamais vimos!»

Numa ocasião, um episódio tocante ocorreu na experiência mediúnica da Sra. Conant. Uma senhora,

visivelmente abalada por uma recente perda, procurou-a para uma sessão privada.

Após longa espera, durante a qual a médium se sentiu tomada por estranha inquietação e sensações invulgares, entrou em transe e viu nitidamente uma árvore na qual pousava um papagaio de cores vivas. Esse foi o único resultado da visão, mas foi-lhe tão marcante que, ao voltar ao estado normal, logo o relatou à visitante, que se emocionou bastante. Explicou-lhe que estava sozinha no mundo e, durante anos, dedicara o seu carinho—a um nível quase humano—a uma ave de estimação dessa espécie, e que esta morrera recentemente, tornando-lhe a solidão quase insuportável.

Desejava saber se, como alguns afirmavam, poderia um dia voltar a encontrar o seu amigo. Ficou felicíssima com a visão recebida através da Sra. Conant, que, sendo uma completa estranha, não podia conhecer a sua situação nem sentimentos, e partiu animada pela ideia de que, embora se tivesse calado para sempre a voz que lhe fazia companhia, um dia

«Reconheceria a nota
Entre os mil cantares que flutuam
Nesse grande mundo todo Belo.»

V

Desde os primeiros momentos em que foi reconhecida como médium, a Sra. Conant revelou-se particularmente sensível à influência de espíritos que afirmavam ter pertencido, em vida terrena, às tribos aborígenes da América do Norte. O investigador do Espiritualismo já terá notado a grande ajuda prestada pelos espíritos indígenas aos médiuns dos nossos dias; mas, para quem não tenha conhecimento disso, convém assinalar que a vida do índio, conduzida na Terra em harmonia ou maior proximidade com a Mãe Natureza, parece dotar o seu espírito, após a morte, de um conhecimento mais profundo do controlo dos elementos subtis da força magnética do que o seu irmão branco, cuja civilização o afasta cada vez mais para as complicações dos costumes, apetites e modas artificiais, até que, como o arco sempre retesado, a energia e elasticidade do seu físico sucumbem à tensão constante e ele se torna pouco mais do que um autómato ambulante, ou pior, um verdadeiro «sapador e mineiro»* (*em inglês no original: explorador e minerador*), exigindo, com um organismo faminto pelo princípio vital, tributo de todos os que se aproximam, especialmente se forem negativos ou simpáticos.

O seu trabalho é mais letal do que o dos engenheiros militares, pois é realizado em segredo: no comboio, na igreja, no salão de conferências, na rua apinhada—em todo o lado, ele (ou ela) dedica-se a alimentar-se da vitalidade magnética dos que o rodeiam, sugando as fontes da sua vida e minando o próprio templo do ser, embora esse ato

seja tão involuntário para quem o pratica como o é respirar o ar à sua volta.

Muitos, mesmo sem aceitarem a hipótese da transmissão das forças animais de uma pessoa para outra de forma tão subtil, não podem deixar de reconhecer estranhas sensações de fraqueza e lassidão que os invadem por vezes, sem que haja esforço particular que as justifique; tais pessoas, acreditem ou não, estiveram na presença de vampiros magnéticos—fruto natural, talvez, de uma civilização excessivamente madura—tal como aconteceu à Sra. Conant, e pagaram o preço natural da lei da oferta e da procura.

Esta grande necessidade é satisfeita pelo elemento indígena no controlo espiritual. O homem vermelho sempre foi uma fonte de poder curativo para os médiuns esgotados pelas exigências da sua vocação, assim como para todos quantos tenham beneficiado da sua influência benigna. A Sra. Conant, em particular, sente no coração profunda gratidão por aqueles da sua raça que sempre a acompanharam e sustentaram nas horas de prostração ou sofrimento físico.

Entre os episódios mais agradáveis do seu controlo espiritual estão as sessões noturnas espontâneas na sua residência, onde, na presença de amigos íntimos, «Spring-Flower», «Ne-os-co-le-ta» (ambas jovens índias), «Vashti» (uma criança Piegan morta no massacre de Wachita) e outros manifestam o seu interesse pelos assuntos da Terra—enquanto a médium é «restaurada» em mente e corpo pela sua presença amorosa. O nome que lhe deram,

«Tululár», ou seja, «algo por onde se vê», demonstra o papel que desempenha para esses amigos, em troca dos benefícios recebidos.

A sua mediunidade assemelha-se, em muitos aspetos, à de D. D. Home. Depois de estar em transe durante uma ou duas horas, e de os presentes serem entretidos pelos amigos invisíveis que a controlam física e mentalmente, ao regressar à consciência, quase sempre pergunta: «Quem esteve aqui? E o que disseram?» Muitas vezes, sem aviso, entra em transe e, de repente, volta a si; por vezes, a influência mantém-se durante mais tempo, mas raramente tem noção do que aconteceu na sua presença enquanto esteve nesse estado.

Desejando naturalmente comprovar a verdade das manifestações ocorridas através de si (tal como lhe eram relatadas pelos amigos presentes), sempre procurou testar os espíritos que se apresentavam. Quando conheceu o Coronel Tappan (marido de Cora, a célebre oradora espírita), que integrava a Comissão de Paz com os Índios dos Estados Unidos, sentiu-se especialmente curiosa quanto à veracidade das influências indígenas que a controlavam.

Era seu hábito dizer, depois de os espíritos falarem pela sua boca na língua nativa: «Como pode alguém saber se os sinais e palavras que Spring-Flower e outros usam são verdadeiros e corretos? Estou inconsciente durante a manifestação, e ninguém presente pode decidir se o que é dito através de mim por esses espíritos indígenas faz sentido ou não. Não considero o teste nada satisfatório.»

Por isso, sentia certa resistência ao uso da chamada língua indígena através do seu organismo. Uma visita à sua casa do Coronel, acompanhado por vários cavalheiros—um dos quais tinha sido agente indígena dos Estados Unidos durante cerca de quinze anos e alegava conhecer a maioria dos idiomas falados pelas tribos fronteiriças e do interior—pareceu-lhe oferecer uma excelente oportunidade para averiguar, já que esses visitantes poderiam seguramente compreender as palavras e sinais dos supostos índios, se fossem corretos, ou concluir o contrário, se não passassem de sons sem significado.

«Spring-Flower» controlou-a de imediato e foi capaz de conversar fluentemente com o antigo agente—chegando talvez a superá-lo, pois este hesitava por vezes até lhe ocorrer a palavra certa, enquanto a sua interlocutora invisível parecia em plena posse do seu elemento. Os sinais anteriormente feitos pelos espíritos indígenas—e repetidos naquela ocasião—foram também reconhecidos como corretos por este senhor. Isto constituiu a maior prova para a Sra. Conant quanto à fiabilidade dos seus guias, e deverá também levar qualquer cético a perguntar-se sobre a probabilidade de alguém tão frágil e sobrecarregada como a médium adquirir conhecimento dos obscuros dialetos das tribos do Oeste longínquo, mesmo que lhe fosse possível viajar para lá, o que não era o caso. A Sra. Conant perguntou a um dos membros do grupo se achava que «Spring-Flower» conseguiria fazer-se entender—caso ela (a Sra. C.) estivesse entre os índios e em transe—junto da tribo a que dizia ter pertencido em vida, e ele respondeu que, no seu entender, sem dúvida conseguiria.

Quanto a esta peculiaridade, pela qual dialetos indígenas são transmitidos com tanta fluidez através da Sra. Conant, o espírito Theodore Parker garantiu-lhe frequentemente que se deve sobretudo ao facto de, sendo ela parcialmente descendente de índios, os seus órgãos da fala estarem naturalmente adaptados à sua enunciação.

É necessário alguma preparação, de nascimento ou educação, para que os órgãos de um médium sejam aptos à fala de uma língua estrangeira. E, no além, segundo lhe diz Parker, o espírito comunicante está confinado à sua própria língua materna, ou às que aprendeu em vida, salvo se se tiver instruído em outras já no mundo espiritual. Nesse lugar, o conhecimento não é derramado em torrentes sobre cada inteligência—é preciso haver vontade e esforço por parte dos espíritos, ao libertarem-se da mortalidade, se quiserem alargar o seu horizonte mental e aumentar o âmbito das suas capacidades.

Vários poemas e muitas belas mensagens em prosa, plenas de eloquência natural e poder, foram transmitidos pelos lábios da Sra. Conant por diferentes espíritos indígenas; entre as composições poéticas, destaca-se a que segue. Foi transmitida no final de uma palestra da Sra. Gordon, no Melodeon, Boston, a 11 de março de 1866, com a Sra. C. em transe, como era habitual.

O poema foi composto no mundo espiritual e recitado por Metoka, uma notável índia, mãe de Winona (tema do poema) e esposa do sachem Wanandago, cujos terrenos de caça, há mais de duzentos anos, incluíam o território onde hoje se ergue a cidade de Boston, e cujo wigwam ficava no

cimo da colina onde agora está o Parlamento Estadual. O presidente leu então uma breve lenda, fornecida por um espírito indígena, que explica o costume que muitas vezes condenava as mais belas filhas do povo vermelho a um destino cruel:

«O homem branco tem costumes; o índio também. O que o índio acha correto, o branco acha errado. O que o branco acha certo, o índio acha errado.

Muitas luas atrás, onde agora o homem branco caça, o índio caçava o seu. Os vossos grandes livros contam isso.

Quando duas ou mais tribos estavam em guerra, a mais fraca, depois de jejuar durante dois sóis, reunia-se em conselho, liderada por um sachem, para ouvir o que o Grande Espírito lhes dizia a fazer às jovens índias (pois era costume da tribo vencedora escravizar todas as jovens, matando as mais velhas que caíssem nas suas mãos). Ao nascer do sol, após o conselho noturno, chamava-se a mais bela jovem da tribo, dando-lhe o direito de escolher entre a morte às mãos dos seus familiares ou o risco de ser capturada e escravizada pelos conquistadores. A sua decisão era tida como a voz do Grande Espírito, a qual não podia ser contestada.

Winona, protagonista do simples poema que se segue, foi a primogénita da casa de Wanandago, então sachem da tribo. (A palavra sachem significa, entre os índios, profeta ou líder espiritual.)

Os terrenos de caça desta tribo eram aqui, onde agora se

levantam as vossas muitas casas; e o wigwam do sachem ficava no alto da colina onde está o vosso grande parlamento.

Quando o homem branco veio de além-mar, caçava o jogo do índio e nada lhe devolvia. Plantava o milho nos montes sagrados do índio e não vertia uma lágrima—mas deu-lhe a sua 'água de fogo'! E assim o índio se inflamou contra o branco, decidindo fazer-lhe guerra. Foi então que o Grande Espírito falou a Winona, e a flecha de Wanandago enviou-a para a terra do sol e das águas límpidas, onde Metoka, a bela esposa de Wanandago, fora ao chegar Winona.»

Então Metoka, em tons claros, entoou, em suaves e melodiosas cadências, a história de

A JOVEM ÍNDIA WINONA
Na luz do sol, à luz da estrela,
Sob a lua de outrora, tão bela,
Antes do solo virgem de Shawmut
Sentir o arado do homem de luto;
Antes dos grandes lagos e rios
Ouvirem canções em desafios,
Antes que o Pai de todas as Águas
Levasse brancos em suas jornadas;
De terras distantes, cabanas ao sol,
Onde o astro acorda, rompe o arrebol,
Onde guerreiros ouvem o clamor
Do tambor, chamado ao ardor,
Vivia Winona—filha da Natureza,
Bela, morena, cheia de beleza,

Cuja vinda fez nascer Metoka,
Lá onde a flor silvestre evoca.
Cresceu Winona, forte e formosa,
Mais bela que a primavera rosa;
E o eco da sua doce canção
Enchia de vida cada direção.
Se o veado passava junto ao abrigo,
Logo caía por seu tiro amigo;
A flecha de Winona era certeira,
Jamais errava sua carreira!
Dezasseis vezes caiu o Inverno,
Dezasseis vezes o sol foi ao inferno,
Desde o cântico à morte de Metoka,
Quando o povo chorou sua troca.
Então, o estranho som do homem branco
Ecoou nas terras, causando espanto;
E seus passos firmes, sem temor,
Profanaram montes de grande valor.
Toda a caça abatiam sem dó,
Ignorando o lamento e o pó
Que a jovem deixava no ar,
E os guerreiros não podiam lutar.
Então falou Wanandago,
Com voz suave, quase afago,
Perguntando se Winona queria
Ir para a terra onde o sol irradia.
Rápida veio a resposta na noite,
Sombra no peito, dor que açoite:
"Irei, ó grande chefe sagrado,
Onde o céu é sempre dourado;
Onde caçamos em campos maiores,
Onde as águas brilham com mil cores,

Onde os espíritos dos ancestrais
Cantam hinos de tempos ancestrais!"
Logo o povo, em dor renovada,
Canta a canção da alma levada;
Pois o espírito de Winona partiu
Para a terra da luz, onde tudo sorriu.
Mas hoje à noite ela vem visitar,
Com doçura e amor, vem para guiar;
Com mãos gentis quer conduzir
Ao reino onde o sol vai sempre luzir;
Lá, nenhum branco rouba ao irmão,
Nem o sol se põe em solidão;
Onde guerreiros e donzelas cantam,
E hinos de luto nunca se levantam;
Na terra onde as estrelas brilham mais,
E a lua desce em véus matinais,
Com a bênção do grande Manitu,
Como a luz do sol, em todo lugar nu.
Ali, o índio faz seu conselho,
E cresce em força e saber velho—
Pois até os anjos ensinam perdão
Pelo erro branco, sem compaixão.
Aqui, o machado e as setas repousam,
Sob vossas cabanas, onde as almas pousam;
Lá, o seu espírito bebe sabedoria
Na gloriosa terra da harmonia.
Adeus, pálidos mortais, até o dia
Em que o conselho reunir, em alegria;
Face a face com Winona encontrarão,
Na Terra da Manhã, do Índio, em união.

PARTE VII
MANIFESTAÇÕES PECULIARES DO PODER ESPIRITUAL – INTRICACIAS DO CONTROLO

"Vida, estivemos muito tempo juntas,
Em bom e mau tempo;
É difícil separar quando os amigos são queridos,
Talvez custe um suspiro, uma lágrima;
Então afasta-te devagar—dá pouco aviso,
Escolhe o teu momento;
Não digas 'boa noite', mas nalgum lugar mais luminoso
Diz-me 'bom dia'."
— Mrs. Barbauld.

Como referido numa secção anterior, algumas das manifestações mais interessantes da existência e inteligência espiritual na experiência da Sra. Conant ocorreram, e continuam a ocorrer, na sua residência, na presença dela própria e de amigos reunidos para conversas sociais privadas. Nessas ocasiões, muitas vezes sem aviso, a médium entra em transe, e muitos espíritos, que pela sua frequência já parecem velhos amigos dos que visitam a sua casa, dão as suas saudações—alguns falando de temas científicos com quem os queira discutir, outros relatando as suas experiências na Terra; muitas crianças espirituais também ali se alegram, como num recreio durante o

intervalo escolar. As inteligências que se manifestam nestes círculos improvisados, contudo, nem sempre são as mesmas, pois muitos espíritos desconhecidos são apresentados de tempos a tempos à médium por aqueles que, do outro lado da vida, já aprenderam o caminho da comunicação.

Muitos factos importantes e surpreendentes—a maioria dos quais o mundo em geral ainda não está preparado para aceitar—têm sido comunicados pelos que controlam estes encontros. As páginas desta divisão do livro (Parte VII) são dedicadas à descrição de muitos incidentes interessantes que ocorreram nestes círculos privados e que nunca antes tinham sido tornados públicos. São extraídos, com permissão, do diário do Dr. J. T. Gilman Pike, que foi durante anos o fiel amigo e médico da médium. No final de cada sessão, o Doutor, ao chegar ao seu "hotel", formou o hábito de registar os principais acontecimentos, preservando-os antes que escapassem à memória.

A apresentação destas mensagens não pode ser considerada uma digressão; pois o maior valor que se atribui à obra de vida da Sra. C. resulta do carácter puro e elevado das comunicações que vieram dos seus lábios ou foram escritas mecanicamente pela sua mão; e nenhum relato das suas experiências que não considere este aspeto do seu trabalho em todas as suas vertentes pode ser considerado sequer aproximadamente completo.

Muitas questões surgirão na mente do leitor que analisar este relato—(tal como foi dito anteriormente sobre os ensinamentos dos espíritos nos círculos públicos)—e tais questões deverão ser remetidas, como no caso anterior,

para a ação da sua própria perceção interior do que é correto.

Os factos aqui ficam registados com a confiança do Doutor, que os transcreveu, e da médium, através de quem foram dados, de que futuras revelações, com o passar do tempo, prepararão a maioria da sociedade para ver mais claramente muitos pontos que agora estão envoltos em dúvida relativamente ao "solene mistério" da vida após a morte.

O número de pessoas é já considerável que, enquanto ainda contemplam a gloriosa Shekinah de Deus a brilhar entre as asas dos querubins na arca da igreja, são contudo levadas pelo seu íntimo a ecoar as palavras do sincero e destemido editor Swedenborgiano, que, ao assistir a uma notável sessão de manifestações físicas na presença de outra médium, publicou na sua revista, "The New Church Independent", o seguinte tributo de reconhecimento ao que há de ser a esperança e verdade dos anos vindouros:

"Não nos atrevemos a emitir opinião sobre o modo de operar destes fenómenos, nem sobre a sua desordem. Que são obra de espíritos, não duvidamos. Deus, na sua providência, sabe para que bem são permitidos. Há muito de efémero, passageiro e insatisfatório nestas manifestações físicas vindas dos reinos dos espíritos, que não passam das ondas espumosas do grande oceano da existência espiritual, quebrando nas rochas e bancos do Tempo.

Não quereríamos desfazer a nossa noite com a companhia invisível. A memória dela perdurará em nós como o eco de algum doce e agradável sonho, em que os anjos vieram até nós como aqueles na escada de Jacob; onde as pequenas mãos dos nossos entes queridos nos tocaram, e as suas vozes sussurrantes asseguraram-nos que a imortalidade não é uma ficção, mas uma grande e bela realidade."

Este avanço conseguido nos corações da multidão em apenas vinte e cinco anos, pela Filosofia Espiritualista, perante a maior oposição, tanto social como teológica, será mantido e ainda mais alargado entre os homens, até à aceitação talvez de muitos pontos que, no presente, deixam hesitante até o crente no regresso das almas desencarnadas.

Lançando um olhar de investigação pelas páginas do registo do Doutor sobre mensagens e cenas notáveis, dadas através de, ou na presença da Sra. Conant, o olhar detém-se na data mais antiga sobre uma comunicação feita no início da primavera de 1857, por uma senhora já no mundo espiritual, que, ao ver que uma nuvem negra de desespero pairava sobre a alma do marido, se apressou a usar todos os meios ao seu alcance para a dissipar, aproveitando assim a oportunidade de se manifestar pela médium, espalhando pelo seu caminho—como verdadeira esposa deve—a luz de consolação celestial:

"Ao meu querido companheiro na vida terrena:

Quero trazer-te uma mensagem de amor, verdade e afeição imortal.
Quando as ondas selvagens e furiosas das tristezas terrenas embatem na tua barca enquanto ela desce o rio da vida, não temas, pois um anjo está ao leme.

Por mais escuras que sejam as nuvens, e selvagem a tempestade, chegarás são e salvo a terra firme.

Oh, esforça-te, meu amado, por afastar toda a tristeza e viver na luz do amor de um anjo; pois os anjos estão contigo, e eles veem a nuvem sombria que em breve iluminarão com tons dourados.

Os grãos de areia na tua ampulheta estão agora cobertos pela escuridão; oh, tem fé, pois ainda brilharão como ouro fino.

Os anjos estão a trabalhar, e em breve provarás os frutos do que eles estão a semear.

Meu querido, neste momento deixo o meu lar nos reinos da luz e da glória, para visitar o teu plano escuro, em resposta ao chamamento da tristeza.
Oh, não deixes que a minha vinda seja em vão.

Lembra-te, meu amado, que os anjos dizem: 'Paz—acalma-te!' e não responderá o teu ser interior 'Ámen!' assim unindo-te aos entes queridos enquanto procuram envolver-te com um manto de paz?

Ouve, querido; não ouves a suave melodia ao longe, que em breve embalará o teu espírito cansado para o descanso?

Se não consegues ouvir, clama em alta voz: 'Paz, acalma-te', e então os teus ouvidos abrir-se-ão, e o teu espírito será arrebatado pela melodia do céu.

Agora, a tumultuosa desordem da Terra traz discórdia até às portas do sagrado templo da alma.

Levanta-te! Sai daqui; não fiques na planície da incredulidade, pois o teu Deus há de redimir-te pelo poder dos seus anjos.

E esses são os entes queridos que conheceste na Terra."

Uma entidade espiritual de nome "Eulália" fala aos presentes num destes círculos noturnos, explicando a um dos membros a razão do seu atraso em chegar. A sua mensagem incentiva o amigo a "animar-se" e refere a extrema dificuldade que há para um espírito regressar quando a dúvida e a tristeza pairam como nuvens sobre os membros da sessão:

"Meu amigo:—Posso chamar-te meu amigo? Tentei, durante três dias, falar contigo, mas em vão. O teu próprio estado sombrio e infeliz formou um abismo intransponível. Porquê permaneceres junto do túmulo do desespero? É verdade que ali podem florescer rosas, mas os espinhos são demasiados—por isso, pisa com leveza e olha para além do

túmulo do presente, em direção à estrela da ressurreição do futuro."

Uma mãe em espírito, datada de 15 de Outubro de 1859, dirige-se assim aos seus filhos deixados para trás. O conselho aqui contido, e o espírito de confiança e resignação que respira, constitui um argumento sólido apresentado pelo Espiritualismo perante o tribunal da razão e da justiça contra a acusação da sua origem demoníaca e dos seus efeitos:

"Meus queridos meninos:—Que notícias vos trarei da terra dos espíritos?

Que novas flores de amor para vos estimular ao dever? Direi que continuam a ser muito queridos para mim, e que estou tão ansiosa pelo vosso bem-estar como quando estava convosco na carne? Que vos visito todos os dias; que me entristeço quando vos vejo agir mal e fico muito feliz quando vos vejo agir bem?

Não! Nem preciso de vo-lo dizer, pois penso que o vosso conhecimento das coisas espirituais já vos ensinará isto, e muito mais.

Por vezes, desejei que estivessem comigo quando, absorta em maravilha e alegria, contemplo as belezas do meu novo lar; pois aqui tudo é muito belo para quem sente que tentou fazer o bem na Terra.

Lembrem-se disto, meus queridos, e comportem-se em conformidade.
Tenho retratos vossos no lugar que chamo de casa; e

quando estão felizes, os retratos parecem muito claros e belos, mas quando não estão felizes, ou fizeram algo que sentem ser errado, então mal consigo distinguir as imagens, pois ficam obscurecidas por uma atmosfera densa e material que recolhem do vosso estado ou condição na vida terrena.

Por isso, meus amores, tentem, oh, tentem fazer o melhor que puderem, e eu, assim como vocês, seremos muito mais felizes do que se não vivessem de acordo com os ensinamentos daquele monitor sempre presente que o Bom Pai vos deu para vos guiar à paz e verdadeira felicidade. Esse monitor é a vossa própria consciência. Obedeçam-lhe, e não poderão deixar de ser felizes.

É meu desejo que sejam bondosos com todos com quem lidam—obedientes aos vossos professores—cuidados com a vossa higiene—atenciosos e carinhosos para com o vosso querido pai—e, acima de tudo, sempre ambiciosos de fazer o bem, para que possam ganhar não só a aprovação dos mortais, mas, o que é melhor e muito mais duradouro, o brilho do apreço dos que vivem nas altas esferas espirituais.

Lembrem-se, meus pequeninos, que nunca, nunca estão sós; e embora não nos possam ver, nós temos olhos que vos veem, ouvidos que vos ouvem, e sentidos que compreendem tudo o que fazem.

Oh, deixem-me muitas vezes receber algum pensamento carinhoso dos meus meninos queridos que deixei na Terra.

Valorizarei cada um como uma joia de recordação dos que

tanto amo; e embora por vezes me afaste muito da Terra, cada pensamento meu vindo daqueles que amo chegará até mim tão certo como o sol nasce e vos abençoa todas as manhãs."

II

Em 1861, encontramos o Doutor a registar cenas e incidentes vividos nestes encontros privados, que eram o acompanhamento lógico da grande luta civil então em curso nos Estados Unidos. Espíritos de ambos os exércitos, que tinham deixado os seus corpos em pleno estrondo de batalha, e que mal conseguiam perceber a mudança que tinham sofrido – e outros, que no ar rarefeito do hospital apinhado tinham entregado as suas vidas num torpor mortal e desesperado, ainda sem se darem conta de que, para eles, as provações e dores da Terra tinham terminado – , acorriam a esta via de comunicação espiritual. Uns eram ali conduzidos por amigos, outros chegavam à deriva, ao sabor de uma aparente casualidade – aparente, porque a mente que pesa as suas experiências custa a aceitar que exista, no universo, algo como acaso absoluto.

Vamos, no relato seguinte, erguer o pano por um momento e, com o poder da imaginação, penetrar, tanto quanto possível, nos sentimentos de alguém que descreve vividamente o seu estado:

"Na noite de 23 de Novembro de 1861, a Sra. Conant estava em transe e falou da seguinte forma:

'Está tudo acabado para mim.'

Após uma breve pausa, perguntei [eu, Dr. Pike]: ‘O que quer dizer?’

‘O que quero dizer! Está tudo acabado para mim. Nunca vou recuperar disto. Nunca vou ficar bem. Onde está o Joe?’

‘Joe quem?’ perguntei.

‘O Joe, o meu irmão.’

‘Ele não está aqui’, respondi.

‘Como vieste cá parar? Quem te trouxe para te sentares comigo?’,

perguntou ele.

‘Ninguém’, respondi, ‘vim cá por acaso.’

‘Quem és tu, afinal?’

A esta pergunta evitei responder diretamente, quando ele continuou:

‘Onde está aquele homem que nos traz o caldo? Onde está o Hollin?’

‘Que Hollin?’, perguntei.

‘O médico.’

Respondi: ‘Já não te vê há algum tempo.’

Por estas perguntas percebi que o espírito controlador estava na escuridão – ignorante da sua verdadeira condição – e, por isso, tentei esclarecê-lo.

Como primeiro passo, perguntei:

‘Onde estás?’

‘No hospital, claro.’

‘Que hospital?’

‘No hospital em Washington. Eu sabia que esta disenteria me ia matar. Não tenho medo de morrer. Lamento que o Joe me tenha deixado; tinha muitas coisas para lhe dizer. Enfim, agora já é tarde. Não quero saber do Hollin. Não vou tomar mais o remédio dele. Não me fez bem nenhum. Estou tranquilo agora, só muito fraco. Não tenho medo de morrer.’

Disse-lhe então que já tinha passado pela mudança chamada morte; que o seu espírito tinha deixado o corpo, e que estava no mundo espiritual, embora não tivesse consciência desse facto.

Ele, porém, não ficou convencido, declarando:

‘Não! Este é o meu corpo. Não estás tu a segurar-me?’

‘Sim, estou a segurar-te’, respondi, ‘mas só tens posse temporária de um corpo emprestado. Já ouviste falar de médiuns e do Espiritualismo?’

‘Sim, mas não acredito nisso.’

Expliquei-lhe então que, nas últimas horas de vida, a sua mente estava mais ou menos confusa, e que falecera num estado inconsciente. Este facto da ‘confusão’ ele reconheceu. Assegurei-lhe então que provavelmente tinha sido levado até à presença da médium por algum familiar ou amigo do mundo espiritual, desejoso de o acordar para a sua verdadeira condição.

Perguntei:

‘Tinhas pai, mãe, irmão ou irmã no mundo espiritual?’

‘Sim’, respondeu, ‘uma mãe. Se ela tivesse vivido, eu não estaria aqui.’
‘Pois’, disse-lhe, ‘a tua bondosa mãe velou por ti durante a doença e recebeu o teu espírito à entrada da sua nova casa. Trouxe-te aqui para te restabelecer a consciência. Quando saíres deste lugar, irás vê-la e reconhecê-la, e então compreenderás plenamente a tua situação.’

Deu-me o nome de Holbrook, de Oakland, Illinois, e disse que a mãe era uma mulher de Massachusetts que foi para oeste vinda de Duxbury. Estava muito desejoso de se certificar da sua própria identidade e pensava que conseguiria se pudesse pousar a mão sobre a cabeça.

Ajudei-o e, ao perceber a verdade do que eu dizia, a cena da morte voltou a ser representada e ele abandonou o controlo."

Em poucos instantes, a Sra. Conant regressou ao estado normal, mas sofreu bastante devido à influência deixada pelo espírito recém-partido. Para aliviar o seu estado, o Doutor colocou-a sob influência magnética e, nesse estado, ela viu o jovem que acabara de controlar, de pé ao lado da mãe – com os braços dela à volta do pescoço – e depois uma irmã que veio abraçá-lo. Em resposta às perguntas do Doutor, o jovem afirmou que tudo o que Pike lhe tinha dito era verdade. A mãe também disse que tinha trazido o filho à presença da médium para que ele pudesse "nascer" corretamente para o mundo espiritual – isto é, tomar plena consciência daquilo que ia vivenciar e começar.

Como exemplo adicional do processo pelo qual o entendimento do espírito confuso é esclarecido, e a sua visão mental iluminada ao tomar posse de um médium terreno – do ponto de vista de cuja vida material parece, ao assumir o controlo, iniciar uma nova etapa, compreendendo melhor a sua condição mudada e os novos deveres que lhe cabem – seguem-se excertos da entrada seguinte, datada de 30 de Novembro de 1861.

Nessa noite, o Doutor, estando na casa da Sra. Conant, apercebeu-se, depois de um espírito que já antes se tinha manifestado se ter retirado, que outro, evidentemente desconhecedor do método de controlo, tentava influenciá-la. Finalmente, a médium, sentada num divã próximo dele, levantou-se – totalmente em transe – e dirigindo-se ao

centro da sala, disse ao espantado médico, com acentos de profunda angústia:

"Disseram-me que era misericordioso e que me devolveria o m

eu filho!"

O Doutor respondeu que não percebia, mas que, se a influência lhe explicasse as circunstâncias do caso, talvez lhe pudesse ser útil. Ao ouvir isto, o espírito controlador exclamou:

"Roubaram-me o meu filho e, quando percebi que não o podia recuperar, tirei-me a vida. Oh, o meu filho, o meu filho! Disseram-me para vir até si – que teria misericórdia e me devolveria o meu filho!"

Em resposta às perguntas, o Dr. P. soube que, em vida terrena, a influência – que o leitor já terá percebido tratar-se de uma mulher – residia em Nova Iorque; que tinham passado três anos desde o rapto da criança e o suicídio da mãe; que o pai da criança a tinha raptado e que ela estaria algures no mundo espiritual, embora a mãe ainda não a tivesse visto.

"Neste ponto [segue o relato] compreendi tudo e disse-lhe:

'Sim; vou devolver-lhe o seu filho.'

'Oh, Deus o abençoe! Quando – quando? Serão anos e anos primeiro?', exclamou ela.

‘Não’, respondi, ‘pode ser apenas pouco tempo, talvez apenas alguns momentos. A minha experiência anterior permite-me assegurar-lhe que, ao deixar o controlo e voltar ao seu lar espiritual, irá encontrar o seu filho, se não antes. Era necessário que regressasse à Terra, libertasse uma parte da sua própria materialidade e recebesse esse magnetismo peculiar que a habilitaria a entrar em ligação com o seu filho; e algum parente ou amigo do mundo espiritual trouxe-a aqui para esse fim.’”

A verdade desta hipótese confirmou-se no seu caso, pois, mesmo antes de abandonar o controlo do organismo da Sra. Conant, o espírito ergueu a cabeça, com as mãos juntas e uma expressão radiante de alegria, exclamando: “O meu filho – o meu querido!” Poucos momentos depois, a médium viu em visão a reunião da mãe com o filho amado no mundo espiritual. A pedido do Doutor, forneceu o nome que usava em vida, o qual, por respeito a pessoas ainda vivas, não é aqui revelado.

Algumas belas ofertas florais, cuja linguagem das cores era: “Sabedoria e pureza”, foram também vistas nesta altura pela Sra. C.; tomaram a forma de letras que, passados instantes, ela pôde ler, e que proclamavam uma bênção para qualquer que desse “a um destes pequeninos nem que fosse um copo de água fria”; outra coroa, entrelaçada com a maior, foi vista, com a inscrição: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus mesmo na prostituta.”

Outras mensagens e circunstâncias registadas em 1861 incluem um exemplo forte do poder do instinto de

sobrevivência na mente do indivíduo manifestante. Um espírito que se identificou como Sylvanus Thompson, de St. Louis, controlou a Sra. Conant a 26 de Maio, afirmando que tinha sido morto numa revolta naquela cidade cerca de duas semanas antes, e estava profundamente ansioso por voltar a tomar posse do seu corpo físico.

Um apego material à vida parecia operar com grande força dentro dele, e parecia quase impossível convencê-lo de que não poderia ser restituído, de algum modo, ao seu antigo invólucro físico. Afirmou que era bem provido de bens materiais enquanto cá estava e que faria qualquer acordo desejado com o Doutor, ou com quem quer que o pudesse trazer de volta ao corpo do qual tinha sido tão subitamente expulso. Este estranho diálogo continuou entre os dois até que o Capitão Gibbs (um espírito amigo já referido nestas páginas), vendo que a Sra. Conant sofria com a intensa excitação provocada pelo controlo estrangeiro, o afastou, avisando os presentes de que deveriam proteger a médium, tanto quanto possível, desta influência ou de quaisquer outras do mesmo tipo, pois seria certo que, se lhes permitissem instalar-se, trariam problemas à médium.

III

De acordo com as disposições da lei do controlo espiritual, a inteligência invisível, ao visitar um médium pela primeira vez após a morte, parece trazer consigo um reflexo espiritual das condições, cenas e circunstâncias que rodearam a sua saída da materialidade. Esta experiência, contudo, não se repete da mesma forma numa segunda

visita ao mesmo, ou a outro, instrumento de comunicação; o esforço de controlo faz-se de modo mais fácil, a ligação ao médium solta-se com mais compreensão, e a perturbação anterior nas condições deixa de ser percetível.

Como ilustração desta lei infalível, apresenta-se o caso de um espírito que se manifestou na noite de 14 de Maio de 1861. Segundo o registo da altura, a Sra. Conant foi subitamente dominada por um espírito que exibia sintomas de hidrofobia, espumando pela boca e tentando morder os presentes. Sempre que o médico tentava tocar-lhe no rosto ou na garganta, estes sinais repetiam-se com considerável violência.

O Doutor hesitou, de início, se estas manifestações seriam resultado de uma influência estrangeira, ou se seriam causadas por algum distúrbio físico da própria médium; mas ao colocar a questão: "Está algum espírito em controlo?", percebeu uma tentativa evidente de resposta — embora a inteligência não conseguisse utilizar os órgãos da fala. Passado algum tempo, o controlo tornou-se mais perfeito, e uma resposta afirmativa foi dada, com exclamações que denotavam grande sofrimento:

"Ah, se eu soubesse como isto era difícil, nunca teria tentado. Quero ir-me embora. Deixem-me ir!"

Perante outras expressões semelhantes, o Dr. P. perguntou à inteligência acerca da sua identidade, nome, condição, etc., e se ele, o Doutor, podia ser útil de algum modo. Não recebeu, no entanto, resposta. A partir do momento em que se convenceu de que as manifestações

que presenciava eram resultado de controlo espiritual, o Doutor formou uma ideia quanto à natureza do caso e à identidade do interveniente. Para apurar a exatidão da sua impressão, colocou a questão:

"Há quanto tempo estás no mundo espiritual?"

Ao que a influência respondeu: "Apenas há alguns meses."

"Não vivias tu no South End, perto ou na Avenida Shawmut, e morreste de hidrofobia?" Ao que o espírito respondeu prontamente que ambas as suposições estavam corretas; pediu ainda, insistentemente, que o Doutor o ajudasse a libertar-se da médium, o que foi feito através do uso do magnetismo pelo médico, rompendo assim o controlo, e a Sra. Conant recuperou a consciência; queixou-se imediatamente de um desconforto na zona da garganta e disse que sentia o rosto "como se estivesse todo repuxado".

Poucos minutos depois, tentou beber uma preparação num copo sobre a lareira, mas assim que o fez, foi acometida de um espasmo, exclamando: "Que dor na nuca!" Nova tentativa, cinco minutos depois, teve ainda menos sucesso — o espasmo foi mais severo. Foi então colocada sob magnetismo pelo Dr. P., de onde acordou ao fim de cerca de dez minutos sem efeitos desagradáveis remanescentes da influência do estranho visitante.

Não é raro que espíritos que se aproximam de um médium por simpatia com a inteligência que o influencia sejam subitamente atraídos para o controlo quando o primeiro se afasta, sendo obrigados a manifestar-se —

ainda que por breves instantes — para se conseguirem libertar. Um incidente deste género — não seguindo a ordem cronológica — encontra-se numa mensagem de Anson Burlingame, recebida na casa da Sra. Conant na terça-feira, 22 de Agosto de 1871, perante a companhia de Luther Colby, o Sr. e a Sra. L. B. Wilson, e o Dr. Pike.

Aqui, após a partida de um espírito oriundo do longínquo Oriente ("de onde vem o sol"), por quem o Sr. B. sentia grande atração devido ao seu cargo oficial em vida, o antigo chefe plenipotenciário da China manifestou-se através da médium, declarando que não tinha intenção de se manifestar naquele momento, mas que, tendo grande desejo de examinar o modus operandi da lei de controlo, no que respeitava à experiência de outros, deu por si, sem perceber, em pleno controlo. Não entendia por que acontecera; mas o assunto foi-lhe explicado pelos presentes — com base em informações anteriores de outros espíritos — que o seu grande interesse pelo modo de influenciar a médium o trouxe, sem querer, para dentro da sua esfera magnética, acabando, por assim dizer, absorvido pelo organismo dela.

Espíritos que percorreram o caminho sombrio e temido do suicídio deixaram também registos do seu regresso nestas páginas. Envoltos num manto de dúvida sobre si mesmos e sobre tudo ao seu redor, foram tropeçando, até que pela humilde porta do mediunidade moderna vislumbraram o primeiro clarão que anuncia a nova alvorada de esperança que um Deus de eterno progresso oferece a cada filho seu, por maiores que tenham sido os seus erros em vida:

Na noite de 3 de Janeiro de 1862, a Sra. Conant começou a exibir sintomas extraordinários que o seu médico atribuiu, de início, a uma afeção neural que a afligira durante todo o dia, mas que vieram a revelar-se esforços de um espírito para se manifestar. Ocorreram vários espasmos — cada um mais severo do que o anterior — e, por fim, o Doutor, temendo que um controlo tão violento causasse dano à médium, decidiu desalojar a influência tomando ele próprio o controlo, isto é, magnetizando-a.

Ao colocar a mão sobre a cabeça dela para esse efeito, ela foi instantaneamente restituída à consciência, com os olhos abertos e capacidade de falar, mas sob o controlo total de um espírito que, antes de se retirar, declarou que em vida se chamava Lucy Pendleton, de Auburn, Nova lorque. A primeira pergunta do espírito foi:

"Quanto tempo dormi?"

Nessa altura, o Doutor não tinha plena consciência da presença do espírito, mas supondo que a Sra. C. lhe dirigira a pergunta, respondeu: "Cerca de dez minutos."

"Dez minutos!" respondeu a influência, com sinais de impaciência, "achas que sou tola?"

"Não", replicou ele, "mas evidentemente não nos estamos a entender."

"Típico! Oh, céus! Que desilusão. Pensei que ia morrer, mas aqui estou", murmurou o espírito, quase a chorar.

"Conte-me algo sobre si; talvez lhe possa dar alguma luz sobre a sua condição, pois parece estar atualmente às escuras quanto a ela", disse o Dr. P., "Acho que a posso ajudar se falar comigo."

"Quem chamaram? Que dia é hoje?", perguntou a influência.

"Sexta-feira."

"Que dia do mês?"

"Três de Janeiro de 1862."

"Aí está! Sabia que tinha dormido mais de dez minutos."

O Doutor perguntou então: "Qual é a última data que recorda?"

"Dois de Setembro — datei todas as minhas cartas nesse dia."

"O que fez então?"

"Tomei láudano para me matar; mas, como sempre, ou tomei demasiado ou de menos", disse o espírito.

A situação tornou-se clara para os presentes e foi-lhe explicada a sua verdadeira condição; foi-lhe dito que tinha conseguido pôr termo à própria vida e que tinha passado para o mundo espiritual; que permanecera num estado

inconsciente até aquele momento; que provavelmente fora levada à relação magnética com a Sra. Conant — como já acontecera a outros — por amigos do outro mundo, para que pudesse obter uma visão mais clara da sua situação. A influência respondeu:

"Não sei como vim aqui. Ninguém me trouxe. Não vi ninguém."

"Tem algum amigo ou parente no mundo espiritual que lhe fosse querido aqui?"

A pergunta foi respondida afirmativamente, e foi-lhe novamente dito que algum amigo espiritual a teria levado ali para o seu próprio bem; mas ela insistia que não vira nenhum dos seus amigos no mundo das almas; o único ponto que se lhe assemelhava era que tinha sonhado ver o pai e a mãe, e que eles lhe disseram que tinha de voltar à Terra e lá ficar um tempo.

Continuava incrédula quanto ao que lhe diziam sobre estar temporariamente no corpo de outra pessoa, até que lhe foi mostrado um espelho, ao que exclamou:

"Ah, sim; vejo que têm razão. Este não é o meu corpo. O meu cabelo era claro e curto; este é preto e comprido. Quanto tempo tenho de ficar aqui?"

"Pode ir quando quiser", respondeu o Dr. P.; "ajudá-la-ei quando desejar partir."

"Oh, céus! Tenho medo de ir! Que estranho! Não tive medo ao matar-me, mas agora tenho."

Antes de partir, em resposta à pergunta do Doutor sobre o que fazia em vida, disse:

"O que fazia? Tentava viver — fazia como as outras pessoas — não pior, acho eu."

Dois relatos comoventes de suicídios juntam-se a este contexto como exemplos do poder expressivo destas mensagens, vindas das profundezas do coração dos seus emissores.

Na noite de 26 de Fevereiro de 1863, depois de ser influenciada por vários espíritos, a Sra. Conant ficou finalmente sob o controlo de um que falou assim:

"O meu nome era Eliza Craft, de Londres, Inglaterra. O meu pai era médico. A minha mãe morreu cerca de três anos antes do meu falecimento. O meu pai ficou quase louco com a morte dela. Suicidou-me com ácido prússico e álcool. Tinha alguns conhecimentos de medicina, sabia bem o que tomar para partir rapidamente. Não sofri.

O motivo deste ato horrível foi a sedução e o abandono por parte do estudante do meu pai. Mas, oh, ele está desgraçado — amaldiçoado — duplamente amaldiçoado! A minha própria situação é mais tolerável que a dele.

Tinha cerca de dezanove anos quando morri. O meu pai tinha por hábito receber muita gente em casa durante as festas. Tudo estava preparado para os amigos e convidados; mas, quando chegaram, foi para o meu funeral. A alegria

transformou-se em luto. Quando o meu pai entrou no consultório e me encontrou morta, eu estava ali (em espírito) e soube da sua angústia. Ó meu Deus! O que não daria para ter voltado!"

Durante alguns momentos, a influência parecia muito perturbada ao revisitar o seu passado, após o que explicou que algum tempo depois da sua transição, o pai encontrou partes dos seus escritos, deduzindo daí a razão da sua morte, mas não tomou quaisquer medidas legais em relação ao jovem. Apenas lhe disse para se ir embora — que não queria voltar a vê-lo.

Quarta-feira, dia 27 de Abril de 1864, à tarde, a Sra. Conant encontrava-se em transe.

O espírito parecia pouco inclinado a conversar, mas, passado algum tempo, deu o nome de Edith Elkins e disse que estava na terra dos espíritos havia cerca de seis semanas. Tornando-se finalmente mais comunicativa, falou assim:

«Os meus pais residem em Alton, Illinois.

O meu pai é advogado.

Há três anos estava a estudar numa escola em Cleveland, Ohio.

Nessa altura não conhecia cuidados nem tristezas.

O tifo e a febre tifoide surgiram entre os alunos; muitos

ficaram prostrados e, depois de muito sofrimento, morreram.

Eu fui uma das que adoeceu, mas fui poupada – Oh Deus! porquê? – apenas para ser desonrada e esmagada pela dor.

Fui seduzida pelo meu médico.

Fui feliz durante um ou dois anos, acreditando que ele me amava e era fiel.
Uma manhã, ao acordar, anunciaram-me o seu casamento com outra mulher.

O choque foi terrível! Não consegui continuar a viver.

Agora parece-me que um poder invisível – o destino, talvez – governou os acontecimentos da minha vida.

Pouco tempo antes disto, tinha pedido a brincar que me deixassem ficar com um pequeno frasco de remédio (veneno), dizendo que talvez um dia me apetecesse tomá-lo; mas a ideia de alguma vez o fazer nunca me passou pela cabeça naquele momento.

Foi desse frasco que tomei a dose fatal.

Disseram-me que ele estava à minha cabeceira enquanto eu morria, e que o seu sofrimento foi terrível.

Também me disseram que ele está muito doente em Cleveland – sem esperanças de recuperação.

[Posteriormente, foi visto clarividentemente pela médium – a 22 de Junho de 1864 – em estado terminal.]

A notícia da minha morte violenta devastou os meus pais.

Poucos dias depois, o meu pai foi acometido por uma paralisia.

A minha mãe mantém-se firme graças à sua fé cristã.»

IV

As páginas do registo contêm muitos outros relatos interessantes que não se encontram aqui incluídos.

Segundo a narrativa, nestas sessões privadas foram dadas manifestações maravilhosas de espíritos de tipo intelectual, por todos os tipos de desencarnados, desde os cultos Zandes, que afirmam ter existido na Terra há sete mil anos, e Jacho Reida Yan Can, um comerciante inteligente de Calcutá, até «Oriole», uma cigana da Ilha de Wight, e «Big Buffalo», das pradarias do Oeste.

Aqui, «Shining Water», uma jovem indígena, trazendo notícias de um grande conselho de guerra a decorrer no momento da sua manifestação, com muitos chefes e guerreiros «na terra onde o sol adormece», anseia «visitar e sussurrar-lhes paz, e dizer-lhes que o Grande Espírito prefere a paz à guerra».

Aqui, Maximiliano, respirando esse ar de progresso espiritual que é livre tanto para o mais humilde peão como para o mais nobre rei, fala com uma visão recém-aberta:

«Os mortais disputam bolhas aqui, que se desfazem nas margens da eternidade e desaparecem.

A noite da morte e a manhã de um dia mais perfeito estão tão próximas que não se vê espaço entre elas.

Morri como morre um soldado.»

Aqui, os sábios de outros tempos revelam que a palavra «pecado», ao ser rastreada pelas eras até à sua origem nas línguas primitivas, significa «imaturidade».

Aqui, aqueles que defraudaram o próximo na Terra testemunham que, pela ação da lei eterna da Retribuição Infinita, as consequências dos seus atos os seguiram até à terra das almas, não sendo travadas na sua eficácia por crença no sangue expiatório de qualquer pessoa, humana ou divina.

Aqui, tais afirmam que é necessário, para se libertarem das consequências dos erros passados, voltar à Terra, confessar o mal e fazer a reparação possível; cumprida essa penitência, o seu peso de culpa – como a carga de «Cristão» – desaparece, deixando-os livres para prosseguir conquistas mais elevadas.

Aqui, os que foram ao fundo do mar regressam – o capitão,

ainda envolto naquele desafio corajoso aos elementos que era o seu orgulho, gritando involuntariamente as últimas ordens que deu em vida; a esposa que se afundou com ele no meio dos destroços revoltos, feliz por estar, mesmo naquele momento supremo, ao lado do marido; o humilde marinheiro, expressando com palavras rudes o pesar de que a mãe, ou esposa, ou a sua «pérola querida», ficará «muito triste» ao saber que ele morreu.

Aqui, o avarento, «um tipo miserável, todo mirrado e seco», mostra o seu verdadeiro carácter no além, vagueando e estendendo a mão até a quem em vida foi um indigente mas que agora é mais rico do que ele – todos os espíritos que encontra pelo caminho afastando-se dele com repulsa.

Aqui, o espírito da Sra. Judson, célebre missionária, ao ver um bonito ramo de flores, oferta de uma amiga, pousado perto dela enquanto controla a médium, proclama:

> Estas gemas florais, dadas com bondade—
> Falam-me do céu distante!
> Pois nos seus corações perfumados vejo
> Refletido muito da Divindade.
> Alguns dizem que Alá vive separado
> Da Natureza e do coração humano;
> Mas a Natureza reclama o seu direito
> De ser a morada da Divindade.
> Então adoremos no altar
> Da Natureza, nos seus átrios divinos!
> Nem procuremos Alá, nem o Deus dos cristãos,
> Para ajudar os nossos passos pelo caminho!

V

As influências indígenas, referidas resumidamente na parte anterior, são aqui descritas com mais detalhe:

«FLOR DA PRIMAVERA.»

Esta influência viva e inteligente apresentou-se à Sra. Conant nos primeiros dias da sua mediunidade, personificando uma criança em quem predominavam a aquisição e a curiosidade – sendo um traço peculiar do seu controlo o pedido de pequenos objetos de adorno, etc., dos presentes, que lhe agradavam.

Quando a médium, ao retomar a consciência, a repreendia por tal comportamento, dizendo-lhe que era impróprio, ela acabou por abandonar o hábito, mas vingou-se da Sra. C. ao induzi-la, em transe, a fazer corridas súbitas pelas ruas apinhadas da cidade, sendo depois recuperada por amigos.

Com o tempo, esta jovem indígena passou a ser o espírito acompanhante da médium, sempre pronta a ajudar como mensageira – trazendo aos círculos qualquer espírito cuja presença fosse necessária; e em várias ocasiões, nas sessões públicas realizadas em casa da Sra. Cate, levantava cadeiras para acomodar os convidados ou abria e fechava as janelas.

Tudo isto acontecia à luz do dia, para espanto dos céticos, que não podiam negar que os objetos se moviam, embora não conseguissem atribuir tal ato a nenhum agente visível.

Esta influência deu à Sra. Conant um esboço da sua vida terrena, declarando ser da tribo Sioux – que cometera suicídio, e que era conhecida entre os índios por um nome que significa «A-que-se-mostra», pois era frequentemente vista, em espírito, perto do local onde morreu.

Depois de algum tempo, «Flor-da-Primavera» anunciou que deixaria de ser assistente regular da Sra. Conant – tendo outros deveres a cumprir – e surpreendeu a médium ao informá-la de que lhe traria uma menina índia das planícies para a substituir.

Quando a Sra. C. perguntou se a criança seria um espírito desencarnado ou uma em vida, foi-lhe garantido que seria uma ainda em vida.

A Sra. Conant considerou tal coisa impossível e não pensou mais no assunto, mas ficou extremamente surpreendida quando o Coronel Tappan, ao chegar a Boston vindo do Oeste, trouxe consigo uma pequena índia que encontrou numa das escolas missionárias, cujos pais e amigos haviam morrido no massacre de Sand Creek (ou Chivington).

Apresentou a menina aos habitantes da casa – incluindo a Sra. Conant – e, de imediato, «Flor-da-Primavera» manifestou-se, declarando a todos que cumprira a promessa e trouxera à médium uma menina índia para a substituir, e que devia ficar com ela.

«O que hei de fazer com ela?», perguntou a Sra. C., ao sair do transe e ser informada do que «Flor-da-Primavera» dissera.

O Coronel, no entanto, decidiu, a convite da dona da casa, deixar a menina – que se pensava ter cerca de dez anos – com a Sra. C., pelo menos até se arranjar outra solução, e assim a jovem indígena ficou sob os cuidados tutelares da médium.

«Flor-da-Primavera» não abandonou imediatamente a Sra. Conant com a chegada da sua «substituta», mas, pouco depois, as suas visitas tornaram-se menos frequentes, manifestando-se agora apenas esporadicamente.
Certa vez, o Coronel Tappan, querendo testar a veracidade das suas afirmações sobre o seu povo e questões indígenas, trouxe uma coleção de flechas obtidas no Oeste – sabendo ele as tribos a que pertenciam.

Submetidas à observação da médium em transe sob o controlo de «Flor-da-Primavera», as flechas foram corretamente agrupadas, cada tribo identificada pela qualidade ou marcas características reconhecidas pelo olhar atento da criança da natureza.

«Minnehaha» – nome dado à pequena índia na escola donde foi levada pelo Coronel Tappan – era esguia como uma flecha e bem desenvolvida para a idade.

Após algumas experiências, demonstrou também possuir uma mente dócil. Progrediu rapidamente nos estudos e, a seu pedido, foi-lhe contratado um professor de música para aprender piano, instrumento em que, com o tempo, se tornou bastante habilidosa.

A experiência da Sra. Conant com ela provou, a seu ver, a total falsidade da ideia de que a civilização e a educação são impossíveis para os índios.

A menina mostrou-se sempre disposta a obedecer, confiando plenamente que a Sra. C. sabia o que era melhor, e nunca lhe exigiria algo errado; cumpria fielmente as suas promessas e demonstrava uma determinação em dizer sempre a verdade, qualidade que seria bom ver mais copiada entre os descendentes da raça branca privilegiada.

Inicialmente, tinha hábitos selvagens – o mais notável dos quais era atirar-se à água vestida, nadando com grande facilidade, embora arruinasse os vestidos fornecidos pelo Coronel Tappan; quando repreendida, aceitava sem queixas (embora, por vezes, a típica melancolia do seu povo se manifestasse).

Acabou por abandonar tais comportamentos e adotou plenamente os modos da vida civilizada.

Descobriu-se que a criança era médium, ou pelo menos possuía poderes clarividentes, facto revelado da seguinte forma:

Por várias vezes, pediu para ir dormir «lá para cima» ao mesmo tempo que os adultos, mostrando-se muito perturbada quando lhe recusavam.
Finalmente, perguntaram-lhe porquê, e ela respondeu que sempre que subia sozinha, via um índio sentado ao pé da cama, a olhar para ela, o que a assustava.

«Conhece-lo?» perguntou a Sra. C.

«Sim; e ficaria contente de o ver se não estivesse morto», murmurou a criança.

«Quem é?»

«Omwah – o meu pai.»

A médium tentou explicar-lhe que a morte era apenas o abandono das vestes que a vida civilizada lhe dera, e que devia ficar feliz por ver o pai, fosse em que circunstância fosse – que ele a visitava por amor e não poderia causar-lhe mal.

A estadia de «Minnehaha» com a Sra. Conant prolongou-se, pelo seu agrado, até quase dezoito meses, findos os quais foi retirada devido ao casamento do Coronel.

O seguinte relato sobre a instrução de um espírito não educado poderá ser do interesse dos estudiosos do ocultismo no desenvolvimento mental:

«NE-OS-CO-LE-TA»

«Este espírito belo e afetuoso veio ter comigo [Dr. Pike] pela primeira vez há cerca de dez anos, personificando, no seu controlo [através da Sra.
Conant], alguém a morrer de fome e frio.

A médium estava sentada, na altura, num escabelo no

centro da sala.
Precisamente quando foi tomada pelo espírito, o marido entrou na divisão, trajando um roupão e chinelos de cores vivas, que imediatamente atraíram a atenção do espírito.

Tremendo de frio e faminta, lançou-lhe um olhar suplicante que nunca esquecerei, e que parecia dizer: "Não tenho cobertor, nem comida; o homem branco dará?"

Ele tirou imediatamente o roupão e pô-lo aos ombros – os chinelos, e calçou-lhos nos pés.

Alguns biscoitos duros que estavam num armário próximo foram trazidos e dados à jovem.

Ela devorou-os como só quem está a morrer de fome poderia fazê-lo.»

Parecendo satisfeita, cedeu logo o controlo, sendo seguida por outra, uma jovem indígena, conhecida por nós como «Flor-da-Primavera», que tem o hábito de, por vezes, controlar a médium.

Disse-me que trouxera o pequeno pappoose que acabara de partir; que ela perecera nas Planícies, ficando coberta de neve; que o seu povo fora expulso da tenda pelos rostos-pálidos e, não tendo alimento nem força para continuar a fuga, a pequena acabou por vacilar e morrer.

O nome que agora tem: «Woo-no-a-noo-ket», foi-lhe dado por aqueles que a receberam na vida espiritual, e significa em inglês: «A-que-estava-debaixo-da-neve»; o nome que

tinha em vida era «Ne-os-co-le-ta», que significa «Flor-da-Pradaria».

Por este nome a chamamos agora mais frequentemente.

Passados alguns dias, voltou a manifestar-se, demonstrando muita gratidão pela bondade que lhe fora mostrada aquando da sua primeira vinda.
A partir daí, as suas visitas tornaram-se frequentes e depressa percebi que possuía uma natureza muito confiante e afetuosa.

Até então, só conseguia comunicar comigo por sinais. Comecei a ensiná-la a exprimir os seus desejos em inglês, dizendo os nomes dos vários objetos da sala e fazendo-a repetir depois de mim, várias vezes, até conseguir pronunciá-los claramente.

A senhora médium tinha um anel no dedo e, ao notar o interesse da criança-espírito por ele, disse a palavra «anel» e pedi-lhe que repetisse.
Ao início, fê-lo de forma imperfeita, mas após três ou quatro tentativas, pronunciou claramente.

Depois, disse cada letra em separado: «a-n-e-l» (“r-i-n-g” no original) e pedi-lhe que repetisse, o que fez.

Continuei, dando-lhe outros nomes — como «mão», «braço», «cabeça», «cabelo», «orelha», «olho», etc. — e ela aprendeu as palavras e as respetivas grafias corretamente.

Perguntei-lhe então se gostaria de aprender os «livros dos rostos-pálidos».
Pareceu encantada com a ideia e mostrou que sim.

Disse-lhe que arranjaria um livro adequado e o traria da próxima vez que visitasse a senhora.

Comprei um abecedário e levei-o comigo na visita seguinte.

A pequena controlou, permanecendo no corpo da médium menos de uma hora, durante a qual aprendeu todas as letras do alfabeto em maiúsculas, sabendo-as identificar onde quer que as visse.

No nosso encontro seguinte, aprendeu a soletrar algumas palavras monossilábicas e a indicar as letras que as compunham.

Aprendeu também as letras minúsculas.
Em breve, conseguia ler frases curtas.

Ensinei-lhe a seguir os caracteres usados na escrita — todos os quais, maiúsculos e minúsculos, aprendeu numa só noite.

Já tinha assim uma boa base.

Nos nossos encontros seguintes, sempre que a médium estava bem e o espírito podia controlar, progredia-se em leitura ou escrita, muitas vezes em ambas.

A carta seguinte, escrita pela mão da Sra. Conant enquanto estava em transe, guiada pela sua pequena aluna,

foi recebida pelo Doutor como sinal da gratidão de «Flor-da-Pradaria»:

«Meu querido Dr. Pike: — Gosto muito de si, por isso escrevo-lhe para lhe agradecer o seu bom coração para com a criança índia.

Deu-lhe os pensamentos que o Grande Pai lhe transmitiu através dos livros, e ela há de tecê-los numa coroa para o enfeitar no seu lar espiritual.
Vou esforçar-me por ser boa e fazer tudo o que me disser.

Vou esforçar-me por não esquecer.

Vou tentar ganhar muitas estrelas, para que, quando eu vier mostrar-lhe o caminho quando o Grande Pai o chamar, não esteja escuro.

Vou gostar muito de si, e pedirei à água e às flores, à luz do sol e ao luar, que levem as minhas orações ao Grande Pai por si.
Sou WOONANOOKET.»

«VOOSH-TI»

Esta influência — uma criança indígena, de cerca de sete anos em vida — controlou a Sra. Conant pela primeira vez em 1870, enquanto ela recuperava lentamente dos efeitos de uma doença grave.

O seu nome em vida era «Voosh-ti» — que significa «A Cativa» — mas, por ser difícil de pronunciar pelos brancos,

acabou por ser alterado nas sessões privadas para «Vashti», nome por que agora é conhecida.

Completamente ignorante de leitura, escrita e outras matérias comuns à vida civilizada — tal como «Ne-os-co-le-ta» no início das suas manifestações — «Vashti» está a ser educada, com bons resultados.

Quando chegou, declarou ser da tribo Piegan, e relatou ter morrido no massacre indígena perpetrado pelas tropas do General Sheridan, ocorrido no rio Yellowstone em Dezembro de 1869.

O seu pai, «Big Buffalo», um dos subchefes da tribo, foi morto ao mesmo tempo.

Posteriormente, obteve-se a seguinte informação: uma mulher do Illinois, que viajava nas planícies rumo à Califórnia com um grupo de emigrantes, foi capturada pelos índios.

Dois homens — «Big Buffalo» e um dos seus guerreiros — quiseram-na como esposa.

Fez-se sorteio, e ela ficou com o chefe.

A esposa indígena do chefe, cheia de ciúmes e raiva, tentou de todas as formas mostrar o seu ódio à recém-chegada.

Com o tempo, essa mulher índia deu à luz uma criança, mas, por estar estranhamente marcada, odiou-a desde o nascimento.

Quem entende o grande efeito das influências pré-natais numa criança prestes a nascer, não se surpreenderá ao saber que este pappoose índio herdou muito do temperamento da esposa branca — em consequência do pensamento persistente da mãe durante a gravidez — e parecia mais uma criança branca do que índia.

A indígena detestava-a, chamou-lhe «Voosh-ti» («a cativa») em zombaria da sua rival branca, a quem a menina se assemelhava, e tentou matá-la por várias vezes; mas a esposa branca, tendo-se afeiçoado à pequena oprimida, protegeu-a sempre.

Até ao momento da sua morte violenta às mãos da cavalaria, a criança era notada por ser extraordinariamente inteligente, ativa e fácil de ensinar — sendo a preferida dos soldados e oficiais do forte vizinho, que lhe davam frequentemente comida ou pequenos objetos que lhe chamavam a atenção.

Muitas vezes, ao manifestar-se pela primeira vez como espírito, tomava o corpo da médium durante as refeições e comia o que lhe era posto à frente, o que fazia bem à Sra. C., pois assim ingeria alimento que, estando em estado normal, não teria apetência para comer.

Desde que começou a controlar a médium, tem sido uma presença constante junto da Sra. C. — sendo quase um caso de semi-reencarnação, tal a sua assiduidade e proximidade com a sua amiga terrena.

Entre as características da manifestação de Vashti está uma paixão por jogos de cartas; enquanto controla o corpo da médium, participa em jogos que exigem grande agilidade mental e cujas regras a médium desconhece totalmente.

Vashti cumpriu fielmente muitas das funções que cabiam anteriormente à «Flor-da-Primavera», sendo enviada como mensageira para espíritos cuja presença era desejada, e avisando frequentemente a médium de perigos iminentes.

Entre muitos outros episódios demonstrativos da rapidez, afeto profundo e perspicácia deste espírito, destacam-se os seguintes, vividos pela Sra. Conant durante a sua recente viagem a Moravia:

Neste local, com o intuito de presenciar algumas das manifestações notáveis que ocorriam na presença da Sra. Andrews, verificou-se que, devido às condições instáveis resultantes da recente mudança da médium da mansão Keeler para a nova residência, as sessões, que costumavam ser satisfatórias, alternavam com outras que quase fracassavam — a que a Sra. Conant assistiu foi destas últimas, no que diz respeito à materialização de formas espirituais, embora o círculo escuro anterior à sessão de materialização tenha tido êxito, pelo menos quanto a luzes e vozes espirituais.

Durante essa escuridão, a Sra. Conant pediu uma manifestação de «Vashti» — ninguém na sala, exceto ela e

os seus acompanhantes, sabia se o espírito era adulto ou criança.

Imediatamente, ouviu-se a porta do gabinete abrir-se e sons de pés pequenos a correr pelo chão.

Momentos depois, uma forma saltou para o colo da Sra. C.; era uma criança, tão tangível que ela a envolveu com os braços, sentindo-a realmente entre eles.

As pessoas ao lado da Sra. Conant também se convenceram da realidade da presença do espírito, apertando-lhe a mão pequena e macia.
A criança subiu e pôs os braços ao pescoço da Sra. C., beijando-a afetuosamente, depois do que sentiu a forma dissolver-se e desaparecer.

No final da estadia em Moravia, a Sra. Conant planeava seguir imediatamente para as Cataratas do Niágara, tendo iniciado a viagem, mas sentindo a saúde agravar-se, quase até uma situação perigosa, decidiu sair de Syracuse, Nova Iorque, onde parara, e partir logo que o seu médico, [Dr. Pike,] chamado por telégrafo, pudesse acompanhá-la.

Na manhã seguinte à sua chegada, concluiu-se que, se viajasse nesse dia, teria de o fazer nas condições mais suaves possíveis, pelo que foi solicitado um lugar num vagão de luxo.

Responderam que o comboio de leste vindo de Chicago costumava ter tal vagão, mas não era certo — nem era garantido que, tendo o comboio esse vagão, houvesse

lugar disponível, pois estes estavam quase sempre esgotados.

Neste dilema, para evitar uma ida inútil da estalagem à estação, a Sra. C. decidiu enviar a sua pequena amiga «Vashti» para descobrir se o comboio traria o dito vagão e se havia lugar livre.

O espírito partiu na sua missão e, cerca de vinte minutos depois, voltou, informando que «desceu a linha» um bom bocado — que o comboio tinha o vagão, e que havia uma secção de quatro lugares vagos, tendo-o sabido ao olhar para o livro de registo especial do revisor.

O Sr. Berry tomou então o controlo da Sra. C., ordenando que o grupo fosse de imediato para a estação e esperasse pelo comboio, e instruindo o acompanhante da senhora a saltar para o vagão antes de este parar totalmente, procurar o revisor e assegurar os lugares antes de alguém se antecipar.

Assim foi feito — os lugares foram garantidos, e a Sra. Conant, guiada por «Vashti», foi diretamente para a secção correcta («C») — embora não soubesse qual tinha sido reservada, não tendo tido oportunidade de comunicar com o acompanhante desde que este entrara no vagão.

«METOKA»

O poema que se segue foi improvisado numa destas sessões privadas, através dos lábios da Sra. Conant, por «Metoka» (uma breve descrição da sua origem consta na

parte anterior) e dirigido ao Dr. Pike, em memória dos seus lutos domésticos; em reconhecimento pelos serviços prestados no restabelecimento da saúde da Sra. C. após uma doença grave; como promessa do que ela (Metoka) faria por ele como recompensa, quando ele atravessasse o rio da mudança; e como profecia do que ele faria pela humanidade depois de desencarnado:

METOKA A DR. PIKE

«Ter-se-á o homem branco cansado das vindas de Metoka?

As terras de caça do alto são vastas, e Metoka já
percorreu muitos quilómetros desde que viu o
homem branco pela última vez.
Ajoelha-te e beija a Mão do Poder!
Embora agora chorem as tuas lágrimas humanas,
Não sabes tu que esse pranto
Te salvou de um sofrimento ainda mais escuro?
Muito tempo a jovem índia te vigiou
Na orla das nossas pradarias espirituais,
Enquanto as tuas fogueiras iam definhando—
Uma a uma as tuas luzes se apagaram.
Quando a última, a melhor, a mais brilhante
Murchou em sombras tristes,
E o seu espírito cansado e ferido
Fugiu da terra como corça assustada:
Então a índia na sua cabana
Ajoelhou em oração silenciosa,
Pedindo ao grande Manitu
Que poupasse esse raio de estrela.»

Pela maré de vida do teu ser—
Pelo pulsar quente e cheio dela,
Chegou, em tons sinceros, a resposta,
E o coração da índia fortaleceu-se.
Então elevou-se um cântico de alegria
Das multidões vestidas de noite,
Pois o grande Pai de Todos poupou-lhes
Essa sua trémula luz de coração.
Guarda esse brilho, alimenta-o verdadeiramente
Nas fontes da tua vida,
E o mundo dos anjos abençoar-te-á
Quando estiveres livre da luta mortal:
Então, na terra da promessa espiritual,
Na tenda dos bem-aventurados;
Onde as árvores da floresta são mais verdes—
Onde pé humano nunca pisou—
Ali te encontrarei no crepúsculo da morte.
Enquanto as estrelas cintilam acima de nós
E os raios de lua descem ao nosso redor;
E todas as folhas parecem escutar
O grande chamamento de Manitu!
E a partir de então, a minha mão te guiará
Sobre lagos e rios que se alargam,
Sobre planícies e montanhas imponentes,
Até que diante dos teus olhos resplandeça
A cúpula da sabedoria a abranger todas as coisas;
E as sombras da existência
Em bênçãos se transformarão;
E as fogueiras da verdade, ao longe,
Com luz próxima arderão:
Arder nos recantos do teu coração—
Arder até que toda a escória morra,

Até que a tua alma inquieta possua
Conhecimento vindo da fonte suprema—
E além do que outrora amaste
Se eleve para o lar glorioso dos anjos,
Mas nenhuma alegria do céu te prenderá;
À terra voltarás vitorioso,
Obra fervorosa pelo homem irás procurar.
Trabalharás pelos pobres e humildes—
Pelo pecador e pelo santo;
Darás repouso aos espíritos cansados—
Força aos que desfalecem.
Então, terminada a tua missão mortal,
A tua canção, misturada à dos anjos,
Há de proclamar nos átrios do céu:
«Paz na terra ao homem que ascende—
A paz para sempre é concedida!»

O seguinte, repleto dos ensinamentos do evangelho da razão, foi transmitido por «Metoka» noutra ocasião:

«Não pergunteis a nenhum padre, ó mortais laboriosos,
Se os anjos podem regressar.
Antes, acendei as vossas lâmpadas do saber
Onde ardem as fogueiras da sabedoria—
Que ardem igualmente para santo e pecador—
Judeu e gentio, grande e pequeno;
Ensinando, pelo grande registo da Natureza:
O homem é livre no salão da Razão.
A esse portal levai os vossos problemas;
A Razão resolve-os todos;
Pois ela detém a chave do céu,

E não veste mortalha de luto,
Mas as suas vestes são gloriosas
Como o arco-íris que atravessa o céu.
No coração de cada um grava:
«As almas imortais não podem morrer.»
Então, já que luz e vida eterna
A cada alma humana são concedidas,
Quem poderá circunscrever os seus limites
À terra do espírito chamada céu?
Nem o Deus do antigo Sinai—
Nem o Deus de Amor cristão—
Pois ao homem foi dado domínio
Sobre tudo abaixo e acima!
O hino da liberdade, o cântico da Natureza
O espírito liberto entoa;
E, para trazer os vossos amados à terra,
A paz e a verdade dar-lhes-ão asas.
Não permaneçais mais na sombra,
Onde os muros do túmulo vos encerram.
Erguei-vos! e entrelaçai grinaldas de boas-vindas,
Pois os vossos mortos—os perdidos— foram encontrados!»

Neste registo individual—cuja leitura agora concluímos—preparado pelo Dr. Pike sem qualquer expectativa de que alguma vez chegasse ao olhar público, a vida humana, em todas as suas variações de luz e sombra, é traçada tal como apresentada nestas sessões privadas para análise por este maravilhoso espectroscópio mediúnico; e das lições assim extraídas fluem confirmação para o cético, força para o fraco, encorajamento para o desanimado, certeza para a fé, e uma gloriosa esperança para o «bom

dia» da eternidade, em vez dos tristes pressentimentos do «boa noite» da morte!

PARTE VIII
MANIFESTAÇÕES DIVERSAS DE INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL
O ERMITA DO POWOW

Vêm até nós os amigos que desapareceram—
Deixando-nos a chorar na margem;
O Éden é reencontrado pelos banidos,
Comem e vivem para sempre! — William Denton

I

Em certa ocasião, enquanto a Sra. Conant residia na Cummings House, em Boston, recebeu a visita de um cavalheiro desconhecido, que se apresentou como desejoso de investigar os fenómenos do retorno dos espíritos, mas que queria um teste de identidade muito específico de um amigo seu, que nunca tinha conseguido obter; acabara de visitar uma médium noutra parte da cidade, e aí o espírito controlador dissera-lhe que a manifestação pretendida não poderia ser-lhe dada por ela, mas que, se fizesse uma sessão com a Sra. Conant (o espírito dando-lhe indicações precisas de como a encontrar), o seu amigo tentaria corresponder ao pedido.

Embora algo indeciso quanto a prosseguir com o assunto, o senhor resolveu tentar mais uma vez e, assim, dirigiu-se à residência da Sra. C., tal como recomendado.

Após se sentarem à mesa, a médium e o visitante dispuseram-se passivamente à influência e aguardaram o resultado.

A Sra. C., como era hábito ao antecipar a vinda de espíritos, segurava na mão um lápis, tendo à frente uma folha de papel, para que, caso a inteligência invisível não quisesse entrançá-la, pudesse exprimir as suas ideias por escrito.

De repente, a sua mão começou a subir e descer de maneira estranha e muito irregular, e o lápis produziu durante algum tempo um som de tique-taque sobre o papel, para o qual a médium não tinha explicação.
Por fim, desesperada com a falta de controlo e muito confusa quanto ao aparente fracasso da sessão, disse ao visitante:

«Não vale a pena. Parece não haver aqui nenhum espírito capaz de comunicar consigo neste momento. Está aqui um, mas é evidentemente ignorante do método de regresso, e não consegue controlar completamente.»

Esperava, frustrada, que o investigador se mostrasse insatisfeito e se retirasse, convencido de que a comunicação espiritual — pelo menos no caso daquela médium — era uma fábula; mas ficou extremamente surpreendida quando ele, calmamente, lhe informou estar perfeitamente satisfeito — que a sessão fora um sucesso total — que recebera o teste pretendido do seu amigo e o escrevera para registo, sem ela notar.

Mais tarde explicou-se que o visitante era telegrafista, e que o assunto de que queria saber junto do amigo recém-falecido (também telegrafista) era de natureza conhecida apenas entre os dois;

O amigo em vida tinha pedido ao desencarnado, caso o encontrasse na presença ou através da médium, para lhe transmitir a resposta usando os tiques telegráficos próprios da transmissão de mensagens terrenas.

Foi exatamente isso que o espírito conseguiu realizar mecanicamente, através do lápis da Sra. Conant, enquanto ela, em estado normal — e totalmente ignorante do alfabeto telegráfico — se admirava do «fracasso» do espírito em escrever algo legível.

Assim, a total independência do canal de comunicação relativamente a qualquer conhecimento do assunto transmitido ficou claramente e satisfatoriamente provada ao senhor.

Numa noite, enquanto ela residia no mesmo hotel, aconteceu que o quarto contíguo ao dela e do marido era ocupado pelo Sr. e pela Sra. Gillett — sendo esta última também médium.

Sobre a porta de cada quarto havia uma abertura quadrada para ventilação, fechada por uma pequena janela basculante.

Nessa noite, quando ambos os casais já se tinham

recolhido, a janela sobre a porta do quarto da Sra. Conant começou a agitar-se de forma estranha, abrindo-se e fechando-se violentamente várias vezes, causando tanto barulho que o Sr. Conant, após escutar em vão qualquer som no corredor que denunciasse os autores, concluiu que «os espíritos» deviam estar em ação, levantando-se então para prender a janela, de modo a evitar novos incómodos.

Mal tinha voltado a deitar-se, uma colher, que estava num copo junto à cama, de onde a Sra. C. bebera anteriormente, começou a produzir um ruído vivo, como o de um tambor, e, tilintando como um sino, despertou pela segunda vez a indignação do marido.

Tendo recolhido o utensílio e colocado num armário do quarto, voltou a deitar-se.

Seguiram-se batidas fortes, e então o Dr. Fisher, controlando a Sra. Conant, informou o marido que os ruídos se deviam à proximidade de duas médiuns, a sua esposa e a Sra. Gillett — que as inteligências invisíveis, de natureza brincalhona, tinham descoberto que conseguiam concentrar ali mais força do que o habitual, e estavam a experimentar o que podiam fazer.

O doutor acrescentou ainda que, se quisesse pôr fim às manifestações, bastava acender o gás e iluminar um pouco mais o quarto.

O Sr. Conant assim fez, e o barulho cessou.

A subtileza da lei que rege as manifestações físicas, baseada

na ausência de luz como elemento demasiado positivo para ser facilmente superado, fica aqui exemplificada.

Outro episódio singular ocorreu durante a estadia da Sra. Conant nesta casa.

Foi subitamente acordada à meia-noite por um impulso inexplicável, e sentou-se na cama, olhando em volta, duvidosa, durante alguns minutos.
De repente, não muito longe do leito, viu duas figuras — um homem e uma mulher — que a olhavam de modo amável, mas firme.

O homem tinha na cabeça um toucado semelhante a um turbante, na frente do qual brilhavam duas cruzes douradas.

Os olhos eram grandes e negros; o cabelo e a barba, de tom escuro — esta última repartida ao centro, caía sobre o peito, deixando ver, na divisão, uma corrente ao pescoço de que pendia outra cruz dourada.
As linhas em volta da boca e na testa revelavam poder mental e uma vontade firme.

A mulher (ambas as figuras eram mostradas apenas em vinheta) usava na cabeça um pequeno adorno com borla, decorado com uma grande pena branca; o cabelo era negro como azeviche, cuja escuridão era suavizada por enfeites de ouro; o rosto era mais oval, os olhos grandes e escuros.
Uma corrente dupla de ouro, com uma cruz pendente, enfeitava-lhe os ombros, que estavam nus.

O espírito masculino falou à médium, declarando que, em vida, ocupava o cargo de Bispo na Igreja Católica Romana, e que o espírito feminino presente era sua irmã.

Disse que já se tinham manifestado a E. Rodgers — um artista espiritual então a viver no Oeste — que pintara os seus retratos, e que, assim que fosse possível obter cópias, ele (o espírito) o influenciaria a enviar um exemplar de cada à Sra. Conant, para que, sabendo ela que o artista lhe era um completo estranho, pudesse ficar plenamente convencida da autenticidade das suas aparições, e do facto da sua vida continuada.

As cópias, quando chegaram, revelaram-se idênticas, na aparência, às figuras vistas pela Sra. Conant na sua visão.

II

"BIRDIE" WILSON

Anna Cora Wilson, filha do Sr. e da Sra. Lewis B. Wilson de Boston, partiu da vida terrena a 27 de Outubro de 1858, com apenas 12 anos, 7 meses e 17 dias.

Tem regressado frequentemente, consolando os pais com mensagens em prosa e verso, através dos lábios da Sra. Conant, tanto nas sessões públicas das salas do *Banner of Light*, como na residência da médium, onde são visitantes frequentes.

Algumas das suas palavras em verso, associadas à música,

tiveram largo uso como canções — a seguinte, "Homeward Bound", foi incluída na "Spiritual Harp":

"Os botões rebentam nos vales,
Transformando-se em flores,
E os alegres, alegres pássaros da primavera
Alegram todas as horas.
Assim, do meu lar de eterno esplendor,
Como ave selvagem, livre e feliz,
Venho aos corações daqueles que amo,
Cuja luz de vigia arde por mim.
Não foi sobre o gelado rio da morte
Que guiei o meu barquinho encantado,
Mas sobre o radiante rio da vida,
Cuja água nunca é escura;
Cujas vagas brancas trazem os teus lírios
Do frio, escuro solo da terra,
Para os plantar do outro lado,
E abençoar com um nascimento celeste.
Por isso, não sonhes mais com um rio negro,
Nem com um barqueiro pálido de anos,
Que virá guiar-te através da névoa;
E o fim das lágrimas mortais;
Pois só um anjo cheio de amor,
Corado de rosas e lírios,
Virá transportar-te sobre o rio,
Quando a alma regressa ao lar."

O poema que se segue foi transmitido pela Sra. Conant, por "Birdie", para ser recitado pelo jovem Warren H. Doolittle, nas celebrações jubilosas do vigésimo aniversário

do nascimento do Espiritualismo Moderno, no Music Hall de Boston, a 31 de Março de 1868:

"Uma bela saudação os anjos trazem
Neste glorioso dia festivo!
Pois as sombras da noite
Estão a afastar-se
Ante o claro raio da Verdade!
Então, erguei os vossos estandartes e cantai as vossas canções!
Um cântico fúnebre para os mortos:
Pois esta luz da manhã
É a morte da noite,
E o Erro é guiado pela Verdade.
Já não temereis atravessar a corrente
Em busca do alvo celestial,
Pois o grande trono branco
Do Todo-Desconhecido
Está no coração humano.
O belo livro da vida está aberto
A sua fonte flui livre;
E a terra dos espíritos,
Mesmo além da margem,
Espera por ti e por mim!"

No final de uma mensagem sobre certas experiências geográficas que teve após a sua transição da vida física, "Birdie" exprimiu-se assim sobre a nossa terra:

"Enquanto meditava sobre o estado da Terra há milhões de eras, e me perguntava como um planeta tão belo foi chamado do caos, estes pensamentos surgiram:

'Segura nos braços do caos e da noite,
Esta bela esfera dormia,
Até que a voz de nosso Pai disse: "Faça-se luz!"
Então, da escuridão, nasceu um novo dia.
'Salve, mil vezes bem-vinda!', cantou essa infinita multidão
De mundos-estrelas que povoam a praia celeste.
'Salve à tua beleza, brilho e valor!
Com raios de glória te coroamos, bela Terra.
Parte na tua missão, ó filha do sol,
E não esqueças nunca que, embora sejamos muitos, somos um só;
Que na sabedoria infinita devemos todos permanecer,
Enquanto navegamos no éter pela maré da eternidade.'
Segura nos braços do caos e da noite,
O germe do lírio repousa na escuridão,
Até que a voz do nosso Pai diga: "Vem para a luz!"
Então o lírio ergue-se em vestes de louvor."

Todas as verdades belas, nas profundezas insondáveis
Do oceano infinito da alma, permanecem,
Até que o sopro do Omnipotente sobre elas passe,
E flutuem nas ondas da maré impetuosa do Tempo.
Sóis, sistemas e átomos giram ordenadamente
Em torno de um centro infinito de sabedoria e amor:
E a noite escura do caos há de ceder os seus mortos
Quando sobre ela brilharem os raios da manhã da vida.

Num certo dia de Natal, a filha voltou através da Sra. C., trazendo o seguinte como presente do seu amor:

«Ó mãe, querida mãe!
Da minha casa para além do túmulo,

Com a minha prenda de Natal de botões de rosa,
Entrançados com folhas de louro, venho!
Coberta de orvalho está cada pétala,
Brilhando na clara luz da Verdade;
Ofertas matinais do mundo das almas,
Colhidas por mãos de anjos brilhantes;
Nunca, nunca hão de murchar,
Mas brilhar cada vez mais a cada hora,
Até que, enfim, pela sabedoria perfeita,
Cada botão se torne flor.
Recebe-os, mãe, e ao pai
Leva uma parte do meu amor;
Diz-lhe que a Birdie vive e o ama
Na sua morada espiritual, lá no alto.»

Como já foi referido, este espírito partiu em Outubro de 1858; numa sessão pública realizada a 21 de Outubro de 1869, aproveitou para se manifestar — estando os pais presentes — como num aniversário da sua passagem, dirigindo-lhes estas palavras delicadas e tocantes, que poderão consolar outros corações além do deles:

«Estás cansada da vida, querida mãe,
Cansada da dor mortal;
Mas as folhas da esperança continuam verdes,
E o teu manto de fé, ainda de brilho prateado,
Diz que chegarás ao porto da morte.
Mãe, querida, nunca penses, nem por um instante, que
Deus me separou de ti,
pois quando o corpo se separa do corpo,
não significa que a alma se separe da alma.

A tua casa é a minha casa; e quando vieres para a minha vida,
as nossas casas serão uma só.
Tu deixarás a tua casa, e eu terei preparado uma para ti,
mas tu própria a irás decorar com os teus bons pensamentos e as tuas boas obras.
Pensei em vir hoje, mãe, porque é Outubro—um mês que te traz recordações tristes, pois foi então que parti.
Mas só vem uma vez por ano, e depois cai a neve pura do inverno,
que cobre e protege as flores, para que, quando a primavera chegar,
elas possam voltar a florescer em beleza.
Assim será connosco, querida mãe.
Quando terminares esta vida,
a primavera da outra já terá chegado.
Lá, não haverá mais Outubros, nem separações, nem sepulturas,
nem mais tristeza, nem mais lágrimas.»

JOSEPHINE CARLTON

Os versos seguintes foram transmitidos, numa sessão pública gratuita, pela mediunidade da Sra. Conant, pelo espírito de uma mulher pertencente àquela classe infeliz que a sociedade denomina prostitutas, sobre quem parece recair a marca da infâmia, embora na verdade sejam muitas vezes «mais pecadas contra, do que pecadoras».
A produção é aqui publicada como exemplo da individualidade do espírito, mais do que por qualquer mérito literário, tendo sido afirmado pela inteligência

controladora que o estilo da composição seria reconhecido pelos amigos da manifestante.
Josephine encontrou a morte pelo fogo numa cidade do Oeste.
A inteligência que presidiu à sessão onde este poema foi dito declarou, entre outras coisas, antes de apresentar o espírito:

«Aprende, pela história terrena desta infeliz, que não deves medir a verdade e a virtude pelo padrão da lei humana — que só o Infinito as pode medir corretamente, e fazer justiça a todos e cada um dos seus filhos.
Por isso, não lances pedras, pois se o fizeres, mais tarde hás-de arrepender-te amargamente.
Não censures ninguém.
Antes, eleva a tua alma ao Grande Poder Infinito da Bondade, pedindo que todos possam ser fortes, e que ninguém seja demasiado fraco para falhar no caminho da vida.»

POEMA

Longe do sol, perdida no frio,
Entre as ondas selvagens do pecado e da tristeza sem nome,
Dormi o último sono concedido aos mortais,
E sonhei com a minha mãe, anjo no céu.
Vinte e cinco anos de vida terrena tinham passado,
Desde que, criança inocente, estive à cabeceira de morte da minha mãe,
E ouvi o seu último suspiro, a última bênção concedida,
Enquanto ela sussurrava: «Minha querida, encontrar-te-ei

no céu.»
Esses vinte e cinco anos encheram-se dos resíduos da vida,
E todas as esperanças brilhantes da minha alma calaram-se;
Pois o tentador, com voz de sereia, desviou-me
Do caminho onde sorriam a felicidade e a verdade.
«Ó, Pai das Misericórdias!» clamei, na minha dor,
«Dá-me um raio de sol — apenas um — antes de partir;
Deixa que a minha cabeça cansada repouse no peito
Daquele que teve piedade dos caídos, e compreendeu o pecado.»
Ouvi! Que música é essa que flutua no ar?
É a voz da minha mãe, tão doce e clara;
E ela pede-me que olhe para cima, sem receio de partir
Do mundo onde as setas do pecado ferem profundamente o coração.
Ó! será possível que ela me acolhe de novo
No seio do amor à beira da Eternidade?
Sim, sim, é tudo verdade — estou a salvo da tempestade
Da tentação e do pecado, e do frio desdém do mundo.»

III

Segue-se uma história que ilustra a grande variedade de matéria literária recebida ocasionalmente através do organismo da médium.

O esboço (como referido numa parte anterior) foi escrito mecanicamente para as páginas do *Banner of Light* (aparecendo no nº 5, vol. V, de 9 de Abril de 1859), pela mão da Sra. Conant, por autores invisíveis.

A CRIANÇA ROUBADA: ou O ERMITA DO POWOW
UMA HISTÓRIA VERÍDICA

Numa casinha de teto baixo, nas margens do Powow, vivia um velho e uma rapariga de cerca de catorze anos.

Cerca de doze anos antes da abertura desta história, os bons habitantes de Amesbury ficaram subitamente surpreendidos pelo aparecimento de um estranho no meio deles.

Ele surgiu como uma sombra, trazendo nos braços um bebé doentio e franzino de dois anos.

O seu ar estrangeiro e aspeto rude fizeram dele alvo de muitas conversas de aldeia.

«De onde terá vindo?» dizia um; e

«O que quererá fazer com aquela criança?» perguntava outro;

«Quem acham que ele irá arranjar para lhe tratar da casa?» dizia um terceiro;

mas, como não havia resposta para tais perguntas, o falatório acalmou, e o estranho prosseguiu tranquilamente o seu caminho, como desconhecido.
Raramente conversava com os habitantes, preferindo uma vida de solidão. Era muitas vezes visto a passear com a criança ao amanhecer e, ao entardecer, fumando um longo cachimbo à porta da casa.

Na loja da aldeia, comprava sempre o melhor, sem se preocupar com o preço dos artigos.

Uma velha, movida pela curiosidade, ousou visitá-lo; mas, tendo sido grosseiramente repelida, ninguém mais ousou seguir-lhe o exemplo.
A pequena era muitas vezes vista a brincar perto da casa; mas, se alguém lhe dirigia a palavra, o estranho apressava-se sempre a chamá-la, mantendo assim todas as portas fechadas quanto ao seu modo de vida e história passada.

Ao fim de um dia abafado de Julho, no ano de 18—, o velho e a sua jovem protegida — agora uma bela rapariga de catorze anos — foram vistos a partir da casinha numa carruagem fechada.

As crianças da aldeia decidiram satisfazer a curiosidade espreitando pelas janelas da casa acabada de ser abandonada pelo velho e pela bela protegida, certificando-se antes de que o par misterioso tinha já saído dos limites da localidade.

Mas, para seu total desapontamento, descobriram que as portadas interiores estavam fechadas e bem trancadas; assim, após inspecionar o local, retiraram-se sem saber mais do que antes.

Passaram-se nove dias, e o «Eremita», como os aldeões lhe chamavam, ainda não tinha regressado a Amesbury.

Na noite do décimo dia, contudo, avistaram-se luzes na

casinha. Dentro de uma pequena, mas bem mobilada divisão, a jovem, já mencionada, estava sentada, aparentemente ocupada na leitura. Numa das extremidades da sala, o velho fumava o seu cachimbo, evidentemente absorto nos próprios pensamentos.

De repente, levantando-se do seu lugar, o eremita aproximou-se da mesa diante da qual a jovem estava sentada, e pediu-lhe que pousasse o livro e o ouvisse.

— Então, pai, o que quer agora? — perguntou a formosa jovem, lançando de lado o livro com um gesto impaciente, e voltando-se para ele com um ligeiro franzir de sobrolho a sombrear-lhe o belo rosto.

— O que quero agora? — repetiu o velho; — Quero contar-te o que há tanto tempo desejas saber, isto é, a história do teu nascimento.

— Ah, então não serei uma ouvinte distraída — respondeu a jovem, meio envergonhada da má disposição que ainda há pouco manifestara. Levantou-se da cadeira e depositou um terno beijo na larga e nobre testa daquele a quem desde a infância chamava e amava como pai.

A ternura da infância inocente e confiante era irresistível, mesmo para o coração do eremita, e assim, puxando a sua bela protegida para junto de si, acariciou-a afetuosamente e, olhando-a com atenção nos profundos olhos cor de violeta, pediu-lhe, num tom de inconfundível bondade, que se sentasse ao seu colo.

Satisfeito este pequeno desejo, o velho começou o relato de uma história que há muito guardava em segredo, dizendo:

— Há doze anos, precisamente nesta noite, trouxe-te nos meus braços para esta casa. Tinhas então um ano e onze meses, e eras um bebé tão robusto e promissor quanto alguém poderia desejar. Desde essa altura, nenhuma mão além da minha cuidou das tuas necessidades em crescimento. Embalei-te nos braços durante a tua infância, cantei-te para adormeceres ao cair da noite e procurei educar-te bem, à medida que o teu corpo crescia e a tua mente se desenvolvia.

As sementes de conhecimento que semeei em ti não caíram em solo ingrato, pois não só dominas a literatura inglesa como tens alguma familiaridade com as artes e ciências dos tempos antigos. É certo que te faltam muitos dos ramos mais leves e ornamentais da educação, geralmente classificados como “dotes femininos”; mas ainda tens tempo suficiente para os adquirir, se assim o desejares no futuro.

Muitas vezes me perguntaste por que te mantinha tão confinada entre estas paredes, e se seria sempre assim. Agora estou pronto para responder a essas perguntas tantas vezes repetidas. Em primeiro lugar, o meu motivo para te manter prisioneira durante estes doze longos anos foi o de cumprir um voto maléfico e desumano que fiz há vários anos, movido por um sentimento de vingança, devido às terríveis injustiças e crueldades de que então fui alvo.

O remorso tocou finalmente o meu coração, e a justiça e liberdade que há tanto te negociei estão agora prestes a chegar. Em suma, não tenho mais intenção de te manter cativa nesta pacata e isolada localidade por mais de uma ou duas semanas; depois, voltarás à tua terra natal, para junto dos teus, onde, em novos e vibrantes cenários, aprenderás a esquecer o velho homem a quem sempre chamaste, com carinho, pai.

— O quê! — exclamou a jovem, — então não és o meu pai? — e uma expressão de tristeza e surpresa tomou-lhe o rosto, ao erguer-se de repente e ficar à espera da resposta do velho.

— Silêncio, filha! — disse o eremita. — Não, não sou teu pai; mas tem paciência, e saberás tudo em breve!

Mais uma vez, a delicada cabeça, com as suaves ondas de cabelo dourado, repousou sobre o forte e masculino peito do eremita, que muitos temiam e poucos ou nenhuns amavam, enquanto, com o lábio a tremer e a voz ligeiramente vacilante, continuou:

— Há quase dezoito anos, eu vivia em Londres e estava noivo de uma mulher que, infelizmente, nunca chegaste a conhecer — a tua mãe — chamada Alice Campbell. O dia do nosso casamento foi marcado. Tudo estava pronto, até os convidados já se encontravam no salão nobre da mansão de Sir John Campbell, quando a minha noiva adoeceu subitamente e o tão aguardado casamento entre mim e Alice foi indefinidamente adiado.

Durante a doença da tua mãe, diagnosticada como febre cerebral (e que durou umas quatro ou cinco semanas), a doente, cujo quarto me era vedado sob o pretexto de delírios, foi constantemente visitada por Lord George Hazeltine, sobrinho de Sir John Campbell, que há pouco deixara uma comissão militar que servira com honra durante cinco anos na Índia. Encontrara-me com ele apenas algumas vezes antes da data marcada para o casamento com Alice, a quem não via desde criança.

Lord Hazeltine, então herdeiro único de várias propriedades em Inglaterra, tinha muito do verdadeiro espírito cavalheiresco e soldadesco, o que granjeou a minha sincera amizade — destinada, infelizmente, a durar pouco. À medida que Alice recuperava, insisti para que o nosso casamento não se adiasse mais, mas os meses passaram, e ela continuava a alegar fraqueza física e a mostrar-se nada ansiosa pela concretização daquele evento em que eu depositara toda a minha felicidade futura. Comecei a desanimar e a impacientar-me com o rumo inesperado das coisas.

Uma manhã, enquanto tomava o pequeno-almoço sozinho num dos inúmeros cafés públicos de Londres, a minha atenção foi atraída por dois cavalheiros sentados na mesa ao lado, cuja conversa, perfeitamente audível, assumiu o tom de um diálogo assim:

— Então, Capitão, vai ao grande casamento amanhã? — perguntou o mais novo, dirigindo-se ao companheiro, um homem de porte altivo e uniforme de Sua Majestade.

— De quem é o casamento? — perguntou o oficial, interrompendo-se para sorver um gole do aromático Mocha diante dele.

— Ora, a jovem e bela filha de Sir John Campbell vai casar com o ex-coronel, Lord Hazeltine. Surpreende-me não teres ouvido já tal notícia, pois, embora repentino, é o tema de todas as conversas nos círculos elegantes. Diz-se que Lord Hazeltine é primo da jovem, que não via desde criança, e que as suas honras militares e enorme fortuna lhe deram vantagem sobre o menos afortunado rival, Sir Charles Nottingham.

Já não ouvi mais nada, pois a ideia de ter sido cruelmente enganado por quem me era mais querida do que a própria vida era uma loucura; o meu primeiro impulso foi estrangular o patife que, mesmo sendo um estranho, se atrevera a pronunciar, na minha presença, palavras de falsidade e piedade trocista, acrescentando insulto à ofensa. Mas poucos momentos de reflexão trouxeram-me um espírito mais misericordioso e razoável, e a ideia de que talvez o meu amor e confiança em Alice me tivessem cegado face aos bem montados esquemas de traição do seu cúmplice e amante começou a impor-se-me com terrível força.

Sem sequer interrogar quem falava com tanta leveza sobre o casamento de quem, talvez, estivesse prestes a

sacrificar a própria felicidade ao altar da riqueza e da fama mundana, agarrei no chapéu e atirei-me à rua apinhada, decidido a pôr termo a todas as dúvidas visitando Alice e ouvindo da sua boca a amarga verdade ou a vil falsidade.

Poucos minutos de caminhada apressada levaram-me à casa de Sir John Campbell. Pedi para ver a Srta. Alice ao criado que atendeu a campainha, e fui informado de que ela estava ocupada com a modista e não podia receber visitas nesse dia. Decidido a não sair dali sem ver a minha amada Alice, estava prestes a subornar o criado para que me arranjasse um encontro, quando Sir John Campbell apareceu subitamente no corredor e, depois de mandar o criado conduzir-me à sala de receção, ausentou-se imediatamente, a fim de informar a filha de que eu aguardava em baixo.

Meia hora se passou — uma eternidade de tortura e ansiedade — até que Alice Campbell, com o rosto lívido e pálido como mármore, apareceu na pequena mas elegante sala de receção da casa do pai.

Um simples olhar para aquele rosto frio e estranhamente alterado foi suficiente para confirmar os meus piores receios.

Seguiu-se uma breve conversa entre ambos, na qual Alice Campbell confessou abertamente a vil mentira de que tinha sido autora, acrescentando que o seu esperado casamento com o primo, Lord Hazeltine, era motivo de grande alegria para os seus pais, que desde o início tinham apoiado a candidatura dele.

Não pedi mais explicações, certo de que já não possuía o amor de quem sempre julgara incapaz de inconstância e mentira.

Não lancei maldições sobre a cabeça de quem assim destruíra todas as minhas esperanças e apagara para sempre o sol do amor da minha alma; mas despedi-me de Alice Campbell com respeito, até ternura, saindo apressadamente da casa do pai dela.

Às dez da manhã seguinte, a igreja de São Paulo estava cheia de uma multidão ansiosa, todos aguardando o aparecimento do distinto ex-soldado e da sua futura esposa.

Um movimento percorria a assembleia e, de súbito, todos os olhares se voltaram para a porta aberta, onde estavam Alice e Lord Hazeltine.

Um segundo depois, o cortejo nupcial avançou pelo largo e rico tapete do corredor, formando um semicírculo junto ao altar.

Como uma estátua recém-esculpida parecia Alice Campbell, ajoelhada nos degraus do altar, com os pesados pregueados do vestido de cetim branco a cair com arte sobre os pés delicadamente calçados.

A cerimónia do casamento decorreu sem interrupções e os recém-casados voltaram-se para sair da igreja.

Decidido a que Alice se apercebesse da minha presença, posicionei-me no passeio mesmo junto à porta.

Porém, a multidão era tal que eu, o amante traído e de coração partido da sua juventude, teria passado despercebido a Alice, não fosse o véu dela prender-se acidentalmente no botão do casaco de um cavalheiro ao meu lado.

Ao voltar-se para o soltar, os olhos de Alice Hazeltine encontraram inesperadamente o meu rosto entristecido.

Um estremeção percorreu-lhe o corpo, e, com os lábios a empalidecer e os olhos a fechar-se, a jovem dominada pelo remorso murmurou o nome outrora querido: «Nottingham!»

Vi o olhar de ansiedade e ternura que o noivo lançou ao rosto da noiva desfalecida, enquanto, tomando-a nos braços, a conduziu até à carruagem, pronta para os levar ao novo lar; depois, puxando o chapéu para baixo, para evitar os olhares dos estranhos que tinham presenciado a cena, afastei-me do local, com um único pensamento a arder-me no cérebro: vingança!

O tempo passou. Alice Campbell, agora Lady Hazeltine, fez uma longa viagem de núpcias pelo sul da Europa, regressando a Inglaterra a tempo de dar à luz uma filha.

A ausência não diminuiu, antes reforçou, o desejo de vingança em relação àquela que desprezara o amor da

minha alma por ambição e fama.
Quando tinhas quatro meses, soube por acaso que teria lugar um batizado público na Igreja de São Paulo.

O espírito de vingança dominava-me e não tardei a planear o teu rapto, plano esse que foi bem-sucedido como só um espírito verdadeiramente malévolo poderia desejar.

Terminada a cerimónia, a pequena Alice — não te assustes, minha filha, pois assim te chamaram em honra da tua mãe (o nome de Mary Flanders era apenas fictício, dado por mim para garantir melhor o teu ocultamento) — foi enviada para casa numa carruagem privada, acompanhada apenas pela ama, enquanto Lord e Lady Hazeltine permaneceram na igreja para os exercícios dominicais.

A carruagem não tinha avançado muitos quarteirões quando me aproximei a cavalo, pedi ao cocheiro (que, aliás, me reconheceu imediatamente como Sir Charles Nottingham) que parasse e informei a ama, sem desconfiança, de que a criança era necessária na igreja, e que eu fora incumbido por Lord e Lady Hazeltine de a levar sem demora.

Todas as objeções da velha ama foram rapidamente ultrapassadas pelos «argumentos» do fiel cocheiro, que recebera já demasiadas gratificações minhas para alguma vez duvidar da minha honestidade.

Com a bebé em meu poder, dirigi o cavalo na direção da igreja, seguindo assim até a carruagem desaparecer de vista; depois, esporeando o cavalo, enfiei por uma rua

estreita que conduzia a um bairro remoto, e, chegado ao destino, confiei-te a uma velha a quem pagara generosamente para guardar segredo absoluto.

Com ela permaneceste até completares um ano e onze meses, quando, sob a cobertura da noite, embarquei contigo no 'Lapwing' rumo à América.
Entretanto, foram oferecidas grandes recompensas pela tua recuperação em toda a cidade de Londres, mas sem qualquer resultado.

Eu, por fim, tinha obtido a vingança que durante meses tinha desejado, e regozijei-me em segredo pela desolação provocada no lar do meu rival.

Ao chegar a Nova Iorque, embarquei numa escuna para Newburyport, onde fiquei poucos dias, trazendo-te depois para Amesbury, onde cresceste da infância quase até à idade de mulher, isolada do mundo e protegida de toda a curiosidade pública por quem os aldeãos chamaram de 'O Eremita do Powow', e a quem sempre conheceste apenas como teu pai, de nome William Flanders.»

Era já depois da meia-noite quando o velho terminou o relato de uma história que, mais do que uma vez, fez brotar lágrimas dos olhos da bela jovem que ele amorosamente segurava nos braços.

Com muitos agradecimentos pela revelação, após tantos anos em que a curiosa criança fora mantida na total ignorância da sua origem, Alice Hazeltine beijou fervorosamente aquele a quem verdadeiramente aprendera a amar como pai, apressando-se para o quarto solitário, a

sonhar com as alegrias do futuro, quando, uma vez reunida à mãe que nunca conhecera, pudesse explorar os mistérios do grande e vibrante mundo de que até então fora afastada.

Um mês depois, o eremita e Alice Hazeltine despediram-se da tranquila casa junto ao Powow, rumo a Nova Iorque, de onde embarcaram para Inglaterra no "Witch of the Wave".

Após uma travessia algo tempestuosa, Sir Charles Nottingham e a sua bela protegida chegaram ao destino, Liverpool.

Poucas horas de viagem os levaram à grande metrópole inglesa — Londres.
Aqui, o eremita soube, pela boca de estranhos, que Lord Hazeltine morrera de tuberculose havia cerca de cinco anos, consequência de uma vida dissoluta, e que a sua doce esposa vivia com os pais idosos.

Depois de adquirir novos guarda-roupas para si e para Alice, e um disfarce para usar se fosse preciso, o eremita, agora bastante melhorado na aparência, instalou-se, com "Charles Nottingham e pupila", como registou no livro de hóspedes de um dos hotéis mais elegantes de Londres. Após uma semana na cidade, o eremita, disfarçado de modo a iludir até Alice, partiu para a mansão Campbell, residência de Alice Hazeltine.

Chegando lá, pediu alguns minutos de conversa com Lady

Hazeltine, mas foi informado pelo criado de que a patroa não recebia pedintes.

Ofendido e indignado, recusou sair sem transmitir a sua mensagem, afirmando tratar-se de assunto da maior importância para Lady Hazeltine.
O criado, vendo que o visitante não se deixava dissuadir, foi finalmente cumprir a incumbência, deixando o nosso herói sozinho no vestíbulo.

Vestida de negro, a antiga beleza apenas suavizada pela tristeza, Lady Hazeltine desceu a escadaria e, com voz compassiva, pediu ao velho para a seguir até uma antecâmara.

As primeiras palavras dele, mal estavam a sós, foram:

— Senhora, creio que foi seu infortúnio perder, há anos, uma linda criança.

— É verdade, senhor — respondeu Lady Hazeltine.

— Mas como é que um estranho sabe de um facto ocorrido há catorze anos?

Peço desculpa pela minha presunção, minha senhora, mas prometa-me que responderá sinceramente a mais uma pergunta, e eu dir-lhe-ei algo sobre o seu filho roubado que fará o seu coração de mãe saltar de alegria.

Mistificada e a tremer, a senhora apenas conseguiu inclinar-se em assentimento à última observação do velho.

“Diga-me, Lady Hazeltine, alguma vez amou aquele a quem esteve uma vez prometida – Sir Charles Nottingham?”

“Amei-o! Só Deus nos céus sabe o quanto o amei, e quão profundamente magoei o seu nobre coração! Mas quem é o senhor?”, disse a senhora, recuperando a dignidade e a compostura, “que assim ousa penetrar nos segredos mais íntimos da minha alma?”

“Quer saber, minha senhora?”, disse o eremita, tirando o seu disfarce roto; “então veja em mim alguém que um dia amou Alice Campbell – sim, mais do que isso – que ainda a ama agora, Sir Charles Nottingham, o amante frenético e cruel raptor da sua filha, que, graças a Deus, ainda vive!”

O choque foi demasiado para a sensível natureza de Alice Hazeltine suportar. Seguiu-se um desmaio, que os cuidados atentos de Sir Charles Nottingham logo conseguiram vencer. Após a senhora recuperar o ânimo, ambas as partes fizeram as devidas explicações, que terminaram com a reunião de mãe e filho e o perdão mútuo de dois que igualmente tinham pecado.

Duas semanas depois, a mansão Campbell foi o cenário de um casamento privado mas feliz – o de Lady Hazeltine e Sir Charles Nottingham, conhecido durante muitos anos em Amesbury como “O Eremita do Powow”.

PARTE IX
MENSAGENS CARACTERÍSTICAS
VERIFICAÇÃO DAS MENSAGENS ESPIRITUAIS

Ânimo, corações tristes, nem tudo é escuridão que paira sobre a nossa manhã; acima de nós canta a cotovia celeste, e a mais doce luz desponta. Para toda a nossa dor, há doce alívio, mesmo que o mundo inteiro duvide de nós; oh, nunca temam, o dia está perto, há amor e luz à nossa volta.

Na alma, o homem eleva-se e voa – na carne, morre – não para que não possa aqui, provar do contentamento; mas como os pássaros bebem e logo erguem a cabeça, assim ele deve mergulhar e pensar na melhor bebida que poderá alcançar depois de morrer! – Herbert.

I

Sob a classificação "Mensagens Características", apresenta-se ao leitor alguns exemplos do vasto conjunto de comunicações espirituais individuais que, de tempos a tempos, foram transmitidas através da mediunidade da Sra. Conant. As que se seguem foram escolhidas por apresentarem, de forma mais evidente, o selo da originalidade quanto ao conteúdo e à dicção, ou pelos traços mentais peculiares das pessoas de quem se afirmam provir. A seguinte, do espírito de um dos antigos editores do Banner of Light (e publicada na edição de sábado, 16 de setembro de 1871), está repleta da vontade firme e da incansável atividade que marcaram o seu percurso de vida na Terra:

WILLIAM BERRY

Atendendo aos insistentes pedidos de muitos amigos, atrevo-me a ocupar este espaço por alguns momentos, e, com o tempo, a ocupar um breve espaço nas vossas colunas. Querem saber porque razão não regressei, manifestando-me através do Banner of Light. Dizem que já esperavam isso há muito tempo. Esperavam muito de mim. Estão desiludidos. Pensavam que eu traria notícias que talvez eclipsassem tudo o que tinham obtido até então. Pensavam que eu estava tão bem informado sobre assuntos espirituais aqui, que deveria ser capaz de fazer muito por eles, regressando e manifestando-me através deste e de outros médiuns. A primeira grande objeção é que não sou muito dado a fazer discursos – prefiro ouvir outro em vez de mim mesmo.

A segunda é que não tenho gosto pelo trabalho de vitalizar cabeças-duras, que nada sabem sobre Espiritualismo e nada querem saber. E como o Departamento de Mensagens do Banner se dedica principalmente a esse tipo de indivíduos, considerei adequado, uma vez que os meus instintos não me levam por esse caminho, permanecer nos bastidores. E, mais uma vez, tenho estado bastante ocupado no mundo espiritual, sendo editor de um jornal diário muito maior do que o querido e velho Banner, por isso, claro, tenho que fazer.

Apesar de ter uma equipa capaz de assistentes, o departamento editorial estando sob a jurisdição do estimado Henry J. Raymond, de Nova Iorque – contudo, apesar de toda essa assistência, tenho suficiente que fazer e

achei muito mais proveitoso ficar nos bastidores – ajudar a partir de trás no processo de vitalizar essas cabeças-duras mortais. E utilizo mesmo este termo, pois nenhum outro serviria melhor o caso.

E, mais uma vez, receio, vendo tudo o que posso das suas limitações, que, se estivesse demasiado perto, acabaria por usar o malhete em vez da persuasão moral. Em vez de passar meses e anos a tentar provar a imortalidade da alma e o poder da alma regressar depois da morte, abriria rapidamente essas cabeças-duras e deixaria a alma sair, onde poderia voar mais alto e ver mais claro. E como nós, espíritos, temos grande poder sobre a matéria, poderia ser tentado a fazer mau uso disso. Portanto, veja que tenho várias razões para não comunicar através do Banner of Light e para não usar a minha influência para o avanço do Espiritualismo moderno na Terra. Bom dia. William Berry.

II

Um antigo médico da Sra. Conant relata a sua experiência acerca do caso dela, e os seus efeitos posteriores na sua mente, na mensagem abaixo, transmitida através do organismo da médium numa sessão realizada a 5 de Setembro de 1872:

DR. JOHN GARDINER

Saí desta vida em absoluta escuridão, pois não acreditava numa vida após a morte; mas um Deus bom, que não faz aceção de pessoas, foi tão bom para mim como

para qualquer outro, e aprendi, ou antes, desaprendi, os erros que cometi na Terra. Agora desfruto de circunstâncias ou condições que me provam que a alma está dotada de vida eterna. Nada na Terra me tinha provado isso. A igreja era um mito, e todas as várias religiões eram, para mim, meras brincadeiras de crianças. Fui médico por formação e profissão. Quando via o último suspiro a sair dos moribundos, dizia: 'é o fim deles'.

Acreditava nisso, e prometi a alguns dos meus bons amigos frequentadores da igreja que, se fosse possível, de alguma forma lhes daria a certeza da minha mudança de fé na outra vida, caso a encontrasse, e mudasse de opinião. Eles não conheciam esta feliz forma de retorno, nem eu. Mas sou obrigado a dizer-lhes que, com todo o seu poder, influência e fé, estão tão às escuras como eu estava. Encontrarão tanta dificuldade em saber o seu verdadeiro estado na vida espiritual quanto eu. Aconselho-os a mudarem a base das suas operações aqui na Terra e a investigarem por esta nova luz que parece inundar o mundo, oferecendo a todos, ricos e pobres, livres e escravos, uma oportunidade de se banharem nos seus raios. Esse é o meu conselho para eles.

Tive uma experiência singular com esta médium, de quem fui médico durante algum tempo na minha vida terrena, que me marcou tanto que nunca a esqueci, e acredito mesmo que foi essa lembrança que me despertou para a consciência na vida espiritual, e me fez perceber onde estava e a mudança por que tinha passado. Talvez não seja despropositado relatar essa experiência: uma tarde, no

ano de mil oitocentos e cinquenta e um, fui chamado para ver esta médium, que estava doente naquela altura.

Os seus dons neste sentido não eram conhecidos – nem por ela, acredito, nem por nenhum dos seus amigos. Ao chegar ao seu leito, percebi logo que estava na fase final da cólera asiática. O colapso fatal tinha-se instalado, e o médico sabe bem onde isso conduz. Não via qualquer esperança no seu caso; quando, para meu espanto, ela despertou e disse-me: 'Doutor, pode salvar-me?' Limitei-me a responder: 'Lamento não ter sido chamado mais cedo; farei o que puder.'

Imediatamente preparei os remédios que normalmente administrava nesses casos, e acrescentei algo um pouco fora do habitual, achando que poderia ter bom efeito no caso dela, se fosse possível. Administrei o medicamento de vinte em vinte minutos. Esperei o efeito, mas não houve nenhum. Fiel à sua natureza, a doença impediu qualquer efeito dos remédios no organismo. Não tiveram efeito algum. Os remédios que dei eram os melhores, os melhores que conhecia, e aqueles que nunca falhariam, se dados antes da instalação deste colapso fatal; mas fui informado pelos seus acompanhantes que essa condição já durava há mais de quatro horas, pelo que conclui que estava a caminho da morte.

Depois de ter administrado quatro, ou talvez cinco doses sem qualquer efeito, ela voltou a despertar, virou-se para mim e disse: "Doutor, dobre a dose e dê-ma de dez em dez minutos, e aplique também batatas assadas debaixo dos meus braços, nos meus pulsos e nos meus pés. Ate-as,

quentes do forno." Disse para comigo: "Nada lhe poderá fazer bem; na minha opinião, nada lhe poderá fazer mal; esta ordem será cumprida." Executei-a o mais depressa possível. Depois de estar ao pé da sua cama durante mais duas a três horas, senti o pulso a regressar e vi que o tom de morte no seu rosto estava a desaparecer.

Comecei a ter esperança, sem saber bem porquê. Sabia que nunca tinha havido um caso registado de recuperação após o colapso se instalar. Mas ela começou lentamente a melhorar, e, passadas cerca de três horas, o pulso tornou-se claramente percetível. Era evidente que estava melhor. Então olhou para mim e disse: "Doutor, vou viver; dê-me vinte gotas de láudano, com vinte gotas de espírito de cânfora, de vinte em vinte minutos, até eu adormecer. Vou ficar bem."

Eu era particularmente avesso a todos os narcóticos e nunca os administrava. Tinha-os completamente excluído da minha prática, e ela sabia disso; por isso, hesitei. Ela voltou a fazer o pedido, e pareceu-me quase uma exigência. Não tinha o remédio comigo, porque nunca o utilizava. Perguntei se havia em casa. Não, não havia. Um dos acompanhantes disse logo: "Eu vou buscar." Trouxeram-no da farmácia mais próxima, e dei-lho conforme as suas instruções.

Depois de lhe ter dado três doses, ela adormeceu. Quando acordou, estava completamente fora de perigo, e deixei-a, a pensar no poder que me tinha falado, pois sentia que tinha sido algo mais do que ela própria a dar-me tais

ordens – algo que operara tão miraculosamente. Chamei-lhe um milagre.

Quando amigos e vizinhos me perguntaram acerca da sua doença, disse-lhes: "Não vos posso explicar como foi que a salvei; certamente foi um milagre." Pela lembrança desse milagre, a minha própria consciência foi despertada para a vida superior. Pelo mesmo poder, regresso agora, falando através destes próprios lábios que fui instrumento de salvar na vida mortal há anos atrás.

Não podemos saber o quão verdadeiramente Deus nos fala, mesmo através dos métodos mais simples. Devemos dar ouvidos a todas as vozes da natureza, penso eu, e ponderá-las bem, e quando encontrarmos algo que entra em choque com as nossas opiniões fixas, em vez de o rejeitarmos, devemos analisá-lo – devemos perguntar se Deus não no-lo terá enviado como uma revelação direta dele próprio.
Sou o Dr. John Gardiner, de Portsmouth, N.H.

III

A mensagem aqui transcrita das páginas do Banner of Light de 18 de junho de 1857 é incluída para que as lições fisiológicas e psicológicas nela contidas sejam de novo transmitidas ao espírito geral. A opinião pública, amparada por supostos dados médicos, tem por hábito negar inteligência consciente e individualizada ao feto em gestação antes do período de "vivificação", e rejeita vigorosamente a ideia de existência imortal aplicada a

bebés que nascem mortos para o mundo físico e são de imediato depositados no seio da terra para passar pelo natural processo de decomposição. O espírito manifestante, porém, declara a sua existência no mundo espiritual.

O facto de nunca ter visto a luz do sol terrestre é absolutamente verdade, pois após a publicação da mensagem cada circunstância foi confirmada pelo testemunho dos pais da criança – o Sr. e a Sra. Mical Tubbs – então de Boston, Mass., mas agora residentes em San Francisco, Califórnia. Ficaram tanto encantados como surpreendidos ao lerem as palavras de quem partiu do corpo físico antes que o contacto com as formas mais grosseiras da materialidade tivesse obscurecido e entristecido o germe da sua vida espiritual.

A criança, não tendo recebido nome na Terra, apenas pôde, ao manifestar-se, repetir o seu nome angélico:

"LUZ"

"Há vinte e seis anos, parti para a terra dos espíritos. Os meus olhos nunca se abriram para ver as belezas da terra, pois o meu nascimento material e espiritual foram um só. E contudo, quando o sopro do Deus vivo primeiro percorreu e encheu o meu corpo de criança, antes de estar formado ou moldado à imagem da Divindade, tornei-me uma alma viva; uma flor a quem o Grande Arquiteto deu existência espiritual. Por isso, estava apta para ser habitante do mundo espiritual, e, enquanto habitante, destinada a progredir, pois o progresso está assinalado com o dedo da Divindade em tudo o que Ele fez.

Os pais a quem o meu corpo mortal pertenceu ainda vivem na Terra, e muitas vezes lhes volto, fazendo-os perceber plenamente que o corpo que só viram morto encerrou um espírito imortal, e que esse espírito tem sido ensinado pelos anjos que constantemente vão e vêm da Terra, tornando completa a ligação entre a Terra e o mundo eterno.
Pois, assim como o corpo mortal e imortal estão por um tempo unidos, também o mundo natural e espiritual se combinam num só, formando o grande todo.

E de novo – assim como o corpo material ou natural está morto sem o corpo espiritual ou imortal, assim também o mundo natural entraria em decadência, a menos que estivesse imediatamente ligado ao mundo espiritual, o mundo imortal, que não conhece decadência, não reconhece a morte.

Por esta ligação, os anjos voltam e comunicam com as plantas donde vieram, ou em que tiveram a sua existência natural. Assim como a luz do sol da Terra beija as flores para uma nova vida, assim os anjos vindouros hão de beijar para uma nova vida os mortos da Terra. E assim como a morte está marcada em tudo exceto Deus, todos os males acabarão por morrer, e Deus e as suas criações viverão eternamente.

Todas as criações do Todo-Poderoso são feitas à imagem da inteligência, que é a imagem de Deus, donde emana todo o intelecto ou sabedoria, e para onde toda a sabedoria do inferior tem de ascender; pois Deus chama os seus nos templos terrestres, e o espírito que responde deixa tudo o

que é mortal ao apelo do imortal, e sobe até aqui, para reconhecer o seu criador num sentido mais divino.

Quando a doença assola as formas mortais, então os elementos estão em guerra, e a menos que a paz possa ser restaurada, o espírito parte, o mortal morre e os elementos ficam em repouso.

De novo, quando o mal assume a forma de doença, então o mal certamente vencerá, a menos que a sabedoria e a natureza estejam do lado do imortal.
O homem, no seu estado natural, não era sujeito à doença, porque então a sabedoria estava à direita da natureza; mas, ai!, agora a tolice tomou o lugar da sabedoria, e a sabedoria vagueia longe. Assim, milhares passam continuamente de vós para nós, por causa da tolice.
Gritai alto, ó tolos, para que a sabedoria possa regressar e encher os vossos templos escurecidos com luz."

IV

Aqui citam-se mensagens transmitidas por dois chefes de renome entre as tribos indígenas do continente norte-americano, para que se tenha uma ideia do carácter sério, digno e ao mesmo tempo verdadeiramente eloquente das palavras do homem vermelho através de Mrs. Conant:

LOGAN

"Saudai, chefes! O índio vem acrescentar lenha ao vosso conselho e dar força ao vosso médium. As luas vêm e vão, e ainda assim o rosto-pálido não atende ao clamor do índio.

O índio encontra bravura e habilidade escritas na fronte, mas por dentro encontra medo. Rostos-pálidos, não precisam ter medo. O Grande Espírito ordena e vós seguis. Rostos-pálidos, têm grandes almas a seguir, grandes fogueiras a acender; a tenda é grande, precisa de muito calor e luz, e pedem calor e luz, e recebem-nos do Grande Espírito.

Chefe pálido, grandes espíritos vêm ao vosso conselho, e não lhes prestam homenagem; não os escutam porque não os veem. Virá o tempo em que verão e não temerão; agora, se vissem, teriam medo. Peçam grandes intelectos, grandes luzes, e os receberão.
O índio vê-vos envoltos em névoa, e olha para o futuro, e vê-vos de pé à luz do sol. Remem as vossas próprias canoas; não peçam auxílio senão ao Grande Espírito. Rostos-pálidos, o sol põe-se, e o índio regressa a casa."

WAUNONDAGA

"Rostos-pálidos, o Grande Espírito sorri para os seus filhos, e, como os molda à sua imagem, deseja que caminhem no seu caminho. Muitas luas se passaram desde que o índio se movia como vós agora – desde que tinha controlo de um corpo mortal vivo.

E, tal como então remava a canoa pelas águas que o Grande Espírito lhe deu, via nelas que um povo mais poderoso do que o seu, a seu tempo, pisaria as suas margens e navegaria nas suas águas.
O Grande Espírito ensinou-lhe, na folha, no sol, na lua, nas

águas, que no futuro os habitantes da terra o entenderiam melhor – compreenderiam as suas grandes obras.

Waunondaga via o Grande Espírito em todas as coisas, e sabia que Ele amava o índio; mas pouco depois Waunondaga estava junto do túmulo onde jaziam os seus pais; não demonstrou medo, apenas pegou na lança e partiu para outras terras, pois ouviu dizer que grandes intelectos tinham chegado — que rostos-pálidos tinham atravessado as grandes águas para povoar a sua terra com bravos ainda mais poderosos.

E neste momento o Grande Espírito envia o índio para dar força ao vosso médium, para que, mais tarde, outros espíritos possam vir e encontrar fácil acesso — possam acender uma fogueira aqui e enviar o fumo até ao Grande Espírito. Rostos-pálidos, as palavras que vêm dos vossos conselhos hão de, a seu tempo, penetrar em todas as almas; então o erro desaparecerá, e a luz da grande terra de caça brilhará sobre a terra, e não haverá guerra.

Antigamente, os seus braços eram braços de ódio, e quando atacavam havia morte, e nas faces da multidão lia-se a insensatez onde agora se lê a sabedoria, pois o Grande Espírito está a aproximar os seus filhos de Si. Os machados de guerra dos tempos antigos ele enterrou debaixo da terra, e as canoas já não existem. Grandes intelectos ergueram grandes tendas, e cobriram as águas com os seus barcos a vapor. Adeus, rostos-pálidos. A missão de Waunondaga está cumprida, e ele parte."

V

Muitas pessoas, perante o grande número de mensagens que anualmente são transmitidas pela mediunidade da Sra. Conant — a grande diversidade de espíritos controladores e os (em muitos casos) distantes locais onde desejam que as suas palavras cheguem — dirigiram-se no passado aos editores do Banner of Light, procurando saber quantas dessas mensagens são reconhecidas por amigos ainda no corpo físico. Talvez a mesma dúvida surja na mente do leitor desta obra.

Em resposta, basta referir os inúmeros testemunhos escritos acerca da sua veracidade — provenientes, na maioria dos casos, de pessoas completamente desconhecidas da médium ou dos editores — que se encontram espalhados pelas páginas do Banner desde o primeiro até ao presente volume. É, claro, impossível nos limites deste livro apresentar sequer uma décima parte destas confirmações das "cartas dos mortos", mas, tal como no caso das mensagens acima citadas, será incluído certo número das verificações mais importantes, para que se possa ter ideia da fiabilidade e força conclusiva das mensagens em geral.

Ao ler as comunicações semanais do Departamento de Mensagens do Banner, quem investiga a precisão do fenómeno deve ter em mente os obstáculos que cercam a manifestação de inteligência através de um corpo estranho ao espírito, e muitas vezes de sexo diferente daquele que teve na vida física. Esta dificuldade é claramente exposta por W. E. Channing, num dos primeiros números do Vol. II:

"Espíritos de todas as classes regressam à terra para comunicar com os mortais, e por vezes acham extremamente difícil controlar com sucesso os vossos médiuns, pois há sempre um poder antagónico a atuar no mundo espiritual e no plano terrestre, e o espírito controlador é obrigado primeiro a vencer esse poder antes de se manifestar. E, além disso, temos de governar a natureza material, física e animal dos médiuns, para que, durante um tempo, ela seja nossa, não deles. Os mortais mal têm noção do imenso poder que é exercido sobre o médium ao dar estas manifestações simples, e muitas vezes pouco gramaticais."

A grande vantagem oferecida pelo organismo da Sra. Conant como canal de comunicação para espíritos de todos os graus de inteligência reside na sua completa passividade a influências externas; ou seja, o atrito mental resultante da influência sobre a máquina mediúnica é menor no seu caso do que no de muitos outros. Relativamente à sua vida, trabalho e esta peculiaridade da sua mediunidade, Hudson Tuttle, bem conhecido do público espírita como pensador profundo e escritor hábil, dá o seguinte testemunho:

"O Departamento de Mensagens do Banner of Light tem sido mantido desde o primeiro número desse jornal pela mediunidade da Sra. J. H. Conant. Sabemos que o valor literário e a utilidade dessas mensagens têm sido severamente criticados, mas acreditamos que sempre por quem não compreendeu o seu propósito. Não devem ser julgadas por regras comuns. São a expressão espontânea de

espíritos que ali encontram geralmente a sua primeira oportunidade de comunicar com a terra.

Se a sua dicção fosse perfeita, quão depressa os críticos apontariam a incongruência! Cada um fala na sua própria língua e conta a sua própria história. O facto de um médium poder relatar estas experiências, preenchendo uma página de jornal como o Banner, semana após semana e ano após ano, sem nunca repetir, consideramos ser, por si só, um obstáculo intransponível a qualquer teoria que não seja a sua origem espiritual. São únicas. A história do mundo não apresenta nada semelhante, e, se fossem reunidas num grande volume com as suas confirmações, constituiriam a mais avassaladora prova que se pode tirar do domínio dos fenómenos mentais.

Os que assistem aos seus círculos têm a prova dos seus próprios sentidos. Ela é uma senhora delicada e reservada, que evita o contacto com o mundo. Quando está sob controlo dos espíritos, o seu modo e voz correspondem ao carácter deles. Fala com a suavidade de uma criança e a rudeza dos homens mais rudes; nas vozes fracas da velhice e nas notas ásperas da mais vigorosa saúde. Durante cada mensagem, ela é, por um tempo, o representante do espírito comunicante, e os seus traços correspondem ao carácter que a controla. É provavelmente um dos melhores exemplos de sensibilidade na longa lista de médiuns, e um caso notável do controlo perfeito que os espíritos podem exercer sobre o organismo físico quando lhes é permitido executar livremente os seus intentos."

VI

Como primeira numa série de verificações escolhidas das mensagens espirituais transmitidas pela Sra. Conant, apresenta-se a prova relativa à comunicação que se dizia provir de "Harriet Sheldon, de Gaston, Alabama", publicada no Banner of Light a 7 de Maio de 1857:

HARRIET SHELDON

Este espírito surgiu com um sorriso tão alegre nos lábios, que todos os presentes não puderam deixar de comentar que ela parecia especialmente feliz. "Oh, sim, sou sempre feliz. Há alguns anos vivi na terra, mas não neste frio clima do norte. Têm certamente muitas coisas belas, mas eu seria mais feliz vivendo onde costumava viver. Vocês, gente do norte, têm casas com aspeto estranho, mas presumo que sejam felizes. Tenho um marido na vida terrena e estou ansiosa por comunicar com ele, mas vive muito longe. Podem enviar-lhe uma mensagem? O meu querido companheiro voltou a casar, [1] foi meu desejo.

Disse-lhe para escolher a senhora, e tenho tentado constantemente falar com ela, e conseguirei, com o tempo. Lá onde vivem não há bons médiuns. Quero pedir ao meu querido marido que se sente sozinho uma pequena parte de cada dia, e estarei com ele e tentarei manifestar-me. Quero que se sente, talvez, trinta ou quarenta dias. Digam-lhe para falar muitas vezes de mim àqueles que tem à sua volta, por baixo dele [2]; ele perceberá o que quero dizer. Digam-lhe para se sentar muitas vezes debaixo daquela

pequena roseira [3] — estarei com ele então, se pensar em mim — ele também compreenderá isso. O meu nome é Harriet Sheldon. O nome de quem foi meu companheiro é Israel Sheldon — reside em Gaston, Alabama. Poderão atender-me rapidamente? Então, bom dia, senhor."

William Berry — que, então ainda em vida física, exercia a função de secretário no círculo — ao regressar da sessão ao escritório, sugeriu que Luther Colby, seu sócio, escrevesse para o Alabama, fazendo perguntas sobre os factos do caso. Isto foi de manhã. À tarde do mesmo dia, um senhor dirigiu-se ao escritório do Banner e disse que queria que dois exemplares do jornal fossem enviados para um amigo no Alabama.

"Conhece esse estado?", perguntou o Sr. Berry.

Ele respondeu que sim, até certo ponto, e surpreendeu-o (ao Sr. B.) ao dizer que, enquanto almoçava em sua casa, a dois quilómetros do escritório, um espírito falou através de um dos seus familiares, que é médium, e lhe disse para ir ao escritório do Banner of Light, buscar dois exemplares daquela edição e enviá-los ao Sr. Sheldon, de Gaston, Alabama.

Dez anos depois da publicação desta mensagem, para surpresa e satisfação do Sr. Colby, recebeu novas provas da sua veracidade, de um ponto de vista puramente material. Um estranho apresentou-se-lhe no escritório e perguntou se mantinham arquivo do Banner; ao ser informado que sim, sugeriu que, se o Sr. C. consultasse o nº 5, vol. I., encontraria uma mensagem espiritual de Harriet Sheldon para I. Sheldon, Gaston, Alabama.

O volume encadernado foi retirado, e a comunicação em questão encontrada na sétima página dessa edição. O estranho pediu que a mensagem lhe fosse lida, mas antes perguntou:

"Alguém aqui me conhece? Já me viram alguma vez?"

Como a resposta foi negativa, prosseguiu:
"O meu nome é Sheldon, e essa mensagem veio da minha esposa. Nenhum de vós me conhece, mas aqui está a prova de que sou quem digo ser", — ao mesmo tempo tirando do bolso do casaco um molho de cartas, duas das quais, ao serem examinadas, tinham o mesmo nome indicado na mensagem. O Sr. Colby começou então a ler a comunicação, como pedido.

Quando chegou à parte em que a Sra. Sheldon falava do segundo casamento do marido [1], o visitante afirmou que a declaração era verdadeira, pois, ao leito de morte dela, perguntou-lhe se teria alguma objecção a que ele voltasse a casar, caso encontrasse uma companheira adequada; e ela respondeu que não.

Na altura em que a comunicação foi transmitida através da mediunidade da Sra. Conant, o Sr. Sheldon disse que era proprietário de escravos, o que explica a observação do espírito: "Diz-lhe para falar frequentemente de mim àqueles que tem à sua volta, por baixo dele," [2] – referindo-se aos seus escravos.

A leitura continuou até às palavras: "Diz-lhe para se sentar muitas vezes debaixo daquela pequena roseira," etc. [3], quando o Sr. Sheldon disse: "Eu tinha, junto à minha

residência, uma roseira peculiar. Não creio que houvesse outra igual na nossa zona. Em noites de verão agradáveis, eu e a minha esposa tínhamos o hábito de nos sentarmos juntos debaixo dessa árvore, pois era alta o suficiente para o efeito. Vocês não podiam ter conhecimento deste facto, nem da conversa particular que tive com a minha esposa pouco antes da sua morte. Eu não era espiritista; não acreditava em comunicação com espíritos; mas aqui estão factos que não posso negar. Fui obrigado a acreditar que o espírito da minha falecida esposa realmente comunicou; e agora não tenho dúvidas. Tenho sido assinante do vosso jornal desde então."

Este testemunho espontâneo sobre a exatidão da mensagem, vindo diretamente e sem ser procurado dos lábios do próprio marido da inteligência manifestante, deve ser considerado verdadeiramente uma verificação notável da comunicação com espíritos.

ELIZA MUCHMORE

No dia 6 de maio de 1857, um espírito encarnou na forma mortal da Sra. Conant e informou os presentes no círculo que se chamava Eliza Muchmore, e que estava ansiosa por comunicar com o seu antigo pastor, o Elder J. B. D—. Não tendo qualquer contacto ou conhecimento das pessoas cujos nomes foram dados, os editores do Banner ficaram, durante algum tempo, sem saber como poderiam corroborar a mensagem dada pela inteligência desconhecida. Mas, tendo fé na realidade da comunicação espiritual, acabou por ocorrer ao Sr. Colby escrever ao Elder

D—, cujo nome fora mencionado pelo espírito, para ver se tal pessoa realmente existia e pudesse responder.

Assim fez, dirigindo a carta para Manchester, N. H. — o espírito afirmou que provavelmente ele poderia ser contactado ali. Como estas palavras implicavam alguma incerteza, o Sr. C. teve o cuidado de escrever no envelope um pedido ao chefe dos correios para reencaminhar a carta à pessoa a quem era dirigida, caso não estivesse em Manchester. Se não o tivesse feito, provavelmente a carta nunca teria chegado ao destinatário, e assim a importante evidência procurada pelo Sr. Colby não teria sido obtida. A carta foi reenviada como desejado para Lowell, onde o senhor residia, e em poucos dias recebeu-se a seguinte resposta:

"LOWELL, 13 de maio de 1857.
Aos Editores do Banner of Light:

Senhores: Recebi uma nota vossa acerca de uma pessoa com o nome de 'Eliza Muchmore'. Conheci-a bem, no tempo em que vivi em Portsmouth, N. H. Era membro da minha igreja. Esteve frequentemente em minha casa e pedia muitas vezes conselhos. Julgo que morreu, e penso que fui ao seu funeral e preguei um sermão. Consultei um pequeno livro e encontrei uma nota relativa a um funeral, em janeiro de 1854, ou por essa altura, que creio ser o dela. Não vivia em Portsmouth nessa altura; mas, a seu pedido, creio que fui chamado e fui.

Os meus registos, datas e factos não são suficientemente precisos para garantir com certeza, pois

não mantenho registo exato dos funerais; são tantos por ano, não menos de um ou dois, e por vezes três por semana. Estas são todas as informações que posso dar sem consideração mais demorada sobre o assunto. Se for necessário para o bem de alguém, farei mais investigação sobre a falecida.

Cordialmente,
J. B. D—."

Na sua carta de inquérito ao Sr. D—, o Sr. Colby teve o cuidado de omitir qualquer referência ao moderno espiritualismo e não mencionou que a pessoa sobre quem procurava informações tinha regressado para comunicar, etc. Limitou-se a fazer várias perguntas objetivas — derivando os pontos da mensagem recebida — suficientes para despertar a benevolência do Elder, como a sua carta indicou.

Os factos contidos na carta de confirmação foram prova suficiente para os editores do Banner sobre a fiabilidade da mensagem espiritual em questão, e, assim, foi publicada juntamente com a carta do Sr. D— na edição desse jornal datada de 18 de junho de 1857:

"'Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor.' Este foi o texto falado quando o meu corpo jazia debaixo do púlpito, frio e imóvel. Há treze anos, o meu espírito deixou a sua morada mortal e voou para reunir-se aos seus familiares no mundo espiritual. Aquele que falou ao povo sobre a minha morte está agora a pregar o evangelho ao povo da terra. Também falava por inspiração, sim, era inspirado para ensinar. Agora, se quiser, os seus dons

mediúnicos podem ser exaltados até ao mais alto céu; pois é um médium de grande poder. Oh, como o meu espírito anseia comunicar com ele; mas ele não compreende as grandes verdades que fluem dos seus lábios. Oh, como o meu espírito anseia, repito, comunicar com ele — e não só com ele, mas com muitos no plano terrestre. Ele não se senta a escrever para a multidão.

O espírito diz-lhe sempre: vai, apresenta-te perante o povo, abre a boca e nós a encheremos, e assim fala ao povo, e em vão tenta resolver o problema, ao perguntar-se: porque estou tão cheio de sabedoria quando cedo a influências superiores? E esta simples filha da terra, que partiu há anos, volta para lhe dizer porquê. Ele não fala de si, mas é um simples trompete para os poderes superiores, e, contudo, não sabe.

E o povo admira-se da eloquência, e, ao pensar que tudo brota espontaneamente da alma, mais se admira ainda. Mas não vê a multidão de anjos que enchem e vibram a sua alma com sabedoria! Não entende o mistério oculto que o envolve como nuvens que lançam um halo em torno do sol. Ó mortal, compreende e adora o teu Deus! O meu nome na terra era Eliza Muchmore; ele é chamado pelo povo Elder J. B. D—. Podem saber dele perguntando em Manchester, N. H."

Na mesma semana em que foram impressos a mensagem e a carta, como provas incontestáveis do intercâmbio espiritual, o Sr. D— dirigiu-se ao escritório do Banner of Light, confirmou pessoalmente a receção da carta do Sr. Colby e disse-lhe que, se este procurava provas sobre

um testamento ou propriedade em ligação com os seus inquéritos sobre Eliza Muchmore, teria muito gosto em dar qualquer informação adicional que pudesse.

O Sr. C. respondeu que ele (Sr. D—) estava completamente enganado nas suas suposições. Pelo contrário, desejava a informação que lhe tinha dado — e pela qual muito lhe agradecia — apenas com o propósito de testar a verdade do Espiritualismo, ou seja, de apurar se as mensagens dadas pela mediunidade da Sra. Conant eram genuínas manifestações espirituais ou infundadas e ilusórias; e que o resultado lhe provava — pelo menos no que respeitava a esta mensagem especial — a realidade do retorno dos espíritos, além da possibilidade de dúvida. O reverendo hesitou alguns instantes, como se um grande conflito se desenrolasse na sua mente, e respondeu dizendo:

"Oh, é só isso? Eu já obtenho todas as revelações de que preciso no Novo Testamento!"

VII

STEPHEN HANSCOM

"Ansioso por comunicar com os meus amigos, aproximo-me de vós para lhes transmitir uma mensagem. Aquela que foi minha irmã na vida terrena comunicou convosco há pouco tempo, e agora aprendi a filosofia de controlar um médium. Deixei uma esposa e uma grande família de filhos. Oh, como o meu coração anseia por eles! Como desejava poder fazer algo para os ajudar! Tenho um

filho pequeno na terra, que está doente, e é motivo de grande ansiedade para a mãe. Os médicos não compreendem o seu caso. Dizem-me, quem sabe mais do que eu, que há uma obstrução no fígado, que só pode ser removida pelo poder de cura pelas mãos de algum médium, ou pelo poder de alguma máquina elétrica.

Tenho um pai na terra, cego a esta nova verdade, e desejo dar-lhe luz. Quero que leia a Bíblia pela sua própria razão, não pelo que os ministros lhe dizem, e veja se não pode provar a veracidade do Espiritualismo, sem ir a mais lado nenhum. Tenho uma mãe nas esferas — nenhuma na terra; o meu pai tem uma companheira, mas refiro-me à minha mãe. Quero dizer à minha querida companheira quantas vezes estou com ela e quanto me esforço por ela. Quero que todas as pessoas que me conheceram na terra me conheçam agora como sou, e saibam que não estou morto. O meu nome era Stephen Hanscom e vivi em Elliot, Maine. O meu pai tem o mesmo nome. Tenho muitos conhecidos nessa região."

Como teste para benefício do cético que duvida da veracidade das comunicações espirituais do Departamento de Mensagens do Banner, foi enviada ao pai mencionado pelo manifestante a seguinte carta, baseada apenas nas declarações da inteligência (todas as partes eram desconhecidas dos editores) e sem nunca indicar a origem espiritual das informações solicitadas:

"BOSTON, 9 de maio de 1857

Caro Senhor: Teve um filho chamado Stephen? Se sim, já faleceu? Deixou esposa e grande família de filhos? Algum desses filhos está doente? Fazemos estas perguntas por bons motivos, e agradeceríamos muito uma resposta rápida.

Atenciosamente,

L. COLBY & Co.

Para Stephen Hanscom, Elliot, Maine."

Em devido tempo, foi recebida a seguinte resposta do senhor em causa:

"ELLIOT, MAINE, 19 de maio de 1857.

Caro Senhor: Recebi a sua carta a 16 de maio e tentarei responder às perguntas. Tive um filho chamado Stephen, e ele faleceu. Morreu há cinco anos; deixou uma esposa e sete filhos pequenos, o mais velho com catorze anos. O penúltimo filho estava doente quando ele [Stephen] morreu, e tem estado doente desde então, e não consegue falar.

Agradecia resposta a esta carta.

STEPHEN HANSCOM"

No n.º 3, vol. I., surge a seguinte mensagem do espírito acima mencionado:

"Há um tempo para tudo: Faz agora vinte anos que deixei a terra e, ainda que tenha estado tanto tempo afastado do corpo e do mundo, desfruto de verdadeira felicidade ao comunicar com os mortais. Meu caro amigo, suponho que

sabe bem que há muitos espíritos que procuram enganar, e suponho também que sabe que muitos espíritos verdadeiros e honestos são frequentemente acusados de mentira. É dever de todos os espíritos fiéis e verdadeiros que têm o poder de regressar e comunicar — digo, é seu dever purificar, se possível, aqueles a quem se dirigem. E o espírito, no desempenho do seu dever, não deve deixar de regressar para fazer o bem, mas antes persistir e ajudar o botão da verdade a florescer.

Tu, meu amigo, não compreendes porque te falo assim; mas há quem o compreenderá.

É nosso dever guiar os nossos amigos terrestres para longe da tentação; e, quando não pudermos cumprir nobremente esse dever, é melhor não voltarmos. Sempre foi, tanto prazer como dever, beneficiar aqueles com quem comuniquei. Vi-os de pé, aparentemente junto ao abismo da ruína; procurei afastá-los desse abismo, e, ao fazê-lo, nem sempre recebi mãos acolhedoras ou uma alma aberta, mas sim uma rejeição dos recantos do afeto; mas não temo, não me importo, desde que esteja no caminho do dever.

Uma palavra para aqueles que dizem para si mesmos: devemos estar esquecidos pelos nossos amigos espirituais, pois não temos notícias deles. Estamos convosco tanto quanto antes; mas têm de estar dispostos a ouvir as vossas falhas e a afastar-se delas, assim como gostam de ouvir falar das vossas virtudes.

Tenho uma companheira na terra. A ela diria: recolhe as flores de paz que continuamente espalhamos no teu caminho e olha sempre para cima, pois a tua casa é lá.

Tenho irmãos e irmãs. A eles diria: animem-se, e quando os últimos grãos caírem na ampulheta do tempo mortal, os que vos amam esperam a vossa chegada; resistam a todo o mal e apeguem-se a todo o bem; amem-se uns aos outros, pois assim cumprem a grande lei do vosso mestre, JESUS.

O meu nome na terra era Hiram Blanchard. Para referências, contactar Bradford Blanchard, Nova Iorque."

Para se certificarem da veracidade desta carta vinda do outro lado da vida, os editores escreveram como indicado e, a 5 de abril, receberam a seguinte carta, incluindo a sua própria nota de 29 de março para Bradford Blanchard. Embora possa parecer a alguns uma repetição sem motivo, para apresentar a questão de forma mais forte aos céticos, chama-se de novo a atenção para o facto de o espírito ter comunicado no círculo do Banner, através do seu médium, de forma inesperada, e de as pessoas referidas em Nova Iorque ou noutro local serem completamente desconhecidas da Sra. Conant, Luther Colby & Co. ou qualquer funcionário da empresa.

Mesmo naquela época inicial na história do Departamento de Mensagens, os editores diziam o seguinte:

"Espíritos que, em vida, eram completamente desconhecidos para nós, comunicam diariamente através do nosso médium, para que possam, por este meio, chegar aos seus queridos familiares e amigos pelas páginas deste jornal. Temos centenas de testes semelhantes arquivados, que tencionamos publicar à medida que o espaço o permita."

"EAST STOUGHTON, MASS., 4 de abril de 1857.

L. COLBY & Co. — Senhores: Recebi de um irmão, com carimbo de Nova Iorque, datado de 2 de abril, a seguinte nota, com o pedido de que a respondesse:

'BOSTON, 29 de março de 1857.

BRADFORD BLANCHARD, Esq. — Caro senhor: Recebemos uma comunicação de Hiram Blanchard (um espírito) que diz ter morrido há vinte anos e ter ainda pais idosos vivos. Diz também que deixou uma esposa. Se puder dar-nos alguma informação sobre o assunto, ficaríamos gratos. Se for verdade, será uma grande prova. Aguardamos resposta rápida.
Atenciosamente,
L. COLBY & Co., 17 Washington St.'

Dizem que receberam uma comunicação de Hiram Blanchard (um espírito). Queremos muito saber qual foi essa comunicação. É verdade que tivemos um irmão com esse nome que partiu para o mundo espiritual em 1837. É também verdade que tem pais idosos ainda vivos aqui; e também é verdade que deixou uma esposa, agora Sra. Belcher, de Randolph, Mass. Mas não percebo como, nem de que forma, obtiveram estes factos. Estiveram presentes quando o espírito comunicou? O espírito informou a quem deviam escrever para apurar a veracidade disso? Agradecia que me informassem, e agradece um que procura a verdade.
N. BLANCHARD."

VIII

"HAVERÁ ALGUM BEM NO ESPIRITUALISMO?"

O título acima pertence a um artigo publicado editorialmente no Banner of Light de 23 de julho de 1857 (da autoria de William Berry), aqui republicado para que as lições aí contidas fiquem novamente registadas em resposta à pergunta resmunguenta cui bono? tantas vezes aplicada à comunhão com os invisíveis. Parece que a verificação prática da mensagem deste espírito constitui um argumento inultrapassável para o investigador, em favor da certeza da presença espiritual e do poder dos que já partiram para ajudar aqueles que ainda são filhos da terra:

"Na terça-feira, 7 de julho, durante a nossa habitual sessão com a Sra. Conant, recebemos a seguinte comunicação:

'Depois de anos devo regressar para beneficiar a humanidade? Tenho de voltar para repartir caridade aos meus parentes? Todos os Sacerdotes e Levitas passam para o outro lado? Não há nenhum Samaritano entre vós? Quase cento e cinquenta anos se passaram desde que deixei a terra. A justiça exige que regresse para beneficiar aqueles que os meus olhos terrenos nunca viram; uma longa linha de parentes tem-se reunido em torno de uns poucos aqui na vida terrestre, para que possam beneficiá-los, e eu sozinho, de todos os parentes, posso falar. Há cerca de vinte dias fui chamado à terra para visitar os meus, e encontrei aqueles chamados mortais a viver na pobreza;

sem os confortos a que os mortais costumam recorrer para se sentirem felizes.

Vendo a sua condição, compreendendo as suas almas, aproximo-me de vós para tornar conhecida a sua situação.

Os espíritos parentes dizem-me que os mortais estão continuamente a perguntar: porque não vêm os espíritos em nosso auxílio, e nos ajudam nas nossas necessidades? Agora perguntamos aos mortais porque não são rasgados os céus à sua ordem? Porque não põe o Todo-Poderoso de lado as suas leis e se submete aos mortais? Todos os espíritos que trabalham pelo bem da humanidade, pela redenção do mundo, procuram, em todas as oportunidades, ajudá-los nos seus meios materiais e espirituais, e nenhuma porta ficará por tentar. E não importa quão duros sejam os corações dos homens; não são tão duros que o óleo do amor não os possa amolecer, e que não possamos entrar, fazendo florescer o deserto e brilhar a escuridão.

Quando a pobreza, como um mensageiro vestido de negro e desespero, entra no lar terrestre, eis que a alegria é afastada, e os mortais clamam: onde está o nosso Deus, que não intervém para nos aliviar? Calem-se, ó habitantes da terra, e saibam que o Senhor vosso Deus pode libertar-vos, e, não importa quão densas sejam as trevas, o poder do espírito acabará por penetrá-las e encher-vos a alma de pureza e amor.

O meu nome era Melchisedec Adams, e, se me permitirem levar o vosso médium em espírito uma curta

distância, dar-vos-ei a localização daqueles a quem vim beneficiar.'

Após alguns segundos, a médium, em estado clarividente, deu a seguinte descrição do local para onde o espírito queria levá-la:
'Estou agora em casa de alguém. Parece que há uma senhora e um cavalheiro aqui. Está tudo limpo, mas penso que são pobres. São americanos. A senhora não parece bem. Há problemas — não conseguem trabalho.

Mas, oh, há tantos espíritos aqui. As pessoas têm estado a rezar e, em resposta às suas orações, foram-lhes enviados espíritos. O espírito quer que eu vá lá fora para saber a rua. É a Endicott Street. Há casas vermelhas por perto, e uma loja mesmo ao lado.

Têm de os encontrar e provar que ele diz a verdade.

Reconheceria este lugar novamente.'

Com isto, a médium regressou ao estado normal, dizendo lembrar-se de toda a cena. Parecia-lhe gravada como um sonho vívido, e sabia que reconheceria o quarto onde estivera, se o voltasse a ver.

Partimos em busca do local, para pôr à prova o nosso amigo espiritual e ver o que se poderia fazer pela família.

Percorremos a parte superior da rua sem sucesso. Por algum motivo, não esperávamos encontrá-los ali. A nossa atenção parecia estar dirigida à parte da rua virada para o

rio, com grande intensidade. Assim, seguimos e espreitámos em todas as pequenas lojas pelo caminho, mas não sentimos vontade de entrar em nenhuma, até chegarmos a uma mercearia no extremo da rua. Ali pareceu-nos ser o local para perguntar, e assim fizemos.

Alguns diriam que foi uma estranha coincidência o facto de termos sido levados à loja justamente quando a senhora que procurávamos ali estava. Outro facto curioso é que (como ela própria comentou) não entrava naquela loja há meses, pois não costumava lá comprar.

Encontrámos tudo como o espírito dissera. O homem estava na última fase da tuberculose; a senhora estava exausta de cuidar do marido.

De tarde, levando consigo um amigo nosso, que é um dos mordomos do Senhor e utiliza com alegria o talento que Deus lhe deu para ajudar os seus irmãos, a Sra. Conant visitou a casa e foi recebida numa sala no rés-do-chão. Pensava ainda reconhecer o quarto mostrado pelo espírito, mas não reconheceu este, embora tenha reconhecido a senhora. O quarto do andar de cima, onde estava o doente, reconheceu-o, até aos quadros. Só havia uma diferença: não viu o doente ali na visão da manhã.

Isto foi uma prova completa, pois, quando lá chegámos, minutos depois da sessão que nos dirigiu à casa, o inválido não estava naquele quarto, mas noutro que dele dependia.

Pouco depois de se sentar junto à cama, a Sra. C. entrou em transe e falou aproximadamente do seguinte modo:

"Amigos, basta ao dia o seu próprio bem ou mal. Chamámos-lhes aqui."

Para saberem porquê, é para que possam acudir às necessidades do nosso irmão que está a partir de vós para nós. Ele é vosso irmão e precisa da vossa ajuda para tornar os seus últimos dias entre vós mais confortáveis, e vós tendes em abundância, enquanto ele carece. É vosso dever, e será certamente um prazer, aliviar as suas necessidades. Isto é tudo o que temos a dizer, especialmente porque o nosso irmão está muito exausto."

Ali estava um homem prestes a partir para um país desconhecido — para ele. Talvez tenha pensado muitas vezes que Deus e os anjos o tinham esquecido. Mas não; Deus ouviu a sua prece e permitiu que uma hoste de anjos se reunisse à sua volta. Deus enviou os seus anjos até nós, que éramos completos estranhos para o doente e para a sua família, sem sabermos sequer da existência dessas pessoas, e mandou-nos procurar os seus parentes terrenos e cumprir o nosso dever.

Se isto estivesse registado na Bíblia, esse bom livro e crónica de manifestações espirituais, o "Assim diz o Senhor" seria apontado pela igreja como prova do poder, sabedoria e amor de Deus pelas suas criaturas. Irão agora roubar-lhe a glória desta prova da sua omnipresença e bondade? Irá o mundo cético insultá-lo, clamando ilusão, só porque isto aconteceu em 1857? Irão dizer-nos que ele é menos

poderoso agora do que nos primórdios do mundo, e que já não se importa com os pardais?

Que doce segurança deve ser esta visita dos anjos para aquele que parte para eles, certeza da imortalidade e do amor de Deus por todos! Não lhe dará fé para atravessar o rio, tão negro e escuro para alguns, sem medo? Serão as águas assim tão sombrias para ele? Ah, não! A morte é o lago plácido e cristalino, cujas doces águas os anjos do Senhor atravessam levando o espírito, livre da terra, para o seu lar feliz, onde tudo é amor, pureza e paz para quem soube aproveitar o talento que lhe foi dado.

E não lhe mostra também que, se os anjos podem voltar, em resposta às suas preces, para suavizar a sua passagem pelo túmulo para a vida imortal, também cuidarão da sua companheira? E não permitirá Deus que ele faça parte do grupo que animará os seus dias na terra?

MEHITABLE LOTHROP

A mensagem seguinte, impressa no Banner of Light de 24 de setembro de 1857, foi reconhecida com alegria pela filha nela referida, como se pode ver pela carta que acompanha, sendo os editores autorizados a afirmar que qualquer pessoa interessada em saber mais sobre esta comunicação e quem a confirma pode escrever à Sra. Gillett, 76 Waltham Street, Boston, Massachusetts:

"Há mais de quarenta anos deixei a terra; e agora, passados anos, regresso, porque fui chamada por aqueles que ainda deixei na vida terrena. O meu espírito anseia

guiá-los, abençoá-los e aliviar dos seus ombros o fardo que vejo pesar tanto sobre eles. E, ainda assim, encontro também pontos de luz, como joias que iluminam a tristeza da alma. E devo dizer aos meus queridos que tenham paciência e esperança, pois esses pontos luminosos acabarão por dissipar a escuridão. Hão de apagar a mancha do pecado e dar nova vida ao que esteve morto durante anos.

Quando parti da terra, vi um, ainda bebé, e disse: 'Ó Pai, nas tuas mãos entrego esta criança; recebe-me, mas espalha paz pelo seu caminho, para que haja luz onde quer que viva.' O tempo passou, e essa criança está de pé no monte da vida, como que entre dois mundos, à espera de encontrar uma nova alegria, uma nova esperança para a manter ainda ligada à terra.

Mas vejo que essa criança viverá muito mais tempo na terra do que esperava, e vejo alegrias reunidas à sua volta, elevando-lhe a alma para o céu. Assim, perante o futuro, que tenha paciência e esperança também no presente. E a outros queridos venho dar luz e esperança, pois há muito que vivem sem um raio de sol a iluminar o futuro. Diz-lhes que vivo – vivo para os abençoar e saudar no seu caminho até às moradas da alegria.

O amor de mãe, por mais alto que tenha sido transplantado nas esferas, volta sempre à terra, e envolve o objeto do seu amor — e porquê? Para o aproximar de si mesma e do Grande Criador do seu filho.

O antigo fala do cântaro que se parte na fonte — da corda de prata que se solta. Será isso amor? Não! Porque o cântaro do amor não pode ser quebrado — a corda não pode ser desfeita. Pode apenas ser estendida — uma ponta mais próxima de Deus, a outra puxada para a terra. Oh, digam aos meus queridos que estou sempre com eles em amor, e que as provas que suportam na terra são apenas brilhantes joias que iluminarão o seu caminho pelos reinos da alegria. Digam-lhes então para terem esperança, pois continuaremos sempre a elevá-los em aspiração para nós mesmos.
De Mehitable Lothrop — dada a pedido."

"Senhores Editores: O teste relativo a esta comunicação é o seguinte: procurava eu, sinceramente, provas da verdade do Espiritualismo; desejei com fervor que Deus me desse essa prova através do Banner of Light, numa comunicação da minha mãe. A prece foi feita em segredo a Deus, e recebi a resposta abertamente através da mediunidade da Sra. Conant, no Banner of Light. Desde pequena que tinha a impressão de que morreria jovem. Não sei porquê, apenas porque a minha mãe morreu jovem — com vinte anos — e pensei que morreria por volta da mesma idade. Nunca me deixou infeliz.

Depois de passar essa fase da vida, nunca mais pensei nisso; por isso não era nada retirado da minha mente. A Sra. Conant não sabia absolutamente nada sobre todo o assunto. Penso que essa impressão foi colocada no meu cérebro exatamente para servir de teste, pois a minha mãe morreu quando eu tinha apenas poucos dias de vida. Se não tivesse tido essa impressão, não vejo como ela poderia

dar-me uma prova. Pedi uma prova da verdade do Espiritualismo. Nunca duvidei do regresso dos espíritos, desde que as condições sejam favoráveis.

MRS. H. B. GILLETT"

IX

As seleções anteriores foram retiradas do primeiro ano de existência do *Banner*, mas ao longo dos volumes seguintes encontram-se inúmeras cartas de correspondentes reconhecendo a fiabilidade e exatidão de várias mensagens, das quais não se pode aqui dar conta sem ultrapassar largamente os limites previstos deste livro. As verificações que se encontram nas páginas seguintes foram escolhidas pela sua objetividade e organizadas sem preocupação cronológica. Todas elas foram publicadas, de tempos a tempos, no *Banner of Light*.

OLIVER BACON

Esta mensagem, proveniente de um espírito que se identificou como Oliver Bacon, natural de Woburn, Massachusetts, durante a vida terrena, é referida por alguém bem conhecido pelo seu trabalho na área da reforma:

"BOSTON, 12 de julho de 1858.

Senhores Editores: Tendo conhecido o Capitão Oliver Bacon, de Woburn – que era um homem notável à sua maneira – direi brevemente que a comunicação que apareceu no *Banner* de 3 de julho me pareceu

eminentemente característica dele, tanto no tom como no alcance, na matéria e no espírito. Ouvi-o frequentemente, em conversas amistosas, usar exatamente as mesmas expressões e comparações peculiares que se encontram na comunicação. De facto, toda a mensagem revela todos os sinais de ser dele próprio – uma verdadeira emanação sua. Cordialmente,

GEORGE A. BACON."

EULALIA

Este espírito – já mencionado nas seleções retiradas do diário do Dr. Pike – manifestou-se pela primeira vez através da Sra. Conant a 9 de julho de 1858. No final da comunicação, ela (a influência) disse:

"O meu marido reconhecer-me-á por este nome – não é necessário dar outro. Peço que lhe solicitem escrever-vos sobre isto, para que me possam identificar no futuro. O meu marido publica um jornal na Califórnia."

Esta parte da comunicação não foi publicada com o restante, por parecer de natureza privada, mas foi deixado um pedido, no fim da mensagem impressa, para que qualquer pessoa conhecendo os factos nela contidos respondesse; em consequência disso, foi recebida esta resposta do marido:

"CALAVERAS CHRONICLE OFFICE,

Mokelumne Hill, Califórnia, 3 de outubro de 1858.

Senhores Colby, Berry & Co.: No vosso jornal de 4 de setembro – o *Banner of Light* – reconheço uma

comunicação endereçada a mim por 'Eulalia', a minha falecida esposa. Não tenho dúvidas da sua autenticidade, tendo já comunicado com ela pessoalmente antes, mas há muito tempo não conseguia receber uma mensagem até receber esta pelo vosso jornal. Compreendo quase tudo, mas não vejo necessidade de responder para além do que escrevi acima.
Permaneço, com o maior respeito,
JNO. SHANNON."

EDWARD COBB

"O meu nome foi, e ainda é, Edward Cobb. Sou natural de Rockland, Maine. Afoguei-me ao largo do Cabo Ann. Estava a bordo da escuna 'Laura Francis'. Naufragámos no mar. Podem dizer aos meus amigos que estou bastante feliz? Morri há cerca de dois meses... Foi uma altura difícil."

Após a publicação desta mensagem, foi recebida a seguinte confirmação de um senhor completamente desconhecido da médium e dos editores:

"ROCKLAND, ME., 23 de setembro de 1858.

Senhores Editores: Vi no último número do vosso jornal (n.º 25, vol. III) uma comunicação que alega ter sido transmitida por um médium espiritual, pelo espírito de Edward Cobb, antigo residente desta cidade. O Sr. Cobb, jovem de cerca de vinte anos, filho do Capitão Edward Cobb (anteriormente daqui, agora residente no Kansas) partiu de Salem a 23 de junho último, na escuna 'Laura Francis', Capitão Bullock, rumo a Rockland. A escuna virou-se nessa mesma noite perto do Cabo Ann. O capitão, juntamente com o Sr. Cobb e outro homem, conseguiram chegar ao bote, mas os dois

últimos pereceram antes do amanhecer, tendo o capitão sido o único sobrevivente da tripulação, composta por quatro pessoas.
Atenciosamente,
CHARLES W. SNOW."

SARAH J. SARGENT

"Meu querido filho: Aqueles que sinceramente desejam os melhores dons, hão de recebê-los a seu tempo. Portanto, que o teu desejo seja como um fogo perpétuo a arder no altar da verdade, e não ficarás desiludido. Embora possas cansar-te de esperar e talvez te deites a descansar antes de o mensageiro vir com alegres novas, ele virá. A doce criança que tanto amas promete vir a ser um bom instrumento nas mãos do espírito. Cuida bem dela e oferece-a apenas no altar da Verdade, e a oferta será aceite pelo teu Deus. Sê paciente, meu querido filho, e suporta bem as tristezas da vida, pois todas elas hão de trabalhar para ti, no mundo espiritual, por um reino de felicidade.

Amor para todos.
Tua mãe espiritual,
SARAH J. SARGENT."

A estas palavras de amor vindas do além-túmulo, o filho responde com sinceridade:

"A comunicação assinada por Sarah J. Sargent, publicada no *Banner* de 16 de abril de 1859, reconheço e acredito ter sido ditada pelo espírito da minha mãe. Foi dada em resposta a um pedido mental para que ela

visitasse o vosso médium em Boston e me comunicasse algumas palavras de ânimo e conselho maternal. E verdadeiramente a minha prece foi ouvida, e belamente respondida nessa comunicação, dando-me ainda uma prova feliz. Oh, quão doces são os confortos desta fé que inspira a alma! Quem me dera que todos pudessem conhecer a sua verdade.

C. E. SARGENT

Numa sessão realizada pela Sra. Conant a 9 de novembro de 1859, foi dada uma mensagem por um espírito chamado James D. Farnsworth, que disse ter vindo a pedido de terceiros. A comunicação foi de imediato reconhecida como correta por James D. Farnsworth Lyons, que escreveu – datado de West Randolph, Massachusetts, 26 de dezembro de 1859 – uma longa carta, da qual se extraem os seguintes trechos:

"Senhores Editores: Notei no *Banner* de 24 de dezembro uma comunicação que se afirma ser de James D. Farnsworth, do mundo espiritual; e também um pedido para que quem reconhecesse essa inteligência espiritual respondesse à sua veracidade, se o pudesse fazer sem prejuízo. Sinto-me na obrigação de dizer sempre a verdade, para cumprir o dever que Deus me atribuiu, e posso dizê-la sem prejuízo para mim, certo de que todos poderão fazê-lo, a seu tempo e lugar, temendo apenas a si mesmos e não ao homem.

Que será de quem conhece a verdade, mas se curva ao vizinho e se faz seu escravo – dizendo mentalmente ao seu

mestre, ‘Que queres que eu diga?’ Tal homem carece de hombridade e de tudo o que constitui o ser humano; erradicou da sua natureza a joia mais brilhante que Deus lhe deu, que o faz superior ao bruto, tornando-se assim igual.

Este espírito revela-se um espírito de verdade. Conheci-o pessoalmente em vida; na minha infância foi ele quem me deu o nome (como se vê, carrego o nome dele) e nos meus primeiros anos ouvi-o muitas vezes ensinar, pois era um pregador ortodoxo. Desde que partiu para o mundo espiritual, visitou-me frequentemente e controlou o meu organismo, pois sou suscetível à influência espiritual. Recebemos dele comunicações de várias formas, e pedimos-lhe que comunicasse através das páginas do vosso *Banner*, ao que respondeu.”

X

A homenagem seguinte ao mérito do Departamento de Mensagens foi recentemente prestada por James M. Peebles, cujo nome é conhecido onde quer que se fale de Espiritualismo, como sinónimo de honestidade de propósito e dedicação destemida à verdade:

"Viajando extensivamente, e por um impulso quase irresistível, não é raro ouvir falar de mensagens verificadas, publicadas na sexta página do Banner of Light. Contudo, raramente as notamos, por falta de tempo. Atarefados, muitas vezes é difícil decidir qual o trabalho mais importante para o momento.

Recentemente, em Helena, Arkansas, encontrámos o Sr. H. Carnes, amigo pessoal do General T. C. Hindman, que foi assassinado em 1868. O General tinha ouvido falar e refletido sobre o tema da comunicação com espíritos, e disse a este Sr. Carnes, que considerava um pouco hesitante quanto ao assunto, que queria realmente saber mais sobre o fenómeno, denominado Espiritualismo.

Tendo passado subitamente, por violência, para o mundo dos espíritos, diz: 'Prometi a um amigo que investigaria, a certa altura, do ponto de vista dos Yankees e que voltaria, se possível.' O Sr. Carnell, de Helena, era este amigo referido. E este senhor informou-nos que, com exceção de uma 'única palavra', (toda a conversa) a comunicação era literalmente correta e inconfundivelmente sua.

O teste foi conclusivo. Outro senhor, presente, confirmou a declaração do Sr. Carnes, acrescentando: 'Conhecia pessoalmente, financeiramente e politicamente, o General Hindman. A mensagem do Banner soou exatamente como ele.' Milhares destas mensagens são certamente reconhecidas por amigos que nunca as reportam de volta a Boston—uma flagrante injustiça!

Como o Banner of Light não se baseia no plano egoísta de ajudar apenas quem o ajuda, mas visa edificar os grandes princípios da filosofia espiritual, e sendo o único jornal espírita que tem um Departamento de Mensagens reservado ao mundo espiritual, todos os conferencistas, todos os médiuns e todos os interessados nos princípios

liberais da época deveriam fazer questão de reportar estas verificações de mensagens."

BRIGADEIRO-GENERAL GEORGE B. BOOMER

Esta mensagem, impressa no Banner of Light de 26 de Setembro de 1868, foi imediatamente verificada por O. B. Payne, M.D., que escreveu de Eldorado, Missouri, que leu com grande prazer a comunicação do General; que o conhecera bem como Coronel do 26.º Regimento de Voluntários de Infantaria do Missouri (tendo o Doutor estado colocado durante dois anos como Diretor Médico no Quartel-General da Divisão) e que nenhum oficial poderia ter sido mais popular do que ele em toda a Divisão de que o seu regimento fazia parte. Era um excelente académico, um companheiro afável, um soldado brilhante e um patriota incorruptível.

Pela sua conduta valente enquanto Coronel sénior no comando de uma Brigada, recebeu, sob recomendação do General Grant, a nomeação para Brigadeiro-General, cujo diploma, contudo, só chegou ao quartel depois da sua morte em combate perante Vicksburg, a 22 de Maio de 1862. O Doutor acrescenta ainda:

"Não só conhecia pessoalmente o General, mas também o seu estilo de linguagem em conversação, e tive boa oportunidade de me familiarizar com o seu modo de exprimir os pensamentos por escrito; e devo dizer que esta comunicação ao vosso círculo é plenamente característica do homem. Parece-me que isto é tão peculiarmente verdadeiro, que os seus amigos em Worcester,

Massachusetts, assim como outros do exército, não podem deixar de o reconhecer através dela."
MRS. J. H. CONANT.

XI

HEBER C. KIMBALL

"Antes da minha morte, tive o prazer de ler vários dos vossos jornais, o Banner of Light; e, embora não pudesse partilhar todas as vossas opiniões, estava inclinado a acreditar que o espírito poderia ser capaz de voltar e comunicar com aqueles que deixou no corpo após a morte. E, em várias ocasiões, dei por mim a pensar que, quando partisse, se a vossa filosofia fosse verdadeira, vos visitaria, baseando essa crença, claro, no testemunho dos que de facto regressam. Se outros podiam, não via razão para não ser capaz também.

Na medida em que reivindicais uma tribuna livre e liberdade de expressão aqui, não tinha receio de ser excluído. Estou bem ciente de que o meu nome, para aqueles que não acreditavam como eu, não está isento de mácula. Sei bem que a prática da minha fé seria crime para vós, mas, no meu estado espiritual, também sei que o verdadeiro pecado pode não recair inteiramente sobre mim—nem sobre os que acreditam como eu—mas que pode encontrar-se entre aqueles que professam uma fé diferente. Disse: 'Se for verdade que os espíritos podem regressar após a morte, virei.' É verdade, mas nem metade foi dita.

'Se vier,' disse eu, 'contar-vos-ei sobre a fé do Mormonismo, se continuo a acreditar que é uma fé sagrada, ou se mudei de opinião.' Tenho de dizer que, em muitos pontos, mudei; noutros, mantenho-me igual. Aprendi que cada alma vive numa esfera inteiramente sua. Aprendi também que duas almas não podem, por qualquer hipótese, adorar o mesmo Deus. Isto pode parecer estranho, mas creio que é verdade. Se o meu Deus me diz que determinado caminho é o melhor que posso seguir, cometeria um erro ao seguir outro. O que um homem ou mulher acredita honestamente ser correto, é, para eles, correto. Se têm dúvidas, aí já é outra questão.

Não estou aqui para dizer em que pontos mudei de opinião; tenciono fazê-lo noutra altura e noutro local.

Houve muita insatisfação na nossa igreja relativamente à sua durabilidade nos últimos anos da minha vida. Iria ela manter-se ou cair? Ninguém podia responder à pergunta. Por algum poder misterioso, a questão pareceu ter ganho entrada na igreja; mas ninguém sabia responder-lhe. De tudo o que consegui aprender durante a minha breve estadia no mundo espiritual, tenho de informar os meus amigos na Terra que ela terá de cair. Cumpriu quase a sua missão—viveu a sua vida terrena. Terá de mudar, descer ao vale, para se erguer sobre o monte de algo melhor, tendo-se livrado da sua ganga—ganhando algo de uma vida mais pura, e uma melhor compreensão do que Deus deseja dos seus filhos na Terra.

Senhor Presidente, a vossa obra espiritual é realmente nobre, estando, como estais, entre dois mundos,

ministrando às necessidades de todas as classes, dos inteligentes e dos ignorantes, dos bons e dos maus, guiando os que estão nas trevas, e ajudando todos os que precisam de auxílio. É uma missão gloriosa, e espero que estejais profundamente impressionado quanto à sua santidade. Compreendeis que é obra de Deus, e, por isso, muito será exigido de vós.

A todos os que, em vida, possa ter prejudicado, envio uma prece de perdão. Se, em pensamento, palavra ou ação, violei os direitos de alguém—e estou certo de que sim—espero não descansar até saldar a dívida; até obter o perdão—aquele que vem da minha própria alma. Nada menos pode satisfazer. Sou Heber C. Kimball."

Esta mensagem foi transmitida por Mrs. Conant a 29 de Setembro de 1868, por uma das figuras mais destacadas da igreja Mórmon, que partiu na plena força dessa fé. É realmente uma prova marcante de existência individual após a mudança física que ele deva regressar, insinuando e respondendo a perguntas que tinham sido feitas naquela igreja, das quais os editores do Banner não poderiam ter tido o mais leve conhecimento. O excerto seguinte de uma carta privada (arquivada no escritório do Banner), escrita a 14 de Fevereiro de 1869 por Mrs. E. D. Smith, de Wheatland, Condado de Yuba, Califórnia, mostra que a comunicação acima foi notada por pelo menos uma pessoa que não teve receio de reconhecer a sua veracidade:

"Apetece-me falar de uma mensagem publicada no Banner of Light de 26 de Dezembro de 1868, dada pelo espírito de Heber C. Kimball, um dos chefes da igreja Mórmon. Uma

amiga minha, que vive aqui, foi Mórmon durante muitos anos, e amiga íntima da família Kimball, (mas que agora acredita na nossa bela filosofia) pede-me que escreva que a mensagem é característica do homem cujo nome ostenta; devido a muitas conversas com ele, reconhece o seu estilo, e sente-se altamente gratificada por ouvir dele. A resposta dele a perguntas que sabia terem sido feitas na igreja e pelos seus amigos, é para ela uma forte prova da sua identidade."

CHARLES GOODYEAR

"Não faz muito tempo que me tornei habitante do mundo espiritual. Mas já lá estive tempo suficiente para observar e considerar bem as minhas próprias capacidades.

A minha vida foi uma luta aqui na Terra, e acredito sinceramente que essa luta prolongou-se para o lado espiritual. Não me interessa voltar aqui e criticar os atos de qualquer pessoa na Terra, mas realmente não percebo por que motivo certas coisas têm de ser como são.

Eu era Charles Goodyear.
Trabalhei durante anos para aperfeiçoar uma certa invenção para manter os vossos pés secos e o vosso corpo inteiro, para vos fornecer dez mil pequenos artigos de conforto, que pensei poderem ser fornecidos mais baratos, e talvez melhor, do que de qualquer outra forma.

Passei muitas noites sem dormir, e muitos dias sem comer para satisfazer o apetite, porque, de facto, não tinha dinheiro para comprar nada. Parecia-me que era obrigado a

trabalhar nessa direção; embora os meus amigos dissessem que eu era louco, um tolo por gastar tempo e dinheiro numa coisa tão inútil, mesmo assim sentia-me absolutamente compelido a dedicar a maior parte da minha vida terrena a explorar os porquês desta questão.

Concebi a ideia de que a borracha da Índia poderia ser um agente utilíssimo para a humanidade. Que a ideia era verdadeira, penso tê-lo provado para satisfação de todos. Alguns dos meus amigos vinham ter comigo com ideias como esta: 'Goodyear, podes passar a vida toda nessa invenção sem obter nada. É uma ideia louca. Mais vale desistires.' Por vezes, pensava em abandonar; mas depois voltava o ímpeto e continuava a trabalhar.

Bem, mesmo quando estava prestes a colher os frutos do meu trabalho, vi que tinha gasto toda a minha vitalidade em vão, pois a morte depressa me levou da minha família. Agora eles passam necessidades. Depois de eu ter passado anos a aperfeiçoar uma invenção que será de grande utilidade precisamente para as pessoas que desanimaram os meus esforços, resta-me a consolação de saber que a minha família está em necessidade; sim, enquanto outros colhem uma recompensa generosa do meu trabalho.

Agora, isto pode ser verdade,

mas não consigo compreender que o seja.
Sei que já foi dito por um velho sábio que o inventor está sempre pobre, e que é sempre outro a beneficiar-se do seu trabalho.
Bem, se eu não provei a verdade dessa afirmação, seguramente mais ninguém o fará.

Pensei que, se houvesse qualquer hipótese de voltar aqui e interceder pela minha família, deveria fazê-lo. Agora, gostaria de dizer a todas as pessoas que estão a enriquecer à custa da minha invenção que, se ao menos derem uma pequena esmola à família do inventor, penso que ficarei feliz e reconciliado com a minha nova condição.

Há agora alguns que dizem acreditar nesta gloriosa filosofia do retorno dos espíritos, e eu gostaria de ver algo mais do que apenas uma crença no Espiritualismo da parte dessas pessoas. Gostava de vê-los também a fazer justiça à família de Charles Goodyear, e assim ele estará melhor.
Bom dia, senhor."

A carta de verificação que se segue (assim como a mensagem acima) ilustra eloquentemente o caminho espinhoso que todos os que beneficiam a humanidade têm de trilhar — o Calvário que espera cada Salvador que pretenda conduzir a humanidade a uma nova verdade, seja ela de natureza material ou espiritual.

A validação da mensagem de Goodyear, por parte da nossa correspondente — uma senhora residente em Medford, Massachusetts (cujo nome e carta estão arquivados na redação do Banner) — é inequívoca.

"Editores do Banner of Light: — No Banner de 9 de Setembro de 1865, há uma mensagem de Charles Goodyear. Coube à autora destas linhas conhecer o Sr. Goodyear e as suas circunstâncias, durante vários anos, a partir do verão de 1836 ou 37, e realmente foram anos de

provação, pobreza e sofrimento, para ele e para a sua família; e na sua mensagem nem metade é contada.

O New York Ledger, num artigo sobre o Sr. Goodyear da autoria de James Parton, diz:

'Ele [Goodyear] lutou durante cinco anos endividado, com uma família, e exposto ao escárnio ou censura dos seus amigos. Por várias vezes esteve na prisão por dívidas. Vendeu os seus bens, penhorou as suas bugigangas, pediu dinheiro emprestado aos conhecidos, reduziu-se a si e à jovem família às maiores dificuldades.

Sempre julgando estar à beira do sucesso, pensava que a maneira mais rápida de tirar a família da miséria era persistir com a borracha da Índia. No quinto ano das suas investigações, uma vitória gloriosa recompensou-o. Fez uma das descobertas mais simples e, no entanto, uma das mais úteis que já foram feitas nos Estados Unidos.

Radiante com o sucesso, julgou que os seus problemas tinham terminado. Nunca um pobre inventor se enganou tanto. Consideravam-no louco por causa da borracha. Passaram-se dois anos, depois de ter feito a descoberta, antes de conseguir convencer alguém. Durante esse tempo, suportou tudo o que um homem pode suportar e sobreviver. Muitas vezes, nos dias mais frios de um inverno da Nova Inglaterra, não tinha nem comida nem aquecimento. Uma vez, tinha uma criança morta em casa, e não tinha como enterrá-la...

Fomos informados por um empresário do ramo de que só

uma firma na cidade de Nova Iorque vende, todos os anos, dois milhões de dólares em correias e vedações de borracha. Durante a guerra civil, mais de um milhão de cobertores de borracha foram fornecidos aos exércitos. Charles Goodyear, o inventor, morreu com sessenta e um anos.

Literalmente desgastou a constituição no zelo de desenvolver a sua descoberta. Embora tenha sido, durante muitos anos, um sofredor de doença, a sua morte foi relativamente súbita e inesperada. Quase até ao seu último dia, trabalhou naquilo a que dedicou a vida. Não é sem mágoa que registamos que, depois de todas as provações e sucessos, morreu insolvente, deixando a esposa dedicada e talentosa, fiel companheira e consolo dos seus últimos anos, e uma família de seis filhos, sendo o mais novo com apenas dois meses, sem qualquer provisão.

Tal é, contudo, o destino comum dos inventores.
O mesmo zelo e entusiasmo que lhes permite realizar as suas ideias priva-os da recompensa substancial que outros homens colhem ao utilizarem as suas descobertas.'

Isto do New York Ledger.

Há um facto ligado à vida deste homem singular digno de ser notado, e que, por justiça à sua memória, deveria ser tornado público: no meio das suas provações, era constantemente perseguido por todos os lados com o clamor ‘Paga-me o que deves’, ao que ele respondia, ‘sede pacientes; quando conseguir terei o cuidado de pagar até ao último cêntimo’. Muitos anos depois, cumpriu a palavra,

pagando, na medida do possível, a todos os que apresentaram os seus créditos.

No que me foi dado conhecer, nunca foi acusado de qualquer ato ou intenção desonesta; era visto como um homem iludido por 'devaneios', e confesso ter sido uma das muitas pessoas que o consideraram parcialmente louco, pelo que registo isto tanto mais de boa vontade, desejando sinceramente que possa, de algum modo, beneficiar a sua família."

XII

Foram impressas três mensagens, conforme dadas nas sessões, por espíritos que afirmaram ter sido soldados de Massachusetts que partiram durante a recente guerra civil, tendo um correspondente cético, de forma clara e enfática, exigido categoricamente aos editores que esclarecessem se eram ou não fidedignas.

Não possuindo conhecimento dos factos em causa, os editores recorreram aos registos do Estado no gabinete do Adjunto General Cunningham, tendo David Wilder, de Boston, atuado como seu agente — e encontraram-se as seguintes entradas, que desarmaram completamente o cético e provaram a veracidade das afirmações dos invisíveis quanto ao nome, local de morte, etc.:

"PATRICK FARRELL, Bolton, Companhia G, 25.º Voluntários de Massachusetts, morreu em Newport News, a 14 de Agosto de 1864; 33 anos de idade."

"ROBERT McCULLOCH, Chelsea, carpinteiro, Companhia C, 85.º Regimento de Voluntários de Massachusetts; morreu devido à queda de uma árvore, 1 de Outubro de 1864."

"HERBERT D. BECKWITH, Fitchburg, Companhia F, 57.º Regimento de Voluntários de Massachusetts; morreu em Petersburg, Virgínia, a 18 de Janeiro de 1865, com 22 anos."

JOSEPH YEATON:

"Foi há poucos meses que ainda possuía o meu próprio corpo, e podia lidar com as coisas deste mundo melhor do que posso agora.
Tinha terminado os meus preparativos no sul do Texas e estava prestes a partir para casa — a minha casa no Maine — quando fui atingido pela febre-amarela, e em poucas horas parti.

A minha esposa já havia partido antes de mim, e aquando da minha morte os nossos filhos ficaram naquele país de doença e morte, órfãos.
Sinto-me algo perturbado pela profunda ansiedade que parece penetrar a mente dos meus velhos pais, e dos meus irmãos e irmãs, relativamente ao destino das crianças e à liquidação dos poucos bens que deixei.

É isso que me traz aqui. Quero dizer que me informaram — e sem dúvida, com verdade — que, depois de deixar este local, poderei visitar alguns membros da minha família e inspirá-los sobre o melhor rumo a tomar relativamente às crianças. Também me foi dito que poderei ajudar a criá-los, a velar por eles, a fazer muito em seu favor. Fico muito

satisfeito por saber isto; pois quando tomei consciência de que já não era da terra, os meus pensamentos voltaram-se para a pequena família que deixei, com tristeza.

Não sabia então que pudesse fazer algo por quem deles cuidasse; nem sabia sequer que poderia voltar, mas aprendi que posso, e dizem-me que o meu poder aumentará depois de deixar este lugar.
Posso ir até Annie e Katie, sei que posso.

[Questão do presidente, Sr. White: São suas irmãs?]
Sim, posso impressioná-las claramente quanto ao caminho que será melhor para tomarem. Quando esse assunto estiver resolvido, serei feliz aqui, e não creio que queira regressar.

Por favor, digam que receberam isto de Joseph Yeaton, de Hallowell, Maine, para os pais e família."

Dois senhores — residentes no Maine, Estado natal do espírito em vida — conhecidos de Yeaton quando em vida física, forneceram o testemunho seguinte quanto à veracidade da sua mensagem:

"Editores do Banner of Light: — A comunicação supostamente de Joseph Yeaton, de Hallowell, Maine, está correcta. Ele morreu no Texas, e a esposa faleceu antes dele, como afirma. Os dois filhos foram enviados para o Norte. Tem duas irmãs, de quem fala pelo nome. Vivem em Hallowell, Maine.

Tem aqui uma irmã, casada com o Sr. Alden Flye, vizinho meu.

São pessoas fortemente religiosas, e talvez não vos comuniquem que a mensagem é correcta.

EDWIN HOVEY

Damariscotta, Maine."

"BANGOR, 28 de Abril de 1868.

Editores do Banner of Light: — Reparando no vosso jornal de 25 de Abril, numa comunicação de Joseph Yeaton, de Hallowell, Maine, chamei a atenção do Sr. Phineas Yeaton, desta cidade, para o assunto. Diz que Joseph Yeaton era seu sobrinho e que morreu no Texas no último outono ou inverno; que os dois filhos foram embarcados para Nova Iorque, e daí seguiram sozinhos para Hallowell.

Atenciosamente,
JOSEPH BROWN."

JOEL NASON

No Banner of Light de 25 de Junho de 1870, foi publicada a terceira mensagem — desde o início dos círculos naquele jornal — do espírito de Joel Nason. O bom conselho que este espírito dá aos seus antigos amigos — exemplificando, como faz, as tendências benéficas da filosofia espiritual — torna esta mensagem especialmente digna de ser aqui inserida:

"Venho aqui por um motivo estranho. Fui chamado para responder a algumas perguntas por um grupo de três pessoas em Troy, no Estado de Nova Iorque. Queriam que lhes dissesse o que foi feito dos cunhos que utilizei para falsificação. [1]

Bem, não é certo que alguma vez os tenha tido, e se tivesse, não lhes diria onde estão.

O Espiritualismo surgiu no mundo com um propósito melhor do que dizer às pessoas como fazer o mal; para as levar ainda mais pelo mau caminho do que iriam sem ele.

Não venho aqui para defender a minha inocência, nem para me fazer passar por santo. Já comuniquei antes, [2] e já contei muitos dos meus defeitos quando estava aqui.

Agora, é bastante evidente que as pessoas que me chamaram ao seu conselho ou círculo são crentes, crentes firmes no regresso dos espíritos e no seu poder para fazerem muitas coisas pelos mortais. Pois bem, ganharam muito com isso. Mas, se vão usar esse conhecimento para fins como aqueles a que parecem inclinados, isso será uma pá que lhes cavará a própria cova, os colocará lá dentro e os cobrirá. Podem estar certos disso. Dou-lhes um sério aviso aqui para não voltarem a usar, nem tentarem usar, o Espiritualismo como o têm tentado — e conseguiram até certo ponto; porque se o fizerem, esse mesmo Espiritualismo tirará o disfarce e os exporá ao mundo pelo que realmente são.

Aconselho-os a consultar os espíritos para fins que os elevem enquanto espíritos, pois não vai demorar muito até deixarem os corpos, e serão pobres de facto neste mundo se não mudarem de rumo relativamente ao que têm feito nos últimos dezassete anos.

Na altura, não consegui responder à pergunta como queria, e pensei que viria aqui para o fazer. Claro que esperam algo diferente. Mas, se lhes desse o que merecem, dar-lhes-ia os nomes e associaria a eles caracteres nada brilhantes. Mas abstenho-me, na esperança de que percebam que estão no caminho errado, mudem de vida e façam do Espiritualismo um guia para coisas mais divinas do que jamais conheceram.

Neste momento, vivem mergulhados no materialismo. Estão completamente imersos nele. O Espiritualismo pode tirá-los desse estado, se ao menos exprimirem vontade de o serem. Mas aviso-os para não fazerem do Espiritualismo uma ferramenta para os ajudar nas suas maldades aqui.
Sou Joel Nason, de Boston. Lembram-se de mim? Bom dia, bom dia."

Dois correspondentes (estranhos aos editores ou à médium, recorde-se, e residentes em zonas muito diferentes do país), que conheceram o Sr. Nason em vida, confirmaram a autenticidade da sua mensagem em cartas que falam por si:

"SALEM, MASS., 25 de Julho de 1870.

Caros Editores: — Ao folhear o vosso Departamento de Mensagens de 25 de Junho, vi uma comunicação de Joel Nason; há cerca de oito anos, ele deu duas comunicações através do Banner of Light, e como não vi qualquer resposta no vosso jornal reconhecendo o Sr. Nason como habitante da vossa cidade, pensei em contar o que sabia dele quando era rapaz, há uns quarenta anos. O Sr. Nason vivia nessa

altura na Hanover Street, quase em frente ao que agora é a Esquadra de Polícia n.º 1. Morava numa casa de tijolo, junto à rua, enquanto no quintal tinha outra casa, onde vivia o meu cunhado.

Enquanto lá viveu, a casa do Sr. Nason pegou fogo por causa de uma forja que ele tinha na cave; era ferreiro de profissão, ou fabricante de ferramentas de corte. Depois do incêndio, o Sr. Nason contratou o Sr. Peirce, meu cunhado, para remexer nos escombros e salvar todas as machadas e outras coisas de valor que pudesse encontrar; entre outras, havia um grande número de cunhos, principalmente para moeda estrangeira; estes cunhos foram mandados guardar assim que encontrados.

O Sr. Nason não era um homem muito comunicativo; cuidava da sua vida e fazia entender aos que o rodeavam que deviam fazer o mesmo. Era considerado um homem muito honesto em todos os seus atos. Nunca ouvi falar que falsificasse moeda, [1] mas presumi que tivesse aqueles cunhos por algum motivo.

Construiu uma casa depois do incêndio, do outro lado da rua, mesmo abaixo da Esquadra de Polícia n.º 1; uma espécie de meia casa com telhado inclinado. Quando a construiu, muitos disseram que era bem exemplo da excentricidade do Nason. Visitei o local há pouco tempo; a casa foi recuada para alargar a rua; perguntei a muitos naquela zona se conheciam Joel Nason, mas ninguém o conhecia; mas ficamos agradecidos por saber que 'ele ainda vive' para se fazer conhecer.
Com os melhores cumprimentos,

H. W. CLEMONS"

"SPRINGFIELD, ILL., 21 de Julho de 1870.

Editores do Banner of Light: — No Banner de 25 de Junho está a terceira comunicação que publicam do espírito de Joel Nason; e apesar de ele ser um homem de Boston, nunca apresentaram qualquer verificação das suas mensagens. Fui residente em Boston em 1830; e, precisando de um trabalho de precisão em alguma maquinaria, indicaram-me a oficina de Joel Nason.

Ao mesmo tempo, deram-me a entender que ele era supostamente ligado à falsificação de notas bancárias. [1] Eu e a minha esposa já conhecíamos antes uma irmã dele, casada com um mecânico respeitável. Ela tinha sido educada nos ensinamentos calvinistas do Dr. Emmons; e durante um tempo de reavivamento religioso leu 'Edwards on the Affections', e acabou por enlouquecer, tendo vindo a morrer por sua própria mão, no Asilo de Alienados. Adotou duas sobrinhas; e en

quanto uma delas nos visitava, tivemos a honra de receber a visita do tio, Joel Nason.
Sempre pela verdade e pelo progresso,
JULIUS A. WILLARD."

XIII

J. WALTER WALSH

Como afirmou o irmão Peebles, muitas das mensagens que são sentidas como verdadeiras por aqueles a quem se destinam passam em silêncio, e os seus destinatários "não dão sinal". As lições transmitidas nestas declarações dos chamados "mortos" aos seus amigos vivos são muitas vezes de natureza a provocar a oposição do eclesiástico e o ridículo dos irrefletidos; mas aqui e ali a semente cai em solo fértil de corações recetivos, e com louvável honestidade e coragem a mensagem é confirmada como verdadeira por eles.

Numa sessão realizada na Public Free Circle Room — Mrs. J. H. Conant, médium — a 18 de Setembro, foi dada a seguinte mensagem, impressa no Banner of Light de 18 de Novembro:

"Há cerca de dez anos recebia e lia frequentemente, com interesse, o vosso Banner of Light. Nessa altura, era editor em San Francisco, Califórnia. [1]
Nunca consegui convencer-me de que defendiam uma verdade, embora apresentassem muitos indícios de que assim fosse; mas, ainda assim, se havia verdade, ela não me chegava; mas confesso que me interessava muito pelo Banner. Vieram-me reveses por doença e imprudência, e há nove dias abandonei o corpo, no asilo de pobres. [2]

Tenho muitos amigos em Nova Orleães, que têm simpatia por esta bela filosofia espiritual. Não sabem da minha morte, e, quando souberem, ficarão certamente chocados com a forma como parti; mas tenho de dizer que tudo aconteceu segundo a ordem do meu ser, pois há uma verdade, grandiosa e bela, neste aforismo:

'Há uma divindade que molda os nossos fins,
Por muito que nós os tentemos talhar;'

Uma força que talvez nos conduza do trono à masmorra, de lugares de confiança e posição elevada até ao asilo de pobres. Pode estar decretado no horóscopo do milionário que ele há de morrer pobre. É inútil tentar perceber os porquês e para quês das nossas vidas fragmentadas — as partes que compõem a nossa existência humana — mas se temos fé numa presença divina, superior, numa coisa, parece-me que devemos ter fé em tudo.

Ao amigo, que é editor — não direi de quê, pois sei o que sente a esse respeito — residente em Nova Orleães, a quem uma vez enviei um exemplar do Banner of Light, pedindo-lhe que me dissesse o que pensava dele, e que respondeu brevemente, dizendo: 'Não vale um centavo', tenho de pedir que analise a presença, poder ou espírito que hoje lhe estende uma mão do outro lado do rio da morte. Em suma — se não é J. Walter Walsh, quem será? Se for, o Banner vale mais do que um centavo, pelo menos para mim, pois é um veículo de comunicação que não encontro em mais lado nenhum.

Para ele, é uma nota-chave para a imortalidade."

A forma direta como a informação é dada pelo espírito demonstra uma mente, enquanto na Terra, habituada à concentração de pensamento — um hábito indispensável para quem trabalha na imprensa.

Abaixo seguem excertos de duas cartas que confirmam a mensagem; as autoras destas notas eram desconhecidas de todos os envolvidos com o Banner:

"SAN FRANCISCO, CAL., 25 de Novembro de 1871.

Editores do Banner of Light: — A comunicação na vossa última edição, de J. Walter Walsh, está correta no que diz respeito a ele ter publicado um jornal aqui, [1] e, devido à sua própria imprudência, ter morrido no asilo de pobres. [2] Não o conheci pessoalmente, mas ouvi frequentemente o meu marido e amigos falarem dele. (...) Chamou-me também a atenção a nota do seu falecimento publicada no San Francisco Morning Call, onde se confirma que morreu, como ele diz, no asilo de pobres. (...) Creio que o jornal que J. W. Walsh publicou aqui se chamava Sunday Varieties, ou algo do género.

Com amizade,
MRS. H. WILSON."

"SAN RAPHAEL, CAL., 28 de Novembro de 1871.

Senhores Editores: — Reconheço na vossa edição de 18 de

Novembro uma mensagem de J. Walter Walsh, extremamente característica do homem em vida. Ele foi editor e proprietário de um jornal chamado Sunday Varieties. [1] (...) A data e os pormenores da sua morte, tal como indicados, estão absolutamente corretos, e fico feliz por poder confirmar o mesmo, tal como já confirmei várias mensagens anteriores do vosso jornal. Ele morreu no asilo de pobres. [2]
Com respeito,
MILO CALKIN."

UMA BIOGRAFIA DE CAPITÃO WILMOT SEIDERS

"Não sei se poderei dizer algo que acrescente um grama ao enorme peso de testemunhos já recebidos a favor desta grande onda espiritual, que parece agora destinada a inundar tudo, e a tornar-se mais real do que a velha fábula do dilúvio de Noé alguma vez foi; pois, enquanto esse inundou apenas algumas parcelas do solo de Deus, este Espiritualismo — se não nos enganamos — está destinado a inundar o mundo inteiro, e a criar a partir dele o novo céu e a nova terra, profetizados pelos antigos videntes.

Não sou pregador, não passo de um 'cão do mar'; mas a experiência que tive ao longo dos mais de vinte anos que levo no mundo espiritual levou-me a perceber que esta maré espiritual, que flui e refluí agora com tanta certeza, é um facto consumado, e quem navega no topo das suas vagas apanhará as maiores verdades, e quem tenta fugir ou recuar perante ela será submerso; não há volta a dar. Mais vale entrarem na arca da verdade; é melhor do que a velha

arca de Noé. Abarca no seu interior mais do que dois de cada espécie; abarca todos.

Os meus amigos — aqueles que ainda restam na Terra, pelo que percebo — querem saber como, exatamente como, saí desta vida. Nunca souberam, ao que dizem.

Pois bem, eu era de Nova Iorque, tinha deixado carga e passageiros em Havana e seguia para Pensacola, quando fui apanhado por uma daquelas tempestades típicas daquela costa em certas épocas do ano. Em vez de conseguir manter-me em mar aberto, fui arrastado para um recife de coral e afundei-me. Todos a bordo pereceram, sem exceção. No momento em que estávamos a afundar, vi o que me pareceu ser um navio fantasma no ar. Esse navio parecia estar a saudar-nos; o comandante parecia dizer-nos que estávamos a salvo. Esse navio fantasma era afinal um navio espiritual que ali navegava, e quando o nosso afundou, levou-nos a bordo.

Agora, esta é uma história estranha de contar, mas, meu Deus, é verdadeira. Era simplesmente a condição de vida que precisávamos, e assim fomos conduzidos ao mundo espiritual dessa maneira.
Penso que estavam comigo mais quatro pessoas que também viram este navio, e ficaram tão absorvidos pela sua contemplação que nem sentiram medo da morte. Eu não senti; e desde então disseram-me que também não sentiram.

A minha mulher estava a bordo comigo e disse-me que nunca pensou no perigo em que estávamos, pois estava

num estado de êxtase a contemplar esse navio e as belas formas que ele continha, e não havia espaço para pensar noutra coisa.

Assim, quando as águas fecharam sobre o nosso navio e afundámos, os nossos espíritos elevaram-se e foram levados a bordo desse navio, onde fomos recebidos por um velho capitão que eu tinha conhecido em vida. Conheci-o quando era rapaz. Ele disse-me: 'Wilmot, é um prazer dar-te as boas-vindas. Bem-vindo a bordo do meu navio.'

Eu disse: 'Afinal afogámo-nos.'

'Não, não; os vossos corpos sim, mas vocês estão aqui, toda a tripulação e passageiros, a bordo do meu navio — todos salvos.'

'Para onde vais?' perguntei.

'Vou para um porto de paz, para um ancoradouro seguro', respondeu ele.
Descobri que aquele navio era tão real como o meu tinha sido. Caminhei no seu convés como caminhava no meu.

Mal me apercebi da mudança até que os meus amigos na Terra foram informados do meu desastre, e a sua tristeza por mim trouxe-me de volta à minha verdadeira condição.

Depois, por um breve tempo, senti algo que poderia chamar-se tristeza, ou um reflexo da sua tristeza. Por isso, veem, a minha morte foi quase prazerosa, e só espero que

aqueles que ainda restam da nossa família encontrem a mudança tão fácil e bela quanto eu encontrei.

Capitão Wilmot Seiders, às suas irmãs que aqui ficam."

A carta abaixo, das irmãs do Capitão Seiders, apresenta testemunho quanto à fiabilidade das suas declarações, na medida em que pode ser apresentada prova material:

"BOSTON, 23 de Setembro de 1872.

Editores do Banner of Light: — Foi com prazer que vimos, no Departamento de Mensagens do Banner of Light de 21 de Setembro de 1872, uma comunicação do nosso irmão, Capitão Wilmot Seiders, dada numa sessão a 14 de Maio nas Free Circle Rooms. Queremos testemunhar a total veracidade das palavras do espírito, na medida do nosso conhecimento. O nosso irmão faleceu no mar, como afirmou de forma característica, e estamos certas de que Mrs. Conant não poderia, de modo algum, ter obtido conhecimento sobre a sua morte por qualquer outro meio senão aquele que é reivindicado, ou seja, que o seu espírito, ao possuir a médium, pronunciou as palavras transmitidas.

Temos a certeza de que ela nunca tinha ouvido o nome dele, que é peculiar. Ele foi referido uma ou duas vezes, na presença dela, como 'o homem da canoa grande', por uma influência indígena que controlava Mrs. Campbell, não tendo então sido mencionada qualquer relação de parentesco.
Evitámos cuidadosamente qualquer referência a ele na presença de Mrs. Conant, esperando que, com o tempo, ele regressasse através dela, e assim oferecesse uma prova, de

carácter absolutamente convincente, que não pudesse ser atribuída ao conhecimento prévio da médium. Esse desejo nosso foi plenamente satisfeito, e sentimo-nos profundamente gratas a ele por isso, e à médium pela qual as suas palavras nos chegaram.

Mantemo-nos, senhores, respeitosamente,
MRS. FRANK CAMPBELL,
MISS M. A. SEIDERS."

PARTE X
ENSAIOS E INVOCAÇÕES EXEMPLARES

"Tal como aquela torre projeta para a terra o escuro triângulo da sua sombra quando o dia claro brilha no seu topo, assim, a escuridão no caminho da vida humana não é mais que a sombra da providência divina lançada pelo grande sol da sabedoria — e o que é escuro cá em baixo é luz no céu!"
— J. G. Whittier.

I.

O reconhecimento de uma fonte de poder exterior e acima da humanidade foi instintivamente feito pela raça em todas as épocas e sob todas as condições de desenvolvimento; e um desejo de propiciar essa fonte, seja qual for o nome por que seja designada, foi manifestado sob formas rudes e cruéis, ou doces e elevadas, conforme o grau de iluminação do povo em questão.

O ceticismo obstinado que faria com que a criação continuasse a gemer no seu arnês de ferro de leis fixas e imutáveis, organizadas e tabeladas no passado longínquo,

quer por uma força já ausente do universo, quer por um Deus que, após concluir a sua obra, se retirou e a deixou funcionar ao sabor do dia ou da noite, segundo um plano que não quer ou não pode agora rever, não é a ideia representativa que preenche a mente da maioria da humanidade.

O campo da prosperidade é o lugar predileto desse ceticismo; mas, em horas de provação, até os corações menos reflexivos ultrapassam os seus limites à procura de uma consolação mais grandiosa, que lá não encontram. Entre os primeiros ensinamentos das sessões da Sra. Conant encontraram-se estas passagens relativas à oração:

"Ninguém precisa perguntar como orar, pois se se conhecesse a si mesmo saberia que todo o desejo do espírito é uma oração — toda aspiração, uma prece.

Quando a doença e a tristeza vos pesam sobre os ombros, quem não sabe orar? Ninguém! É então, pela dor, que a voz interior se faz ouvir e é obedecida."

Allen Putnam exprimiu-o lindamente:
"Em tempos de grande angústia, em horas de verdadeira impotência, o coração muitas vezes anseia por e obtém uma ajuda que o homem e o mundo exterior nunca poderiam dar.

De onde vem esse anseio — essa oração? Da cabeça ou do coração? Poderá ser resultado dos processos deliberados da razão? Não.

O rugir das águas revela uma fonte mais profunda — uma força mais impulsiva.

Jorros das profundezas do ser elevam-se muito acima do nível comum das águas da vida; vêm de fontes que o intelecto raramente reconhece; cujas propriedades a razão não consegue analisar; cujos elementos não entram nos problemas que a lógica resolve.
Há profundezas no homem que o intelecto raramente sonda, ou a ciência raramente aborda.

Dessas fontes ocultas brotam, por vezes, forças que, com a voz de um Deus interior, ordenam ao intelecto que se cale e não obstrua os afetos — esses poderes mais profundos e elevados — faculdades particularmente ensinadas por Deus, que sentem intuitivamente a sua presença; que são elas próprias os esconderijos do seu poder, e que agora se elevam para amparar e ajudar a alma na hora das suas necessidades esmagadoras, quando a razão não consegue encontrar auxílio.

Em muitas horas sombrias e angustiantes, quando a razão não vê nenhum raio de luz, nem encontra bálsamo que alivie, muitos mortais sentiram uma ajuda vinda do invisível; sentiram um poder salvador no reino do mistério; sentiram — e por isso creram — que a oração podia ser ouvida e atendida."

Quanto à vertente intuitiva da questão, mas o caso não se fica por aqui — é chamada agora a testemunha, Ciência, para provar que estes sentimentos e os seus concomitantes não são fruto de uma "imaginação miserável", nem os sonhos nulos de uma hipocondria impotente.

O Dr. J. R. Buchanan, o infatigável pioneiro no campo da investigação antropológica, expôs recentemente, num ensaio, o facto de que a sua experiência no seu domínio de investigação, baseada em inúmeros experimentos, antecipa o facto — ainda a ser plenamente desenvolvido — de que existem órgãos cerebrais recônditos cujas faculdades só podem atingir o seu desabrochar legítimo e predestinado através de atos de aspiração — através da oração genuína a algo superior ao eu.
Ele diz:

"O organismo cerebral da inspiração é mais oculto do que o do intelecto comum. Os órgãos das perceções externas, e da memória e razão baseadas nelas, desenvolvem-se na testa, e o seu crescimento e expansão exteriores podem ser vistos de relance.

Mas as faculdades mais ocultas envolvidas na inspiração têm órgãos mais ocultos.

Estão situados na linha média, onde cada hemisfério do cérebro confronta o outro, tendo, portanto, um desenvolvimento interior junto à foice do cérebro, quase impossível de estimar externamente.

Esta região interior do cérebro, que se estende da testa para trás, sobre a linha média, é a região oculta das faculdades mais ocultas, que, estando numa posição interior, pertencem também à natureza mais interior do homem.

São os órgãos daquelas faculdades espirituais que não

dependem dos canais comuns dos sentidos, que são as menos fisiológicas e mais psicológicas de todas as nossas capacidades.

De modo geral, pode dizer-se que a função intelectual destes órgãos é a INTUIÇÃO — a apreensão direta da verdade, que é captada sem qualquer processo de perceção sensorial externa e raciocínio, pelos quais os órgãos exteriores produzem opiniões.

Basta apresentar claramente a ampla proposição, independentemente dos pormenores anatómicos, de que existe uma região central unitária no cérebro, e que nessa região têm lugar os fenómenos superiores da intuição e do espírito — que existe uma região de desenvolvimento posterior no indivíduo, e de uma organização mais elevada e subtil para as funções superiores que assume."

Assim, vê-se que tanto a seta veloz da perceção intuitiva, como o lento dedo-sombra da ciência no mostrador do tempo, apontam seguramente para a importância da oração como exercício próprio de faculdades apropriadas e naturais, que não podem deixar de pôr o espírito em sintonia com inteligências superiores, promovendo e induzindo harmonia e utilidade.

Parece que os Espiritualistas — cuja crença afirma basear-se em fundamentos tanto científicos como intuitivos — deveriam, mais do que todos os outros moralistas, reconhecer a utilidade da oração.

Como todo o sistema religioso definiu para si próprio o poder a quem dirige as suas orações, e seguiu o modelo da sua divindade escolhida, o cético que lê estas páginas poderá perguntar qual a natureza desse Deus de que o Espiritualismo ensina e a quem as Invocações feitas pelos seus médiuns são dirigidas.

Embora se reclame e se exerça a máxima liberdade nesta matéria entre os seus crentes, a maioria das inteligências comunicantes, através de inúmeros médiuns em todo o mundo civilizado desde o advento da fase moderna da comunicação espírita, declarou que Deus é um princípio, não uma pessoa, e reside em todas as coisas.

A questão foi recentemente resumida por Allen Putnam, em resposta às perguntas: "Onde e o que é o teu Deus que ouve orações?"

"Está em, abaixo, à volta e acima de tudo. Está em todo o lado.

O homem não pode estar onde Ele não esteja. Sinto-O onde quer que esteja ou tenha estado.
Esta é a minha resposta ao 'onde?'

E agora, quanto ao 'quê?' É o espírito-universo omnipresente, que tudo permeia — tudo o que constitui esse universo e também tudo o que ele contém — o seu único princípio animador, juntamente com cada centelha de inteligência individualizada que esse princípio animador alguma vez emitiu, incluindo também todas as atividades e emanações do mundo das almas.

É qualquer coisa, organizada ou não, no Grande Invisível, de que o homem se pode servir para obter luz espiritual, crescimento espiritual, poder espiritual ou qualquer outro bem, seja temporal ou espiritual.

A um Deus assim, as faculdades superiores do homem, que desejam e anseiam por mais do que este mundo dos sentidos exteriores pode dar ou tirar — a esse Espiritual Invisível as faculdades superiores podem orar, crendo racionalmente que 'o sincero desejo da alma' pode ser sentido do outro lado do véu — que pode atrair as simpatias e mover as atividades das hostes angélicas que escutam."

Aqueles que temem os golpes iconoclastas até agora dados pela Filosofia Espiritual através dos seus médiuns sobre hábitos de vida e costumes de pensamento estabelecidos, são assegurados de que, na sua fase construtiva — ainda por se manifestar totalmente — reside o seu principal poder.

Com razão se disse que não é propósito dos espíritos que regressam destruir, mas sim espiritualizar tudo o que está relacionado com a investigação teológica.

O Espiritualismo não surge como um cometa devastador a queimar, como ferro em brasa, a consciência e o sentido moral do século XIX, mas como "outra manhã erguida em pleno meio-dia", para lançar a sua gloriosa luz, em conjunto com tudo o que é ou ajuda a humanidade a ser boa e pura, a todo o mundo entre os filhos dos homens!

Não vem tornar órfão sem abrigo o devoto cego da crença, que humildemente ajoelhado no santuário, espera um dia, em fé fervorosa, encontrar o seu Pai, onde, para além daquele "mar de vidro misturado com fogo",

os baluartes brilhantes da Nova Jerusalém vibram ao ritmo daquela única e imensa canção:

"*Santo, santo, santo Senhor!*"

mas sim abrir-lhe a visão interior, e ensinar-lhe o grande significado espiritual da visão do vidente Apocalíptico, que a ignorância do passado não conseguiu perceber, ou que o interesse próprio deliberadamente ignorou.
O Espiritualismo não vem dizer "*Louco!*" ao severo filósofo materialista, que, inabalável sobre os seus próprios pés, presta a sua rígida saudação meio militar ao altar da Razão apenas!

Não. Honra-o, tal como nas palavras do mártir da Galileia foi honrada "a Rainha do Sul, que veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão", mas proclama-lhe firmemente que "Aqui está alguém maior que Salomão!" — que a Razão é poderosa na materialidade, mas a intuição, falando a língua nativa da alma, vencerá sempre nos momentos em que essa alma estiver mais desperta para a consciência do que a rodeia fisicamente e das suas condições futuras.

O Espiritualismo ensina que, ao longo da escada em espiral das esferas, em resposta à aspiração dos que estão em

baixo, vem a inspiração dos que estão em cima; e quem espera receber influxo do próximo estágio de existência acima de si, deve assegurar-se de que abre espaço na sua alma para o receber, partilhando tudo o que possui que possa contribuir para o avanço daqueles imediatamente abaixo de si — que não há armazém onde o alimento espiritual possa ser guardado egoisticamente do seu semelhante; mas que, como o maná dos israelitas no deserto, tudo o que for recolhido em excesso às necessidades diárias será inútil na manhã seguinte!

Ensina, numa palavra, aquele sentido mais elevado da oração que, pronunciada ou silenciosa, é acompanhada de atos para a sua própria realização.

II

Na história inicial das sessões livres do Banner of Light, e mesmo durante algum tempo depois da inauguração da Circle Room no n.º 9 da Brattle Street, Boston, os encontros não eram abertos com oração ou invocação declarada ao Ser Supremo, ou Causa Primeira.

Os exercícios eram geralmente precedidos por pequenos ensaios, pronunciados sobre temas inseridos em perguntas do público, ou escolhidos pelos próprios invisíveis, como "A Morte", "Imortalidade", "O Dever do Homem Natural para com o Homem Espiritual", "Esferas Espirituais", "Espíritos Maus", "O Que é o Magnetismo?", "Como Está o Homem Ligado a Deus", etc. — dois dos quais são aqui apresentados como exemplos do conteúdo e estilo das

primeiras comunicações nestas sessões, através do organismo de Mrs. Conant:

"'E ele tem as chaves do Inferno.' E também tem as 'chaves do Céu.'
E diz-vos: 'Tudo o que faço, vós também podeis fazer. Tudo o que tenho podeis ter.'

Portanto, vejo nas mãos dos mortais as chaves do Céu e do Inferno. E a todo aquele que procura alcançar o Céu, virá a luz gloriosa das esferas celestiais; e a quem procura o Inferno, dentro da sua alma arderão os fogos do Inferno.

Cristo foi formado à imagem da Pureza, e a Sabedoria sentou-se sobre ele como num trono.

Os mortais do presente também são feitos à imagem de Deus, e a Sabedoria senta-se sobre eles também.

Mas os sinais dos tempos têm-se movido sobre a face lisa das águas, e, como tantas bolhas, conduzem os filhos de Deus atrás daquilo que se dissipará como elas.

A Natureza, ou o Deus da Natureza, dotou todos os seus filhos de pureza, e toda a humanidade está destinada a tornar-se pura de novo.

Por mais densas que sejam as nuvens que cubram a alma, a Natureza há de levar para o esquecimento essas vestes, e ele ficará puro perante o seu Criador, o seu Pai.

Vós, filhos, que percorreis o deserto sombrio cá em baixo,

tendes um guia interior que vos aponta o caminho para casa."

Onde é — onde fica o lar do espírito?

Encontramo-lo nos recantos da miséria, encontramo-lo entre aqueles que apresentam um espetáculo penoso? O corpo pode, por algum tempo, rastejar nesses lugares, mas o espírito eleva-se para ir ao encontro do seu Deus.

Olho para a esfera da Terra, e vejo crescer ali muitas plantas belas; em algumas dessas plantas encontro veneno, noutras, um bálsamo. Agora, todas me apresentam o mesmo aspeto exterior, mas olho para dentro com o olhar espiritual e, rapidamente, deteto o bem ou o mal que ali reside. E assim pode ser convosco, crianças.

Vivei de forma a poderdes penetrar muito para além do ato, da aparência, e ler as almas dos homens. Porque cada criança avança em espírito, enquanto o corpo, muitas vezes, o mantém sepultado num sepulcro.
Vejo grupos de anjos à vossa volta, mortais, que procuram ajudar-vos, e vejo nas frontes desses anjos a palavra Amor; e, ao aproximarem-se de vós, vejo águas puras a brotar da fonte das suas almas, descendo até vós, ensinando-vos a esperar por melhores coisas, e pedindo que o poder desça sobre vós lá do alto.

Oh, se vós, mortais, pudésseis ver-vos como sois vistos — se pudésseis ver as mudanças que estão a acontecer na vida espiritual por vossa causa!
Compreenderíeis então plenamente o alcance das minhas

palavras, quando vos digo que tendes as chaves do Céu e do Inferno nas vossas próprias mãos."

MRS. J. H. CONANT.

"CONHECE-TE A TI MESMO

Como pode o homem conhecer-se, se não começar por se familiarizar com as leis do seu ser? O homem é um espírito, um espírito imortal e eterno, e se quiser conhecer-se, tem de estudar primeiro o espírito; e, para tal, tem de entrar em pensamento pelas portas do mundo espiritual e de lá recolher a sua sabedoria. Pode mergulhar em vão nas entranhas da terra em busca de sabedoria, mas, se ascender à esfera espiritual, aí encontrará uma mina onde pérolas de grande valor aguardam o seu trabalho.

E como poderão os mortais alcançar isto, se não for pelo modo que Deus lhes concedeu? Desde a fundação desta terra material, sempre existiram certos organismos através dos quais o poder espiritual se manifestou, e é por eles que deveis alcançar as esferas do espírito, e daí extrair a vossa sabedoria. Se esses organismos forem imperfeitos, recebereis imperfeição; mas, se forem perfeitos, como Jesus foi perfeito, então recebereis sabedoria sem a nódoa do erro. Se os nossos médiuns são imperfeitos, como poderemos dar-vos água pura? Ora, ao passar por esses canais, recebe parte das impurezas a que eles estão sujeitos; mas o tempo virá em breve em que os canais por onde estas águas vivas fluem serão puros, e só então, e não antes, chegarão até vós na pureza da vida espiritual.

Toda a matéria está sujeita ao espírito, onde quer que se encontre, e, até agora, o mundo espiritual tem de governar o natural; e será admirável que, governando-vos, não possam comunicar convosco? Haverá algo que o vosso Criador não possa realizar, algo que Ele não possa penetrar? Achamos que não. Não prestamos atenção ao passado, olhamos para o presente. O nosso dever é alcançar uma vitória no futuro.

Vós, na vossa existência, tendes de recuar séculos para obter prova positiva de que os espíritos têm poder para comunicar com os mortais; se o fizeram então, porque não agora? Estão as portas do mundo espiritual fechadas? Achamos que não; as nossas e as vossas estão tão unidas que uma não pode existir sem a outra. O nosso lar espiritual está ligado ao vosso lar. Quem anexou os dois mundos? Jeová! Quem os poderá separar? O homem? Nunca.

Portanto, se os dois mundos estão unidos, marcharão juntos, até que não reste ninguém para duvidar da sua unidade.

O cético diz que não, mas dá-vos ele prova da sua afirmação? Não pode dar ao espírito do homem uma prova razoável da sua declaração. Não, a sua prova é nula; vem como a flor pela manhã, e o sol vem, queima-a, e ela murcha e cai ao chão.

Isto deve provar-vos, crianças, que têm algo a fazer.

Recuai até aquilo que foi para vós um Salvador, e caminhai

sobre as areias do passado, para ver se não encontrais prova positiva para a estrela do vosso tempo. A estrela que se ergueu no tempo de Jesus nunca se põe; está no horizonte do presente e do futuro. Regozijai-vos, pois, por viverem hoje; por terem o poder de recuar nas páginas da história, comparar o passado com o presente, e julgar o que o futuro pode ser a partir dessa comparação.

Viveis por algo; toda a humanidade vive por algo, e se envolverdes os vossos talentos na ganga da terra, como prepararеis as vossas mentes para a vida eterna? Como atingireis aquele céu que a Divindade vos destina? Ah, alcançá-lo-eis no fim, pois todos hão de ser conduzidos a Deus; mas privam-se de anos de felicidade e dobram a alma ao sofrimento, quando, se quiserem, podem alcançar já a suprema felicidade do céu, nesta própria existência.

E porque não hão de alcançar essa felicidade; ah, porque não?
O fanatismo clama 'Falsos Cristos'; todas as vozes do sectarismo gritam 'Ficai quietos e deixai Deus vir até vós', quando Aquele que reina para sempre vos mandou segui-l'O.

Oh, repousai nos Seus braços, deixai-vos guiar pelo Seu conselho aqui, e Ele vos dará provas de que envia os seus mensageiros para falar aos filhos da terra.

Procurai provas da nossa vinda às gerações passadas, e encontrareis mais do que podem imaginar. Jesus disse: Procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á. Oh, então, avançai, batendo a todas as portas onde se encontre a

verdade, buscai em todo o templo onde Jesus habite, e não deixareis de encontrar alegria, paz e verdade. Vinde, e hoje mesmo podereis encontrar; errantes da terra, não luteis mais com as coisas terrenas, mas procurai conhecer as coisas do espírito.

Que a bênção d'Aquele a quem servimos esteja convosco; que Ele envie guias santos para vos conduzirem; que vos ajude a abrir as portas fechadas do mundo espiritual; que vos ajude a estudar os mistérios do lar do espírito; que modele os vossos espíritos para que sejais verdadeiros e aceitáveis habitantes na terra dos redimidos.

Esta é a oração constante do vosso amigo Channing, por toda a humanidade."

III

A primeira invocação formal de que há registo na história destes círculos — pelo menos a primeira que alcançou publicidade no Departamento de Mensagens do Banner of Light — ocorreu numa sessão a 19 de Outubro, e foi impressa na edição de sábado, 29 de Outubro de 1859 (n.º 5, vol. VI).
A inteligência que proferiu este pioneiro pedido do lado espiritual da vida não forneceu o seu nome, mas o conteúdo é aqui apresentado para comparação com os atualmente dados pelo mesmo médium:

"Ó Grande e Eterno Fonte da Vida, louvamos-Te porque nos abençoaste tão generosamente; porque nos tens

constantemente protegido com as asas da Tua sabedoria e do Teu amor.

Louvamos-Te, ó Deus, em nome das muitas almas em vida espiritual, pelos dons de hoje; porque, na Tua sabedoria, poder e bondade, Te aprouve manter em estado sagrado, em forma mortal, este dom que nos permites usar neste momento.

Ó Pai Todo-Poderoso do Céu e da Terra, queremos louvar-Te em nome dos habitantes da vida terrena, louvar-Te porque derramas a Tua luz sobre a terra; porque o firmamento se vai enchendo de novas estrelas, chamadas à existência pela mão do Progresso e pelo dedo do tempo.

Ó Tu, Grande Eterno, digna-Te olhar para este pequeno grupo que aqui está reunido para comungar com os que estão no mundo dos mortais? Dá-lhes da Tua força, para que possam olhar para além da linha divisória que os separa dos seus amigos em mortalidade.

E à medida que as suas mensagens são transportadas através deste rio, envia mensageiros de Esperança e Fé para além da terra dos espíritos, para que cada mensagem, ao chegar aos seus, encontre uma resposta de alegria que ecoe na terra do espírito.

Abençoa, ó Pai Santo, os Teus filhos em mortalidade, que estão hoje aqui connosco. Que cada um sinta, sim, saiba, que é constantemente protegido pelo Teu amor; que, embora o seu caminho pareça repleto de espinhos, crescem nele belas flores que exalarão fragrância na vida espiritual.

Que possam, ó Deus, louvar-Te por cada sombra que cai sobre o seu caminho; pois, tal como a noite anuncia a manhã, sintam que, quando a sombra for mais escura, estão a aproximar-se da manhã da luz amorosa.
Que, caminhando pelas esferas escuras da vida terrena, sintam a presença constante de um ser luminoso que lhes aponte cenas mais brilhantes, para além da vida terrena.

Ó Pai Todo-Poderoso, dá a todos os habitantes do grau mais baixo da vida o devido conhecimento da Verdade, pois a Verdade é a estrela brilhante que levará todos os Teus filhos até Ti.

Ó Santo, inspira cada buscador da Verdade, para que procure com sabedoria, e receba com poder e glória.

Abençoa todo o espírito que tem vida, quer nos caminhos mais elevados, quer na senda dos humildes.

E a Ti seja dado todo o louvor e poder, agora e para sempre."

A próxima invocação de que há registo, sob o título "O Mensageiro", foi publicada a 21 de Janeiro de 1860 (n.º 17, vol. VI); foi proferida numa sessão conduzida por Mrs. Conant, a 28 de Novembro de 1859, e diz o seguinte:

"Ó Deus das Nações, damos-Te graças pelas bênçãos que diariamente recebemos de Ti.

Louvamos-Te em nome da grande família que tens na terra,

para assim atrairmos à nossa ajuda inteligências elevadas e santas, tão necessárias neste plano escuro da terra.

Ó Pai, assim como a terra entrega os seus tesouros ocultos ao abraço do sol, assim entregaremos todos os dons que nos deste, quando os pedires.
Ensinaste-nos a ocupar tudo o que nos deste, e a devolver-Te mais à Tua chamada, assim cumprindo a lei da nossa natureza, e adorando-Te, ó Deus das Nações.

Ó Pai e Rei nosso, vemos à nossa frente hoje alguns que foram recentemente chamados a separar-se de seres queridos. Chamaste em sabedoria, e eles entregaram, a contragosto, o seu tesouro. Mas, ó Deus, sabemos que enviarás um Consolador; não romperás laços materiais sem teres poder para restaurar a harmonia que parece perdida.

Louvamos-Te por eles, certos de que na Tua sabedoria os afastaste mais um passo da terra. E, ó Deus, que possam tirar proveito desse chamamento; que todas as avenidas das suas almas se abram para Ti, dizendo: 'Ó Deus, chamaste, e nós damos-Te.'

Ó Salvador das Almas, olha especialmente para os Teus filhos que aqui estão hoje. Enquanto vêm em busca de pérolas de sabedoria das esferas do espírito, envia poderosos mensageiros, para que a semente lançada possa germinar para Tua honra e glória.

Envia-nos, ó Espírito de Poder e Sabedoria, o Anjo da Paz; que ele sussurre na sua própria linguagem a cada alma aqui; e, enquanto sussurra, que cada espírito esteja em

condições de ouvir e receber; pois a paz pode ter morada, mesmo na terra.

O vendaval pode varrer-nos aqui na terra, mas o Anjo da Paz pode encontrar um lugar para habitar.

Ó, abençoa todos os Teus filhos, seja nas esferas superiores ou nos infernos mais baixos.

Abençoa os que não Te pedem bênçãos. Somos fortes, e mandas-nos fortalecer os fracos.

Se não pedem por Ti, clamaremos por eles, sabendo que ouvirás e responderás hoje ou no futuro."

O texto acima, tão repleto de espírito de confiança e submissão, e consolo para os que sofrem, é também publicado sem nome.

Percorrendo os registos do Departamento de Mensagens do Banner, a próxima invocação encontra-se na edição de 12 de Maio de 1860 (N.º 7: Vol. VII), depois da qual esta forma de iniciar os serviços se torna cada vez mais comum, até que, com a inauguração das sessões na nova sala (n.º 3) do Parker Building, 158 Washington Street — (ocorrida a terça-feira, 9 de Julho de 1861) — passa a ser a regra geral.

A invocação proferida nessa ocasião — sem nome atribuído — é a seguinte:

"Ó Pai, enquanto todas as coisas sob nós, na natureza, Te oferecem louvores, esquecer-nos-emos nós de Te

reconhecer em cada hora, em cada momento das nossas vidas?

Não sabemos que Tu és o Pai e o Criador de todas as condições da vida, da luz e das trevas, do mal e do bem?

Não, não esqueceremos, ó Pai, de Te louvar por tudo, pois tudo é bom aos Teus olhos.

Ó Deus, agradecemos-Te por podermos de novo assumir o tabernáculo carnal da humanidade, e, do corpo da morte, oferecer-Te louvores.
Embora a carne seja fraca, e saibamos que a escuridão pode envolver a terra por algum tempo, sabemos também que as nuvens acabarão por se dissipar, e contemplaremos o Teu rosto brilhante.

Ó Deus, devemos pedir-Te que abençoes os Teus filhos da humanidade? Sabemos que tudo o que fazes é uma bênção, e que os Teus braços de amor envolvem todos os Teus filhos.

Tu, ó Deus, és o único que conhece as necessidades de todos os que Te chamam de Pai, por isso nada Te pedimos, pois abençoas-nos em tudo e sempre.

Quaisquer que sejam as condições que encontramos ao nosso redor, aceitá-las-emos e por elas Te louvaremos, crendo que são justas e boas.

Ó Espírito Divino do Universo, queremos também agradecer-Te em nome da Tua grande família, que parece

esquecer-Te. Por eles, como por todos, sabemos que a Tua proteção se estende, e, tal como todas as coisas na natureza inferior, aprenderão a bendizer-Te continuamente."

As sessões eram, no início, conduzidas anonimamente, sem que o espírito supervisor se identificasse, até que na edição de 10 de Fevereiro de 1866, as sessões de 5 e 11 de Dezembro de 1865 foram anunciadas como "fechadas" por Willie Lincoln e Thomas Paine, respetivamente. Depois dessa data, intervaladamente, surgem nomes como Robert Owen, William E. Channing, Joseph Brant, Luther V. Bell, M. D., William Berry, T. Starr King, Theodore Parker (que surge pela primeira vez por nome numa sessão a 28 de Janeiro de 1866), Father Henry Fitz James (referido pela primeira vez no fecho de uma sessão a 1 de Março de 1866), entre muitos outros, como “abrindo” ou “fechando” as sessões.

Com o tempo, tornou-se prática anunciar a entidade controladora em cada sessão, tal como hoje.

Das mensagens espirituais originais — base das sessões — surgiu naturalmente a resposta a perguntas do público, inicialmente sobre os próprios espíritos comunicantes, alargando-se depois à análise de outros temas. Com o tempo, cartas fechadas foram apresentadas para apreciação por parte de quem não podia estar presente, e, mais tarde, muitos dos presentes adotaram este método de obter respostas sem as expor oralmente.

O primeiro caso formalmente referido de resposta a cartas fechadas surge no final do relatório de uma sessão de 2 de

Outubro de 1866, com o espírito de Charles A. Davis a desempenhar tal função.

A ordem regular das sessões passou então a consistir em invocação, apreciação de questões, mensagens individuais e, para fechar, resposta breve a cartas fechadas.

As seleções seguintes, tiradas do vasto conjunto de invocações proferidas durante tantos anos, três vezes por semana, pela boca de Mrs. Conant nestes círculos, são apresentadas ao público, juntamente com os nomes dos espíritos que as terão ditado, terminando com a de Theodore Parker, presidente do círculo, para que cada coração possa apropriar-se daquelas que mais lhe toquem.

REV. JESSE B. FERGUSON

O seguinte endereço à Alma da Bondade é do espírito do Rev. Jesse B. Ferguson, outrora conhecido pregador metodista de grande reputação no Tennessee; depois, um dedicado trabalhador no campo do Espiritualismo:

"Ó Tu, que és sem princípio nem fim, sem nome e com todos os nomes, sem forma e com todas as formas, louvamos-Te.
Na nossa inteligência semi-selvagem, louvamos-Te.

Contemplando, através das trevas da nossa individualidade, a glória da eternidade, sentimo-nos deslumbrados e confusos; pedimos força, pedimos sabedoria, pedimos todos aqueles atributos superiores que pertencem à mais elevada condição da alma.

Olhamos para trás, para a escuridão de onde viemos, e mesmo na nossa pequenez compreendemos que temos sido cuidados ternamente por Ti; que cada hora nossa foi por Ti vigiada e abençoada; e, embora tenhamos sido açoitados muitas vezes, tudo foi por amor, e para o nosso bem maior, o nosso bem mais divino.

Assim vemos, ó Alma da Bondade, e por isso Te louvamos. E agora que estamos libertos das trevas da vida mortal, pedimos que possamos regressar àqueles que ficam, dando-lhes força, inspirando-os com fé e guiando-os pela mão direita do amor através do caminho sombrio da vida mortal até às margens luminosas da terra melhor.

Pai, aceita os nossos louvores, responde às nossas orações. Sê para nós, em todas as condições futuras, o que foste no passado: Pai, Amigo e Salvador.

Ámen."

Os pais da Igreja Católica Romana Espiritual pronunciaram também muitas vezes palavras de esperança e preces pelo bem da humanidade nestas sessões públicas:

PAPA GREGÓRIO VIII

"Para sempre e eternamente Te adoraríamos e louvaríamos, ó Senhor nosso Deus, trazendo ao Teu altar todos os pensamentos belos e santos; orando-Te por paz e perdão, e por todas as condições que nos tornem úteis e felizes; pedindo tanta da Tua sabedoria quanto nos for conveniente

no presente, e, no futuro, vida eterna.
Ámen."

FATHER HENRY FITZ JAMES

"Pai Todo-Poderoso, Salvador e protetor de todos os mundos e todas as almas, a Ti oramos.

Sobre a fragilidade da vida humana, imploramos a Tua bênção.
Pedimos que possamos estar numa relação tão próxima da verdade que a possamos compreender, e, ao compreendê-la, que encontremos força em nós mesmos para a projetar nas vidas daqueles que dela carecem.
Pedimos que anjos ministrantes de amor, misericórdia e justiça se juntem a nós, que partam para a vida terrena, socorrendo os enfermos e aflitos, e aqueles vergados pelo sofrimento e pelas dores desta vida; que não conhecem o caminho para a outra vida; que só veem trevas; que não acreditam em vida futura; que Te reconhecem como um Deus cheio de vingança, pronto a executar julgamentos sem misericórdia.
Ó, dá-nos mais dos Teus anjos para trabalhar por aqueles cujas mentes estão envoltas nas superstições da vida terrena, cujas almas estão cercadas de falsidades de uma falsa religião.

E pedimos-Te, ó Grande Espírito da Verdade, que estejamos sempre prontos, sempre dispostos a fazer a Tua vontade, a trabalhar ao Teu modo, e a socorrer quem precise; e assim alcançaremos o Teu reino, e acumularemos tesouros para nós na vida celeste, onde a traça e a ferrugem não

consomem, e onde os ladrões não entram nem roubam.
Ámen."

CARDEAL CHEVERUS

"Tu, Belo Espírito, nosso Deus, que santificaste este dia e esta hora, tornando-os belos, digne-Te conceder-nos essa verdade que nos fará livres.
Digne-Te inspirar-nos, Teus filhos, aqui reunidos — vivos e mortos — com a Tua sabedoria, que arderá para sempre no altar da alma, iluminando-a por toda a eternidade.

Digne-Te batizar-nos com esse amor que fará de todos os homens e mulheres Teus, e por isso mesmo muito bons.
E a Ti sejam para sempre os louvores falados e não falados das nossas almas.
Ámen."

ARCEBISPO HUGHES

"Ó Santa Trindade, Bem do Passado, Presente e Futuro, pedimos-Te que nos batizes nesta hora com a Tua própria inspiração.
Pedimos que o orvalho da Tua bondade caia agora sobre nós.
E, em nome de uma humanidade oprimida e ignorante, pedimos que as abominações da impiedade política desapareçam rapidamente.

Que aquilo que corrompeu governos e ergueu a guilhotina para o povo, ó Bem Infinito, desapareça depressa, e que os homens de ciência, nas cujas almas reside o sentido da

verdade, encontrem em breve lugar e poder na terra, e que os governos da terra representem os do céu.

Que a verdade, a justiça e o amor sejam as suas pedras angulares, e que o manto da paz perpétua os envolva.

Ó Espírito Poderoso, abençoa os doentes e os que sofrem.
Envia anjos santos àqueles que estão curvados pela dor.
Ó, faz brilhar a Tua luz nos lugares escuros, onde a alma clama por Te conhecer — por se salvar.

Louvamos-Te, Deus Todo-Poderoso, pelo dom sagrado da vida.
Louvamos-Te pelas sublimes realidades da existência; porque, onde quer que vamos, encontramos sempre beleza na natureza e beleza na mente.
Pedimos apenas que, do pecado da justiça própria, do fanatismo e do erro, Tu, ó Senhor, nos livres.

Sopraste sobre a natureza, e ela ganhou alma — da margarida ao mundo que gira no espaço.

O riacho murmura para nós: 'Eis que Deus está aqui!' e o jovem mundo, ao voar entre as estrelas, ao reunir novos elementos e encontrar uma órbita, diz ao observador: 'Eis que Deus está aqui!'
E a criança, ao murmurar a sua oração da noite aos pés da mãe, diz: 'Deus está aqui!'

Onde quer que vamos, lá estás Tu, ó Espírito Infinito da Verdade, para nos ensinar e guiar.

Por isso sabemos que estás aqui para nos abençoar; aqui para redimir a alma do erro; aqui para batizá-la, à Tua maneira, nas águas da verdade infinita.

E a Ti confiamos estas almas e as nossas, ó Bem Infinito do Passado, Presente e Futuro.
Ámen."

FATHER BRAW

"Ó Santos Espíritos, em quem habitam o amor, a sabedoria, a verdade e o poder, vós que sois caridosos e bondosos, inspirai-nos nesta hora, e aproximai-nos do vosso Deus e do nosso."

Dai-nos de beber da água de que vós haveis bebido, dai-nos de comer do pão de que vós haveis comido, e deixai-nos adorar no altar onde vós adorastes. Assim, aproximar-nos-emos da verdade, aproximar-nos-emos da sabedoria.

Vós, que sois os evangelistas designados pelo Céu, velando sobre a vida humana, vinde até nós nesta hora e inspirai estes mortais, dissipai as suas sombras, iluminai todos os recantos escuros do seu ser espiritual, e conduzi-os mais perto da sabedoria, mais perto da verdade. Ámen."

MRS. J. H. CONANT.

FATHER HAWLEY

"Autor de tudo o que é, foi e será, dirigimo-nos a Ti em

oração — não para alterar as Tuas leis, ó Alma dos Mundos e Alma das Almas, mas desejando compreendê-las, para que possamos colocar-nos em harmonia com elas, e assim não criarmos dissonância na grande sinfonia da criação.

Espírito Poderoso, nós, como meio-selvagens, permanecemos no vestíbulo do poder criador, e questionamos o que é esse poder, e onde reside. Ensina-nos, ó Espírito Poderoso, ensina-nos sobre Ti; não porque não nos estejas a ensinar diariamente, a toda a hora e a todo o momento — não é por isso que oramos para ser ensinados, mas porque nem sempre estamos conscientes desse poder que é presença constante na alma.

Mas abre a nossa consciência para Contigo, e faz-nos conhecer-Te como nosso Pai e nosso Salvador.

Dá-nos aquela fé em Ti que se transforma em conhecimento.
E, ó Deus, que Te agrade dar-nos poder para ajudar aqueles que estão na escuridão da vida humana — que lutam com as superstições e as nuvens inerentes ao crescimento mortal.

Que Te agrade dar-nos poder para os elevar da sua condição obscura, para ampliar a sua visão, para lhes mostrar algo das maravilhas da vida superior; e assim virá o Teu reino, e assim será feita a Tua vontade por nós, onde quer que estejamos.
Ámen."

Os fundadores ou grandes representantes de várias denominações protestantes prestaram aqui testemunho do conhecimento (e não apenas da fé) da bondade do Alma Universal, que está neles:

JOHN WESLEY

"Sopra sobre nós, ó Santo Espírito da Verdade, para que vivamos e nos movamos em Ti.
Que venha o Teu reino à terra, que espera e geme para ser libertada da ignorância — das trevas da superstição.
E não nos deixes sozinhos na tentação, mas livra-nos de todo o mal.
E o Teu reino será o nosso reino, e Tu serás o nosso Deus, para todo o sempre.
Ámen."

MATHER BYLES

"Santo és Tu, ó Espírito da Hora, Tu que és Passado, Presente e Futuro; Tu que és Sabedoria, Amor e Verdade!

Que Te possamos compreender, que a Tua presença esteja nos nossos corações, de modo a não temermos mal algum, pois Tu estás connosco.
E quer vagueemos nas trevas ou nos alegremos na luz, que seja tudo igual para a nossa consciência; que nos sintamos seguros em Ti.

Tu, Espírito! Tu, Vida! que nos guiaste por todo o passado, que nos sustentas no presente e profetizas o nosso futuro, louvamos-Te.

Queremos estender todos os poderes do nosso ser para Te alcançar, para Te analisar, para nos tornarmos um Contigo.

E, como espíritos ministrantes, pedimos-Te luz, vida e amor; para que possamos sempre cumprir o nosso dever para com os que habitam à sombra da vida terrena; que estendem as mãos na escuridão do tempo, tentando compreender-Te.

A esses, ó Sabedoria, Amor e Verdade Infinitas, que sejamos servos fiéis.
E, por fim, quando a luz da verdade brilhar mais gloriosamente sobre eles e sobre nós, que possamos juntar as mãos no culto ao Espírito Infinito — nosso Pai, nosso Deus.
Ámen."

JOHN PIERPONT

"Vem, Espírito Santo, vem, para que o cansado encontre repouso em Ti; vem, para que o ignorante aprenda contigo; vem, para que o de coração desolado se alegre por Tua presença; vem, para que o deserto dos corações humanos em luto floresça com as rosas e lírios da verdade, sabedoria e amor; vem, para que as trevas que cobrem os corações humanos sejam dissipadas diante da Tua clara luz da verdade, e para que os orvalhos que caíram sobre as flores humanas por causa da dor cintilem e alegrem esses corações, pois isso conduzi-los-á ao conhecimento.

Vem, Espírito Santo, vem e cumpre a Tua promessa: que, se

partisses, voltarias de novo para receber todos os Teus filhos em Ti, para que onde Tu estás eles estejam também.

Há muitos que não sabem da Tua presença, que não entendem a Tua vinda; por isso, se estás com eles, é igual para eles.

Ó, então, abre o seu entendimento, e faz-lhes conhecer a verdade; ilumina todos os recantos escuros das suas vidas humanas, e revela-Te a cada alma humana, para que a alma possa permanecer no Monte da Transfiguração e se alegrar em Ti.

Tendo superado as trevas do erro, que se regozijem à luz da verdade.
E a Ti, ó Espírito Santo, cantaremos o nosso cântico de louvor, e para todo o sempre Te adoraremos.
Ámen."

WILLIAM ELLERY CHANNING

"Ó Tu, cuja bondade amorosa contemplamos neste dia, que, como uma joia preciosa, adorna a fronte do tempo, nós, Teus filhos, os vivos e aqueles que os vivos chamam de mortos, reunidos aqui em conselho, para nos tornarmos mais sábios e melhores, pedimos-Te que inspires os que hão de falar com o conhecimento da verdade, e os que hão de ouvir com o poder de perceber a verdade.
E Teus filhos, tanto os vivos como os mortos, hão de adorar-Te para todo o sempre.
Ámen."

T. STARR KING

"Ó nosso Deus, agradecemos-Te pelo dom dos médiuns, esses sensitivos que, em todas as épocas, estiveram entre os vivos e os mortos, entre a verdade e o erro, entre a luz e as trevas, entre a ignorância e a sabedoria, e, conforme a sua fidelidade, foram os salvadores do mundo.

Pedimos para eles humildade e fidelidade à verdade; pedimos que cada cruz seja bem suportada aqui, para que, quando forem chamados a abandonar os trabalhos terrenos, possam, na outra vida, ouvir: 'Bem feito, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre muito te colocarei!' Que se sintam satisfeitos consigo próprios.

Que o seu próprio Deus sancione todos os seus atos, e assim possam viver sempre em paz contigo.
E, nosso Pai, agradecemos-Te pelo dom das mentes liberais que, rejeitando o erro, se convencem da verdade, e se juntam ao teu grande exército de progresso, mesmo nesta vida.

Agradecemos-Te, ó Senhor, por aqueles que abraçam destemidamente a verdade e reconhecem tê-la abraçado; e agradecemos-Te pelas almas benevolentes que nunca podem dizer não ao pobre e ao necessitado; por aqueles cujo coração, juntamente com as mãos, está sempre pronto a abençoar os seus semelhantes; e também por aqueles que, não tendo bens terrenos, podem abençoar com uma palavra amável, com um sorriso carinhoso, com uma santa bênção.

E pelas estações na sua beleza, que vêm como mestres divinos recém-saídos das Tuas mãos, agradecemos-Te; pela primavera, com a sua vida jovem e beleza; pelo verão, com as suas muitas coroas e frutos, agradecemos-Te; pelo outono, com as suas folhas murchas e ventos mais frescos, agradecemos-Te; pelo inverno, que cobre a terra com o seu puro manto branco, protegendo assim as tenras raízes das flores para que possam surgir de novo na primavera e alegrar o coração humano, agradecemos-Te; pela luz do sol e pela sombra, por todas estas condições da natureza, que são apenas expressões de Ti mesmo, ó Senhor, agradecemos-Te.

E por aquela experiência mais dura que nos chega através do sofrimento humano, agradecemos-Te; por aquilo que bate forte à porta da nossa sensibilidade e nos faz saber que aqui permanecemos apenas por breve tempo, que há outra vida para a qual nos dirigimos, agradecemos-Te.
E pela Morte, esse belo anjo da mudança que a ignorância vestiu de várias formas de terror, agradecemos-Te.

E agradecemos-Te, ó nosso Pai, porque os Teus anjos da vida superior nos precederam, e nos disseram, quando aqui ainda estávamos na forma mortal lutando com a doença e a decadência, que havia uma terra melhor, que havia uma estrada aberta sobre a qual a alma podia refazer o caminho e comunicar com os que amou e deixou na terra.

Ó Espírito Infinito, cuidaste bem de todas as nossas necessidades, e hoje Te louvamos por cada uma e todas as Tuas bênçãos; e pedimos apenas que sejamos sempre

fortes na verdade e no bem agir, e que, seja o que for que encontrarmos para fazer, estejamos prontos a fazê-lo.
Ámen."

REV. CHARLES BURROUGHS

Deus Todo-Poderoso, que Te agrade santificar esta hora, torná-la um sacramento que alimente estas almas para a eternidade; que Te agrade trazer algum bem especial a cada coração ansioso aqui presente; que Te agrade imbuir os Teus espíritos ministrantes com sabedoria, amor, verdade e poder; que Te agrade inclinar os nossos corações para a sabedoria, abrir todos os nossos sentidos espirituais para compreender-Te e à Tua lei; que Te agrade, ó Pai, inspirar-nos com amor por aqueles que ainda permanecem no corpo, à sombra da morte, para que estejamos dispostos a carregar as suas cruzes; ajudá-los a subir a colina da vida, e a garantir para si próprios uma morada para além da morte. E por todo o Teu amor, cuidado e misericórdia sobre nós, nós, Teus filhos, havemos de louvar-Te e adorar-Te para sempre.
Ámen."

ANN LEE

"Ó salvadores do mundo, invocamos a vossa presença nesta hora.
Vós que, em todas as épocas, pregastes o evangelho da paz, estai connosco enquanto adoramos o vosso Deus e o nosso Deus.
Que o manto do vosso espírito caia sobre muitas cabeças, e

que possam falar em vosso nome e profetizar pelas vossas vidas.

Andai entre os filhos e filhas dos homens, inspirando-os a atos e pensamentos mais santos, tirando-lhes a espada e dando-lhes o arado, tirando todos os instrumentos de guerra e dando-lhes os da indústria, que falam de paz e profetizam o céu.
Que a luz dos vossos atos justos ilumine todos os lugares sombrios da mortalidade.

Entrai em todos os lares desolados pela morte; falai de paz ao enlutado; dai consolo ao desconsolado; erguei o oprimido; e, em tudo, segui o vosso mestre, o Espírito da Verdade, para que o reino dos céus seja vosso.
E, à medida que nos inspirais, e vos seguimos, que também seja nosso.
Ámen."

ARCEBISPO WHATELY

“Santíssimo, damos-Te graças pelas Tuas múltiplas bênçãos; e pedimos força para suportar as cruzes da vida e para usar a sua coroa. Ámen.”

ELIAS SMITH

“Ó Presença Infinita, ó Bem Supremo, os Teus filhos mortais, e aqueles a quem os vivos chamam mortos, desejam adorar-Te e venerar-Te.
Erguendo o olhar e o espírito para além dos nevoeiros e brumas do ser imperfeito, podemos compreender-Te.

E pedimos, ó Presença Infinita, ó Bem Supremo, para sermos ensinados por Ti. Pedimos que, tal como nos abriste o Livro da Vida, nos ensines a lê-lo corretamente; e louvamos-Te, ó Espírito de Todo o Bem, pelo que tens feito por nós; pela vida, com todas as suas cenas variadas de amor, sabedoria e poder; por estes sentimentos religiosos, que se expressam através da alma, louvamos-Te; por todos estes poderes diversos que a alma revela na sua passagem pelo tempo, louvamos-Te.

E pedimos, nosso Pai, que, onde quer que estejamos, possamos estar conscientes da Tua presença; para assim fazermos a Tua vontade, e assim gozarmos da Tua bênção e da aprovação das nossas próprias almas.
Ámen."

EMANUEL SWEDENBORG

"Ó Tu, Eterno, a quem adoramos na nossa ignorância, Tu a quem nos dirigimos em oração quando estamos cansados, ou quando estamos alegres, Tu, cuja existência salvaguarda a nossa, a presença eterna de onde viemos e para onde regressamos, louvamos-Te nesta hora através da fraqueza da vida humana.

Louvamos-Te pelo dom dessa vida humana, com os seus muitos infernos, cada um dos quais, sob a Tua orientação divina, se torna uma escola onde a alma é preparada para o céu.
Louvamos-Te, ó Espírito Eterno, pelas muitas religiões que encontraram expressão na terra, pois todas elas são folhas

no volume sagrado da alma.
Louvamos-Te pelos salvadores de todas as épocas, aqueles que se destacaram das multidões e pregaram o evangelho da verdade como o compreenderam.

Louvamos-Te por aqueles que os ouviram, por aqueles cujas vidas foram melhoradas ao escutá-los.
Louvamos-Te pelas estações, com a sua riqueza e beleza, pela glória com que as coroaste todas.

Louvamos-Te por sabermos que a vida é uma cadeia eterna, tendo o seu início e fim em Ti, e que somos elos dessa corrente, unidos uns aos outros.
E louvamos-Te, ó Tu, Eterno, porque nesta era falas através das novas revelações aos Teus filhos aqui, os que ainda estão revestidos do corpo mortal.

E louvamos-Te porque há milhares e dezenas de milhares de almas que perceberam a Tua revelação e dela fizeram a sua alegria.
Recebe os nossos louvores, e abençoa os Teus filhos aqui, não por nossa causa, mas para a Tua própria glória.
Ámen."

Os discípulos do Judaísmo, aqueles que o mundo chama de pagãos, e os filhos vermelhos da natureza, também aqui (conforme a citação) elevaram a sua voz ao Grande Espírito — a Fonte de Luz:

RABI LOWENTHAL

"Voltando-nos para Ti, ó Deus de Israel, ó Infinito Jeová,

queremos renovar os nossos votos, e na fonte pura e sempre fluente da natureza queremos lavar-nos e ficar limpos — limpos de toda a malícia, de todas as trevas religiosas, de toda a ignorância própria do tempo, e, vestindo os mais simples trajes da natureza, que nos deste no princípio, queremos entrar nos Teus átrios com louvor e no céu da Tua sabedoria com gratidão.

Queremos adorar-Te como o único Deus acima de tudo. Queremos reconhecer a Tua existência na natureza e nos nossos corações.
Percebemos a Tua beleza em todas as coisas externas, e lemos o Teu poder no cuidado da natureza por tudo.

Damos-Te muitos nomes, mas, no fundo, Tu és o único Deus, o Infinito Jeová, reinando no tempo e na eternidade. Não precisas dos nossos louvores. As nossas orações não podem mudar-Te, mas podem mudar-nos a nós.

As nossas orações não Te aumentam a sabedoria, mas podem elevar-nos a nós.

Os nossos louvores podem repousar aos Teus pés, mas serão como coroas nas nossas frontes.

Pedimos que a consciência do Teu amor esteja sempre presente em cada alma aqui.
Que cada um Te reconheça como seu Deus, o Espírito Infinito que a todos ama, que cuida de todos, e que acabará por restaurar todos das trevas para a luz, da ignorância para a sabedoria, do inferno para o céu.
Ámen."

RABI SHEIDER

“Ó Tu, que és o único Deus sobre todos os mundos e todas as almas, invocamos a Tua bênção.
Que o Teu sol da justiça brilhe nas nossas almas, tornando gloriosamente belos todos esses atributos que são Teus.

Que a Tua bênção venha ao ignorante com sabedoria, ao fanático com liberdade, ao doente com saúde, ao duvidoso com fé, aos que estão no vale da sombra do desespero humano com consolo — e que venha o Teu reino, e seja feita a Tua vontade por nós, nesta hora e para todo o sempre.
Ámen.

RAHMOHUN ROY

“Tu, Grande Espírito, em quem residem os destinos da vida e da morte, estamos aqui para Te agradecer por todas as Tuas bênçãos, e para Te pedir mais.

Crendo que conheces as nossas necessidades, poderia parecer inútil virmos a Ti em oração; e, no entanto, através de todas as Escrituras da Tua Natureza, ensinaste-nos a pedir o que precisamos, a pôr em ação os poderes do nosso ser para receber aquilo que desejamos.

Tal como as flores voltam os rostos para o sol, para receberem força e nova vida, assim nós voltamos o nosso rosto para Ti, Grande Espírito, para recolher da Tua sabedoria, do Teu poder, da Tua vida.

De costas voltadas para a nossa própria ignorância, queremos ser batizados com a Tua sabedoria, e deixando para trás as sombras do passado, queremos caminhar diretamente para os raios de sol do presente; queremos compreender, Grande Espírito, o que exiges de nós. Queremos conhecer as Tuas leis e obedecê-las.

Queremos ler bem o Teu livro da vida e tirar dele proveito. Queremos tornar-nos espíritos ministrantes de amor para os que estão espiritualmente ou fisicamente doentes. Queremos ser, pelo Teu direito divino, mestres para os espiritualmente ignorantes.
Queremos descer aos infernos da vida, para resgatar de lá os Teus filhos e filhas, em Teu nome, Senhor; e queremos realizar todas essas grandes obras que os deuses de outrora realizaram, tudo em Teu nome e para a Tua glória.
Ámen."

ABD-EL-HADDA

"Ó Poderoso Alá, quando a noite desta vida passar e chegar a manhã da outra vida, que estes cristãos se sintam satisfeitos com o Paraíso que os seus feitos terrenos lhes conquistaram. Que as flores sejam frescas, as ervas verdes, as águas límpidas, os céus sem nuvens, e os frutos das suas boas obras pendam em abundância da árvore da vida. Que nenhuma estrela se apague pela lembrança de deveres mal cumpridos, e que nenhum sol esconda o rosto de vergonha pelas suas vidas terrenas."

ISHMUD KEDA

"Ó Poderoso Alá! Tu, que és o Grande Jeová destes cristãos, escuta a oração do Teu servo que adorou no altar de Maomé, que é Teu filho, e Tu nosso Guia.
Abençoa o Teu servo, abençoando estes cristãos, e guiando-os, para que, quando alcançarem a terra prometida que a sua religião lhes ensina, encontrem ali templos gloriosos e belos, construídos pelas boas obras das suas vidas mortais."

SA-GOYE-WA-THA (RED JACKET)

"Ó Grande Espírito, sabemos que és grande em sabedoria, e que os Teus pensamentos enchem toda a terra e todos os céus, por isso podemos confiar em Ti.

Falaste connosco e com os nossos pais há muitas luas, quando estávamos mergulhados na escuridão desta vida, e ouvimos-Te, e fizemos o que podíamos para Te seguir; e no novo e mais brilhante campo de caça da alma, de novo falas connosco, e ouvimos a Tua voz, e faremos o que pudermos para Te seguir.

Ainda que não nos tenhas dado livros, como aos nossos irmãos brancos, deste-nos, tal como a eles, o Livro da Vida, e disseste-nos para o lermos, compreendê-lo e, por ele, encontrar-Te.
Mas, Grande Espírito, nenhum homem branco nem índio conseguiu ainda compreender esse livro, por isso pedimos-Te que ilumines o nosso entendimento, que despertes os

nossos pensamentos, e faças brilhar a luz da Tua grande alma sobre nós, para que o possamos ler corretamente e compreender bem, e caminhar mais depressa até Ti."

Tu deste-nos, quando aqui, e desde que ascendemos ao campo de caça superior, muitos sinais do teu agrado. Estamos satisfeitos com eles e esperamos que Tu também estejas satisfeito connosco."

A literatura, a ciência e a sociedade culta trouxeram aqui também espíritos devotos para a adoração do Infinito:

BARÃO VON HUMBOLDT

"Ó Poder Maravilhoso, que te moves através da matéria, cujas manifestações nos enchem de assombro, e diante de quem o filósofo e o selvagem se inclinam em reverência e adoração, nós, teus leais súbditos, queremos adorar-te nesta hora.

Ó Presença Infinita, que determina a cor e a forma de cada flor e dá à folha a sua verdura, nós adoramos-te e veneramos-te pela tua bondade para connosco, pelo poder e sabedoria maravilhosos que mostras em todas as tuas criações.

E pedimos, ó Deus de toda a mente e de toda a matéria, que nos conduzas ainda mais para Ti; que, dia após dia, nos desvendes o teu livro de sabedoria e nos dês o poder de o ler corretamente. Pedimos, ó Espírito Poderoso, que, ao viajarmos pelo teu universo maravilhoso, possamos sentir-nos sempre seguros em Ti; que a tua bondade esteja sempre tão presente nas nossas almas que não temamos o

mal.
Ámen."

LADY HESTER STANHOPE

"Ó Tu, Luz que brilhas nas trevas, e que as trevas não compreendem, pedimos-Te que nos livres da ignorância, que faz de todos nós cobardes.
Pedimos-Te que estabeleças aquela paz na terra que só pode vir pelo reconhecimento da lei mais santa, mais elevada, mais divina.
Pedimos-Te que ministres especialmente, através dos teus anjos, aos doentes e aflitos, aos que sofrem em mente ou corpo.
E por estes mortais pedimos que, quando encerrarem o livro desta vida, possam encontrar, na página de rosto do outro, uma recompensa por cada boa ação feita aqui.
Ámen."

MARGARET FULLER OSSOLI

"Ó Todo-Maravilhoso, cujo corpo é a Natureza e cuja Alma é Deus! nós, teus filhos, aqui reunidos — os vivos e os mortos — adoramos-Te estudando a filosofia da vida, subindo a escada em espiral que leva até Ti, que vence a ignorância e o pecado e une a alma a Ti.

Ó Espírito Infinito, sempre presente, sempre belo, podemos aproximar-nos da oração e do louvor perfeitos, mas compreendemos a nossa ignorância e fraqueza, e sabemos que estás para além da nossa compreensão.
Podemos estender-nos até Ti em oração e louvor, mas é

tudo o que podemos fazer. Mas, para sempre e sempre, Tu nos abençoarás; a tua bondade e misericórdia serão sempre o nosso escudo; e para sempre nos envolverás no manto do amor e nos levarás para diante, eternamente.
Que os anjos amorosos aqui reunidos sejam abençoados nos seus esforços.
Que inspirem propósitos santos e desejos mais fortes em direção a Ti.
Que dissipem a tristeza que paira sobre alguns destes corações humanos e lhes mostrem o sol que brilha por entre as nuvens da terra.
E a Ti, ó belo Espírito de Amor, sejam infinitos os louvores."

LORENZO DOW

"Ó Lúcifer, Estrela da Manhã, cuja luz brilhou nos céus e na terra, aproxima-Te destas almas em mortal, lançando uma auréola divina sobre o altar do seu ser, tal que afugente os morcegos e as corujas da superstição e do fanatismo.
Sabemos que a tua luz brilhou em todas as épocas.
Sabemos que nenhuma alma está sem o teu fulgor,
contudo, em nome das almas aqui reunidas nesta ocasião, suplicamos-Te que lhes dês uma nova luz, para que possam compreender a tua verdade e estejam prontas a abandonar toda a dúvida, superstição e erro, e adorar no altar da verdade eterna.

Tu és o nosso Pai; Tu és a nossa Fonte; Tu és o esplendor das nossas almas; és quem nos dá a imortalidade.
Não Te podemos compreender, mas podemos adorar-Te e amar-Te.
No meio das trevas de cada época, a tua maravilhosa

sabedoria sempre foi percebida por alguma alma.
No meio de guerras, pestes, fomes e de todas essas experiências dolorosas pelas quais a alma humana é chamada a passar, aí tens brilhado, e a tua luz tem guiado cada alma ao céu.
Portanto, ó Filho da Manhã, ó Estrela da Manhã, a Ti atribuiremos toda a honra, toda a glória, todo o louvor, para sempre e sempre.
Ámen."

HENRY C. WRIGHT

"Ó vós, poderosos em sabedoria e verdade, que alcançaram a vitória sobre a ignorância, vinde, santos espíritos, e tornai-vos mestres para uma humanidade ignorante.
Ó, elevai-os e não os deixeis até que o reino da justiça e da paz seja herança de cada alma viva.
Ámen."

CHARLOTTE CORDAY

"Ó Tu que és a Ressurreição e a Vida, fonte dessa luz constante que arde no altar de toda a vida consciente e que acabará por redimi-la do mal e restituí-la à paz, louvamos-Te nesta hora.
Louvamos-Te pelas várias influências que fluem do mundo do espírito para o mundo da matéria.
Como uma santa bênção vem a voz dos que os vivos chamam mortos.
E pedimos, Grande Espírito, que ela descanse e encontre lugar em cada vida consciente, conduzindo a alma até Ti,

redimindo-a do erro, e sussurrando-lhe palavras de paz tão necessárias neste oceano tempestuoso da humanidade.

Pedimos paz pelas nações e pelos indivíduos.
Pedimos luz para toda a tua humanidade sofredora, e pedimos força para nós, na nossa fraqueza, para podermos dar àqueles que são ainda mais fracos do que nós; para conduzirmos aos mananciais da sabedoria, do amor e da verdade, os teus filhos e filhas que aspiram a chegar lá.
Poderoso Espírito, recebe os nossos louvores; pois teu é o reino, o poder e a glória, para sempre.
Ámen."

FREDERICK T. GRAY

"Ó Senhor, Espírito infinito e justo, cuidaste de nós ternamente por toda a eternidade passada até ao momento presente.
Caminhaste connosco pelo vale da sombra da morte.
Abriste as portas da tua cidade celeste, e de novo nos chamaste à vida mortal.
Já que nos guardaste com tanto amor no passado, seríamos indignos do teu amor se não confiássemos em Ti, se não colocássemos o nosso futuro sem fim no altar do teu ser, sabendo que cuidarás dele.
Ó Senhor, Tu proteges a luz do sol.
Tomas nota das estações.
Dás beleza e fragrância às flores.
A alma há de temer que a abandones?
Não, ó Senhor, nosso Pai, confiaremos em Ti, e em Ti servir-Te-emos, não só com palavras, mas com pensamentos e com obras — tais obras que nos tornem belos aos teus

olhos, e belos aos olhos de todos os teus espíritos ministrantes.

Pai da Vida! Espírito Eterno! não podemos medir o teu poder.
O teu amor é tão ilimitado quanto eterno, e tudo o que és, tudo o que tens, sabemos que na tua beneficência nos concederás finalmente.
Todas as bênçãos que estão armazenadas no teu vasto tesouro, sabemos que as receberemos um dia.

E concede, ó Deus, que cada alma possa ouvir em breve uma voz da sua própria vida interior, dizendo: 'Muito bem, servo bom e fiel! Já que foste fiel nas pequenas coisas da vida, agora farei de ti senhor de coisas maiores.'
Não pedimos bênção, ó Grande Jeová, sobre estes teus filhos, porque dia após dia os abençoas, e quando a noite cai sobre eles e o sono vem às suas naturezas exteriores, nas suas vidas interiores eles comungam contigo.
Estás a impressionar a tua própria presença divina no seu ser; e quando chega a manhã, sentem vontade de Te agradecer por teres velado por eles durante a noite, e quando chega a noite sentem vontade de confiar em Ti porque, nas suas almas, sentem que és digno de confiança e que o teu poder se vê tanto na vida como no que os homens chamam de morte.
Em todas as circunstâncias da vida, humanas ou divinas, o teu poder é suficiente para todos os teus filhos.

Aceita os nossos louvores; ouve as nossas preces.
São oferecidos em nome de toda a vida passada, de toda a

vida presente e de toda a vida futura.
Ámen."

THOMAS PAINE

"Ó Vida, bela Vida, em Ti vivemos, nos movemos e existimos; e a Ti somos responsáveis pelo uso que damos aos talentos que nos concedeste.
Procuraremos usar esses talentos para o melhor do teu reino, no presente e no futuro, para que possamos entregar-Te o que é teu, com lucro, no além; para que, quando estivermos como frutos maduros na tua árvore maravilhosa, possamos estar satisfeitos connosco mesmos; para que possamos ouvir do teu reino de sabedoria que fizemos bom uso do que nos deste.
Então, seremos dignos de ser habitantes da vida celeste, do reino da felicidade.
Ámen."

THEODORE PARKER

"Ó tu, Deus Eterno, que ardes sobre as nossas cabeças e floresces sob os nossos pés, que és a vida de tudo o que vive, vimos a ti nesta hora, não para te pedir que nos concedas mais do que já temos, mas para te pedir que despertes as nossas perceções, para que possamos compreender o que temos e ser abençoados por isso.

Ó tu que dás ao lírio a sua brancura, à rosa o seu rubor — tu que colocas cada estrela no grande mosaico dos céus no seu devido lugar, não cuidarás tu de nós, e dar-nos-ás o nosso lugar, o nosso devido lugar na vida? Não guiarás tu

as nossas almas para longe de toda a escuridão, para a tua própria luz clara? Não acenderás tu no altar do nosso ser aquele fogo que queimará todas as impurezas e fará emergir todo o ouro fino das nossas naturezas? Cremos que sim. Confiamos em ti como o Bem Eterno, que guia todas as coisas na natureza, e que não se esquece das nossas almas.

Confiamos em ti, ó nosso Pai e nossa Mãe, pela tua sabedoria e pelo teu amor.

Que possamos, ó Grande Espírito de Benevolência e Justiça, tornar-nos espíritos de conforto para aqueles que estão sentados na escuridão e na dúvida. Que possamos ser olhos para os cegos e ouvidos para os surdos.

Que possamos conduzir aqueles cujos sentidos espirituais ainda não despertaram para as coisas da vida superior a uma condição em que sejam batizados na verdade — se tornem recetáculos de maior paz e maior alegria.

Assim virá o teu reino, e faremos a tua vontade para sempre e sempre.
Ámen."

"Eleva-nos, Espírito Santo, cada vez mais perto de ti. Acolhe-nos, ó Mãe da Vida, no teu coração amoroso e ensina-nos a compreender-te. Contemplamos a glória dos céus e da terra, e sentimos a tua grandeza em todo o lado, e a tua bondade amorosa entra em todas as formas e batiza toda a alma.

E, contudo, a tua grandeza é tão além de nós que não te conseguimos compreender.

A majestade do teu poder revela-se tão grande e grandiosa que instintivamente nos prostramos e te adoramos. Ó nosso Pai e nossa Mãe, conduziste-nos com mão suave pela terra, e vemo-nos a sorver a sabedoria da vida superior, mas pedimos ainda mais, sempre mais, para sermos atraídos cada vez mais para ti, para te compreendermos melhor e melhor, e assim podermos cumprir o nosso dever e adorar-te mais sinceramente em espírito e verdade.

Dizem-nos que há crime na terra; que ele anda à solta em pleno dia; e por causa do crime as preces dos teus filhos dirigem-se a ti, pedindo que seja removido; mas ó Espírito, tu que não vês como os teus filhos veem, sabemos que, a teu tempo e segundo a tua sabedoria, removerás todas as manchas escuras do manto da humanidade, e este será lavado limpo na fonte cristalina da verdade.

Concede, ó Espírito Amoroso, que a tua influência santa se derrame sobre os corações destes teus filhos, fazendo com que todas as flores tenras do seu ser brotem com nova vida, adorando-te como nunca adoraram antes.

Oh, que possam virar uma página da vida que seja imaculada; que a dediquem a ti, e que nela escrevam, vezes sem conta, as suas boas ações e pensamentos santos. Concede que, ao aprenderem a tua vontade, tenham força para a cumprir; e quando os cuidados da vida se lhes apresentarem, concede, ó grande Espírito de Amor, que os tomem alegremente e os suportem com honra, mesmo que seja pelas íngremes encostas do Calvário.

Concede que os teus filhos não temam cumprir o seu dever, por mais difícil que seja, por mais escuro que seja o caminho que tenham de trilhar.

Concede que a sua fé interior seja suficientemente forte, tão forte que nenhuma tempestade exterior os afete, que nenhuma noite lhes leve a manhã interior, nenhum tumulto exterior lhes roube a paz interna.

O nosso Pai, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu; dá aos teus filhos, hoje, o pão nosso de cada dia, e perdoa-lhes os seus pecados, assim como eles perdoam a quem lhes faz mal; não os deixes cair em tentação, mas livra-os do mal; pois teu é o reino, o poder e a glória, para sempre.

Ámen."

CONCLUSÃO

O leitor que chegou ao fim desta narrativa de uma vida sincera e devotada, e dos exemplos colhidos da sua colheita de bem aqui reunida, poderá agora, com proveito, lançar um olhar retrospetivo sobre as páginas terminadas e pesar as lições nelas contidas.

Temos uma criança, cujo ouvido espiritualmente desenvolvido captou o eco da melodia ascendente dos anjos enquanto ainda estava longe da aceitação ou apreciação de um mundo frio e calculista; temos uma jovem a lamentar a perda do amor materno e da presença terrena da mãe, amadurecendo precocemente para uma feminilidade de olhar triste, devido à pressão de trabalho manual constante e à ausência daqueles luxos que tantas

vezes prendem mentes, tanto masculinas como femininas, dentro dos limites da juventude, até que até a segunda década de vida passe.

Encontramos uma esposa inválida (profetisa da nova dispensação, ainda que sem o saber), que, depois de se certificar de que não está enganada, dedica as suas faculdades à divulgação pública das boas novas do Espiritualismo, em obediência ao chamamento dos anjos; e, em todas as provações, mantém-se fiel à fé que tem em si, e ao mundo dos espíritos que a rodeia.

Na doença e na saúde, na alegria e na tristeza, "em má e em boa fama", desde então defendeu corajosamente as suas convicções, reiterando pelos seus lábios inspirados a essência do grande refrão da Natureza: "Alma, tu nunca morrerás!"

Encontramo-la, finalmente, reconhecida enquanto médium pública, de carácter irrepreensível e inegável fiabilidade, onde quer que entre os homens se proclame a verdade do Espiritualismo moderno; e, no entanto, no seu espírito, apega-se humildemente às santas recordações dos dias passados — à memória dos entes queridos que partiram — e valoriza acima de tudo a gloriosa certeza desse reencontro na Terra da Manhã, onde a cruz da desilusão e do sofrimento terrenos será transformada na coroa de um ideal alcançado.

Esta obra não foi transcrita para fins de mera reputação ou renome terrenos. Para aqueles que já viram o véu místico levantar-se enquanto ainda estão na forma mortal, e

fiquei impressionado debaixo da
grande sombra do Infinito, o que são as pequenas e efémeras distinções deste mundo material?

Não há hinos retumbantes nestas páginas calmas, mas o ouvido atento pode captar, se escutar bem, o tom menor solene que atravessa a fronteira da decadência física para animar a alma peregrina. Se um só leitor, ao ler estas breves memórias, colhidas aqui e ali das duras experiências de uma das emancipadoras mentais da terra, conseguir interpretar claramente a intenção da sua apresentação, fortalecer-se na determinação de fazer o bem e de viver com pureza neste mundo, e respirar sequer um sopro daquele sopro divino que nos diz que viveremos mesmo que todas as estrelas se apaguem, então este livro não foi escrito em vão.